

S. VICENTE DE PAULO

As uso das *Leis* de *Sanat*
Nauticas

CONFERÊNCIAS

às

Paris

Filhas da Caridade



— LISBOA —

RUA DO FIDIÉ — CAMPO GRANDE
(Casa Central das Filhas da Caridade)

1960

Nihil obstat

Ollisipone, 16-XII-1960

P.º Bráulio Guimarães, C. M.

Direct. Fil. Carit.

Imprimi potest

Felgueiras, 18-XII-1960

P.º António Joaquim Ribeiro, C. M.

Visit. Prov. Lusitan. C. M.

Imprimatur

Lisboa, 20-XII-1960

† Manuel, Arcebispo de Mililene

CARTA-PREFÁCIO DO NOSSO HONORATÍSSIMO PAI

WILLIAM M. SLATTERY

Superior Geral da Congregação de Missão e da Companhia das Filhas da Caridade

Paris, 7 de Outubro de 1952

Minhas Caríssimas Irmãs,

A graça de Nosso Senhor esteja sempre connosco!

Como é profunda a alegria espiritual e grande o reconhecimento dos vossos corações pela felicidade de possuídes as valiosas Conferências de S. Vicente de Paulo às Filhas da Caridade! Concedeu Deus uma graça muito especial à Comunidade, proporcionando-lhe estas Conferências de preço inestimável. Por este tesouro espiritual de pensamentos e de palavras de S. Vicente de Paulo portadores de tantas luzes, de tão boas inspirações, de tanto estímulo e de tantas consolações tão adaptados ao espírito e às obras das Filhas da Caridade, estou certo que sai do vosso coração um fervoroso «Deo Gratias»!

Através destas Conferências tão superiormente úteis às vossas almas, recebem as Filhas da Caridade dos próprios lábios do seu Santo Fundador, instruções claras e luminosas sobre a perfeição cristã e, muito particularmente, no que respeita à sua Santa Vocação e ao serviço que prestam aos Pobres e aos Doentes.

Quando se ouvem as explicações dos Santos Yotos e das Santas Regras, como tudo se torna simples, claro e compreensível! A linguagem, o estilo, as comparações e os exemplos que dá, têm sempre a limpidez do cristal. Podemos comparar estas Conferências a um lago, cuja água permite, pela sua pureza, ver as profundidades, ou a um jardim onde o olhar pode mergulhar em cada uma das lindas flores que os raios dum sol brilhante faz destacar.

Estas Conferências são ainda um manancial constante de bons pensamentos. S. Vicente não cessa de vos elevar a Deus, às verdades de ordem sobrenatural, aos princípios da fé divinamente revelada. Propõe sempre o exemplo e a doutrina de Nosso Senhor. Diz que procureis avançar todos os dias neste caminho, em con-

formidade com as palavras de Jesus Cristo: Eu sou o Caminho, a verdade e a vida» (S. João XIV, 6) Assim, sois continuamente impelidas a elevar-vos mais alto no amor de Deus e do próximo, utilizando fervorosamente os meios que a vossa santa Vocação põe ao vosso dispor.

Encontrais ainda nestas Conferências, a todo o momento, o estímulo e as consolações de ordem natural. S. Vicente conhecia bem as provações e as dificuldades que o mundo, a carne e o demónio suscitam contra os que servem a Deus com generosa fidelidade. Por isso, muito frequentemente apresentam estas Conferências, estímulo e alusões à excelência e às vantagens inapreciáveis da vossa santa Vocação. Frequentemente também, S. Vicente exorta à confiança na divina Providência e duma maneira geral nas instruções do nosso Bem-aventurado Pai há, em abundância, assunto para manter nas almas uma coragem sobrenatural. E, após a leitura de cada uma das Conferências senteis certamente renovar-se a forte resolução de servir a Deus e as almas na vossa Santa Vocação, quaisquer que sejam as dificuldades que venham a surgir.

S. Vicente dá este incitamento em termos paternais bem comoventes, com uma unção que estamos certos, vem do Espírito Santo, Espírito de Luz, de Doçura e de Força. Depois de cada Conferência podeis repetir as palavras dos discípulos de Emaús: «Não é verdade que sentíamos abrasar-se-nos o coração, quando Ele nos falava pelo caminho?» (S. Luc. XXIV, 32).

Estas Conferências são particularmente preciosas porque S. Vicente quando no seu tempo as dava às Filhas da Caridade, já vos tinha em vista, e assim como a todas que continuarão a obra para cuja fundação Deus se serviu dele e de Santa Luisa de Marillac. São-vos expressamente destinadas. Têm a finalidade de vos ajudar e de facilitar a vossa Missão. Ao lê-las ou ao ouvi-las ler, sabeis que S. Vicente vo-las dirige, como se estivesse visivelmente presente e estivesse directamente a falar convosco.

Têm sido fonte inesgotável de bênçãos para todas as que vos precederam, como são actualmente para vós e serão para todas que vierem suceder-vos. São para todos os tempos, como o são os clássicos das diferentes línguas, como o são todas as obras primas de música, pintura, escultura e de architectura, com a diferença de que os últimos procuram só vantagens de ordem natural, enquanto que as Conferências de S. Vicente são portadoras de bênçãos de ordem sobrenatural a todas as gerações.

Em virtude da grande devoção de S. Vicente à Santíssima Virgem e do amor que Ela tem pela Comunidade, em razão também do amor filial que todas tendes por Maria, recomen-

damos muito especialmente à Sua poderosa intercessão as graças que resultarão das Conferências — graças para vós e graças a favor das obras que empreendeis por Deus e para as almas. Que a nossa Boa Mãe se digne conceder-vos estas graças em grande abundância.

E ao terminar com a Bênção de S. Vicente, permiti, minhas Caríssimas Irmãs, que em vosso nome e no de toda a dupla família de S. Vicente, dirija a Deus as palavras da oração da missa de 19 de Julho: «Concedei-nos, ó Deus, que animadas do mesmo espírito, amemos o que ele amou, e pratiquemos o que ele ensinou.»

Sou, no amor de Nosso Senhor e de Sua Mãe Imaculada.

Vosso humilde Servo

WILLIAM M. SLATTER

i. p. d. m.

Sup. Ger.

CARTA-PREFÁCIO DO NOSSO HONORATÍSSIMO PAI

WILLIAM M. SLATTERY

Superior Geral da Congregação de Missão e da Companhia das Filhas da Caridade

para a edição portuguesa das Conferências de S. Vicente de Paulo

Paris, 19 de Julho de 1959

Minhas Caríssimas Irmãs

A Graça de Nosso Senhor esteja sempre connosco !

Ao aproximar-se o Tricentenário da preciosa morte do seu Fundador, S. Vicente de Paulo, as Filhas da Caridade sentem crescer em si o desejo de se formarem segundo os seus ensinamentos. E, com efeito, é na medida em que o conseguirem que merecerão ser chamadas suas filhas e poderão contar com a sua intercessão. A prosperidade das suas obras está condicionada a esta comunhão com o espírito de S. Vicente, por esta razão é que no dia da sua festa a Igreja faz-nos pedir a graça de «amar o que ele amou e de praticar o que ele ensinou».

Ora, é sobretudo nas suas Conferências às primeiras Irmãs que as Filhas da Caridade encontrarão o pensamento de S. Vicente sobre a natureza e a grandeza da sua vocação, sobre as virtudes que ela exige e o sentimentos que devem animar as Servas dos Pobres nos diversos officios que a obediência lhes confiar. É o tesouro inapreciável com que devem alimentar a sua vida espiritual e que constitue, de alguma maneira, o fundamento do seu espírito. Além disso, estes ensinamentos continuam a ser actuais para cada dia. Porque, se as condições exteriores de vida mudaram depois de trezentos anos, se as exigências das obras modernas reclamam certas modificações nos horários, se os métodos evoluíram no que respeita o ensino, o tratamento dos doentes e a formação moral e espiritual da juventude, o espírito da Filha da Caridade neste meio século vinte, deve ser o mesmo das primeiras aldeães de cuja educação, o Senhor Vicente encarregou a Senhora Le Gras. Se o santo Fundador voltasse ao mundo, dar-lhes-ia a mesma doutrina espiritual das suas Conferências,

porque é a doutrina do Evangelho meditado, vivido por um santo e maravilhosamente adaptado à vocação das Filhas da Caridade.

É pois, natural que desejeis fazer das Conferências de S. Vicente, a leitura preferida do ano Tricentenário. Mas não existia ainda a tradução integral destas Conferências em português. Por isso, é uma excelente ideia proceder-se a esta tradução. Sinto consolação ao pensar nas graças que as Filhas da Caridade de língua portuguesa lucrarão com esta leitura e na renovação e prosperidade que dela resultará para as suas obras.

Com esta esperança, de todo o coração dou-vos a benção de S. Vicente.

William M. Slattery, S. J.
Sup. Gen.

Paris, 19 de Julho
Festa de S. Vicente.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

As palestras e Conferências que S. Vicente de Paulo fez às Filhas da Caridade são, incontestavelmente, ainda hoje, um tesouro de família. As primeiras Irmãs compreenderam a sua utilidade desde a primeira reunião em 29 de Novembro de 1633. Quase logo, e o mais fielmente possível, esforçaram-se por fixar estes ensinamentos. Infelizmente perderam-se alguns dos seus «cader-nos». Contudo, cinquenta e quatro senão cuidadosamente conservados nos Arquivos da Casa-Mãe (Rua du Bac — Paris) entre um grande número de manuscritos. Vinte foram escritos por Santa Luísa de Marillac, dezasseis por Elisabeth Helot, outros dezasseis são obra de Mathurine Guérin, e por fim, dois foram escritos por Juliana Loret. ⁽¹⁾ Feita esta reconstituição, fizeram-se várias cópias. E, durante dois séculos, estes humildes papéis, transmitiram os seus ensinamentos. Apesar das suas deficiências e incorrecções, é nesta primeira base que temos de apoiar-nos.

Nos começos do século XIX, quando do restabelecimento da Companhia (22 de Dezembro de 1800), após a tempestade revolucionária que fez desaparecer grande número de cópias destas conferências Vicentinas, resolveram por fim imprimir a explicação das Santas Regras que conservam sempre o seu vigor e o seu valor.

A primeira edição é de 1803 ⁽²⁾. Lê-se na página 1.220 que foi confiada à imprensa «sob a autoridade da Respeitável Irmã Antoinette Deleau», Superiora nessa época, que veio a falecer a 29 de Janeiro de 1804.

Devem-se os dois volumes ao cuidado do Padre Bournac «antigo pároco da diocese de Toulouse» ⁽³⁾. O texto dos manuscritos foi terminado e ligeiramente retocado, segundo o gosto da época, para constituir um conjunto harmonioso.

⁽¹⁾ Ver na introdução do tomo IX de Pierre Coste, S. Vicente de Paulo, uma evocação do aspecto destas Conferências vicentinas: convocação, etc. Especialmente para a redacção das notas primitivas, ver *ibidem*, p. XIX.

⁽²⁾ Conferências de S. Vicente de Paulo, fundador da Congregação da Missão e Instituidor das Filhas da Caridade. Explicação das Regras. Em Paris. Da imprensa de Vinçard, rua des Prêtres de S. Séverin, no antigo presbitério. 1803. (9,5 cm. sobre 16,5) Tomo I, páginas 1-552; tomo II, páginas 553-1224.

⁽³⁾ Lê-se na página 4: «Recebei, Caríssimas Irmãs com o maior re-

Efectivamente ficou o conjunto dos antigos manuscritos, mas a apresentação foi arranjada e modificada. Perante tal tratamento às palavras de S. Vicente de Paulo, a edição foi naturalmente reprovada pela comunidade ⁽¹⁾, conservando, no entanto, o texto, todo o seu valor. É, contudo, a edição «princeps» das Conferências de S. Vicente às Filhas da Caridade.

Enfim, em 1825, a Irmã Catherine Amblard e o Conselho da Companhia ofereceram outra edição ⁽²⁾, dedicada ao Padre Boujard, Vigário Geral (13 de Maio de 1819-16 de Janeiro de 1827). A obra consta de cinquenta Conferências Vicentinas. O texto dado é o resultado dum trabalho de redacção: As Conferências S. Vicente encontram-se nele sistematicamente dispostas por assuntos e esclarecidas por notas à margem.

Em vez dos dois volumes de pequeno formato, portáteis, da edição de 1803, forneceram às Irmãs outro formato mais volumoso

conhecimento, o resultado do trabalho dum zeloso pastor (em nota: Padre Bournac, antigo pároco da diocese de Toulouse) que, em repouso forçado pela Revolução, consagrou as suas vigílias a preparar-vos o livro mais enternecedor, mais útil até, ousou dizê-lo, aquele que maior necessidade tem de ler. Contém a explicação das vossas Regras outrora dispersas em diversos cadernos, mal copiadas e, por vezes, deturpadas. Após um pequeno exame e modificações, voltaram à primitiva pureza, tornando-se claro o seu estilo. O fervor que se sente à sua leitura, prova que é verdadeira obra de S. Vicente, cujas explicações feitas por ele próprio, esclarecem os espíritos e comovem os corações.»

O Padre Bournac, foi efectivamente, pároco de Saint-Cézert, Cantão de Grenade, e bairro de Toulouse. O seu antecessor, Padre Boudon, assinou ainda um certificado de sepultura a 28 de agosto de 1789. A primeira assinatura do Padre Bournac é de 24 de dezembro seguinte. Exerceu ainda funções curiais a 18 de outubro de 1790. Recusou prestar juramento de fidelidade à Constituição civil do Clero e por esse motivo foi privado da sua cúria e substituído por outro titular, a 19 de junho de 1791. Mais tarde, quando do Terror, o seu nome estava inscrito entre os sacerdotes deportados ou prisioneiros.

Em seguida perderam-lhe os passos e ainda hoje não se sabe onde faleceu.

⁽¹⁾ O texto reprovador de Viquier de 30 de setembro de 1803, foi reproduzido entre outros na edição Fiat (ver mais abaixo a nota I da página XI) de 1881, t. I página VI, e na edição Coste op. cit. (1923), t. IX, página XXII.

⁽²⁾ Conferências espirituais feitas às Filhas da Caridade por S. Vicente de Paulo, seu Instituidor, escritas de memória por algumas Irmãs presentes e revistas por um Padre da Missão, seguidas das conferências do Padre Boujard, Director-Geral da Companhia. Paris, da tipografia de Demonville, rua Christine n.º 2, Impressor da Companhia das Filhas da Caridade. 1825, XVI-662, pg. (20x25 2m).

Este volume continha 52 Conferências de S. Vicente de Paulo, nosso Pai, pg. 1-492; e pg. 493-659, onze Conferências do P. Marc-François Bourgeat (19 de Agosto 1711-23 de Fevereiro de 1790).

e pesado. ⁽¹⁾ Foi, em geral, esta a apresença das outras edições do século XIX. O segundo volume contém a doutrina de S. Vicente em 38 Conferências do Padre Placiard ⁽²⁾, Vigário Geral (15 de Setembro de 1806-16, Setembro de 1807); seguem sete instruções de retiro e 19 Conferências sobre as virtudes das Irmãs Falecidas.

Em 1845, por iniciativa do Padre Etienne, Superior Geral (4 de Agosto de 1843-12 de Março de 1874), o Padre Jean Grappin ⁽³⁾, Director das Irmãs, publicava uma nova ⁽⁴⁾ edição (a terceira do século.) O texto, segundo o prefácio, é tirado dos manuscritos, corrigido nas erratas e exageros. No seguimento das conferências algumas vezes se tinha modificado a ordem e feito algumas supressões. Os sumários e o cabeçalho substituem as notas da edição de 1825. É este texto corrigido e modificado que reproduz a substância as quatro apresentações seguintes, ainda que possa em completada por muitos textos novos.

Em 1863, ainda sob o generalato do Padre Etienne, uma ou-

O segundo volume da Colecção foi publicado em Paris, pelo mesmo editor, em 1825, VIII-652 pg. (20x25 cm.) intitula-se: «Conferências espirituais para as Filhas da Caridade», por vários Superiores e Directores da Companhia, precedidas da explicação das Regras do Instituto feitas por S. Vicente de Paulo, verificada e aumentada com reflexões do P. Placiard, Superior Geral.

O terceiro volume, appareceu em 1826, do mesmo editor. Contém VIII 652 pg.: «Conferências espirituais para as Filhas da Caridade» sobre as virtudes das nossas Irmãs Falecidas.

⁽¹⁾ Os três volumes de 1845-1846, pesam 10^l,600^g. A edição de 1825-1826, pesa com os seus três volumes, 4^l,500^g. O único volume de 1802, tem só por si, 3^l,350^g.

⁽²⁾ Sobre o Padre Claude-Joseph Placiard, Vigário Geral de 15 de Setembro de 1806 a 16 de Setembro de 1807, ver Anais da Congregação da Missão, tomo 50 (1885), págs. 343-344 e tomo 76 (1911), págs. 540-560.

⁽³⁾ O Padre Jean Grappin nasceu a 8 de Dezembro de 1791 em Velleminfroy (Haute-Saône), entrou na Congregação da Missão, em Soissons, emittiu os votos a 27 de Setembro de 1819, em Paris. Nomeado Assistente da Congregação em 1835 e residindo em Paris, foi nomeado Director Geral das Irmãs em 1837. Morreu prematuramente em Bordeus (Hospital de Santo André) a 4 de Novembro de 1846.

⁽⁴⁾ Conferências espirituais para as Filhas da Caridade por S. Vicente de Paulo seu instituidor, escritas por algumas Irmãs presentes e revistas por um padre da Congregação da Missão. Tomo primeiro. Nova edição. Paris. Typografia d'Adrien Le Clère et C.; MDCCCXLV, XLL-762 págs. (22 por 29 cm.)

É para notar, nesta edição, a Circular do Padre Etienne às Irmãs datada de 26 de Abril de 1846 (pág. 1-VIII). Segue o Catálogo das Casas das Filhas da Caridade a 26 de Abril de 1846 (págs. IX-XII). O volume apresenta: 94 Conferências de S. Vicente e 10 dos seus avisos; 126 cartas de S. Vicente; 14 avisos da Senhora Le Gras e 63 das suas cartas.

Ainda como parte desta colecção, apresenta-se um outro volume:

tra edição (1) compreendia 105 trechos de S. Vicente. Depois da Circular de Padre Etienne de 20 de Abril de 1846 que continha com as conferências de S. Vicente (p. 1-606), alguns avisos e cartas do santo Fundador (p. 607-708) e avisos e cartas da Senhora Le Gras (p. 709-760).

Em 1881, sob a direcção do H. P. Fiat (4 de Setembro de 1878-29 de Julho de 1914) e desta vez em formato in-octavo, foi apresentada uma edição em dois volumes (2). A semelhança da precedente edição das Conferências aos Missionários, a ordem cronológica dos artigos, foi substituída pela classificação por assuntos: encontrando-se de permcio, conferências sobre diferentes pontos de actualidade e os que explicam as Regras comuns.

Em 1902, ainda sob o generalato do mesmo P. Fiat, foi feita nova edição (3) aumentando ainda para o majestoso in-quarto. Seguindo a apresentação da edição de 1881, reúne 109 conferências vicentinas.

Enfim, em 1923-1924, sob o auspício e estímulo do H. Pai Verdier (30 de Setembro 1919-25 de Janeiro de 1933), Pierre Cos-

Circulares dos Superiores Gerais e das Irmãs Superiores, às Filhas da Caridade, e notícias sobre as Irmãs falecidas na Comunidade. Tomo segundo, Paris (mesmo editor), MDCCCXLV, 1086 págs. (22 por 29 cm). Enfim, a completar esta série: Conferências de diversos Superiores e Directores da Comunidade às Filhas da Caridade. Tomo terceiro. Paris. Tipografia d'Adrien Le Clère et C.^o, MDCCCXLVI, 880 págs. (22 por 29 cm.).

(1) Conferências espirituais para as Filhas da Caridade por S. Vicente de Paulo seu instituidor, recolhidas por algumas Irmãs presentes e revistas por um Padre da Congregação da Missão Tomo primeiro Nova edição, Paris. Tipografia de Jules Le Clère et C.^o, MDCCCXLIII X+VIII, 760 págs. (22 por 29 cm.) As Conferências de S. Vicente ocupam as págs. 1-606; os seus avisos e cartas as págs. 607-708. Os seus avisos e cartas as págs. 607-708. Os avisos e cartas da Senhora Le Gras lêem-se nas págs. 709-760.

Em 1876, no Le Clère, Paris, foi editado, em segundo volume, o tomo complementar: Circulares dos Superiores Gerais e das Irmãs Superiores às Filhas da Caridade e Notícias sobre as Irmãs falecidas na Comunidade. 1888 págs. (25 por 32 cm.)

(2) Conferências de S. Vicente de Paulo às Filhas da Caridade. Paris impresso por Pillet et Dumoulin, 5, rue des Grands-Augustins, 1881. Tomo primeiro: VIII-639 págs. e tomo segundo: IV-663 págs.

Esta edição, assim como já se tinha feito neste mesmo ano para as Conferências aos Missionários organizou a ordem cronológica das Conferências às Irmãs.

(3) Conferências de S. Vicente de Paulo e da Venerável Louisa de Marillac. Nova edição, Paris, A Comunidade das Filhas da Caridade, 1902. Impresso por Dumoulin. (25 cm por 31), XII-724 págs. Com 110 Conferências ou palestras de S. Vicente, são publicadas 126 das suas cartas. Seguem 14 avisos e 63 cartas da Senhora Le Gras.

te na sua edição crítica e cuidadosa das obras de S. Vicente, (1) baseia-se nos manuscritos primitivos e em outros boas cópias posteriores que se regulam pelos originaes perdidos. Conseguiram reunir umas 120 palestras ou fragmentos que, segundo o nosso gosto actual, se sente ainda mais tratar-se das palavras de S. Vicente. Os esclarecimentos da origem são dados como deve ser, no final de cada uma das 120 palestras. O trabalho do editor esforçou-se em seguir o mais possível o texto dos manuscritos, tornando o assunto mais claro, num ponto ou noutro, sem o menor retoque de ordem literária, preferindo justamente pequenas incorrecções parciais ou mesmo repetições. Lembrem assim, ainda mais, a frase simples sem affectação e o plano de suavidade do «Senhor Vicente».

Esta edição de Coste, em dois volumes, fica assim integralmente (2) reproduzida, num único tomo de formato portátil. Teremos desta forma à mão o que nos ficou das palavras do nosso Santo Fundador. Continuará ainda a falar ao coração e à alma das suas Filhas (3). É, de facto, a voz e o testamento do Pai.

F. COMBALUZIER

(1) S. Vicente de Paulo. Correspondência. Palestras. Documentos, II. Palestras. Edição publicada e anotada por Pierre Coste, padre da Missão. Paris, Livraria Lecoffre, tomo IX, 1923, XXVI-714 págs. (13 por 21 cm.); Tomo X, 1923, IV-748 págs. Esta edição foi traduzida em espanhol sob a direcção de Mons. Ballester; em italiano de Mons. Marina; em inglês por Leonard, etc.

Em Pierre Coste ver os Anais da Congregação da Missão, tomo 101 (1936), págs. 227-262 e tomo 102 (1937), págs. 603-604.

(2) Nesta reimpressão teve-se em conta as raras e insignificantes correcções feitas no exemplar do trabalho do editor Pierre Coste, tendo-se incluído as páginas 133 a 138, depoimento de Etienne Dubourg Labbé, pároco de Nanteuill-le-Haudoin, sobre as virtudes de Jeanne Dalmagne.

(3) Notemos aqui, rapidamente e de memória, que as Irmãs de S. Vicente de Paulo a quem não interesse directamente o texto francês das Conferências e Palestras do seu Santo Fundador, podem obtê-lo traduzido em diferentes línguas. por exemplo: em alemão, Graz 1855-1857; 1912; espanhol: Madrid 1867-1868; edição Ballester, 1927; Torino, Siena, Napoli, 1903; edição Marina, 1931; inglês: Emmitsburg, 1868, trad. Leonard, 1938 e 1952; polaco, 1856; eslovaco: tradução Nastran, Liubljana, 1931, etc. etc. . .



SÃO VICENTE DE PAULO
(1581 - 1660)

S. VICENTE DE PAULO

INSTRUÇÕES ÀS FILHAS DA CARIDADE

I — CONFERÊNCIA DE 31 DE JULHO DE 1634

EXPLICAÇÃO DO REGULAMENTO

No último dia de Julho de 1634, numa terceira e última conferência, deu o Senhor Padre Vicente, à pequena Congregação das Filhas da Caridade, as regras e o modo de as praticar. Seguem-se as notas tomadas.

Pôs-se de joelhos com toda a Companhia, e, depois do «Veni, Sancte», começou assim :

Minhas boas Filhas, dizia-vos eu, na última vez que vos falei, que há já algum tempo que estais juntas para viver em comuni, e todavia não tñheis ainda um regulamento para a vossa maneira de viver. Nisto a Divina Providência dirigiu-vos como dirigiu c seu povo, que esteve, desde a criação, mais de mil anos sem lei. Nosso Senhor procedeu do mesmo modo com a primitiva Igreja, porque, enquanto esteve no mundo, não se escreveu a nova lei, e foram os apóstolos que, depois dEle, guardaram a sua doutrina e as suas ordens.

A Providência reuniu aqui doze de vós e parece que com o fim de honrardes a Sua vida humana na terra. Oh! Que vantagem estar em Comunidade, pois cada membro participa do bem que faz todo o corpo! Tereis por esse meio uma graça mais abundante. Nosso Senhor no-la prometeu ao dizer : «Quando vos reunirdes dois em Meu nome, Eu estarei no meio de vós (S. Mat. 18,20). Com maior razão quando estiverem muitos com o mesmo fim de servirem a Deus, Meu Pai e Eu viremos fazer neles a nossa morada, se nos amarem. Foi pelas pessoas que têm o mesmo espírito e nesse espírito se induzem umas às outras a honrar a Deus, que o Seu Filho pediu na última oração que fez antes da Sua Paixão, dizendo : «Meu Pai, Eu vos peço que aqueles que Me destes sejam um, como Vós e Eu somos um» (S. João 17,11). Vejamos portanto, minhas Filhas, como deveis passar as vinte e quatro horas que compõem o dia, os dias que compõem os meses, e os meses os anos que vos conduzirão à eternidade.

Deveis adaptar-vos às horas, tanto quanto possível; por-

Instrução I — Arquivo das Filhas da Caridade; o original é calligrafia de Luisa de Marillac.

que será para vós grande consolação poderdes pensar ao levantar:

«Todas as minhas Irmãs, em qualquer lugar que estejam, se levantam agora para o serviço de Deus.»

O levantar será portanto às cinco horas, quando a Caridade vos permita deitar às dez, porque deveis conservar a saúde para o serviço dos pobres, dando aos vossos corpos as suas justas necessidades.

O vosso primeiro pensamento deve ser para Deus; dai-Lhe graças por vos ter conservado durante a noite, examinai atentamente se O não ofendestes, dai-Lhe graças ou pedi-Lhe perdão, ofereci-Lhe todos os vossos pensamentos, os movimentos do vosso coração, as vossas palavras e obras, proponde-vos nada fazer que lhe desagrade; e tudo quanto fizerdes durante o dia receberá a sua força desta primeira oferta feita a Deus; porque, reparai, minhas Filhas, não oferecendo tudo a Deus perdereis a recompensa das vossas acções. S. Paulo diz quanto perdeis, se o vosso espírito, no seu primeiro pensamento, se ocupa doutra coisa que não seja Deus. Ao despertar, o demónio faz todo o possível por vos sugerir outros pensamentos. Por isso, embebei-vos bem deste santo exercício, como boas cristãs e verdadeiras Filhas da Caridade.

A primeira coisa que deveis fazer, estando levantadas e meio vestidas, é ajoelhar-vos para adorar a Deus. Que ideia fazeis do que seja adorar a Deus? É tributar-Lhe uma honra que só a Ele pertence e reconhecê-Lo por vosso Criador e soberano Senhor. Pedir-Lhe-eis depois a Sua santa bênção, inclinando-vos um pouco para a receber com devoção e com a intenção de que torne todos os vossos pensamentos, palavras e acções agradáveis à Sua Divina Majestade e vos dê a vontade de as praticar todas para glória do Seu Santíssimo amor.

Depois de vos terdes vestido e feito a vossa cama, entregai-vos-eis à oração. Ó minhas Filhas, ela é o centro da devoção, e deveis desejar ardentemente habituar-vos a ela. Não, não receeis que pobres meninas da aldeia, ignorantes como julgais ser, não devam aspirar a este santo exercício. Deus é tão bom, e foi tão bom para convosco, chamando-vos ao exercício da caridade; por que razão pensaríeis que Ele vos negaria a graça de que necessitai para fazer bem a vossa meditação? Que essa ideia vos não entre no espírito. Fiquei hoje tão edificado, falando com uma boa menina da aldeia, que é agora uma das maiores almas que conheço!

Começai sempre todas as vossas orações pela presença de Deus porque algumas vezes, por falta disto, poderá uma acção deixar d' Lhe ser agradável. Considerai, minhas Filhas, que, embora não vejamos a Deus, a fé nos ensina a Sua santa presença em toda

parte, e é este um dos meios que nos devemos propôr, a Sua presença em toda a parte, penetrando intimamente todas as coisas e mesmo os nossos corações; e isto é mais verdadeiro do que julgarmos-nos todas presentes aqui, porque os nossos olhos podem iludir-nos, mas a verdade de Deus em toda a parte não falhará nunca.

Um outro meio de nos pormos na presença de Deus, é o imaginar-nos diante do Santíssimo Sacramento do Altar. É aí, minhas queridas Filhas, que nós recebemos os mais caros testemunhos do Seu amor. Amemo-Lo muito e, lembremo-nos que Ele disse, estando no mundo: «Se alguém Me ama, viremos a ele» (S. João 14,23), falando do Seu Pai e do Espírito Santo; e as almas serão assim conduzidas pela sua Santa Providência como um navio pelo seu piloto.

Sêde cuidadosas em dar conta da vossa meditação quando a tiverdes concluído. Vós não podereis fazer ideia de quanto isso vos será útil. Dizei umas às outras, muito simplesmente, os bons pensamentos que Deus vos deu, e sobretudo guardai bem as resoluções que tiverdes tomado. A Beata Irmã Maria da Incarnação serviu-se deste meio para adiantar muito na perfeição. Ela prestava cuidadosamente conta da sua oração à sua Superiora. Ó sim, minhas Filhas, vós nem calculais quanto isto vos aproveitará, e o prazer que dareis a Deus procedendo assim. Vêde, a boa Santa Madalena escondia no seu coração os bons pensamentos que colhia das palavras de Nosso Senhor, e o mesmo se diz da Santíssima Virgem. São religiosos os bons pensamentos que Deus vos dá na meditação; juntai-os cuidadosamente para os pôr em prática e regozijareis o coração de Deus; por conseguinte sereis a alegria de Deus, e todos os santos se alegrarão.

Ide à Santa Missa todos os dias, mas ide com grande devoção, e conservai-vos na igreja com grande modéstia, e sêde exemplo de virtude para todos os que vos virem.

Tenho de apresentar como exemplo uma boa senhora, chamada Senhora Pavillon, que é há muitos anos a admiração da sua paróquia (1). Parece, no seu andar e na sua atitude, estar visivelmente na presença de Deus; parece ser quase insensível a tudo, menos ao pecado. Ela deixar-se-ia antes espeziñar do que distrair-se. É assim, minhas Filhas, que deveis estar reverentemente na igreja, e principalmente durante a Santa Missa. Que pensais fazer nela? Não é só o sacerdote quem oferece o sacrificio, mas também os que a ela assistem; e estou certo de que, quando estiverdes bem instruídas, tereis nela grande devoção; pois é o centro da devoção.

Minhas Filhas, sabeis que, quando deixardes a oração e a Santa

(1) Grandchamp, segundo um manuscrito. — Que aldeia de Yonne, Seine-et-Oise ou Sarthe?

Missa pelos pobres, nada perdereis, pois, servir os pobres, é ir para Deus; e deveis ver a Deus nas suas pessoas. Sêde portanto muito cuidadosas em tudo o que lhes fôr necessário, e velai particularmente pelo auxílio que lhes podeis dar para a sua salvação: que eles não morram sem Sacramentos. Vós não sois só para tratar os seus corpos, mas também para os ajudar a salvar-se. Sobretudo exortai-os a fazer a confissão geral, suportai as suas pequenas impertinências, animai-os a sofrer tudo por amor de Deus, não vos encolerizeis nunca contra eles, nem lhes digais palavras rudes; já é bastante terem de suportar a sua doença. Pensai que sois o seu anjo da guarda visível, o seu pai e sua mãe, e não os contrarieis senão no que lhes fôr nocivo, porque então seria uma crueldade conceder-lhes o que pedissem. Chorai com eles; Deus vos constituiu para serdes a sua cousolação.

Compreendeis, minhas Filhas, a fidelidade que deveis a Deus. O exercício da vossa vocação consiste na lembrança frequente da presença de Deus; e, para vo-la facilitar, servi-vos do aviso que vos dá o toque do relógio e nessa ocasião fazei algum acto de adoração. Fazer esse acto é dizer no vosso coração: «Meu Deus, eu Vos adoro», ou então: «Meu Deus, Vós sois o meu Deus», «Meu Deus, eu amo de todo o meu coração». «Eu quereria, ó meu Deus, que todos Vos conhecessem e honrassem, para honrar os desrezos que sofrestes na terra». Podeis ao começar o vosso acto, fechar os olhos para vos recolherdes.

Fazei o vosso exame antes do jantar, durante o espaço de um ou dois *Miserere*, sobre as resoluções que tiverdes tomado na oração. Que essas resoluções sejam tanto quanto possível sobre a prática duma virtude particular, e que de ordinário tendam a combater a imperfeição à qual sois mais inclinadas; porque, reparai, minhas Filhas, o mais justo cai sete vezes ao dia; umas estão sujeitas à vaidade, outras à imodéstia. É no que deveis trabalhar: vencer os vossos maus hábitos. Deveis ser muito modestas e recatadas, e mortificar a vista. Um olhar perdeu David que era tão bom homem. É quase impossível que uma pessoa imodesta no exterior, seja modesta no interior. E se me perguntardes quanto tempo deveis conservar-vos numa mesma resolução, responder-vos-ei: enquanto vos sentirdes inclinadas ao vício que quereis combater. Acautelai-vos das palavras dissolutas e demasiado livres. O melhor meio de serdes recatadas é pensar com frequência que Deus vos vê.

O tempo que vos sobrar do serviço dos doentes, deveis empregá-lo bem; não estejais nunca sem fazer nada; applicai-vos em aprender a ler, não para vossa utilidade particular, mas para estar em condições de serdes enviadas para lugares onde possais ensinar.

Sabeis o que a divina Providência querará fazer de vós ? Conservai-vos sempre em estado de partir, quando a santa obediência vos enviar.

Guardareis o silêncio desde o exame da noite até ao dia seguinte depois da oração, para que esse recolhimento que transparece no exterior favoreça o entretenimento dos vossos corações com Deus ; guardai-o principalmente depois da adoração feita a Deus antes de vos deitardes e depois de terdes recebido a sua santa bênção.

Deitai-vos modestamente com um bom pensamento. Isso ser-vos-á um meio fácil para vos lembrardes de Deus ao acordar ; e de manhã tereis o espírito em melhor disposição para fazerdes a vossa oração.

Comungareis nos domingos e festas e em qualquer outro dia de devoção, mas sempre quando os vossos confessores o permitirem (a).

Como a obediência aperfeiçoa todas as nossas obras, deve haver sempre entre vós uma que tenha o lugar de Superiora. Ora será uma, ora será outra.

Nós usamos assim nas missões ; não achais isso necessário ? Que Deus tenha por agradável a submissão que lhe tiverdes para honrar a submissão de Seu Filho a S. José e à Santíssima Virgem ! Tende cuidado, minhas Filhas, em considerar sempre aquela que entre vós tiver o lugar de Superiora, como se fosse a Santíssima Virgem ; ver mesmo Deus nela, e assim aproveitareis mais num mês, do que num ano. Obedecendo, aprendereis a santa humildade ; e mandando por obediência, ensinareis os outros utilmente. Quero dizer-vos, para vos excitar à prática da santa obediência, que quando Deus me colocou junto da Senhora general, (1) eu me propus obedecer-lhe como à Santíssima Virgem ; e Deus sabe quanto bem isso me fez.

Honrai as Senhoras da Caridade e conservai-vos junto delas sempre com muito respeito ; honrai também os doentes e considerai-os sempre como vossos Amos.

Visto isto, Irmã Maria, (2) de S. Salvador, sereis vós, durante todo o mês a Superiora de vossa Irmã ; Micaela, de Bárbara (3) em S. Nicolau ; Margarida, de suas Irmãs em S. Paulo ; e vós, Irmã de S. Bento, será o vosso Anjo da Guarda o vosso guia ; e para o Hospital-Geral a Senhora Le Gras. Sêde muito cordiais

(a) N. B. — Hoje recomenda-se a comunhão frequente e até quotidiana.

(1) Senhora de Gondi.

(2) Maria Joly.

(3) Bárbara Angiboust.

umas com as outras, e que a das outras paróquias venham de vez em quando aqui para serem ajudadas na prática do vosso regulamento.

Resta falar dos frutos que haveis de tirar desta maneira de viver. O primeiro é que deveis crer que, se há criaturas que devem esperar o paraíso, são as que lhe forem fiéis. E porquê? Porque Deus o prometeu. Estai certas de que observando essa maneira de viver fareis a santíssima vontade de Deus. S. Clemente⁽¹⁾ assim pensava, dizia ele que quem tivesse vivido numa Comunidade observando a sua regra nada tinha a recear.

Em segundo lugar, é o começo dum grande bem que poderá talvez durar para sempre. Sim, minhas Filhas, se entrardes na prática do vosso regulamento, com a intenção de fazer a santíssima vontade de Deus, haverá grande esperança de que a vossa pequena Comunidade continue e aumente.

Mas também deveis temer que, se a negligenciardes e a não cumprirdes, seja aniquilada. Oh! Acautelai-vos disso. Que desordem! Não se trata de nada menos do que abandonar um bem que talvez Deus tivesse decidido desde toda a Eternidade, e para o qual vos escolheu. Que felicidade se fizerdes segundo a Sua vontade! A vossa Comunidade não durará somente algum tempo, mas será ainda, depois desta vida, um motivo de aumento de glória para vós no céu.

Em terceiro lugar, da vossa fidelidade depende talvez a vida de dez mil pessoas. Quantos maridos restituídos às suas esposas, quantos pais e mães restituídos aos seus filhos! Vós sereis talvez a causa de que se salvem muitos que sem isso o não teriam sido.

Mas como vos escolheu Deus para tão grande bem? Tal é a vontade de Deus: escolher gente humilde. Ele escolheu os apóstolos para derrotar a idolatria e converter o mundo. Ficai sabendo, minhas Filhas, que Deus começou a sua Igreja pelos pobres, e disse: «Porque não sou nada, Deus me escolheu para Lhe prestar um grande serviço. Deus o quis. Jámais esquecerei a minha baixeza e adorarei sempre a sua misericórdia para comigo.»

Em quarto lugar, vêde que desgraça seria se, tendo-vos Deus escolhido para esta santa obra, chegásseis a faltar a ela por culpa vossa. Deus vos censuraria à hora da morte e dir-vos-ia: «Ide, desgraçada, por não ter seguido o vosso regulamento e não ter socorrido os pobres doentes, fostes a causa de que grande número de pessoas tivessem morrido antes do tempo e de que a vossa pequena Companhia não tivesse subsistido.»

(1) Luísa de Marillac certamente deve ter interpretado mal o pensamento de S. Vicente; pois deve querer falar do Papa Clemente VIII, que não está canonizado.

Ora, porque se trata dum bem, e porque deve permanecer, eis os meios :

O primeiro, é pedir a Deus a graça de viver na observância do pequeno regulamento que vos foi proposto.

O segundo, é que deveis tê-lo em conta e propordes neste momento observá-lo, dizendo em vossos corações :

«Sim, meu Deus, eu me proponho entrar na prática do bem que Vós nos ensinastes. Sei que sou fraca, mas com a Vossa graça tudo poderei e tenho confiança que Vós me haveis de ajudar ; pelo amor que vos leva a ensinar-nos a Vossa Santa Vontade, Vos peço que nos concedais a graça e a coragem para a executarmos.

O terceiro meio para observar o vosso regulamento, é viver umas com as outras numa grande cordialidade e caridade. As pessoas que são escolhidas para um mesmo exercício devem estar também unidas em tudo. Fostes escolhidas para a realização dum fim ; mas o edificio não subsistirá, se vos não amardes reciprocamente, e este laço impedirá a sua destruição. Nosso Senhor disse aos Apóstolos : «Vós, Apóstolos meus, se quizerdes o que desejo desde toda a eternidade, conservai-vos em grande caridade.» Minhas Filhas, sois fracas, é verdade, mas suportai as imperfeições umas das outras.

Se o não fizerdes o edificio destruir-se-á e outras serão postas no vosso lugar. E, porque pode haver antipatias, será bom que mudeis, com o consentimento dos Superiores e por vontade das Senhoras Superiores. S. Pedro, S. Paulo e S. Barnabé também tiveram desentendimentos. Eis porque não é para admirar que pobres meninas fracas as possam ter. Deveis estar na disposição de irdes para toda a parte para onde vos mandarem e até de o pedir e dizer : «Não sou daqui nem dali, mas de qualquer parte onde aprouver a Deus que eu esteja.» Não fazer como os filhos de Zebedeu que às escondidas mandaram pedir lugares, que Deus, para seu bem, não lhes concedeu. Fostes escolhidas para estar assim à disposição da sua divina Providência ; e, não querendo submeter-vos inteiramente, muito perderíeis.

Um outro meio, é um perfeito desapêgo do pai, da mãe, dos parentes e amigos, de modo que sejais apenas de Deus. E, para possuir esse grande bem, deveis despojar-vos de tudo e nada ter de vosso. Os Apóstolos tinham este desprendimento. Por um escudo, tereis cem ; em cada Senhora, outras tantas mães ; de modo que a Providência jâmais vos faltará, minhas Filhas. Não tereis a coragem de vos dardes a Deus que tanto pensa em vós ? Não pretendais reservar qualquer coisa para vossa subsistência ; confiai sempre na Providência. Os ricos podem cair em necessidades em virtude de accidentes que sobrevêm com frequência ; mas aqueles

que querem depender inteiramente de Deus jãmais cairão em pobreza. Não será bom viver assim, minhas Filhas ? Que há a temer? Deus prometeu que jãmais faltaria alguma coisa às pessoas que tivessem o cuidado dos pobres. Minhas Filhas, não amais vós mais as promessas de Deus que os enganos do mundo ? Deus obrigou-Se a prover a todas as vossas necessidades.

O sexto meio, é fazerdes todos os anos o retiro, para renovar os vossos bons propósitos, cada uma no tempo e no lugar que se julgar a propósito e onde a obediência vos enviar. Talvez seja bom que se faça neste lugar.

Um outro meio para conservar a Companhia numa exacta observância do regulamento, é prestar contas, cada uma de vós, todos os meses, àquela que tem o encargo geral de todas, e que se faça neste lugar uma instrução sobre o bem do vosso retiro para vos animar. Será feita, mediante a graça de Deus, por mim, tanto quanto me fôr possível, ou por algum dos nossos.

Minhas Filhas, para assunto da vossa oração de toda esta semana, exercitai-vos a considerar as graças que recebestes de Deus, mesmo desde a vossa infância, os perigos de que segundo ouvistes dizer aos vossos pais, vos livrou a Providência de Deus ; e para isso dividi a vossa vida em diferentes períodos, a do Baptismo e a dos outros Sacramentos, e particularmente a da vocação, e dizei : «Quando eu nem nisso pensava, já Deus pensava em me levar para uma Comunidade que seria para mim um meio de salvação.» E tantas graças que Deus vos quer conceder no exercício do vosso cargo. Sei duma pessoa que ficou extremamente tocada do amor de Deus por reparar numa graça que recebeu no seu nascimento e sem a qual talvez não tivesse sido baptizada. Vós não podeis fazer ideia de como isto lhe aproveitou. Dizei, minhas Filhas : «O quê ? Deus pensou em me fazer bem desde toda a eternidade, mesmo no tempo em que eu ainda não tinha entrado em sentimentos de reconhecimento e de gratidão !» E pensai no vosso coração que resolução deveis escolher e proponde-vos observar, em toda a vida, o vosso regulamento de servir os doentes. Continuai este exercício durante oito dias, depois do qual, tomareis para o resto do mês as meditações da *Introdução* ; e não vos aborreçais com isso, eu vos peço.

Mas, minhas Filhas, todas as nossas resoluções nada são, sem a graça. Eis porque devemos pedir a Deus que nos fortaleça, e trabalhar animadamente. Entregai-vos para isto a Deus e à Santíssima Virgem e invocai S. Luís e os outros santos que tão felizes foram em servir a Deus no vosso exercício.

Portanto, minhas Filhas, vêde que misericórdia Deus vos fez tendo-vos escolhido para serdes as primeiras para esta instituição.

Quando Salomão quis construir o templo de Deus, colocou pedras preciosas nos alicerces, para testemunhar que o que ele queria fazer era excelente. Queira a bondade de Deus conceder-vos a graça de que vós, que sois o fundamento desta Companhia, sejais eminentes em virtude! Porque, sendo pouco virtuosas, faríeis mal às que vos seguirem, se aprouver a Deus conceder a sua bênção a este princípio. Como as árvores só dão fruto segundo a sua semente, é de crer que os que vierem depois de vós não irão preterir a maiores virtudes que aquelas que vós praticardes.

Todas declararam então quererem submeter-se aos conselhos recebidos e praticar o regulamento dado.

Todas se puseram de joelhos e o Senhor Padre Vicente acrescentou: Que a bondade de Deus queira imprimir de tal modo nos vossos corações o que eu, miserável pecador, acabo de dizer da sua parte, que vós recordeis para o praticardes e serdes verdadeiramente Filhas da Caridade. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. *Amen.*

2. — CONFERÊNCIA DE 5 DE JULHO DE 1640

SOBRE A VOCAÇÃO DE FILHA DA CARIDADE

O assunto da conferência é sobre a felicidade das Filhas da Caridade: o que é, e o que é preciso para ser boa e verdadeira Filha da Caridade.

A felicidade dos cristãos consiste em permanecerem sempre no estado que os torna mais agradáveis a Deus, de modo que não haja nele nada que possa desagradar-Lhe.

Há duas espécies de pessoas no mundo que podem permanecer nesse estado: umas são as que estão no seu lar e se entregam apenas ao cuidado da sua família e à observância dos mandamentos; as outras são as que Deus chama ao estado de perfeição, como os religiosos de todas as Ordens, e mesmo os que Ele põe em comunidades, como as Filhas da Caridade, que, embora ainda não tenham votos, não deixam de permanecer nesse estado de perfeição, se forem verdadeiras Filhas da Caridade.

Ora, para ser verdadeira Filha da Caridade, deve-se ter deixado tudo: pai, mãe, bens, pretensão ao lar; é isto que o Filho de Deus ensina no Evangelho; deve também ter-se deixado a si mesmo; porque se se deixar tudo e se conservar a vontade própria, se se não deixa a si mesmo, nada se fez. Ser Filhas da

Instrução II. — Arquivo das Filhas da Caridade; o original é caligrafia de Luisa de Marillac.

Caridade, é ser filhas de Deus, filhas pertencendo inteiramente a Deus; porque quem está em caridade está em Deus, e Deus nele. Deve fazer inteiramente a vontade de Deus, observando os seus mandamentos e os da Igreja, obedecendo aos seus Superiores, observando o seu regulamento e guardando a uniformidade. Sim, minhas Filhas, deveis trabalhar sèriamente nisto.

Até agora as occupações têm-me impedido de vos ajudar; mas os remorsos de consciência, que muitas vezes sinto, fazem-me tomar a resolução de vos falar todos os quinze dias sobre este assunto. É preciso pois rever o vosso regulamento e proceder de maneira que, ainda que estejais em diversos pontos, os vossos exercícios, a vossa meditação e as vossas orações antes das refeições se façam à mesma hora.

Passemos aos meios de serdes boas Filhas da Caridade. Deveis pedi-lo a Deus muitas vezes em todas as vossas orações, oferecer-Lhe todas as vossas acções nessa intenção, porque por vós mesmas não podereis ter esse grande bem. Pobres meninas da aldeia, guardadoras de porcos como eu, não devemos presumir nada de nós mesmos.

O segundo meio é querer ser verdadeira Filha da Caridade. Não o quereis todas vós? Estais resolvidas a isto neste momento?

Depois de ter obtido o consentimento de todas, o Senhor Padre Vicente acrescentou:

Tende agora essa intenção; dizei todas no vosso coração: «Sim, meu Deus, de todo o meu coração eu desejo e quero ser verdadeira Filha da Caridade, mediante a Vossa santa graça.» É assim que se fazem os actos interiores, como também os de fé, esperança e caridade.

Para serdes verdadeiras Filhas da Caridade, deveis fazer o que fez o Filho de Deus na terra. E que fez Ele principalmente? Depois de haver submetido a Sua vontade, obedecendo à Santíssima Virgem e a S. José, trabalhou constantemente pelo próximo, visitando e curando os doentes e instruindo os ignorantes, quanto à sua salvação. Como sois felizes, minhas Filhas, por terdes sido chamadas a um estado tão agradável a Deus! Mas não deveis abusar dessa graça e procurar aperfeiçoar-vos neste santo estado. Tendes a dita de serdes as primeiras chamadas a este santo exercício, vós, pobres aldeãs e filhas de artistas. Desde as mulheres que serviam ao Filho de Deus e aos Apóstolos, não se fundou na Igreja de Deus nenhuma instituição com este fim. Humilhai-vos muito e procurai tornar-vos perfeitas e santas, pois não deveis esperar que as que vierem depois de vós para seguirem os vossos exemplos sejam melhores que vós, porque, de ordinário, cada coisa produz outra semelhante. Não avilteis portanto assim a vossa con-

dição, ou antes, não a desonreis, não sejais a causa de que, por vosso exemplo, meninas imperfeitas sejam encarregadas dum officio tão digno.

Como, com o tempo, as Irmãs tivessem tomado hábitos prejudiciais à sua perfeição, fizeram-se duas perguntas; em primeiro lugar, se ofendiam a Deus queixando-se umas às outras das suas companheiras. O Sr. Padre Vicente respondeu que nada impedia mais a união e a caridade do que esse defeito; e que antigamente, numa Comunidade, quando os religiosos se visitavam, a primeira coisa que diziam era: «Meu Irmão, dizei-me alguma coisa que me edifique.» Do mesmo modo, acrescentou o nosso Muito Venerando Pai, quando vos visitardes, tende cuidado em nada dizer que vos possa escandalizar. Se sois Filhas da Caridade deveis tê-la em primeiro lugar entre vós. Não o quereis?

E interrogando a todas, fez-lhes prometer pedirem desculpa umas às outras.

Perguntou-se ainda se, quando estão descontentes, quer com os Superiores, quer com o trabalho que têm junto dos doentes ou em casa, ou ainda quando têm alguma tentação e tristeza, e que todos esses aborrecimentos lhes trazem o pensamento de sair da Caridade, as Irmãs farão bem em se consolar umas às outras, e ainda se, quando o Superior ou a Superiora são avisadas das suas faltas, podem lançar as suas suspeitas sobre tal ou tal Irmã, zangarem-se e murmurarem. Sobre o primeiro ponto o Sr. Padre Vicente, nosso Muito Venerando Superior, fez-nos ver que esses desabafos são contagiosos e que as Irmãs que assim se aliviam pegam o seu mal às outras, podendo feri-las mortalmente.

Se estas murmuram e saem da Caridade, as que as desedificaram, com os seus conselhos, responderão diante de Deus por toda a glória que elas Lhe poderiam ter dado, de todo o serviço que poderiam ter feito na Companhia.

Por aqui vimos como este mal era grande e com que cuidado devia ser evitado.

A respeito do aviso das faltas, o Sr. Padre Vicente disse:

Minhas Filhas, não somente vos não deveis zangar, quando souberdes que algumas das vossas acções foi manifestada aos Superiores, mas até o deveis desejar. E como pensais vós que se procede em todas as ordens religiosas e em todas as Comunidades? Sem esse bem não poderiam subsistir. Como poderia um Superior, sem esta ajuda, dirigir os seus, se estiverem cem léguas afastados? Como poderíamos nós orientar-vos nas vossas casas e nas paróquias, sem esses avisos? Oh! Acreditai que isto é absolutamente necessário e uma das melhores práticas das Comunidades. Um Superior ou uma Superiora, cheio de occupaões, não poderia saber

o que se passa na casa, sem este meio. Então, minhas Filhas, não julgais isto necessário ?

Todas o reconheceram e prometeram não o achar mal nem se queixarem, assim como não desabafar nas suas dificuldades.

Deus seja bendito, minhas Filhas, pelas boas resoluções que acabais de tomar quanto ao seu serviço ! Aperfeiçoar-vos-ão na vocação a que vos chamou. Suplico à sua bondade, se digne conceder-vos as graças necessárias para guardar essas resoluções e vos unir cada vez mais perfeitamente no seu santo amor. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. *Amen.*

3. — CONFERÊNCIA DE 19 DE JULHO DE 1640

SOBRE A VOCAÇÃO DE FILHA DA CARIDADE

Na segunda-feira, 19 de Julho de 1640, o Sr. Padre Vicente fez-nos a segunda conferência sobre a vocação das Filhas da Caridade e começou assim :

Eis-nos aqui, minhas Filhas, ainda reunidos para falarmos da excelência da vossa vocação e para vo-la fazer conhecer bem, a fim de reparar as faltas em que os muitos afazeres me fizeram cair, adiando por muito tempo o ensinar-vos o que deveis saber a este respeito. Talvez, minhas queridas Irmãs, a justiça de Deus me venha a castigar por isso, no purgatório. Tenho todavia uma consolação nisto : é que, desde há dez ou doze anos que a vossa Companhia começou, vós tendes honrado o proceder do Filho de Deus na instituição da Sua Igreja, o qual esteve trinta anos sem aparecer, para trabalhar somente três, e nada deixou por escrito aos seus Apóstolos. Em tudo o que fizestes nestes anos passados, minhas Filhas, fostes guiadas pela tradição, mas para o futuro, se Deus quiser, tereis as vossas pequenas regras. O fim desta instrução será, portanto, fazer-vos conhecer os desígnios de Deus na instituição das Filhas da Caridade, pois todos os artistas do mundo têm algum fim nas suas obras.

O próprio Deus nada fez sem algum fim. O seu fim, na instituição dos Capuchinos foi o de formar homens que ensinassem a penitência pelo seu exemplo ; suscitou os Cartuxos para honrar a sua solidão, e cantar os seus louvores ; os Jesuitas para levar vida apostólica ; e assim de muitos outros. Falta-nos, pois, ver os desígnios de Deus na vossa instituição. Vós, pobres meninas de lenço, não estais satisfeitas e admiradas ao mesmo tempo, por uma tão

grande graça de Deus, que ainda não conheceis mas que haveis de conhecer um dia ? Honrai portanto os desígnios que Deus teve sobre vós a este respeito, desde toda a eternidade ; e ainda que vos tenham parecido até agora pequenos e quase nada, sabeis que esses desígnios são muito grandes, pois são de amar, servir e honrar a vida de Seu Filho na terra.

Mas talvez não saibais, minhas Filhas, como se pode amar a Deus soberanamente. Dir-vo-lo-ei. É amá-Lo mais que tudo, mais que ao pai, mãe, parentes e amigos, ou qualquer outra criatura ; é amá-Lo mais que a si mesmo, porque se se apresentasse alguma coisa contra a Sua glória e vontade, ou que fosse preciso morrer por Ele, valia muito mais morrer, do que agir contra a Sua glória e puro amor.

Vêde, minhas filhas, como os desígnios de Deus sobre vós são grandes e a graça que vos concede dando-vos já tantos pobres para os servir e em tantos lugares diferentes. Isto requiere diferentes espécies de regulamentos. As Irmãs de Angers têm o seu ; é preciso um para as que servem as criancinhas pobres, outro para as que servem os pobres das paróquias, um outro para as dos pobres forçados e ainda outro para as que estão em casa e que vós deveis considerar e amar como família vossa. E todas estas regras devem ser redigidas sobre a regra geral de que vos quero falar.

A Providência permitiu que a primeira expressão das vossas regras seja esta : «A Companhia das Filhas da Caridade está estabelecida para amar a Deus, servi-Lo e honrar Nosso Senhor, seu Amo, e a Santíssima Virgem». E como O honrareis vós ? A vossa regra vo-lo diz, continuando a fazer-vos conhecer os desígnios de Deus na vossa instituição : «Para servir os pobres doentes corporalmente, administrando-lhes tudo o que lhes for necessário ; e espiritualmente, procurando que vivam e morram em bom estado.» Vêde, minhas Filhas ; podeis fazer todo o bem que quizerdes, se o não fizerdes bem, de nada vos servirá. S. Paulo no-lo ensinou : Dai os vossos bens aos pobres ; se não tiverdes caridade, nada tereis feito ; não, ainda mesmo que dêsseis a vossa vida. Ó minhas queridas Irmãs, deveis imitar o Filho de Deus que nada fazia senão pelo amor que tinha a Deus, Seu Pai. Assim a vossa intenção, indo para a Caridade, deve ser ir puramente pelo amor e satisfação de Deus, e, enquanto nela permanecerdes, todas as vossas acções devem tender para esse mesmo amor.

O primeiro e mais seguro meio de adquirir este amor, é pedi-lo a Deus, com grande desejo de o obter. De que vos serviria levar um caldo ou um remédio a um doente, se o motivo dessa acção não fosse este amor ? Era o de todas as acções da Santíssima Virgem, das boas mulheres que serviam os pobres sob a sua

direcção e dos Apóstolos, como Santa Madalena, Santa Marta, Santa Maria, Salomé, Suzana e Santa Joana de Cusa, mulher do procurador de Herodes, às quais tão felizes sois em suceder.

Honrarei ainda o Filho de Deus fazendo com que os pobres doentes estejam sempre em bom estado, isto é, na graça de Deus. Que honra e consolação para vós, minhas Filhas, que de vós mesmas não poderíeis nunca esperar praticar grandes caridades, nem poder ajudar na salvação das almas, ter-vos dado Deus um meio tão fácil de servir os corpos! Mesmo que o fizésseis por amor de Deus, isso não seria bastante, pois entre os que podereis servir encontrar-se-ão muitos que são inimigos de Deus, pelos pecados contraídos no passado e pelos que têm talvez em vista cometer depois da sua doença, se de inimigos de Deus, não procurásseis convertê-los em amigos de Deus, por uma verdadeira penitência.

Eis porque deveis saber que os desígnios de Deus ao estabelecer-vos, minhas Filhas, foi, desde toda a eternidade, que o honrásseis, contribuindo tanto quanto possível para o serviço das almas, a fim de as tornar amigas de Deus, quer dizer, dispondo-as com grande cuidado a receber os Sacramentos e isto antes de vos occupardes do corpo. É preciso que lhes faleis com tanta caridade e afabilidade que elles vejam que é só o interesse da glória de Jesus e da sua salvação que vos leva a fazer-lhes essa proposta. Mostrai-lhes a importância de receber os Sacramentos em tais disposições que aproveitem às suas almas; e, quando estiverem reconciliados com Deus, dizei-lhes que não haverá nenhum momento da sua vida, nenhum sofrimento que Deus não aceite, ainda que morressem com cincoenta anos.

Durante as suas doenças, tende o cuidado de os dispôr para a morte e para tomarem boas resoluções, a fim de bem viver, se Deus permitir que se curem. Por este meio, minhas Filhas, de inimigos que eram de Deus, converter-se-ão em amigos. Que consolação no paraíso, se tiverdes a felicidade de lá ver essas almas que com a sua presença aumentarão a glória que Deus aí vos há-de dar!

Isto não é tudo. Deus tem ainda um outro desígnio, minhas queridas Irmãs: o da vossa perfeição; pois de que vos serviria, minhas Filhas, conquistar todas as almas para Deus, se perdésseis a vossa? Por outro lado, como podereis trabalhar na vossa perfeição, tendo tantas occupaões? A vossa regra vo-lo ensinará, pois o segundo artigo vos diz que vos ameieis reciprocamente como Irmãs que Jesus Cristo uniu com o laço do Seu amor. Não será isto bastante forte? Seria muito, milhas Filhas, dizer-vos: «Amai-vos como Irmãs», mas é forçar inteiramente o vosso coração dizer-vos: «Como Irmãs que Jesus Cristo uniu com o laço do Seu

amor.» Ó minhas queridas Irmãs, vêde como sois obrigadas a uma grande estima umas para com as outras, se não quizerdes correr o perigo de desprezar a grande graça que Deus vos concede dando-vos a vocação de seus mais queridos amigos.

Esta santa estima não poderá permitir, minhas queridas Irmãs, que tenhais uma contra a outra rancor no coração. Eis por, que se acontecesse que o tivésseis ou que fósseis deseficantes imediatamente pediríeis perdão mutuamente, e isto com o coração afectuoso e desejoso de agradar a Deus, de amá-Lo e de vos amardes reciprocamente por Seu amor e ainda de vos suportardes nas vossas pequenas difficuldades e imperfeições naturais.

Um outro meio de vos aperfeiçoardes é a mortificação dos sentidos. Oh! Que grande segredo nos ensina S. Paulo numa das suas Epístolas, quando, falando ao povo que tinha instruído, lhe diz: «Meus queridos Irmãos, tenho de vos falar de coisas muito baixas e humilhantes, mas é necessário mortificar os vossos membros, para que, como serviram à iniquidade, sirvam agora à justiça». (Rom. 6, 19). O mesmo vos direi, minhas queridas Irmãs: mortificai os sentidos e depressa achareis em vós transformação e grande facilidade para o bem. Temos cinco sentidos extriores e três interiores. Os extriores são a vista, o olfacto, o ouvido, o goçto e o tacto. São outras tartas janelas por onde o demónio, o mundo e a carne podem entrar no nosso coração.

Por isso começareis pela vista; acostumai-vos a manter a vista moderadamente baixa, pois como sois para o serviço de pessoas seculares, é necessário que o excesso da vossa modéstia os não espante. Isto poderia impedir de fazerdes o bem que uma alegria moderada poderia conseguir. Mas abstende-vos unicamente desses olhares demorados para fitar de frente um homem ou uma mulher e de certos olhares affectados que são perigosíssimos e cuja ferida se não sente immediatamente.

Podereis ainda mortificar este sentido na rua, na igreja e em muitas ocasiões de curiosidade, afastando, por amor de Deus, o vosso olhar desses objectos.

O nosso olfacto deve também ser mortificado, suportando de boa vontade os maus cheiros, quando se apresentarem, não vos mostrando esquisitas, particularmente com os vossos pobres doentes, e também abstenendo-se dos bons, quando acontecer senti-los, mas sem que se dê por isso.

Interrogado para saber se haveria mérito em se abster de pôr perfumes na roupa ou nos vestidos, o Sr. Padre Vicente, não podendo conceber que alguém tivesse jámais o pensamento duma tão grande vaidade, testemunhou uma grande admiração. E essa admiração foi quase toda a sua resposta. No entanto acrescen-

tou: que seria uma grande falta para uma Filha da Caridade ter sòmente esse pensamento.

Podemos mortificar também o gosto, ainda que não seja senão em tomar a bocado de pão que menos nos agrada, ir para a mesa sem mostrar o apetite que às vezes possamos ter, abster-nos de comer fora das refeições, deixar o que é mais agradável ao nosso gosto, ou uma parte do que nos é permitido comer.

O sentido do ouvido é ainda uma perigosa janela pela qual o que nos dizem entra algumas vezes tão fortemente no coração, que se seguem mil e mil desordens. Acautelai-vos disso, minhas Filhas. Muitas vezes a caridade corre grande perigo por culpa dos sentidos. Não escuteis de boa mente, mas afastai-vos cortêsmente das maledicências, das más palavras e de tudo quanto possa ferir o vosso coração e até os vossos sentidos sem necessidade.

O tacto é o quinto sentido. Mortificá-lo-emos abstendo-nos de tocar no próximo, e não permitindo aos outros tocarem, por deleitação sensual, não só as nossas mãos, mas qualquer outra parte do nosso corpo.

A prática desta mortificação, minhas Filhas, ajudar-vos-á muito a aperfeiçoar-vos e a realizar os designios de Deus na vossa instituição. Animai-vos muito umas às outras. Disso resultará outro bem, pelo bom exemplo que deveis a outrem; porque, minhas Filhas, instruir com palavras é muito, mas o exemplo tem um outro poder sobre os corações. S. Francisco bem o sabia, ele que dizia uma vez a um dos Irmãos: «Vamos prègar» e depois contentava-se com ir com ele passear pela cidade; e como no regresso o Irmão lhe dissesse: «Vós não prègastes.» — «Sim, meu Irmão, respondia o santo, pois a nossa attitude e modéstia foram uma prègação para esse povo».

Sêde portanto modestas, eu vo-lo peço, minhas Filhas, e trabalhai fortemente na vossa perfeição. Não vos contenteis com fazer o bem, mas fazei-o como Deus quer, isto é, o mais perfeitamente possível, tornando-vos dignas servas dos pobres.

Que consolação eu tive, um destes dias, minhas queridas Irmãs! Vou dizer qual foi. Ouvi ler a fórmula dos votos dos religiosos hospitaleiros de Itália, que era concebida nestes termos: «Eu, fulano, faço voto e prometo a Deus guardar em toda a minha vida a pobreza, a castidade e a obediência e de servir os nossos senhores, os pobres.» É, minhas Filhas, uma coisa muito agradável a Deus honrar assim os seus membros, os queridos pobres.

O fervor com que o Sr. Padre Vicente leu os termos desses votos levou algumas Irmãs a testemunhar o sentimento que experimentavam. Falando da felicidade desses bons religiosos, que se davam inteiramente a Deus, perguntaram se, na nossa Companhia,

não poderia haver Irmãs admitidas a fazer um acto semelhante.

Sua Caridade respondeu assim :

Sim, de certo, minhas Filhas, mas com esta differença que, sendo solenes os votos destes religiosos, não podem ser dispensados deles, nem mesmo pelo Papa ; mas, dos que vós poderíeis fazer, o bispo poderia dispensar-vos. Mais valia todavia não os fazer do que fazê-los com a intenção de deles vos dispensardes quando quisésseis.

A esta pergunta : «Seria bom que as Irmãs os fizessem em particular, segundo a sua devoção ?» Sua caridade respondeu que se deveriam abster de tal, mas que, se alguma tivésse esse desejo, poderia falar disso aos seus Superiores, e depois disso ficar socogada, quer lho permitam, quer lho recusem.

O Sr. Padre Vicente, penetrado dum grande fervor, começou a elevar o seu coração e a olhar para o céu e pronunciou estas palavras :

Ó meu Deus, nós nos entregamos a Vós. Concedei-nos a graça de viver e morrer na observância perfeita duma verdadeira pobreza. Eu Vo-la peço para todas as nossas Irmãs presentes e ausentes. Não o quereis, minhas Filhas ? Concedei-nos igualmente a graça de viver e morrer castamente. Eu Vos peço essa misericórdia para todas as Irmãs da Caridade e para mim, assim como a de viver numa perfeita observância da obediência. Nós nos entregamos também a Vós, meu Deus, para honrar e servir durante toda a vida os nossos senhores, os pobres, e Vos pedimos esta graça pelo vesso santo amor. Não o quereis também, minhas queridas Irmãs ?

Todas as nossas Irmãs deram de boa mente o seu consentimento com testemunho de devoção, pondo-se de joelhos. O Sr. Padre Vicente deu-nos a sua bênção como de costume, pedindo a Deus a graça de realizar inteiramente os seus desígnios. Deus seja bendito !

4. — CONFERÊNCIA DE 2 AGOSTO DE 1640

DA FIDELIDADE AO LEVANTAR E Á ORAÇÃO

Na assembléia de quinta-feira, segundo dia do mês de Agosto de 1640, o Senhor Padre Vicente, notando que algumas Irmãs, sem desculpa razoável, não tinham comparecido, começou por nos observar como é importante perseverar na vocação a que Deus nos chamou.

Como vêdes, minhas Filhas, devemos ter um grande cuidado em não perder nenhuma ocasião de nos aperfeiçoarmos.

Vistes que os desígnios de Deus, chamando-vos para as Filhas

da Caridade, são santificar-vos, para honrar a vontade de Deus e a de seu Filho, que passou trinta anos no mundo a trabalhar, antes de instruir e curar os pobres doentes

Deveis portanto, minhas queridas Irmãs, trabalhar com conhecimento de causa. Não vos basta ter o nome de Filhas da Caridade, isto é, Filhas de Deus; deveis ainda aproveitar as ocasiões de conhecer os meios de vos aperfeiçoardes, como são as conferências, que visam todas este fim. Deus quer tanto que cumprais e sigais a vocação a que vos chama, que, no dizer dum grande santo, se vosso pai ou mãe, para vos impedirem de tal, se atravessassem na porta que tivésseis de franquear, deveríeis passar por cima deles. Mas direis: «É meu pai, é minha mãe». Não importa, passai por cima. Com mais razão deveis vencer, minhas queridas Irmãs, todas as dificuldades que se possam opôr às ocasiões de vos tornardes perfeitas Filhas da Caridade. «Mas é minha Superiora de paróquia». Fosse até o vosso confessor, divíeis andar apesar disso.

Minhas Filhas, começaremos esta instrução, por falar da necessidade que todas as coisas têm de serem reguladas.

Vêdes que a ordem de Deus se manifesta tanto na natureza como na graça; vêdes que todas as estações não cessam de se seguir; o dia sucede-se à noite; as aves têm o seu retiro de inverno e de verão; as plantas dão flores e frutos na estação própria. Enfim, minhas queridas Irmãs, se não seguirmos as nossas regras, nada faremos que valha, porque a desordem é o caminho da perdição. Diz-se do inferno, que é o seu lugar, que não só não há a ordem, mas que é uma desordem e um horror eternos.

O vosso levantar será às cinco horas em ponto. Desta primeira acção depende toda a ordem do dia. Deveis tomar amorosamente esse hábito que não é muito difícil, contanto que tenhais saúde e que tenhais tido durante a noite o descanso necessário, que deve ser de sete horas; porque, se alguma doença vos impedisse, devíamos compensar de manhã o tempo que não tivéssemos descansado durante a noite.

Perguntaram então ao Senhor Padre Vicente se era permitido a uma Irmã descansar de manhã, quando uma ligeira dor a acordasse de noite, bem como qualquer outra inquietação, ou quando, por sua culpa, se não tivesse deitado à hora, ou ainda, por andar um pouco doente, não adormecesse habitualmente senão de manhã.

Minhas queridas Filhas, respondeu o Senhor Padre Vicente, não é razoável que se levantem tarde aquelas que, por sua culpa, não tenham descansado de noite; isso seria uma desordem constante; seria sair da ordem em que Deus quer que estejamos; devem sujeitar-se às horas fixadas pela regra. E depois seria de temer que a natureza se habituasse a esse sono matinal; isso dar-se-ia infall-

velmente. Dir-vos-ei muito simplesmente como costumo fazer. Acontece-me muitas vezes não dormir de noite; mas, a não ser que a febre me obrigue a suar, levanto-me sempre às quatro horas, que é a hora da Comunidade, porque tenho a experiência de que facilmente me habituaria a levantar-me mais tarde. Eis a razão, minhas queridas Irmãs, porque deveis fazer um pouco de violência e depois encontrareis nisso uma grande facilidade, porque os nossos corpos são como jumentos: uma vez acostumados a um caminho, seguem sempre por ele. E para tornardes este hábito fácil, sêde regulares no vosso deitar.

Como lembrassem ao Senhor Padre Vicente que as Irmãs das paróquias estão sujeitas a receber visitas, umas vezes pobres, outras vezes vizinhas, que impedem os exercícios e fazem com que nem sempre se possam retirar à hora, respondeu:

Como vêdes, minhas Filhas, deveis ser generosas para adquirir a perfeição pela prática exacta das vossas regras. Dizei às pessoas que vos ocuparem nas horas em que deveis fazer algum exercício: «É a hora da nossa refeição, ou de nos retirarmos». Se disserdes com boas maneiras, não o levarão a mal, mas pelo contrário, ficarão edificadas. Deus será com isso glorificado, pois assim lhe sereis fiéis, e disso tirareis grande vantagem para a vossa perfeição.

Tendo-vos levantado portanto às cinco horas, adorareis a Deus de joelhos, entregar-vos-eis à sua bondade, agradecer-Lhe-eis todas as suas graças e pedir-Lhe-eis a sua santa bênção. Vestir-vos-eis, fareis a cama, e às cinco e meia começareis a oração. Amai muito este exercício, minhas Filhas, e tornai-vos cuidadosas na sua prática, porque ele é o viveiro de toda a devoção.

Devo dizer-vos, sobre isto, minhas queridas Irmãs, que num destes dias me edificou muito um presidente que fez o seu retiro em nossa casa há cerca de um ano. Falando-me do exame que tinha feito sobre o seu regulamento de vida, disse-me que, graças a Deus, pensava não ter deixado duas vezes de fazer a sua oração. «Mas, sabeis, Senhor, como é que eu faço a minha meditação? Prevejo o que devo fazer durante o dia e daí decorrem as minhas resoluções. Tenho de ir ao palácio; tenho tal coisa a advogar; encontrarei talvez alguma pessoa de condição que pela sua recomendação pensará em corromper-me; mediante a graça de Deus não a atenderei. Far-me-ão talvez algum presente que me agradaria muito; oh! não o aceitarei. Se estiver na disposição de rejeitar algum cliente, falar-lhe-ei doce e cordialmente.

Pois bem, minhas Filhas, que vos parece desta maneira de fazer meditação? Não vos edifica muito a perseverança deste bom presidente, que poderia desculpar-se com as suas occupações e que

todavia o não faz pelo desejo que tem de ser fiel à prática das suas resoluções? E vós, minhas queridas Irmãs, não tendes coragem bastante para tentar seguir os desígnios que Deus tem de vos aperfeiçoar pela prática da vossa regra? Podeis fazer a vossa meditação desta maneira, que é a melhor; pois não se deve fazer para ter pensamentos elevados, êxtases ou arrebatamentos, que são mais prejudiciais que úteis, mas somente para vos tornardes perfeitas, e verdadeiramente boas Filhas da Caridade. As vossas resoluções devem portanto ser assim: «Irei servir os pobres; procurarei tratá-los com um ar modestamente alegre para os consolar e edificar; falar-lhes-ei como a meus senhores. Há alguns que me falam raras vezes; terci paciência. Tenho o costume de mortificar minha Irmã nesta ou naquela ocasião; abster-me-ei de o fazer. Desgosta-me algumas vezes a este respeito; suportá-la-ei. Tal Senhora ralha comigo, tal outra me sensura; procurarei não sair do meu dever e prestar-lhe-ei o respeito e a consideração a que estou obrigada. Quando estou com tal pessoa, quase sempre recebo algum prejuízo para a minha perfeição; evitarei tanto quanto possível essa ocasião.» E' assim, parece-me, que, minhas Filhas, deveis fazer a vossa meditação. Não vos parece fácil e útil este método?

Foi este o parecer de todas as Irmãs, e o nosso muito Venerando Pai acrescentou:

Como algumas lhe manifestassem a dificuldade que tinham em fazer a oração, respondeu-lhes:

Uma senhora, que eu conheci, ⁽¹⁾ serviu-se durante muito tempo do olhar da Santíssima Virgem para fazer todas as suas meditações. Olhava em primeiro lugar para os seus olhos e depois dizia interiormente: «O' belos olhos, como sois puros! Jámais servistes senão para dar glória a meu Deus. Quanta pureza transparece nos vossos santos olhos! Que diferença dos meus, com que tanto tenho ofendido o meu Deus! Não quero tornar a dar-lhes tanta liberdade, mas, pelo contrário, habituá-los-ei à modéstia.»

Outra vez contemplava a sua boca e dizia:

«O' santa boca, quantas vezes te abriste para dar louvores a Deus e para instruir e edificar o próximo! Jámais te abriste para cometer o pecado. Que diferença da minha que sempre tem feito o contrário! Eu quero, mediante a graça de Deus e a vossa caridade, Virgem Santa, vigiar de mais perto as minhas palavras e abster-me particularmente de tais e tais que desedificam e desgostam o próximo.»

Assim considerava esta senhora particularmente a Santíssima

(1) Santa Joana de Chantal (1572-1641).

Virgem, o que lhe serviu vários anos de assunto de meditação.

Fizeram notar ao Senhor Padre Vicente que algumas vezes as duas Irmãs das paróquias não sabiam ler, e perguntaram-lhe se seria bom que se detivessem nos principais mistérios da vida e paixão de Nosso Senhor, dos que tivessem ouvido falar mais vezes. Respondeu :

Será muito bom, minhas Filhas, mas seria para desejar que nos dias de festa meditásseis sobre o Evangelho que neles se lê. Esses Evangelhos podereis aprendê-los por uma longa experiência na casa; pois as Irmãs devem amar o lugar em que devem ser formadas para se tornarem capazes de trabalhar na santificação dos outros e do serviço dos pobres. Conheci pessoas que não sabiam ler nem escrever, e no entanto faziam muito perfeitamente a sua meditação. Minhas queridas Irmãs, basta-vos amar a Deus para serdes muito sábias. Mas, dir-me-ão algumas, os livros e a ciência ajudam muito. Enganais-vos, se assim julgais. Um dia um Irmão da Ordem de S. Francisco dizia a S. Boaventura :

«Como sois feliz, meu Pai, por ser tão sábio, e como fazeis bem a oração! Como isso vos ajuda!» — «O' meu Irmão, para fazer bem a meditação não é necessária a ciência, basta amar muito a Deus. E' por isso que a mulherzinha mais humilde ou o Irmão mais ignorante do mundo, se amarem a Deus, farão a sua meditação muito melhor do que eu.» Esta resposta regozijou de tal maneira esse bom Irmão que saltando de alegria dizia: «Ame-mos portanto muito a Deus, nós os ignorantes, e faremos bem a meditação».

Um outro perguntando a S. Tomás de que livros tirava as tão belas e tão altas concepções que tinha de Deus, recebeu esta resposta: «Se vos aprouver, senhor, conduzir-vos-ei à minha biblioteca». E S. Tomás levou-o diante do seu crucifixo e disse-lhe que não fazia outro estudo a não ser aquele.

Minhas queridas Irmãs, as de entre vós que não souberem ler farão bem, enquanto não souberem os Evangelhos das festas do ano, em se deterem na paixão de Nosso Senhor.

Os religiosos de S. Francisco nunca escolhem outro assunto. Vem-me ao espírito que lhes seria vantajoso servirem-se de imagens. Vêde como isto foi útil à senhora de que vos falei. Tende estampas um pouco grandes dos principais mistérios da vida e paixão de Nosso Senhor; e, à noite, depois das orações do exame, em vez da leitura, a Superiora mostre uma dessas estampas à Irmã e diga-lhe: «Minha irmã, eis o assunto da nossa meditação de amanhã.» Depois coloque-a no lugar onde se devem reunir no dia seguinte de manhã. Se vos faltarem os pensamentos, contemplai a vossa estampa, servi-vos do método dessa boa senhora

e não esqueçais também o método do presidente, quanto às vossas resoluções, que devem ser o ponto principal da vossa oração.

Algumas Irmãs lamentaram-se então do esquecimento das suas resoluções, ou de qualquer outro assunto, e o Senhor Padre Vicente respondeu-lhes :

Minhas Filhas, conheci ainda uma outra senhora do mundo que trazia sempre uma estampazinha na manga do vestido. Tirava-a, sem que ninguém visse, contemplava-a, fazia a Deus alguma aspiração e tornava a guardá-la devagarinho. Esta prática mantinha-a muito unida à presença de Deus. Habituai-vos, vós também, eu vo-lo peço, a esta santa presença, que vos é extremamente necessária. Nisso encontrareis um grande auxiliar para a vossa perfeição. Há diferentes maneiras de a praticar: podeis ver a Deus no céu, considerá-Lo presente em toda a parte, ou em cada criatura visível em particular, ou ainda no vosso coração.

Algumas Irmãs fizeram notar que lhes era difícil fazer oração antes de sair para ir levar os remédios aos doentes, principalmente no verão, por causa do calor.

O Senhor Padre Vicente respondeu-lhes :

Fazei sempre o que puderdes, minhas queridas Irmãs, para que, sendo a oração a primeira das vossas ocupações, o vosso espírito esteja cheio de Deus todo o resto do dia. É verdade que se deve preferir à oração o serviço dos doentes, em caso de necessidade; mas, se tiverdes cuidado, arranjareis tempo. Nunca se purgam os doentes durante os calores excessivos. O demónio faz tudo quanto pode para nos impedir de fazer oração, porque bem sabe que, se for o primeiro a encher-nos o espírito de vão pensamentos, será senhor dele durante todo o dia. É por isso, minhas Filhas, que eu vos exorto, tanto quanto posso, a que façais a vossa oração antes de sair, e que a façais juntas. Se no entanto algum motivo justo vos impedisse, fá-la-leis mais tarde e na igreja. Mas que isso seja o mais raramente possível. Sede exactas na prática deste santo exercício, eu vo-lo peço, e dai conta uma à outra do emprego do tempo da vossa meditação, e particularmente das vossas resoluções, que vos deveis dizer muito simplesmente.

Depois de ter ouvido algumas Irmãs, que se lamentavam de dormir durante a oração, o Senhor Padre Vicente acrescentou :

Deveis acautelar-vos dessa tentação, porque o é ordinariamente. É verdade que o sono pode ser causado por uma má noite, ou pelo demasiado trabalho do dia antecedente. Mas é uma excepção. Se o dormir durante a oração se tornasse um costume, seria necessário, para perder esse hábito, conservar-nos de pé, beijar o chão, ou renovar de tempos a tempos a nossa atenção, porque se não remediarmos esse mau hábito, ele voltará todos os dias.

Sabeis vós que há um demónio cujo officio é adormecer as pessoas que oram? Excita de tal maneira os humores do corpo que elles enviam ao cérebro vapores que adormecem.

Por conseguinte, minhas Filhas, eu peço a Deus que vos santifique pela prática das vossas regras, que vos conceda a graça de imitardes Seu Filho que quis trabalhar trinta anos antes de ensinar o próximo e que para este fim vos dê a sua santa bênção, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Assim seja.

5 — CONFERÊNCIA DE 16 DE AGOSTO DE 1640

SOBRE A FIDELIDADE AO LEVANTAR E À ORAÇÃO

Na quinta-feira, 16 de Agosto de 1640, dia de S. Roque, o Senhor Padre Vicente disse:

Minhas Irmãs, ainda que eu seja o mais miserável pecador da terra, aprouve à bondade de Deus que eu vos venha falar da Sua parte, e peço-Lhe que isto possa servir para Sua glória e vossa edificação.

Tinha prometido a mim mesmo dar-vos hoje o vosso regulamentozinho, mas algumas occupações mo impediram; até pouco faltou que não viesse hoje, porque tive de ir bastante longe, na cidade; por isso pouco tempo terei para vos falar.

A Irmã⁽¹⁾ mais antiga lembrou que fora dito no fim da última reunião que, sendo o assumo de prárica, seria bom começar a prestar contas.

O Senhor Padre Vicente repetiu então os pontos, começando pelo levantar das cinco horas, e interrogou, uma após outra, todas as Irmãs. Viu-se que, pela graça de Deus, nenhuma faltava a isso.

Bendito seja Deus, minhas Filhas! Deveis continuar, porque o começar não é nada. E a oração? É a isso que nunca deveis faltar, se puder ser. Lembrais-vos do método desse bom presidente?

Algumas Irmãs disseram tê-lo assim praticado.

Não quer dizer, minhas Filhas, replicou elle, que seja preciso empregar todo o tempo da vossa oração a prever as coisas que temos de fazer e os meios de as fazer bem. Mas deveis encarar o assumo a meditar, ocupar-vos dele com Deus e por Seu amor, o qual, estou certo, guardareis cada vez melhor. Fareis convergir as vossas resoluções sobre as acções do dia, principalmente sobre

Instrução V. — Arquivo das Filhas da Caridade; o original é caligrafia de Luisa de Marillac.

(1) Luisa de Marillac.

as que vos fazem tender para a perfeição e para o cumprimento da vossa regra, para melhor honrar a Deus na vossa vocação.

Muito beni! Minhas Filhas, dissémos na última reunião que um dos meios de serdes muito regulares, era fazer com diligência as vossas occupaões exteriores, não demorar em nenhum lugar e deixar as pessoas que vierem a vossa casa, qualquer que seja a sua condição, às horas dos vossos exercícos. Observou-se isso?

Como este ponto é muito difficil, o Senhor Padre Vicente acrescentou: Minhas queridas Irmãs, não falteis nunca a isto, eu vo-lo peço, daqui depende a prática do vosso regulamento. Algumas vezes é por timidez que uma Irmã não ousa dizer à sua vizinha: «Minha Irmã, são horas de nos retirarmos. «Vêde como se deve fazer: «Sois duas. Imitai o procedimento dos soldados na guerra. De orcinário um é mais manso que o outro. O que o é menos provê do necessário. Do mesmo modo entre vós a mais resoluta, quer por temperamento, quer por virtude, deve encarregar-se de pôr termo aos obstáculos que vêm das conversas do exterior, mas isto mansa e caridosamente. E sobretudo que a sua companheira a isso se não oponha, ainda que as pessoas que for preciso deixar sejam mais suas conhecidas que da sua companheira.

À pergunta que lhe foi feita, se as Irmãs da Caridade podiam receber as amigas no seu quarto e mesmo convidá-las a lá dormir, o Senhor Padre Vicente respondeu: Ó minhas Filhas, tende cuidado em nunca atrair ninguém aos vossos quartos, qualquer que seja o pretexto; isso seria perigosíssimo.

— Dizei-nos por favor, Senhor, disse uma Irmã, como poderemos praticar a devoção daquela senhora de quem a vossa caridade nos falou na última vez e que tinha na sua manga uma estampa da Santíssima Virgem.

— Podeis fazê-lo assim: ao começar qualquer acção ou conversa, de vez em quando durante o dia, levai a mão ao terço que tendes à cintura ou ainda à medalha ou à cruz que está presa a ele e levantai o vosso espírito a Deus, e dizei-Lhe: «Meu Deus, que seja para Vossa glória e por Vosso amor que diga esta palavra ou faça esta acção». O nosso muito Venerando Pai quis saber das suas Filhas se se tinham lembrado da acção desta senhora. Algumas responderam que sim e que a tinham posto em prática. A Irmã Margarida Lauraine, que então servia os pobres de S. Lourenço, contou que, passando pela praça onde se faziam tolices e divertimentos, durante a feira, sentiu o desejo de se voltar para ver, mas, em vez de ceder a esse desejo, pegou na cruz do seu terço e disse: «Ó meu Deus, vale mais olhar para Vós que para as loucuras do mundo.»

— Oh! Deus vos abençoe, minha Filha! É assim que se deve

fazer. Julgais vós, minhas Irmãs, que esta boa Irmã não fez nada, ou pouca coisa, com esta acção? Oh! Sim, fez uma grande coisa! E que fez ela? Penetrou os céus e enviou um raio de amor ao coração de Deus. É o próprio Deus que o diz: «A oração curta e fervorosa penetra os céus (Ecl. 34,21)». São raios de amor muito agradáveis a Deus e por isso tão recomendados pelos Santos Padres que conheciam a sua importância.

É por isso, minhas Filhas, que eu vos exorto a habituar-vos a isso e a pensar com frequência na obrigação que tendes de vos tornardes perfeitas, nas condições em que estais.

Não conheceis a sua grandeza. Não me canso de vos dizer, minhas Filhas, que é uma das maiores que existem na Igreja, depois da das religiosas do Hospital-Geral de que vos falei um dia. Não vos toca o coração pensar: «Como! Deus escolheu-me a mim, pobre menina da aldeia, para uma obra tão santa! Deixou passar minha mãe, todos os meus parentes, e tantas outras pessoas da minha aldeia e lançou o seu olhar para Genoveva, Joana, Maria, etc., para serem as primeiras! Oh! Que grande graça de Deus! Oh! Proceder da divina Providência! Sêde para sempre bendito!» Esta consideração, minhas queridas Irmãs, dar-vos-á seguramente o desejo duma grande perfeição.

Falámos, creio eu, na última reunião, da cordialidade que devíeis ter umas para com as outras. Recomendei-vos que não consintais no vosso coração nada que possa desagradar às vossas companheiras e que vos não desedifiqueis umas às outras. Minhas queridas Irmãs, lembrai-vos que é esse o cimento da vossa união, que vos é tão necessária. Sêde fiéis a esta prática, e vereis que daí resultará um grande bem. Evitará particularmente grande quantidade de murmurações que acontecem muitas vezes, se não nos acautelarmos. Ninguém desagrada tanto a Deus como um murmurador. Que faz um assassino? Mata o corpo duma pessoa cuja alma será bem-aventurada no céu. Mas, eu vos pergunto, que faz o murmurador? Muito pior. Não mata o corpo, mas mata talvez com uma só palavra grande número de almas. Sim, minhas Irmãs, uma Irmã que dissesse a outra o descontentamento que recebeu talvez do Superior ou da Superiora, que se lamentasse por estar num lugar onde não tem satisfação, que sentisse a tentação de se retirar e o dissesse, queixando-se daqueles que fossem a causa do seu desânimo; sim, minhas Filhas, digo-vos que essa pessoa seria pior que um assassino. As pobres Irmãs que a escutam sentir-se-ão desedificadas com todas essas murmurações, começarão a murmurar ainda mais, desgostar-se-ão com o seu estado, e deixarão enfim a sua vocação, por meio da qual Deus as queria salvar e santificar. Esta pobre Irmã que primeiro murmurou não

será a causa da perda de todas as outras? E que poderá fazer para restituir a essas almas a vida que lhes roubou? Não compreendeis vós que esta Irmã, se houvesse alguma aqui — o que Deus não permita! — seria pior que um assassino, pois a vida do corpo nada é comparada com a da alma!

Mas, dir-me-eis, que há-de fazer esta Irmã no seu descontentamento? Ó minhas Filhas, sabeis que deve fazer? Deve ir procurar-me, a mim ou a vossa Superiora, contar a um ou a outro os seus desgostos; e a sua companheira, em vez de escutar, deveria dizer-lhe: «Em nome de Deus, minha Irmã, lembremo-nos que somos Filhas da Caridade e que, como tais, não nos devemos lamentar de nada e amar cordialmente as nossas Irmãs.»

Portanto, minhas Filhas, apraza a Jesus Crucificado, pois fostes escolhidas para imitar a Sua santa vida na terra, obter-vos de Deus, Seu Pai, as graças de que necessitais para serdes verdadeiras Filhas da Caridade! Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. *Amen.*

6 — CONFERÊNCIA DE 16 DE AGOSTO DE 1641

EXPLICAÇÃO DO REGULAMENTO

Eis-nos aqui reunidos, pela graça de Deus, minhas queridas Irmãs. Há muito tempo que vos devia ter reunido, mas impediram-mo principalmente a minha miséria e as minhas ocupações. E depois, minhas Filhas, espero que a bondade de Deus tenha suprido o que vos devo. Esta mesma bondade permitiu esta reunião neste dia de S. Roque, que é um dos santos a que deveis ter grande afeição, pois passou toda a sua vida no serviço da caridade até apanhar o contágio entre os empestados que tratava por amor de Deus. Como sois felizes, minhas boas Irmãs, por Deus vos ter chamado para um tão santo emprego! Há algumas entre vós que assistem aos pobres doentes com tanto fervor que se sentem felizes por se exporem ao mesmo perigo que o nosso bom S. Roque. As nossas boas Irmãs de Angers entraram no hospital com um ar contagioso, e assistiram aos empestados com tanta facilidade como aos outros doentes. Parecia até que o mal se familiarizara com elas; porque os tratavam todos sem excepção.

Oh! Deus seja bendito, Deus seja bendito, Deus seja bendito, minhas queridas Irmãs! É na verdade a caridade que nos ensina o Espírito Santo, quando diz que não há maior caridade que perder a sua alma, isto é, a sua vida por amor do próximo. Como é

santa a nossa condição, minhas queridas Irmãs ! Pois não é verdade que a maior felicidade que poderemos ter, é ser amados por Deus ? Nada no-lo assegura tanto como o exercício que a nossa condição requiere e que vós praticais, minhas boas Irmãs, pois não pode haver maior caridade que a de expôr a sua vida pelo próximo. Não é isso que fazeis todos os dias com o vosso trabalho ? Oh ! Como sois felizes ! Sêde muito reconhecidas por esta graça e tende grande cuidado em conservá-la ; e para isso sêde fiéis na observância do vosso pequeno regulamento, quer estejais fora de casa ou dentro dela. Oh ! Como é perigoso, minhas Filhas, collocar-se no risco de a perder ! Fugi de todas as ocasiões, para evitar as desgraças em que caiem as almas que desprezam a sua vocação e abandonam o serviço de Deus. Sabeis o que lhes acontece ? Abandonadas de Deus, cometem as maiores faltas e ficam à mercê dos seus sentidos. Eu não posso reproduzir-vos melhor esse estado, do que pelo infeliz sacerdote que, por se ter tornado indigno do seu carácter por faltas notáveis, mereceu ser degradado. Vêde o que faz o Bispo : tira-lhe o cálice das mãos, com palavras de execração ; depois a estola, censurando-lhe a sua indignidade ; e depois o manipulo e as outras vestes sacerdotais, prosseguindo sempre nas mesmas maldições ; e finalmente o entrega ao poder secular. Acontece assim, minhas Filhas, com as pessoas que, pela sua inconstância, perdem a sua vocação. Deus retira-lhes pouco a pouco as suas graças e acaba por abandoná-las completamente. Temamos este justo castigo e façamos todo o possível por conservar este precioso tesouro. Um dos meios de conservar a nossa vocação é tê-la em grande estima e pensar com frequência na graça que Nosso Senhor vos fez tirando-vos das vossas terras, casas e conhecimentos, para vos pôr num estado de vida tão santo.

Tinha-me proposto fazer leitura do vosso regulamento e das santas práticas da casa ; mas o tempo é pouco ; contudo não o deixarei de fazer.

Dizei-me, vos peço, devem as Filhas da Caridade levantar-se às cinco horas e fazer a oração em seguida ?

As respostas das Irmãs mostraram que nenhuma deixava de o fazer, a não ser quanto à oração, as que não sabiam ler, e as que, devido ao grande número de doentes, não podendo fazer a oração em casa, aproveitavam para isso o tempo da santa Missa.

Uma das Irmãs perguntou se valia mais fazer oração ou ouvir a santa Missa ?

A pergunta é boa, minhas Filhas, disse o Senhor Padre Vicente ; deveis, tanto quanto possível, ouvir a missa todos os dias ; mas, se o serviço da casa ou dos pobres assim o exigir, não deveis pôr dificuldade alguma em omiti-la. Vou dizer-vos o que um abade da

ordem de S. Bernardo me disse a este respeito. No seu tempo não havia na casa senão três ou quatro padres e grande número de outros religiosos, que, logo que acabavam a reza, iam para o seu trabalho. Um soberano, que presenciou isto, disse-lhe um dia:

Meu Padre, porque é que os vossos religiosos não ouvem a missa todos os dias?

— Senhor, é que isso prejudicar-nos-ia muito, quanto às necessidades da casa.

— Dizei-me, eu vo-lo peço, quanto perderíeis cada ano?

Contaram o ganho que tiravam, aproveitando o tempo que cada um gastaria a ouvir a missa, e viram que perderiam quarenta escudos; que era muito naquele tempo. Este soberano deu-lhes essa importância, e, por consequência, a comodidade de ouvir a santa missa. Vêdes por este exemplo, minhas Irmãs, que, nas necessidades de que vos falei, não deveis ter escrúpulo em não assistir à missa todos os dias. Quanto a saber o que deveis preferir, se a oração ou a missa, dir-vos-ei que, quando tiverdes uma meia hora de tempo, podereis não omitir nem uma nem outra. Ide à igreja, e depois da preparação, feita em união com o sacerdote, dizei o *Confiteor*, para que, perdoados os vossos pecados, as vossas orações sejam mais agradáveis a Deus. Entrai em seguida no assunto da vossa oração que lereis no livro, assim como a lestes na véspera à noite. Mas, minhas Filhas, acostumai-vos, tanto quanto possível, a fazer a oração em casa, como o vosso regulamento e o costume da Casa o requerem.

Depois da missa, deveis exercitar-vos na leitura, para vos tornardes aptas a ensinar as meninas. Deveis, minhas queridas Irmãs, aplicar-vos a isso seriamente, pois é um dos dois fins para que vos dais a Deus: o serviço dos pobres doentes e a instrução da juventude, e isto principalmente nos campos. A cidade está quase toda fornecida de Irmãs; é portanto justo irdes trabalhar nos campos. Não estais todas nesta disposição, minhas boas Irmãs, sem olhar à terra, aos conhecimentos, nem aos lugares próximos ou afastados?

Todas as Irmãs, com um semblante alegre, responderam que a sua intenção era ir para onde a obediência as mandasse.

— E quanto ao vosso exame antes do jantar, sêde-lhe fiéis, minhas Filhas. Sabeis que deve ser feito sobre a resolução tomada na oração da manhã, e agradecer a Deus se, por Sua graça, a tiverdes posto em prática, ou pedir-Lhe perdão se, por negligência, a ela tiverdes faltado.

A maior parte das Irmãs prometeu não faltar a este exame.

— E a lembrança de Deus, minhas queridas Irmãs, tende-la com frequência?

Algumas Irmãs responderam que levantavam o coração a Deus várias vezes por hora; outras nas ocasiões das pequenas contrariedades; a maior parte, em todas as horas; e um pequeno número, quase nunca.

— Minhas Filhas, a prática de ler um capítulo da *Introdução*, do nosso bem-aventurado Pai, tem-vos sido muito proveitosa. Não descureis este meio. Quanto à reconciliação, quando acontece haver entre vós algum pequeno descontentamento, pondeis-vos de joelhos para pedirdes perdão uma à outra?

Esta prática é muito necessária, como também a de vos avisardes caridosamente, quando virdes vossa Irmã cair em qualquer falta. Mas sabeis como se deve proceder? Se uma Irmã vir que uma das suas companheiras caiu numa falta oculta, deve avisá-la uma ou duas vezes para praticar a correção fraterna. Se o aviso não der resultado, deverá prevenir-me a mim ou à Directora, conforme for mais fácil. Reparai, minhas Filhas, que isto é de ordem divina pois o próprio Deus disse que pediria contas a cada um da alma do nosso irmão. Estamos encarregados uns dos outros; e quanto a mim, é o Senhor P.^o Dehorgny quem me deve avisar das faltas que eu tiver. Que se faça outro tanto entre vós. Recomendo-vos esta prática; é de grande bênção para as pessoas que a ela se submetem.

Ao interrogar, o Senhor Padre Vicente viu que este exercício só estava em uso entre algumas Irmãs, e muito raramente entre outras.

— O' minhas Filhas, sejamos fiéis a Deus e contemos com os Seus julgamentos, particularmente no que se refere às contas que Lhe havemos de prestar do exercício da nossa vocação. Tenho grande motivo para as temer. O tempo é pouco; temos que ficar por aqui, e adiar o resto para daqui a quinze dias. Peço-vos que venhais sem outro aviso. Apraza a Deus, minhas Filhas, tirar a Sua glória do que acabamos de dizer e conceder-nos a graça de imitarmos a caridade deste grande S. Roque, para, sem nada reccar, praticarmos a caridade puramente por amor de Deus! Peço-Lhe de todo o meu coração se digne abençoar-vos. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. *Amen.*

7 — CONFERÊNCIA DE 15 DE OUTUBRO DE 1641

SOBRE O JUBILEU

Minhas queridas Irmãs, esta reunião não tem outro fim senão o de vos instruir a respeito do jubileu, para que, quando souberdes

Instrução VII. — Arquivo das Filhas da caridade; o original é da calligrafia de Luisa de Marillac.

no que consiste, tenhais maior desejo de o ganhar. A palavra jubileu vem da antiga lei. O ano jubilar era de cem em cem anos e trazia grandes privilégios para os que então estivessem no mundo; mas cingia-se apenas a bens temporais; aqueles cujos bens lhe tivessem sido vendidos, poderiam recuperá-los, e aqueles que tivessem dívidas ficavam isentos delas. O ano chamava-se ano de alegria ou de júbilo; e daí veio a palavra jubileu.

Ora, minhas queridas Irmãs, na lei da graça, para os cristãos, a alegria do jubileu é muito diferente. A Santa Igreja, dirigida pelo Espírito Santo, concede regularmente o jubileu de vinte e cinco em vinte e cinco anos, e é por esta razão que o teremos dentro de nove anos. O Santo Padre, em virtude do poder dado por Jesus Cristo a S. Pedro, concede-o excepcionalmente, em virtude de grandes necessidades, comô vamos ver este ano, não da mesma maneira que na antiga lei, mas concedendo-nos meios de regressar à graça de Deus que perdemos pelo pecado, para reparar as nossas forças e compensar o bem que deveríamos fazer e não fizemos.

A razão porque foi estabelecido o jubileu, minhas queridas Irmãs, foi a necessidade univereal que existe em toda a cristandade; por isso o Santo Padre o estendeu não somente à França, Itália, Espanha e Índias, mas também aos antípodas, e isto, para impetrar de Deus o perdão dos nossos pecados. E sabeis o que é a graça do jubileu? O Santo Padre, que tem a chave dos tesouros da Igreja e o poder de os dispensar aos fiéis, espalha-os liberalmente. E sabeis de que são compostos estes tesouros?

Em primeiro lugar, dos méritos da vida, morte e paixão de Jesus Cristo, da Santíssima Virgem, dos santos mártires e de todos os santos, que tiram o seu valor dos méritos do Filho de Deus.

Sabeis, minhas queridas Irmãs, que vantagem tiram do jubileu as nossas almas, se o ganharem bem? Quando a alma ofende a Deus, há abandono de Deus e entrega à criatura. Proceder assim, não será fazer-lhe uma grande injúria, a Ele, tão bom e tão digno de ser amado? Ora, minhas Filhas, sabeis que por este abandono do pecador para com Deus, fica merecendo o inferno, e que pela sua entrega à criatura, merece as penas, doenças e aflições, como vêdes acontecer no mundo às criaturas tantas vezes, ou como sucede no purgatório, se não tiverem satisfeito nesta vida. Não se deve todavia julgar, minhas queridas Irmãs, que todos os que são afligidos, são-no pela pena devida aos seus pecados. Deus procede algumas vezes assim por outros motivos; por exemplo, para experimentar o seu amor e a sua fidelidade, como fez com Jó e Tobias, que eram ambos seus amigos. Mas, nessas aflições gerais de todos os povos, há motivo para crer que Deus quer castigar-nos dos nossos pecados. É por isso, minhas queridas

Irmãs, que todos nós devemos esforçarmos por ganhar este jubileu.

Disse-vos que o pecado tem dois efeitos: o afastamento de Deus e a entrega à criatura. Pelas nossas confissões ordinárias apagamos o primeiro, que nos faz merecer o inferno. Pelas penas, doenças e aflições é reparada a conversão às criaturas; e lucrando o jubileu, essas penas, que devíamos sofrer pelo pecado, são-nos completamente remidas. Considerai, minhas Filhas, que proveito para nós lucrar esse santo jubileu! Pensemos bem no que fizemos quando ofendemos a Deus. O quê! Minhas Filhas, se um corteão, nos aposentados do seu príncipe, lhe voltasse as costas, não seria uma grande desonra? É quanto maior, se fosse para se voltar para uma outra criatura! Em vez de agradar a Deus, ter prazer em ofendê-Lo, em procurar as nossas próprias satisfações! Ó minhas Filhas, somos miseráveis quando procedemos deste modo! Esforcemo-nos, neste santo tempo, por satisfazer à justiça de Deus. Talvez seja este o último jubileu que vejamos na nossa vida. Não percamos a ocasião de participar deste ano de alegria, alegria, não de voltar a entrar na posse dos nossos bens temporais, mas de evitar as penas que infalivelmente teríamos de sofrer, se não as tivéssemos satisfeito; é esta a ordem que Deus nos impôs quando, desde o começo do mundo, perdoando a Adão, lhe impôs a pena devida ao pecado, e quando disse a David que o filho da mãe que participara da sua falta morreria para satisfazer a pena devida à sua sensualidade.

Vejamos agora, minhas queridas Irmãs, os meios de ganhar o jubileu. São os que ordena a bula do Santo Padre. Primeiro, converter-nos a Deus de todo o nosso coração, por uma confissão boa e íntegra. Sim, minhas Filhas, esta penitência tem tão grande poder, que Deus disse: «Se dissesse ao pecador que seria condenado, e fizesse penitência, não o condenaria. (Ez. 23,14).

Disponde-vos portanto, minhas Filhas, a fazer uma boa confissão; e se nem todas tiverem feito uma confissão geral, que pensem nisso. Que grande bem será para vós, minhas Filhas, porque não somente serão perdoados os vossos pecados mas até reparadas as vossas negligências! Examinai-vos bem, particularmente sobre os mandamentos de Deus e a prática do vosso regulamento, que não é pouca coisa, pois a vossa vocação é das maiores e mais santas que existem na Igreja. Oh! Deveis ter uma grande virtude para perseverar! Pois não sois só para servir os corpos dos pobres doentes, mas também para os instruídes no que puderdes. É por isso que é bom não perderdes nenhuma ocasião de vós mesmas vos instruídes bem. E como uma das principais partes da penitência é a resolução de nos corrigirmos,

deveis aplicar-vos fortemente a isto antes de fazer a vossa confissão. Uma outra condição da bula para lucrar o jubileu é jejuar uma ou três vezes durante a semana escolhida para o lucrar. Aqueles que nunca fizeram confissão geral e tiverem grandes peccados, mesmo de casos reservados, devem jejuar na quarta, sexta e sábado, e os outros na sexta-feira apenas. Todos os confessores aprovados pelo Senhor Arcebispo de Paris, minhas Filhas, têm o mesmo poder de absolver que os Papas; o que não se dá noutro tempo, senão na ocasião do jubileu.

Uma outra condição é visitar as Igrejas. Foram nomeadas em grande número, mas basta visitar uma ou várias. Nessa visita deve-se rezar pelas intenções da Igreja, que são aquelas para as quais o Santo Padre nos alargou os seus tesouros, a saber, pela santificação e exaltação da Santa Igreja, pela paz entre os príncipes cristãos e pela conversão dos pecadores em geral.

Tende também, minhas Filhas, a intenção de vos tornardes verdadeiramente boas Filhas da Caridade; porque não basta ser Filha da Caridade no nome; deveis sê-lo realmente. Não serviu de nada às cinco virgens do Evangelho o serem virgens e convidadas para a boda do Esposo, visto lá não terem entrado. Falta-vos o azeite nas suas lâmpadas, isto é, não tinham caridade, nem eram exactas na observância das suas regras. Não é portanto, minhas queridas Irmãs, o nosso estado, não são as nossas qualidades que nos tornam agradáveis a Deus e que nos salvam, mas a maneira como nos desempenhamos das qualidades que temos. Nosso Senhor mesmo o disse: «A todos os que disserem: Senhor, não expulsámo-nos os demónios em vosso nome, e não fizemos muitas outras obras? Ser-lhes-á respondido: não vos conheço. (S. Mat. 7,22-23).» E porquê? É porque não fizeram as suas acções em caridade. E por isso, minhas Irmãs, deveis tornar-vos muito exactas na observância das vossas regras. Por esse meio vos podeis aperfeiçoar e tornar-vos agradáveis ao vosso Esposo, que receberá os serviços que Lhe prestardes na pessoa dos seus pobres doentes. Olhai para vós, minhas Filhas, examinai-vos; achais-vos melhores do que éreis quando viestes para a Caridade? Um grande santo disse que, na vida espiritual, aquele, que não avança, recua. Não tereis perdido muito se desde há 4, 7, ou 8 anos nada adiantastes na vida espiritual, na correcção dos defeitos e na mortificação dos sentidos?

Uma das Irmãs objectou que tinha grande difficuldade em fazer oração e que não sentia gosto algum.

Ó minha Filha, estou muito satisfeito por me terdes feito esta objecção. É verdade que fazem muito bem as que se podem aplicar aos métodos que nos dão para fazermos oração, particular-

mente o que se encontra na *Introdução à vida devota*. Mas nem todos podem. Cada um pode conservar-se aos pés da cruz, em presença de Deus; e se nada tem para lhe dizer, esperará que Ele lhe fale; e se Ele a deixar lá, aí se conservará de boa vontade, esperando da Sua bondade a graça de a ouvir ou de lhe falar. Santa Teresa esperou perseverantemente durante vinte anos que Deus lhe concedesse o dom da oração; e recebeu-o tão abundantemente que os seus escritos são admirados pelos maiores doutores. Não desanimeis portanto, minhas queridas Irmãs, se julgais perder o vosso tempo na oração; basta que façais nela a vontade de Deus, obedecendo ao vosso regulamento. Não estais vós todas, minhas queridas Irmãs, nesta disposição?

As Irmãs testemunharam que era esse o seu desejo. E porque o serviço dos doentes impedia muitas vezes as Irmãs das paróquias de fazerem oração, o Senhor Padre Vicente, com a sua costumada caridade, propôs mudar a hora do deitar e do levantar; o que todas as Irmãs aceitaram de boa vontade, não sem terem apresentado alguma dificuldade. Depois o Senhor Padre Vicente animou-nos ainda a nada omitirmos para lucrar o jubileu: Olhai para vós, minhas Filhas, pensai em vos preparardes para este santo tempo. Se quizerdes, poderei servir-vos nisso; sim, minhas Irmãs, dar-vos-ei um ou dois dias na semana para vos ouvir de confissão. Sua caridade mostrou-se na sua costumada dignidade. Não repreendeu as faltas das Irmãs, mas animou-as somente a proceder melhor e escutou com grande paciência muitas propostas que pareciam inúteis. Algumas Irmãs desculparam-se de não poderem observar o regulamento: umas porque tinham o costume de visitar as Senhoras, com o fim de obterem esmolas para os pobres necessitados, e que tinham, em troca, de lhes prestar pequenos serviços, para lhes serem agradáveis; outras porque velavam até tarde para fiar, a fim de terem de que viver e se manterem.

O Senhor Padre Vicente respondeu:

Estou contente, minhas Filhas, por me terdes apresentado estas objecções. Como vedes deveis desembaraçar-vos dessas visitas que vos impedem de praticar o vosso regulamento. A primeira vez que as Senhoras vos mandarem buscar, ide em nome de Deus, e dizei-lhes: «Minha Senhora, para vos vir falar, deixei a minha oração, ou tal outro exercício: peço-vos muito humildemente que não leveis a mal se noutra ocasião não vier». Ficai sabendo, minhas Filhas, que as Senhoras não ficarão melindradas, mas, pelo contrário, amar-vos-ão mais. Quanto ao vosso trabalho, ó minhas Filhas, tendes bastante com que vos alimentardes. Uma das vossas Irmãs não tem mais do que vós, e todavia, há um ano, pouco mais ou menos, enviou-me cincoenta francos, de suas eco-

nomias. Não é que vos aconselhe a não fazerdes nada, mas deveis pensar principalmente no serviço dos vossos pobres e no cumprimento do vosso regulamento. Por conseguinte, minhas queridas Irmãs, peço a Deus que inspirou ao Santo Padre a ideia de dilatar para vós os tesouros da sua misericórdia, se digno dispor as vossas almas a recebê-los. Que o Seu amor, que vos chamou a um tão santo exercício, vos faça a graça de lucrardes este santo jubileu e vos conceda novas forças para entrardes na prática do vosso regulamento! Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

8— CONFERÊNCIA DE 6 DE JANEIRO DE 1642

SOBRE AS FALTAS DO ANO FINDO

Minhas queridas Irmãs, reunimo-nos hoje para vermos, no começo do ano, como passámos o precedente e procurar passar melhor o presente. Deveis ligar grande importância ao nome que trazeis. Não foram os homens que vo-lo deram; e está nisso uma prova certa de que vem do próprio Deus. Os Padres da Igreja, no princípio do cristianismo, tinham por certo, que os escritos cujo autor se não podia descobrir depois de muitas investigações, eram feitos pelos Apóstolos. É grande motivo de consolação para vós, minhas Filhas, pois nunca se pensou em vos dar um nome. Mas, com o correr dos tempos, o mundo, vendo-vos tão aplicadas no serviço dos pobres e outras boas obras, comumente vos chamou Filhas da Caridade. Estimai este santo nome, minhas Irmãs, e procedei de maneira a mostra-vos sempre dignas de o trazer. Que julgais vós, minhas Irmãs, que quer dizer este belo nome: *Filhas da Caridade*? Nada mais que *filhas de Deus*, pois quem está em caridade permanece em Deus e Deus nele. Deveis portanto ser muito mansas e cordiais, e uma escola de todas as virtudes. Em primeiro lugar, deveis ter entre vós uma grande união, e se fosse possível, semelhante à das três pessoas da Santíssima Trindade; pois como poderíeis praticar a caridade e a mansidão para com os pobres, minhas queridas Irmãs, se a não tivéssis arreigada em vós?

Começaremos pois por uma prestação de contas dos defeitos do ano anterior. Dir-vos-ei sete, que notei ou de que fui avisado. Será isto um bom meio de vos aperfeiçoardes. Tenho pena, minhas Irmãs, de não ter podido fazer esta instrução mais cedo. É preciso fazê-la no fim de cada ano. É o que se faz em muitas Comunidades, particularmente entre nós. Não disse um grande profeta

Instrução VIII. — Manuscrito S V 3, pág. 17 e segs. As palavras postas no manuscrito, no princípio desta conferência: «Instrução dada . . . na casa de S. Lázaro», mostram que as Irmãs ocupavam já a sua nova morada.

que recordava na amargura do seu coração as suas faltas passadas? O primeiro defeito é o de se não suportarem umas às outras. Nada mais necessário, minhas queridas Irmãs, que este suporte mútuo porque de ordinário encontram-se nos caracteres pequenas contradições. Não vêdes que nós mesmos, no nosso íntimo, mudamos tantas vezes de disposições, que nos tornamos insupportáveis a nós próprios? Era isto que levava Jó a dizer: «Meu Deus, como me fizestes tão discordante a mim mesmo, como o noto». E não vêdes que as nossas vísceras não se confundem, elas que estão tão unidas na aparência? Eis, minhas Irmãs, porque devemos apegar-nos fortemente à prática do suporte.

As antigas honrarão a idade perfeita de Nosso Senhor e a tolerância que teve para com homens tão imperfeitos que o cercavam, se suportarem as novas nos seus defeitos, virem nelas a vocação de Deus para o seu serviço, as animaram com o exemplo e a palavra. O Filho de Deus ensinava os seus ainda mais com o exemplo do que com a palavra. Imitai-O, minhas queridas Irmãs. As antigas devem ser extremamente exactas em todas as observâncias, fazerem aquilo que mandam fazer às outras, escolher o pior, suportar os pequenos defeitos das recém-vindas, animá-las com palavras e consolá-las algumas vezes nos seus pequenos aborrecimentos, dizendo-lhes que elas próprias experimentaram essas pequenas dificuldades porque todas as tiveram, minhas Filhas, e é bom que as tenham, contanto que as manifestem sinceramente aos seus Superiores, e só a eles.

As antigas deverão animar as novas, testemunhar-lhes respeito, aprovar os seus trabalhos, receber de bom grado o que disserem ou fizerem, e sobretudo absterem-se de lhes falar e de as considerar como estranhas, e de escarnecer da sua maneira de falar e de vestir. Quando as encontrarem, deverão sempre dirigir-lhes alguma palavrinha, como por exemplo: «Então, minha Irmã, sois muito fervorosa? Gostais muito da oração e de todas as práticas de nossos regulamentos? Tende muito ânimo. Como passais? Começais a habituar-vos à nossa vida?»

Disseram ao Senhor Padre Vicente que muitas Irmãs se escandalizavam com a saída daquelas que deixavam a Companhia, principalmente das que já estavam há oito ou dez anos; murmuravam e desanimavam. Outras entristecem-se por o mundo lhes perguntar com frequência o que é que ganham, dizendo-lhes que perdem o tempo, ou chamando-lhes preguiçosas e pretendendo que estão na Companhia para ganhar a vida comodamente.

O Senhor Padre Vicente respondeu:

Minhas Filhas, quanto às que saíram, ninguém se deveria admirar. Bem sabeis a paciência que tivemos com elas; ora se

mudavam de lugar, ora se mudavam as Irmãs, pensando que se conciliariam melhor com umas do que com outras; foram mesmo enviadas para os campos, para procurar, por todos os meios, obter a perseverança na sua vocação. Se, depois disto, se não souberam vencer, quereíeis que se conservassem com risco de prejudicarem toda a Comunidade? Ó minhas queridas Irmãs, isso não seria razoável. Estai certas de que se não faz nada sem o ter pensado muito. Ainda há pouco recebi queixas dum homem de condição em casa de quem está uma delas a servir; disse-me: «Senhor, se minha mulher não afastar depressa essa donzela da nossa casa, creio que serei obrigado a deixá-la, de tal modo é uma pessoa perigosa.» Dando conta um dia ao Senhor Arcebispo de Paris duma visita que por sua ordem fizera a um mosteiro, disse-lhe que nada encontrara de mal nessa casa, a não ser que a maior parte das Irmãs se lamentava de que a Madre recebia todas as que se apresentavam e que não saía nenhuma. «Oh! Que má direcção — respondeu-me ele! Que grande avareza!» De tal maneira importa que as religiosas se libertem das pessoas que podem prejudicar as outras. Eis a razão, minhas queridas Irmãs, por que vos não deveis admirar quando algumas se retirarem; pois, como vêdes, correis o perigo de murmurar contra os Superiores, o que constituiria uma grande falta, uma falta pior que a que pratica um assassino. Como vêdes, se apparecesse na vossa casa o corpo de um homem morto, o seu assassino teria feito menos mal que um murmurador; pois matou apenas um corpo, e a que murmura corre o risco de matar várias almas. Ó minhas queridas Irmãs, acautelai-vos disso; pois, quando murmurais entre vós, ou falais mal da pobre donzela que saiu, ou criticais o procedimento dos vossos Superiores, faltas que Deus saberá castigar severamente.

Um dia Noé, que tinha o espírito enfraquecido, por ter bebido um pouco de vinho a mais, deitou-se todo descoberto. Alguns dos seus filhos fizeram troça dele; mas um deles, sabendo o respeito que devia a seu pai, voltou-se de costas para o não ver, e cobriu-o com o manto. Sabeis o que aconteceu? Os que tinham murmurado foram amaldiçoados por Deus com toda a sua descendência, e o filho respeitoso foi abençoado com toda a sua posteridade.

Quando o mundo vos perguntar o que ganhais, e pretender que perdeis o vosso tempo, oh! minhas queridas Irmãs, deveis fortalecer o vosso espírito contra todos os ditos e responder que vos considerais muito felizes por Deus se ter querido servir de vós nesta condição. Não tenhais receio; se vos virem assim resolutas, não vos dirão mais nada.

E àqueles que vos chamam criadas e vos censuram de ganhar

a vida com comodidade, respondi-lhes: «Muito desejaríamos servir a Deus e aos pobres à nossa custa; e se o pudesse, fá-lo-ia de muito bom grado; para testemunhar o amor e a honra que devemos aos pobres, com todo o prazer me tornaria pobre para o servir». Dizei estas palavras, minhas queridas Irmãs, mas com a condição de sentirdes no vosso coração essa disposição.

O mundo vos diz que a Companhia continuará durante a vossa vida, mas depois será preciso deixar tudo. Responder-vos-ei a isto, minhas queridas Irmãs, que nunca sucede assim com as obras de Deus. Teríeis um pobre apoio, se não tivésseis senão o duma pobre criatura. A vossa firmeza é a Santa Providência; foi Ela que estabeleceu a vossa Companhia, porque, quem vos escolheu, pergunto eu, quem fez de vós o que sois, senão Deus? Nunca vo-lo repetirei bastante. Nós nunca tivemos essas intenções. Sobre que bases julgais vós estabeleceu Deus a Sua Igreja? Eram numerosos os que o seguiam, e, no fim dos seus dias, só ficaram doze, que foram todos supliciados. Oh! Como as obras de Deus se assemelham pouco às dos homens! Não diziam o mesmo dos Padres do Oratório pela morte do Padre de Bérulle e de S. Francisco? Mas onde vou eu, miserável pecador! Não pode haver comparação. Não, minhas Irmãs, não tenhais receio, Deus não vos faltará nunca, se Lhe fordes fiéis. Procurai portanto aperfeiçoar-vos, servindo os pobres.

Reunir-nos-emos novamente daqui a um mês e falaremos do que convém fazer neste princípio de ano. Peço à Bondade Divina Se digne abençoar-vos, concedendo-vos a doce cordialidade das verdadeiras Filhas da Caridade, o suporte mútuo nas vossas imperfeições, a graça de vos conciliardes umas com as outras, se entre vós aparecerem algumas pequenas dificuldades. Enfim, minhas Filhas, peço à divina bondade se digne abençoar-vos, enchendo-vos duma inteira confiança na sua divina Providência, para cumprir eternamente a Santíssima Vontade de Deus e vos abençoe para sempre com o dom de todas as qualidades das verdadeiras Filhas da Caridade, segundo os seus desígnios. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. *Amen.*

9 — CONFERÊNCIA DE 9 DE MARÇO DE (1642¹)

SOBRE O SERVIÇO DOS DOENTES

No nono dia de Março, o Senhor Padre Vicente não pôde, por

Instrução IX — Arquivo das Filhas da Caridade; a caligrafia é de Luisa de Marillac.

(1) — O manuscrito indica somente o dia e o mês da conferência. O ano deduz-se de a caligrafia ser de Luisa de Marillac, a conferência ser feita num domingo e o domingo seguinte ser um dos quatro domingos que precedem o da Paixão (ver a conferência seguinte).

algum negócio forçado, estar presente no princípio da conferência que sua Caridade tinha resolvido fazer-nos sobre a maneira como devíamos servir os pobres doentes, para saber como ajudá-los a fazer bom uso das suas doenças segundo os desígnios que Deus tem sobre eles, prepará-los para a morte, se a doença for mortal, e, se o não for, provocar neles fortes resoluções de empregar o resto dos seus dias no serviço de Deus, melhor do que nunca o fizeram, e de pensar mais seriamente na sua salvação.

O Senhor Padre Portail começou a conferência e interrogou várias Irmãs, cujos pensamentos serão apresentados, se Deus quiser, na última conferência sobre esta matéria. Lembrarei somente aqui que tendo uma Irmã dito que julgava necessário dispor os doentes para fazerem uma confissão geral, o Senhor Padre Portail acrescentou que isso era com efeito muito importante e que Deus abençoava essa prática, pois dela se tinha servido para levar a Senhora General a fundar os Padres da Missão. O que aconteceu como segue. Numa das suas visitas a um homem de oitenta anos de idade, a dita senhora aconselhou-o a fazer uma confissão geral. Depois desta confissão feita ao Senhor Padre Vicente, o velho, ao receber de novo a visita da Senhora General, disse-lhe por várias vezes: «Minha Senhora, sem esta confissão estava condenado; sim, Minha Senhora, estava condenado; tinha pecados que não ousara confessar, e jamais confessaria, sem esta confissão». Desde então a dita senhora tomou a resolução de fundar a Missão.

O Senhor Padre Vicente chegou cerca das cinco horas e, ouvidos os pensamentos de algumas das nossas Irmãs, sua caridade continuou: Minhas Irmãs, é já muito tarde; não saberia dizer-vos a consolação que tive por este pouco que ouvi, e creio que a teria muito maior se tivesse ouvido todas as que falaram e as que ainda não foram interrogadas, mas é necessário adiar para o próximo domingo, se Deus quiser; porque este assunto é de grande importância, minhas Filhas, pois foi para este fim que Deus vos chamou.

Continuareis a fazer oração sobre os mesmos pontos e acrescentar-lhe-eis um outro que me esqueci de dizer, ou no qual se não reparou, isto é, motivos ou razões que temos para bem servir os pobres não somente corporalmente, mas espiritualmente. Com efeito, não seria fazer bastante, por Deus e pelo próximo, dar apenas o alimento e os remédios aos pobres doentes, se não os ajudássemos, segundo os desígnios de Deus, com o serviço espiritual que lhes devemos. Quando servirdes os pobres deste modo, sereis verdadeiras Filhas da Caridade, isto é, Filhas de Deus, e imitareis Jesus Cristo. Pois, minhas Filhas, como servia Ele os pobres? Servia-os corporal e espiritualmente; ia dum lado para

o outro, curava os doentes, dava-lhes conforme o dinheiro que tinha, e instrua-os sobre a sua salvação. Que felicidade, minhas Filhas, que Deus vos tenha escolhido para continuardes o trabalho de Jesus Cristo na terra! Fareis, no Domingo de manhã, a oração sobre este assunto, e considerareis diante de Deus os motivos e as razões por que devemos servir os pobres espiritual e corporalmente. Um dos principais motivos é honrar a santa vida humana de Nosso Senhor, imitando as suas acções neste ponto. Ó que felicidade, minhas queridas Irmãs, fazer o que um Deus fez na terra!

Queria apresentar ainda uma outra razão, este querido Pai; conteve-se e acrescentou: Oh! Não, minhas Filhas, devemos deixar-vos livres para o resto e contentar-nos com fazer como as mães que, obrigadas a deixar de amamentar os seus filhos antes de poderem comer facilmente, lhes mastigam um pouco o pão, no princípio, mas não muito, porque lhes tiraria a substância. Assim devo eu fazer; e depois, diante de Deus, vereis e aprendereis dele as outras razões. Portanto, minhas Filhas, peço a Deus, fonte de toda a caridade, que nos conceda a graça de aprender o meio de servir os pobres doentes corporal e espiritualmente no seu espírito e à imitação perfeita do espírito de Seu Filho, e que vos abençoe. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. *Amen.*

10 — CONFERÊNCIA DE 16 DE MARÇO (1642¹)

SOBRE O SERVIÇO DOS DOENTES

Continuação da conferência sobre os motivos que temos de servir os pobres doentes corporal e espiritualmente e ensinar-lhes a fazerem uso das suas doenças, a disporem-se para a morte e a tomarem fortes resoluções para viverem melhor quando forem curados. Esta conferência foi no (Segundo) Domingo da Quaresma, e o Senhor Padre Vicente deu-nos a honra de estar presente desde o princípio. Sua caridade, depois de apresentar o assunto, mandou às Irmãs que contassem os seus pensamentos. Em primeiro lugar os motivos.

O primeiro motivo, disse uma Irmã, é que os pobres têm a honra de representar os membros de Jesus Cristo, que considera como feitos a Si próprio todos os serviços que a eles se prestam.

O segundo é que a alma dos pobres tem em si a imagem de Deus, e por consequência, devemos honrar neles a Santíssima Trindade.

Instrução X. — Arquivo das Filhas da Caridade; o original é caligrafia de Luisa de Marillac.

(¹) — O assunto desta conferência corresponde ao que foi tratado a 16 de Março de 1642, Segundo Domingo da Quaresma.

O terceiro é a recomendação que a este respeito nos fez o Filho de Deus por palavras e exemplos. Para mostrar aos discípulos de S. João que Ele era o Messias, disse-lhes que os pobres eram evangelizados e os doentes curados.

O quarto é que, ajudar uma alma a salvar-se, é cooperar na completa realização dos desígnios de Deus na morte de Jesus Cristo. Motivos de outra Irmã:

Um poderoso motivo é que, pelo serviço dos pobres, honramos o que o Filho de Deus fez na terra e a sua santa humanidade. (Muitas Irmãs pensaram neste motivo). Um outro é a obrigação que temos de ajudar o nosso próximo como queríamos ser ajudados se precisássemos dele. Visto Deus não nos ter permitido a posse de bens para dar grandes esmolas, pelo menos devemos empregar no serviço dos pobres a força e o pouco de aptidão que nos dá. Uma outra Irmã frisou que os pobres são abandonados de todos, que têm muitas necessidades e precisão de consolação nas suas aflições, nem sempre sabem quem é Deus e por vezes nem sequer pensaram na sua salvação. E esta Irmã, como a maior parte delas, humilhou-se profundamente, pensando na graça que Deus lhe fizera de a chamar a uma tão santa vocação, e tomou a resolução de a estimar mais e tornar-se mais fiel a Deus.

Motivos de outra Irmã:

Feliz por pertencer a uma Companhia que tem o nome de Filhas da Caridade, deve aí honrar os pobres, considerar como tais as criancinhas enjeitadas, e servi-las, enquanto delas estiver encarregada, como se fossem o próprio Filho de Deus, como Ele o recomenda. Como o fim principal das Filhas da Caridade é imitar a vida de Jesus Cristo na terra, quer empregar a sua no serviço dos pobres, pois o Filho de Deus morreu por eles numa cruz, como por nós. E assim seremos verdadeiras Filhas da Caridade de facto e não somente de nome. O último motivo é o de prestar aos pobres todos os serviços que puder por amor de Deus e pelo desejo que tem de o contemplar um dia na sua glória.

Muitas Irmãs apresentaram como motivo o reconhecimento pela grande graça que Deus lhes fez em as chamar a uma vocação semelhante à do Filho de Deus na terra; humilharam-se pelas negligências que na sua vocação têm tido até esse momento, e formaram novos propósitos de maior fidelidade a Deus. O pensamento que os pobres são membros de Nosso Senhor constituiu para todas um poderoso motivo para os servir com mais cuidado e caridade do que o têm feito.

Uma outra Irmã. — Visto que nada tem e que todavia a esmola é tão agradável a Deus, quer dar-se inteiramente aos pobres para honrar a vida do Filho de Deus, que deu a sua por eles.

Uma outra Irmã. — Visto ter sido chamada por Deus para a Companhia das Filhas da Caridade, deverá servir os pobres espiritualmente, isto é, ajudá-los a conhecer a Deus e a tomar os meios precisos para se salvarem; e corporalmente, administrando-lhes os alimentos e remédios com muito cuidado e cordialidade.

Uma outra Irmã. — Visto Deus se querer servir de nós na pessoa dos pobres, considerá-los-ei em Jesus Cristo e servi-los-ei por seu amor.

Uma outra Irmã. — Ver a Deus na pessoa dos pobres e representar-se, com desejo de O imitar, a doçura, humildade e caridade que Jesus praticava servindo-os na terra, sem fazer excepção de pessoas e a todos igualmente segundo as suas necessidades.

Uma outra Irmã. — Deus tem por muito agradáveis os serviços que se prestam aos pobres por seu amor. Reconhece-se indigna da sua vocação e crê que qualquer outra faria melhor do que ela. Submete-se todavia à ordem da Providência, que a chamou para a Companhia, e compromete-se a visitar os pobres com a intenção de honrar a santa vida de Jesus Cristo.

Meios de excitar os pobres doentes a fazer bom uso das doenças que Deus lhes envia, apresentados pelas Irmãs da Caridade na conferência acima referida.

Depois de ter saudado os doentes duma maneira modestamente alegre, e de vos terdes informado do estado da sua doença, de vos terdes compadecido dos seus males e de lhes dizer que Deus vos envia junto deles para os servir e aliviar em tudo o que puderdes, deveis inquirir acerca do estado das suas almas, explicar-lhes que devem receber as suas doenças das mãos de Deus para seu maior bem e que, no seu eterno amor, permite esta doença para nos levar até Ele, porque muitas vezes com saúde só pensamos em trabalhar pela vida do corpo sem cuidado algum pela nossa salvação. Depois disto, sugerir-lhes um acto de fé sobre todos os artigos da nossa religião em geral e um acto de conformidade com a vontade de Deus, particularmente acerca da aceitação da doença. Eusinaí-lhes que Deus algumas vezes nos afflige por causa dos nossos pecados, e outras vezes para nos dar occasião de Lhe manifestarmos o nosso amor.

Falai-lhes com cordialidade, por exemplo: «Meu caro Irmão», ou «Minha cara Irmã, nas vossas grandes dores pensai nas do Filho de Deus, pedi-Lhe que una as vossas às suas e as ofereça a seu Pai pelos vossos pecados». Algumas vezes dizei-lhes: «Meu caro doente, pensai que, visto ter Jesus Cristo sofrido tanto por vós, deveis sofrer também por Seu amor e que não é justo que o servo vá por outro caminho diferente do de seu senhor. Considerai também que Deus permitiu a doença do corpo para

cura da vossa alma, com a qual é preciso ter grande cuidado, pois foi criada para o paraíso, onde estareis eternamente com Deus. Para vos ajudar a ter paciência, pedi-a com frequência a Deus e trazei muitas vezes aos lábios o santo nome de Jesus».

«Bem sei, meu bom amigo, que a vossa pobreza aumenta os vossos sofrimentos por causa das incomodidades que com a doença receberão a vossa mulher e os vossos filhos; mas, para suavisar esses pensamentos, considerai a pobreza do Filho de Deus e de Sua Santa Mãe, que não teve onde se abrigar quando o Seu Filho veio ao mundo; e Ele mesmo disse que não tinha onde repousar a sua sagrada cabeça.» Ó meu Irmão, como isto serve de grande consolação. — «Meu Irmão, uma coisa que vos deve consolar na vossa doença, é que, ainda que seja muito grande, nada é em comparação com o que Nosso Senhor sofreu por vós na cruz. Se o suportardes com paciência e por amor de Deus, vos aumentará a glória que haveis de ter no Céu. Essa doença passará, e a consolação de terdes sofrido por amor de Deus, de vos terdes conformado com a sua vontade, ficará, e Ele vos amará mais».

«Como vedes, meu Irmão, essa doença que Deus vos enviou, ajudar-vos-á talvez a evitar as penas do inferno, que não de durar por toda a eternidade. Estai certo que essa doença diminuirá muito as que teríeis de sofrer no purgatório pelos vossos pecados, mas com uma condição: é fazerdes bom uso dela e suportá-la por amor de Deus. Pelo contrário, muito tereis a perder se vos impacientardes na vossa doença; não quero dizer, se vos lamentardes, porque a queixa não é uma impaciência».

Uma Irmã notou que seria bom, ao entrar no quarto dos doentes, considerar neles Nosso Senhor na cruz, e dizer-lhes que o seu leito deveria representar para eles a cruz de Nosso Senhor, em que sofrem com Ele.

Reflexões duma outra Irmã: — Se o doente testemunhar algum descontentamento, fãzer-lhe ver que quando estamos doentes, é com a permissão de Deus, e que, nestas condições, devemos perguntar-nos o que é que desejaríamos, à hora da morte, ter feito durante a vida, e procurar reparar todos os nossos pecados por meio desta doença pela conformidade com a vontade de Deus, pela paciência em suportar a pobreza e as dores que sentimos e pela união dos nossos sofrimentos aos de Jesus na cruz.

Uma outra Irmã: — Levar o doente a fazer bom uso da doença, fazendo-lhe ver que o sofrimento é permitido por Deus, seu Criador, a quem deve adorar e amar, e se deve submeter. Esta Irmã testemunhou grande gratidão pela graça que Deus lhe concedeu de a ter escolhido para o fazer conhecer e amar, e imitar assim o proceder de Seu Filho na terra.

A maior parte das Irmãs observou que deveriam, logo que começassem a servir os doentes, ajudá-los a aproveitar do seu estado, e, para isso, fazer-lhes ver que, se estivermos em pecado mortal, tudo o que fizermos e soffremos não poderá ser agradável a Deus, perdemos muitos méritos e todos os nossos soffrimentos e penas se tornam inúteis. Informar-se em seguida do tempo de suas últimas confissão e comunhão e fazer-lhes compreender que a graça de Deus é a vida da alma, como o alimento é a vida do corpo e que, se estivermos muito tempo sem comer, o corpo morrerá.

11 — CONFERÊNCIA DE JUNHO DE 1642

SOBRE A OBEDIÊNCIA

Minhas queridas Irmãs, a nossa instrução de hoje será sobre um dos assuntos mais importantes para a vossa perfeição, a santa obediência, virtude tão agradável a Deus, que o Espírito Santo disse, por intermédio dos Padres da Igreja, que a obediência tem mais valor que o sacrificio e que quis que o Seu Filho a praticasse na terra, durante trinta anos, até à morte. Sim, Jesus Cristo preferiu a Santa obediência à sua própria vida Não disse Ele a S. Pedro, que queria impedir os Judeus de o prenderem: «Não queres que eu faça a vontade de Deus meu Pai, que é obedecer aos soldados, a Pilatos e aos algozes? E não sabeis que, se se não tratasse do cumprimento desta santíssima vontade, meu Pai me enviaria legiões de anjos que me livrariam?» (S. Mat. 26, 52-54.) Ó santa virtude! Minhas filhas, só sereis agradáveis a Deus na medida em que fordes obedientes.

Mas sabeis como se deve praticar esta virtude? Em muitas circunstâncias; porque devemos obediência ao Santo Padre, aos Bispos, aos Párocos, aos nossos Confessores, Directores e Superiores, ao Rei, aos Magistrados. E todos os que occupam o lugar de superiores são também obrigados à obediência. Eu, mesquinho como sou, a ela estou obrigado de tal maneira que, se aqueles que sobre mim têm poder me enviassem para as extremidades da terra, seria obrigado a ir; de resto, pela misericórdia de Deus, preferiria morrer do que deixar de ir. Somos ainda obrigados a obedecer às nossas regras e à divina Providência; e vós às Senhoras Officiais da Caridade.

Ó minhas Filhas, se soubésseis quanto a obediência é necessária às Filhas da Caridade! Sim, na verdade, é-lhes mais necessária do que para outra Comunidade qualquer. Que vos poderá con-

Instrução XI. — Arquivo das Filhas da Caridade; o original é caligrafia de Luisa de Marillac.

servar no serviço de Deus e na vossa santa vocação, senão a obediência? Sabeis o que é para vós a obediência? É para vós o que o barco é para os que navegam. O barco encerra os que estão dentro e os conduz ao porto. Se o barco se quebra e se despedaça em pleno mar, perecem todos os que contém. Assim é convosco, minhas queridas Irmãs: enquanto permanecerdes numa exacta obediência aos vossos Superiores, à vossa regra e à divina Providência, ireis directamente para Deus; mas se dela sairdes fareis naufrágio com certeza. Não tereis ocasião de obedecer ao Santo Padre, aos Bispos, nem aos Magistrados, mas sim aos vossos Superiores. Mas vejamos como se deve obedecer e o que é a verdadeira obediência. Devemos obedecer voluntária, pontual, alegre e prontamente, com discernimento e principalmente para agradecer a Deus.

Deveis obediência inteira ao vosso director. E já que Deus me deu de algum modo, a mim, apesar de indigno, a vossa direcção, estais obrigadas ao que eu vos ordenar. Aquelas que conheço (e são em grande número) recomendei que se contentassem, nas confissões ordinárias, com a acusação de três pecados, porque, ouso dizê-lo, pela misericórdia de Deus nenhuma das que tenho confessado comete pecados mortais; e, neste caso, a acusação das três faltas veniais que mais vos envergonham, basta. A vossa memória terá mais facilidade em as reter, e ser-vos-á mais fácil fazer actos de contrição e atrição sobre cada uma e tomar a resolução de vos corrigirdes delas.

Se acusásseis um grande número de pecados, como poderíeis chegar a detestá-los todos e a corrigir-vos deles? Não o conseguiríeis, minhas Irmãs. Praticai portanto a obediência neste ponto e este acto alcançar-vos-á a misericórdia de Deus para emenda dos pecados que por obediência não confessardes. Tive há tempos uma grande consolação a este respeito. Um dos maiores servos de Deus que conheço, dizia-me das nossas Irmãs de Angers: «Senhor, não sei de ninguém que melhor se confesse do que as vossas boas Irmãs do Hospital. Fazem-no depressa; mas isso parece partir dum coração verdadeiramente contrito. Acusam-se tão amarga e prontamente que se vê bem que apenas procuram a graça de Deus». Foi-lhes imposta a mesma prática que a vós, minhas Irmãs. Sêde obedientes neste ponto, eu vos peço.

Sois obrigadas a obedecer aos vossos confessores, no que respeita à confissão, como o cumprimento da penitência, e os meios de vos absterdes de ofender a Deus, mas não em coisas que fossem mal. Também não vos poderiam ordenar nada neste género nem aconselhar-vos coisa alguma contrária às vossas regras, porque nesse caso não seríeis obrigadas a obedecer-lhes. Sois ainda

obrigadas a obedecer às vossas Irmãs Superiores. A propósito disto, minhas Filhas, vem-me à ideia dizer-vos que estando um destes dias num mosteiro de meninas, o das Anunciadas, creio eu, vi que davam à Superiora o nome de «ancelle», isto fez-me pensar em vós. Este vocábulo «ancelle», minhas queridas Irmãs, vem da palavra «ancilla» que significa «serva», foi esta a categoria que a Santíssima Virgem tomou quando deu ao anjo o seu consentimento para a realização da vontade de Deus, no mistério da Encarnação de Seu Filho; o que me fez pensar, minhas queridas Irmãs, que para o futuro, em lugar de se dar às Irmãs Superiores o nome de Superiora, não usaremos senão esse termo de Irmã Servente. Que vos parece? Disse este querido Pai a algumas das Irmãs. E a sua proposta foi aceite.

O Senhor Padre Vicente disse ainda;

É assim que o Santo Padre se intitula e todos os seus despachos levam estas palavras: «Urbano, servo dos servos de Jesus Cristo.» E mesmo as Superiores da Companhia do Hospital Geral tomaram esse nome no princípio da sua instituição. Foi esse o desejo da boa presidente Goussault. Portanto, minhas queridas Irmãs, deveis obedecer à que tiver esse encargo, em tudo o que diz respeito ao serviço dos pobres e à prática das vossas regras.

Deveis ainda obediência aos desígnios da divina Providência, aceitando e recebendo da mão de Deus tudo o que vos for ordenado. Mas, minhas Filhas, vejamos que razões temos para obedecer. A primeira é que a obediência é tão agradável a Deus, que nos fez conhecê-lo por intermédio dos Santos Padres da Igreja, que tem mais valor que o sacrifício. Ora, minhas queridas Irmãs, não ignorais a grandeza do sacrifício, pois desde sempre, Deus mandou-o oferecer, para aplacar a sua divina justiça, justamente irritada contra os homens por causa dos seus pecados; portanto se Ele diz que a obediência ainda tem mais valor, vêde que estima deveis ter por ela. Uma outra razão, é que o Filho de Deus quis sujeitar-se a ela e praticou-a perfeitamente durante trinta anos, assim como a Santíssima Virgem, durante toda a sua vida, e S. José. E diz-se do Filho de Deus que foi obediente até à morte da cruz. Ó minhas Filhas, que motivo mais poderoso quereríeis para amar e praticar a santa obediência!

Um outro motivo ainda, para amar a obediência, é que, de ordinário, iludimo-nos a nós mesmos, e deixamo-nos cegar pelas nossas paixões, de forma que, para praticar o bem, temos necessidade de uma direcção. Acreditai em mim, minhas Irmãs, a obediência deve ser a principal virtude. Mas como é que se deve obedecer, minhas Filhas? Pronta e alegremente, com discernimento e, o que é principal, para agradar a Deus.

Quando obedecerdes pensai : «Agrado a Deus», ou, o que quer dizer o mesmo : «dou prazer a Deus». Ó minhas Filhas, o pensamento de que se dá prazer a Deus, não será um bom meio para nos fazer vencer as repugnâncias que pudésemos ter em obedecer ?

A obediência deve ser pronta, porque, minhas Filhas, ir deegar ou não ir logo, diminui muito o mérito desta virtude, desdificas as vossas companheiras e desgosta os Superiores; donde pode suceder que aquela que vos mandou preferiria fazer o que vos ordenou, e algumas vezes o faça. Sêde, portanto, muito prontas em obedecer, minhas queridas Irmãs. A ida da Santíssima Virgem a Belém e a Sua fuga para o Egito, devem servir-vos de exemplo. A vossa obediência deve ser voluntária e não forçada, nem pelo receio de desagradar ou de serdes repreendidas.

E se sentirdes alguma repugnância, o que pode acontecer, deveis vencê-la corajosamente; doutro modo a vossa obediência ficaria sem mérito. A obediência deve ser acompanhada da submissão da razão. O que quererá dizer com «submissão da razão», minhas Irmãs ? É fazer o que vos fôr ordenado com a convicção de que isso é o melhor, ainda que o que vos fôr ordenado não seja tão bom como o que tínheis no pensamento; e será melhor, porque a santa obediência é agradável a Deus.

Muitas vezes, minhas Filhas, o nosso juízo é cego, e o conhecimento do que é melhor está oculto, como às vezes acontece com os raios do sol, quando alguma nuvem se lhes opõe; não é que o raio não exista, mas desaparece por um tempo. Assim acontece que o conhecimento do melhor nos é velado pela preocupação de alguma paixão; o que bem nos faz ver que a maior segurança está em seguir a obediência. O fim principal da vossa obediência, minhas Irmãs, deve ser agradar a Deus!

Oh! Que felicidade, para uma mesquinha criatura, poder agradar a Deus! Não será isto uma grande felicidade? Tudo o que fizerdes por obediência, ser-Lhe-á muito agradável, pois é do-brar-se à sua vontade; que é prática dos Bem-aventurados.

Pelo contrário, se escutardes a vossa vontade própria, mesmo nas coisas melhores do mundo, correis o perigo de seguir a vontade do demónio, que, transformando-se em anjo de luz, nos excita ao bem para nos levar a algum mal. Empenhai-vos portanto minhas queridas Irmãs, em agradar a Deus pela vossa obediência. As vossas práticas de obediência são, de ordinário, para com a Irmã que está convosco nas paróquias. Não considereis se essa Irmã vos agrada, minhas queridas Irmãs. A tentação e a vossa vontade própria hão-de sugerir-vos algumas vezes, que, se fosse com outra Irmã, lhe obedeceríeis de boa vontade; mas, direis vós, «esta é tão rabugenta, fala-me tão rudemente, que não

sinto facilidade alguma em lhe obedecer.» Ó minhas queridas Irmãs, procurai que esse pensamento se não detenha no vosso espírito, considerai que Jesus Cristo e a Santíssima Virgem querem que vos lembreis do que eu vos disse: que, obedecendo à vossa Irmã, agradareis a Deus, e essa submissão e obediência, que era tão difícil, com certeza se tornará fácil.

Poderá ainda vir-vos à ideia: «Tem tão mau génio, que, o que manda fazer num dia, já o não quer no outro.» Ó minhas Filhas, não vos admireis. Se Jó se queixava a Deus de que se sentia tantas vezes em contradição consigo mesmo, que, o que queria de manhã, já à tarde lhe causava desgosto, porque é que vós outras de génio tão diferente não haveis de sentir as mesmas dificuldades? Mas sabeis o que concilia tudo? Um pouco de suporte mútuo. Acautelai-vos, minhas Irmãs, de que, quando uma Irmã vos manda fazer alguma coisa, as vossas repugnâncias vos não levem a dizer: «Fazei-a vós.» Ó minhas queridas Irmãs, que frase! Fazei-a vós! É uma expressão do demónio, de desordem e de desunião! É uma expressão funesta! Fazei-a vós! Esta frase jãmais deverá sair da boca duma Filha da Caridade.

O Senhor Padre Vicente insistiu tanto nesta expressão que nos fez compreender bem que era perigosíssima. A obediência que deveis às vossas regras é também para vós de grande importância. Deveis-lhes obediência desde o dia da vossa entrada na Companhia; porque não fostes nela admitidas sem primeiro terdes dito que o queríeis. Dá-se-vos de ordinário bastante tempo para reflectirdes; não se vos esconde nada.

Por isso, minhas queridas Irmãs, deveis ser extremamente pontuais, fazer atenção a todos os avisos e ir na mesma ocasião ao lugar aonde vos chamar o sino para os exercícios; pois faltar a um exercício, é faltar a tudo; como transgredir a um mandamento, é faltar a todos. E fazei atenção; se hoje fordes negligentes, na prática dum ponto das vossas regras, no dia seguinte faltareis a dois, depois a três, e por fim Deus retirará a sua graça; e é muitas vezes daí que vem a tibieza e o tédio da vocação; enfim Deus acaba por nos deixar, e é o que merecemos. Esse Deus tão bom não quer que contentemos os outros, com prejuízo do amor que lhe devemos, assim como o esposo da terra não quer que a sua esposa tenha olhares da complacência para outro. E ensina-nos esta verdade, dizendo que é um Deus cioso. Sim, minhas Filhas, é um Deus cioso e o esposo das nossas almas. Não é bom irritá-lo.

Uma Irmã perguntou se era melhor obedecer às Senhoras Officiais, quando quisessem o que a Irmã não quer. Nesse caso,

minhas Filhas, não vos ponhais em perigo de desgostar essas boas Senhoras Officiais, porque sem dificuldade deveis fazer o que a Irmã da casa vos ordenar.

Provede os vossos pobres de tudo o que lhes for necessário e ide aonde a obediência vos chamar, sem lhes falar nisso. E não deixeis nunca de ir às reuniões, minhas Irmãs, nem mesmo para irdes ouvir um sermão, porque, ainda que seja muito bom ouvir sermões, deveis contudo preferir estas reuniões, que se fazem só para vos ensinar quanto sois obrigadas a fazer; e tudo o que aqui se diz é para todas e para cada uma em particular; o que se não dá com os sermões.

Não digo que os não deveis ouvir quando puderdes mas somente, que nos dias das reuniões, deveis preferir encontrar-vos aqui. Sabeis como se deve praticar a obediência para com a divina Providência? Ó minhas queridas Irmãs, sede-Lhe muito fiéis quando tiverdes de mudar de casa, pensando que é esta divina Providência que manda, e não digais nunca: «É tal Irmã; é tal circunstância que me faz sair daquele lugar.» Crede pelo contrário, que é o cuidado da divina Providência por vós. Não sei se foi nesta reunião e a este respeito que o Senhor Padre Vicente nos disse: Ó minhas Filhas, deveis ter tão grande devoção, tão grande confiança e tão grande amor para com a divina Providência que, se Ela não vos tivesse dado esse belo nome de Filhas da Caridade, que nunca deveis mudar, deveríeis ter o de Filhas da Providência, porque foi Ela que vos fez nascer. Deveis ainda praticar a obediência para com a divina Providência nas incomodidades que puderdes ter e nas mudanças de que vos falei, persuadidas de que é Ela que permite essas incomodidades para vosso maior bem. E assim amá-las-eis e não vos perturbareis com nenhuma dificuldade que possa aparecer. Que cada uma se examine em que é que faltou à prática da obediência, e encontrareis muitas faltas. Ó minhas Filhas, são práticas muito importantes e deveis aplicar-vos a elas mais seriamente do que o tendes feito até agora. Antes desta reunião falei com três Irmãs, que me testemunharam terem faltado muito neste ponto e quererem humilhar-se. E o Senhor Padre Vicente chamou as cada uma por sua vez; pediram perdão a Deus e à Companhia das faltas que tinham cometido, que outras pessoas souberam e se desedificaram, e prometeram corrigir-se, com a graça de Deus.

O Senhor Padre Vicente prosseguiu nestes termos: Minhas Irmãs, têm-se notado outras faltas de grande importância na Companhia; e não procurais bastante corrigir-vos delas. Na maior parte confessastes que os vossos pecados eram a causa da queda do vosso sobrado, e eu convosco, o mais miserável pecador,

e reconheceste todas em particular que a maior falta que existia entre vós era a desunião. Um corpo não poderá ser perfeito se a sua união não for completa. Não será necessário, minhas queridas Irmãs, que no corpo humano a cabeça exerça as suas funções e do mesmo modo os braços e as pernas? Se os braços quisessem andar e os outros membros se quisessem aplicar a funções diferentes das que lhes são próprias, esse corpo seria mal feito, sem ordem nem harmonia. Acontece o mesmo, minhas Filhas, quando duas Irmãs não estão bem unidas. Não vêdes que, se a cabeça estiver doente, todos os outros membros a suportam? Assim deve ser convosco: suportai-vos mutuamente nos defeitos, pensando que, se hoje suportastes alguma das vossas Irmãs, quer nas suas enfermidades corporais quer em qualquer humor aborrecido, amanhã esta Irmã, ou outra, vos suportará do mesmo modo.

Outra grande falta é que, quando tendes alguma dificuldade, em vez de a declarar a nós ou à Irmã da casa, ides lamentar-vos à companheira que talvez esteja tão descontente como vós, ou incapaz de vos aliviar. Há ainda outras faltas de que me não recordo. Pois bem, minhas queridas Irmãs, continuou o Senhor Padre Vicente, não confessais vós que a maior parte caiu nestas faltas?

Pusemo-nos de joelhos, e algumas confessaram as suas faltas, e prometemos todas ser mais exactas para o futuro. Então o Senhor Padre Vicente pediu a Deus esta graça para a Companhia e acrescentou: Minhas Filhas, o Senhor Padre Portail lembrou-me uma coisa que vos será útil e agradável, creio eu; é fazer-vos uma conferência sobre as Irmãs falecidas desde o princípio da vossa Companhia. Será o primeiro assunto da nossa reunião daqui a quinze dias, se Deus quiser. Peço-vos que vos disponhais para isso por meio de duas meditações, que fareis com esta intenção, uma amanhã, pois tereis ainda a memória fresca, e outra em vossa casa, de manhã, quando fordes prevenidas do dia da reunião.

O assunto será este. Primeiro ponto, o proveito que a Companhia poderá tirar duma conferência sobre as virtudes das ditas Irmãs, tanto na vida como na morte; segundo ponto, honrar e dizer as virtudes que brilharam e sobressairam nessas Irmãs; terceiro ponto, procurar praticar, a seu exemplo, essas virtudes, por amor de Deus. Bendito seja Deus, minhas queridas Irmãs! Suplico à sua bondade que vos conceda a todas a graça de amar a santa obediência, e de a praticar, a exemplo do Seu Divino Filho, para com os vossos Superiores, as vossas regras e a Divina Providência, e dar-vos para este fim a bênção do Pai e do Filho e do Espírito Santo. *Amen.*

12. — CONFERÊNCIA DE JULHO (DE 1642¹)

SOBRE AS VIRTUDES DE MARGARIDA NASEAU

Descrição do que foi dito na conferência que o Senhor Padre Vicente mandou fazer em sua presença acerca das oito primeiras Irmãs falecidas, cujo primeiro ponto se encontra escrito no original. Segundo ponto, que consiste em considerar as virtudes que cada uma notou nas nossas Irmãs que Deus chamou a Si.

A Irmã Margarida Naseau foi a primeira Irmã que veio para servir os pobres enfermos da paróquia de S. Salvador, onde foi fundada a Confraria da Caridade no ano de 1630. Margarida Naseau, de Suresnes, foi a primeira Irmã que teve a felicidade de mostrar o caminho às outras, tanto para ensinar as meninas, como para assistir aos pobres doentes, embora quase não tivesse tido outro mestre ou mestra senão Deus. Era apenas uma pobre vaqueira sem instrução. Movidada por uma forte inspiração do céu, teve a ideia de instruir a juventude, comprou um alfabeto, e, não podendo ir à escola para aprender, ia pedir ao pároco ou ao coadjutor que lhe ensinassem o nome das quatro primeiras letras.

Noutra ocasião perguntava o nome das quatro letras seguintes, e assim por diante. Depois, enquanto guardava as vacas, ia estudando a sua lição. Se via passar alguém que tinha ares de saber ler, perguntava-lhe: «Senhor, como se deve pronunciar esta palavra?» Assim, a pouco e pouco, aprendeu a ler, e depois instruiu outras meninas da sua aldeia. E então resolveu ir de aldeia em aldeia, para ensinar a juventude com mais duas ou três meninas que tinha preparado. Uma ia para uma aldeia, outra para outra. É de notar que conseguiu isto sem dinheiro e sem outro auxílio senão o da Divina Providência. Jejuou muitas vezes dias inteiros e habitou lugares onde só havia paredes.

Entregava-se algumas vezes de dia e de noite à instrução, não somente das meninas mais pequenas mas também das adultas, e isto sem motivo de vaidade ou de interesse, sem outro fim senão a glória de Deus, que provia a todas as suas grandes necessidades, sem que ela nisso pensasse. Ela mesmo contou à Senhora Le Gras que uma vez, depois de ter estado muitos dias sem pão e sem ter contado a ninguém a sua desgraça, encontrou, ao voltar da missa, com que se alimentar por muito tempo. Quanto mais

Instrução XII. — Manuscrito Def. 2, pág. 101 e segs.

(¹) Esta Instrução «sobre as oito primeiras Irmãs falecidas» foi anunciada na conferência precedente como devendo realizar-se quinze dias depois.

trabalhava na instrução da juventude mais os camponeses troçavam dela e a caluniavam. O seu zêlo com isso tornava-se mais ardente. Era tão desprendida que dava tudo quanto tinha, mesmo o que lhe era necessário. Mandou estudar alguns rapazes, que não tinham meios para isso, alimentando-os as mais das vezes e animando-os no serviço de Deus; e esses rapazes são hoje bons padres. Finalmente, assim que soube que havia em Paris uma Confraria da Caridade para os pobres doentes, foi lá, levada pelo desejo de ser ali colocada. E ainda que tivesse grande empenho em continuar a instrução da juventude, deixou todavia este exercício de caridade, para abraçar outro que lhe parecia mais perfeito e necessário; e Deus assim o queria, para que fosse a primeira Filha da Caridade, serva dos pobres doentes da cidade de Paris. Para ali atraiu outras meninas a quem tinha ajudado a desprender-se de todas as vaidades e a entregar-se à piedade. Era muito humilde e submissa. Era tão desprendida, que, em pouco tempo, mudou de boa vontade de três paróquias diferentes, de que saía com grande pena de todos. Nas paróquias mostrou-se tão caridosa como nos campos, dando tudo quanto tinha, quando se apresentava a ocasião; não sabia recusar nada, e desejaria receber a todos na sua casa. Deve notar-se que então ainda não estava formada a Comunidade, nem havia nenhuma regra que mandasse proceder doutro modo. Era muito paciente e nunca murmurava. Todos gostavam dela, tudo era amável nela. A sua caridade foi tão grande que morreu por ter deitado na sua própria cama uma pobre menina doente da peste. Atacada do mesmo mal, despediu-se da Irmã que estava com ela, como se tivesse previsto a sua morte, e foi para S. Luís com o coração cheio de alegria e de conformidade com a vontade de Deus.

13 — CONFERÊNCIA DE 25 DE JANEIRO DE 1643

IMITAÇÃO DAS MENINAS DO CAMPO

Todas as Irmãs se puseram de joelhos, pedindo ao Senhor Padre Vicente que pedisse a Deus perdão para elas pelo mau uso que tinham feito da graça da sua vocação e de todas as instruções que tinham tido a felicidade de receber da sua caridade, prometendo proceder melhor para o futuro. Este caridoso Pai, na sua bondade, pediu imediatamente perdão a Deus e a graça de que todas as suas Filhas necessitavam.

Instrução XIII. — Arquivo das Filhas de Caridade; o original é caligrafia de Luísa de Marillac.

Minhas Irmãs, eu tinha-me propôsto falar-vos no dia de Santa Genoveva; e como esta grande santa era uma pobre menina do campo, parecia-me que seria conveniente falar-vos das suas virtudes e das das verdadeiras meninas da aldeia, pois aprouve à bondade de Deus ter chamado principal e primeiramente meninas da aldeia para compôr a nossa Companhia. E visto não ter falado nesse dia, por não me ter sido possível, julguei não o dever deixar de fazer, sendo muito razoável que esta grande santa, agora no céu, honrada na terra pelos reis e outras pessoas, nos faça ver que se tornou agradável a Deus pelas virtudes das verdadeiras meninas da aldeia, as quais praticou com grande perfeição.

Primeiramente, minhas Filhas, sabeí que, quando vos falar das meninas da aldeia, não me refiro a todas, mas unicamente às que têm realmente as virtudes das verdadeiras camponesas; como também quando falo das meninas do campo, não quero excluir as da cidade, porque sei que nas cidades há-as que possuem virtudes das do campo; e temos razões para crer que mesmo na vossa Companhia as há, o que não posso deixar de ver sem grande consolação. Bendito seja Deus, minhas Filhas! Oh! Bendito seja Deus! Mas também é verdade que nas aldeias as há, muitas, que têm o espírito das meninas da cidade, principalmente as dos arredores. Parece que este ar é contagioso e que a convivência dumas com as outras transmite as más inclinações.

Falar-vos-ei com mais gosto das virtudes das boas aldeãs, devido ao conhecimento que delas tenho, por experiência e por natureza, sendo filho dum pobre lavrador e tendo vivido no campo até à idade de quinze anos. E depois o nosso ministério tem sido desde há muitos anos entre os aldeãos, de tal forma que ninguém nos conhece senão por Padres da Missão. Não há nada que valha as pessoas que têm verdadeiramente o espírito dos camponeses; em parte alguma se encontra mais fé, mais recurso a Deus nas suas necessidades, mais gratidão a Ele na prosperidade. Dir-vos-ei portanto, minhas queridas Filhas, que o espírito das verdadeiras meninas da aldeia é extremamente simples: nada de astúcia, nem de palavras com duplo sentido; não são obstinadas nem apegadas às suas opiniões; porque a sua simplicidade fá-las acreditar muito simplesmente no que se lhes diz. É assim, minhas Filhas, que devem ser as Filhas da Caridade; e nisto conhecereis se o sois verdadeiramente: se fordes muito simples; se não fordes obstinadas nas vossas opiniões, mas submissas às de outrem, muito cândidas nas vossas palavras, e se os vossos lábios não disserem uma coisa enquanto o coração sente outra.

O minhas queridas Irmãs, eu quero crer isto de vós. Deus seja bendito! Deus seja bendito, minhas Filhas!

Nota-se nas verdadeiras meninas do campo uma grande humildade; não se gloriam do que têm, não falam dos seus parentes, não pensam ter espírito, procedem com simplicidade; e embora algumas possuam mais qualidades do que outras, não se envaidecem, antes se dão igualmente com todas. Não acontece o mesmo com as meninas da cidade, que se gabam sempre do que possuem, e falam constantemente da sua casa, dos seus parentes e das suas comodidades. O' minhas Filhas! As verdadeiras Filhas da Caridade estão e devem estar muito afastadas deste espírito, e parece-me que, graças a Deus, isso se vê bem, porque, embora entre vós haja de todas as condições, tudo é igual, e assim deve ser. As Irmãs da Casa devem adquirir o verdadeiro espírito das boas aldeãs e viverem assim. Devo dizer-vos, minhas queridas Irmãs, que sinto grande consolação todas as vezes que vejo as que têm verdadeiramente este espírito; e há-as. Deus seja bendito! Sim, eu vo-lo afirmo, minhas Filhas, que, quando as encontro pela rua com o cesto às costas sinto uma alegria que não sei exprimir-vos. Que Deus seja bendito!

A humildade das boas camponesas, impede também que tenham ambições; falo «das boas» porque bem sei que nem todas são virtuosas e que as há mesmo nos campos com o espírito tão ambicioso como as das cidades, mas refiro-me sempre às boas, às que de forma alguma tenham contraído o espírito das cidades.

Essas portanto, minhas queridas Irmãs, não querem senão o que Deus lhes deu, não desejam mais grandeza, nem mais riqueza do que a que possuem, — contentando-se com o seu alimento e o seu vestuário. Não pensam em dizer bonitas palavras, antes falam com humildade. Se as louvam, não escutam, porque não sabem o que é isso. A sua maneira de falar é simples e sincera. O' minhas Filhas, como deve ser amada esta santa virtude da humildade, que faz que se não experimente desgosto quando se é desprezado e que nos leva até a amar os desprezos! Os Santos Apóstolos gloriavam-se com os desprezos. S. Paulo dizia: «Fomos considerados como lixo e varredura do mundo.» (I Cor. 4, 13)

O' minhas queridas Filhas, é assim que as Filhas da Caridade se devem considerar; e conhecereis se sois verdadeiras Filhas da Caridade, se fordes muito humildes, se não tiverdes ambição nem presunção, se não vos julgardes mais do que sois, nem mais do que os outros, quer quanto ao físico, quer quanto à inteligência, família ou bens, ou ainda quanto à virtude, que seria a mais perigosa ambição. Fazei uso dos bens de Deus na simplicidade. Se vos lembrardes de ter feito alguma coisa boa, atribui a glória a Deus, ou fazei como as verdadeiras meninas do campo que fazem e dizem simplesmente o que sabem, sem considerar o que dizem ou

fazem. Um sinal mais seguro de serdes verdadeiras Filhas da Caridade é o amardes os desprezos, porque não vos faltará talvez ocasião de os receber. E porque não os haveis de ter? O Filho de Deus recebeu muitos; por isso dizia que o Seu reino não era deste mundo. E devia ser então o das Filhas da Caridade? Oh! De modo nenhum, minhas Filhas. E Deus seja bendito por estarem muito longe desse pensamento!

As meninas de aldeia são muito sóbrias na sua alimentação, minhas queridas Irmãs. A maior parte contenta-se muitas vezes com pão e sopa, apesar de trabalharem incessantemente e em trabalhos pesados. E' assim que tendes de proceder se quizerdes ser verdadeiras Filhas da Caridade: não reparar no que se dá, e ainda menos se está bem feito, mas sòmente comer para viver. E as da cidade que queiram ser Filhas da Caridade devem querer viver assim. Não são as únicas a alimentar-se desta maneira; em muitas terras, raras vezes se come pão. Em Limousin e noutros lugares come-se na maior parte do tempo pão feito de castanhas. Na minha terra, minhas queridas Irmãs, alimentam-se com um grãozinho a que chamam milho miúdo e que põem a cozer numa panela. A' hora da refeição deitam tudo numa vasilha, e as pessoas da casa põem-se todas em volta para comer, e depois vão para o trabalho. O' minhas Filhas, como a sobriedade é necessária às Filhas da Caridade! E conhecereis se o sois verdadeiramente, se conservardes esta sobriedade das meninas da aldeia e particularmente das que desde o princípio foram chamadas a servir os pobres, porque essas viviam com grande sobriedade.

Não vos digo que comais pouco pão. Oh! Não, minhas queridas Irmãs. S. Bernardo dizia que se deve comer bastante pão; mas digo-vos que, quanto ao resto, vos deveis contentar com pouco. E bendito seja Deus, porque me parece que esta prática já existe entre vós! Bendito seja Deus! Conservai-a, minhas Filhas, se quereis ter o espírito das verdadeiras meninas da aldeia, a que Deus vos chamou para o serviço dos pobres doentes, Ah! minhas Irmãs, não imagineis que vos alimentais pior que as pessoas de fora. Em todos os tempos tem havido pessoas que se alimentam muito pior que vós, e que têm de trabalhar. Há dias escrevia-me o nosso Irmão Mateus da Lorena; e na sua carta, banhada de lágrimas, participava-me a miséria dessa terra, particularmente de mais de seiscentas religiosas; «Senhor, a dor do meu coração é tão grande que vo-la não posso transmitir sem chorar, devido à enorme pobreza destas boas religiosas que a vossa caridade manda socorrer, e da qual eu vos não saberia descrever a menor parte. Os seus hábitos são quase irreconhecíveis. Estão remendados por todos os lados, de verde, de cinzento, de vermelho, enfim, de

tudo quanto podem apanhar. E tiveram que pôr tamancos! Pão não o teem em quantidade sufficiente. E são todas pessoas de boas familias, que tiveram muitos bens.

Não seria para as Filhas da Caridade, servas dos pobres, uma vergonha, se gostassem de ter boa mesa, enquanto os seus senhores sofrem desta maneira? Tende pois por certo que, se quizerdes ser verdadeiras e boas Filhas da Caridade, tereis que ser sóbrias e não procurar acepipes, tanto as viúvas de alta sociedade, como aquelas que são realmente das aldeias. Nada de distinções, minhas Filhas, nada de diferenças quando se é verdadeiramente Filha da Caridade. E sabeis vós, minhas Filhas, de que vivia a Santíssima Virgem e Nosso Senhor quando estavam no mundo? De pão. Entrou em casa do fariseu para comer pão, diz a Sagrada Escritura; e em muitas outras partes se vê a mesma coisa. Apenas diz uma vez que comeu carne: foi quando comeu o cordeiro pascal com os seus apóstolos; e de outra vez, peixe assado. Oh! Deus seja bendito! As meninas dos campos, tal como era a grande Santa Genoveva, têm ainda uma grande pureza, minhas queridas Irmãs; nunca estão sós com os homens, não lhes fitam o rosto nem escutam as suas lisonjas. Não sabem o que é ser lisonjeadas. Se dissessem a uma verdadeira aldeã que era bonita e gentil, o seu pudor não o suportaria; nem mesmo compreenderia o que lhe diziam. Devem também, minhas Filhas, as Irmãs da Caridade jamais escutar tais palavras; porque, sentir prazer nisso, seria um crime; não devem responder, nem mesmo com palavras de reprovação, porque todas essas conversas não valem nada. Acautelai-vos disso. E se as palavras são tão perigosas, que se há-de dizer das acções? Oh! Minhas Filhas, jamais deveis estar sós com os homens, ainda que seja um padre. Tocar nas mãos dos pobres, oh! não deve ser, a não ser em caso de necessidade. Não deveis preocupar-vos com saber se lhes agradais ou desagradais, mas sem o manifestar nem os ofender.

Enfim, minhas Irmãs, conhecereis se sois verdadeiras Filhas da Caridade se o vosso espírito se não detiver na companhia dos homens senão para servir os pobres, sem outro intuito senão a vossa obrigação por amor de Deus. E abstando-vos de procurar agradar aos homens, quer por olhares quer por palavras. Sêde também cuidadosas em nada escutar que possa prejudicar por pouco que seja a pureza que deveis ter, para poderdes participar da das verdadeiras meninas da aldeia, tal como a tinha santa Genoveva, que nos deve servir de exemplo. Bendito seja Deus, minhas queridas Irmãs, que até agora vos preservou de todos esses perigos! Dir-vos-ei ainda, minhas queridas Irmãs, que as verdadeiras camponesas, são muito modestas nas suas atitudes,

conservam a vista baixa, são modestas nos seus vestidos que é vil e grosseiro. Assim devem ser as Filhas da Caridade. Não devem entrar na casa dos grandes a não ser que lhes seja necessário para o serviço dos pobres, e ainda a medo, sem examinar o que aí se encontra, e falando a todos com grande recato e modéstia. Fiquei há pouco tempo extremamente edificado. Tinha-me feito acompanhar por um bom Irmão a um lugar, aonde estivemos muito tempo; e como eu lhe tivesse perguntado qualquer particularidade, respondeu-me! «Ah! Senhor, não sei nada, não reparei em nada, não vos poderia dizer o que era.» Esta modéstia edificou-me muito. Oh! Deus seja bendito, minhas Filhas! Conto-vos isto para vos incitar à prática desta virtude e para vos fazer saber que, se quizerdes ser verdadeiras Filhas da Caridade, deveis servir-vos do exemplo da Santíssima Virgem. Tinha tão grande modéstia e pudor que, posto que fosse saudada por um anjo para ser a Mãe de Deus, a sua modéstia se perturbou, sem sequer olhar para ele. Esta modéstia, minhas queridas Irmãs, deve ensinar-vos a não procurar agradar aos homens. Ó minhas Filhas, como isto é perigoso! Desconfiai sempre de vós mesmas e adquirireis seguramente essa modéstia tão necessária.

A nossa boa santa Genoveva amou ainda muito a pobreza como boa aldeã; e todas as Filhas da Caridade devem afeiçoar-se à prática desta virtude; digo-vos «prática» porque não seria bastante amar esta virtude superficialmente; devem-se amar as necessidades que podem sobrevir, não se lamentando do que se não tem. Querer o que se não tem, ó minhas Filhas, isso não é a pobreza das verdadeiras meninas do campo que se contentam com o que têm, seja no vestuário, seja na alimentação. E quanto aos seus bens, nunca pensam neles, e nem mesmo fazem menção do que têm, antes são afeiçoados à pobreza. Trabalham como se nada tivessem; e nisto conhecerão que sois verdadeiras Filhas da Caridade: se não ambicionardes nada, se vos contentardes com o que vos dão como por graça de Deus. As que Deus primeiro chamou à vossa condição já assim o faziam.

E que julgais vós, minhas Filhas, que foi a vida do Filho de Deus e da Sua Santa Mãe? Uma vida de perfeita pobreza. Não vos lembrais de que todos os que o Filho de Deus chamou após Si aprenderam a praticar a pobreza? «Se quizerdes ser perfeitos, deixai tudo e segui-Me.» (S. Mat. 19.21) Ouvistes alguma vez dizer, minhas queridas Irmãs, que jámais tivesse sido enganado algum dos que tiveram confiança em Deus? Oh! Nunca, minhas Filhas, é muito bom e as Suas promessas são verdadeiras. Não sabeis que prometeu, aos que deixassem tudo por Seu amor, o cêntuplo neste mundo e no outro a glória eterna? Não é ver-

dade, minhas queridas Irmãs, que a maior parte de vós experimentou a verdade dessas promessas? Quantas mães e irmãs encontrastes por uma que deixastes? Não será assim?

Todas as Irmãs responderam afirmativamente.

É quanto aos bens, minhas Filhas, estou certo que encontrastes mais do que deixastes, embora tenhais guardado alguma pobreza. Nestes dias atrás, minhas Filhas, fez-se a conta de toda a despesa feita desde que as primeiras Filhas da Caridade se reuniram em comunidade. Sabeis quanto soma a despesa? Vinte mil libras, minhas Filhas. E donde veio tudo isto senão da Providência de Deus, em consequência das Suas promessas?

Ó minhas Filhas, Deus seja bendito e como é bom confiar n'Ele! Amai pois muito a santa pobreza, que vos levará a pôr toda a vossa confiança em Deus, e não vos preocupeis quanto ao sustento e ao vestir. Aquele que provê às criancinhas e às flores do campo não vos faltará. Comprometeu-se a isso pela Sua palavra e as suas palavras são verdadeiras. Já vistes algém mais cheio de confiança em Deus que o bom povo do campo? Lançam a semente à terra, e depois esperam de Deus o benefício da colheita; e se Deus permite que não seja boa, não deixam de confiar n'Ele quanto ao sustento de todo o ano. Terão porventura prejuizos; o amor que têm pela pobreza, por submissão a Deus, faz-lhes dizer: «Deus no-lo tinha dado, Deus no-la tirou; que o Seu santo nome seja bendito!» E contanto que tenham para viver, como sempre têm, não se preocupam com o futuro. Portanto, minhas Filhas, visto as vossas primeiras Irmãs terem sido chamadas em primeiro lugar e principalmente de entre as boas meninas da aldeia e das que mais tinham este espírito de pobreza, não tereis razão de conhecer, pela prática desta virtude, se sois verdadeiras Filhas da Caridade? Deveis praticá-la neste ponto: não vos preocupardes com o futuro: fazer as vossas despesas durante todo o ano como de costume e, se vos sobrar alguma coisa, trazê-la para Casa, para ajudar a formar Irmãs para servir os pobres. Não tendes direito senão a alimentar-vos e a vestir-vos; o que sobra pertence ao serviço dos pobres. Ó minhas Filhas, já ouvistes alguma vez dizer que Deus escolheu os pobres para os fazer ricos em fé? E que será essa escolha feita por Deus das meninas de aldeia? Até agora todas as meninas chamadas ao serviço de Deus eram filhas de família e ricas. Quem sabe, minhas Filhas, digo eu, se Deus, chamando-vos para Sua glória ao serviço dos pobres, não terá querido, na Sua bondade, experimentar a vossa fidelidade, mostrando o seguinte: que Deus escolheu os pobres para os tornar ricos em fé? É um grande bem a fé para os pobres, porque uma fé viva atrai de Deus tudo quanto razoavelmente desejamos. Ó minhas

Filhas, se sois verdadeiramente pobres, sois ainda mais verdadeiramente ricas, pois Deus é o vosso tudo. Confiai n'Ele, minhas queridas Irmãs. Quem jamais ouviu dizer que os que confiaram nas promessas de Deus tivessem sido enganados? Isto nunca se viu, nem se verá jamais. Sim, minhas Filhas, Deus é fiel nas Suas promessas, e devemos confiar nelas, e esta confiança é toda a riqueza das Filhas da Caridade e a sua garantia. Como sereis felizes, minhas Filhas, se esta confiança nunca vos faltar! Porque então sereis verdadeiras Filhas da Caridade e participareis do espírito e boas práticas das verdadeiras aldeãs, que devem ser o vosso modelo, pois Deus Se serviu delas em primeiro lugar e principalmente para começar a vossa Companhia.

Oh! Bendito seja Deus, minhas Filhas, que nos faz conhecer em santa Genoveva a bondade das verdadeiras meninas do campo! Como fico satisfeito, minhas queridas Irmãs, quando encontro alguma de vós que sei que tem esse espírito e virtudes verdadeiramente generosas! Sim, minhas Filhas, há Irmãs entre vós que são para admirar. Oh! Bendito seja Deus, minhas Filhas! Quando vejo e encontro no caminho meninas de condição que têm verdadeiramente o espírito das boas meninas de aldeia, carregadas pelas ruas, levando um cesto aos ombros e andando com uma modéstia que causa devoção, ó minhas Irmãs, que motivo de consolação para mim! Deus seja bendito pelas graças que lhes concede!

Uma das principais virtudes das meninas que têm todas as qualidades das meninas do campo, é a santa obediência. Ó minhas Filhas, esta virtude é para vós tanto ou mais necessária que qualquer outra, pois a deveis praticar igualmente nas coisas difíceis como nas fáceis. Deveis ir de tão boa vontade para os lugares a que tiverdes repugnância como para os que desejardeis, e isto sem murmuração alguma, pensando sempre que o deveis fazer, porque os vossos Superiores o ordenam e por consequência tal é a vontade de Deus. Sede fáceis e dóceis à direcção de Deus como um cavalo ao seu cavaleiro; ide ora para a direita, ora para a esquerda, conforme vos for ordenado. Mas os sentidos dirão: «Estava a principiar a acostumar-me a esta paróquia, a este bairro, com estas Senhoras:» — «Não importa! A obediência tira-me daqui; devo sair pronta e alegremente!» Não sabeis, minhas Filhas, que se não deve ter no mundo amizade que possa prejudicar o amor que deveis testemunhar a Deus pela vossa submissão e obediência? Não há maior obediência que a das verdadeiras aldeãs. Regressam a casa, abatidas e cansadas do seu trabalho, para tomar uma magra refeição, todas molhadas e enlameadas, e mal aí chegam, se o tempo se põe bom para o trabalho, ou se o pai ou

a mãe lhes mandam voltar, lá vão imediatamente de novo para o trabalho sem pensar no seu cansaço nem na lama, e sem reparar como estão arranjadas.

É assim que devem ser as verdadeiras Filhas da Caridade. Regressam ao meio dia do serviço dos doentes para tomarem a sua refeição; se o médico ou a outra Irmã lhes disserem: «é preciso ir levar este remédio a um doente» não devem pensar em como estão, mas esquecerem-se a si para obedecerem, e preferirem a comodidade dos doentes à sua. É nisto, minhas queridas Irmãs, que conhecereis que sereis verdadeiras Filhas da Caridade. Oh! Bendito seja Deus, minhas Irmãs! Creio que estais quase todas nesta disposição.

Mas sabeis, minhas Filhas, como deveis fazer esses actos de obediência? Com alegria, mansidão, caridade, e não para vos verdes livres, nem com negligência, mas com fervor tal que testemunheis não querer poupar o vosso corpo no serviço de Deus, ajudando aos Seus pobres, e sem considerar os lugares aonde vos enviam, nem as pessoas que vos mandam, mas estar sempre prontas a mudar de lugar, quer seja Paris ou os campos, um lugar próximo ou afastado. Assim, minhas queridas Irmãs, sereis verdadeiras Filhas da Caridade, imitareis Nosso Senhor e a Santíssima Virgem na Sua obediência quanto à habitação e mudança de lugares, segundo a determinação da divina Providência, que deveis ver em todas as ocasiões que tiverdes de praticar a santa obediência. Em nome de Deus, minhas Filhas, fazei atenção à obrigação que tendes de vos tornardes virtuosas, se quiserdes que Deus vos conceda a graça de serdes verdadeiras Filhas da Caridade. Se soubésseis a obrigação que tendes de vos aperfeiçoardes e que desgraça é tornar-se indigna duma tão santa vocação, oh! minhas Irmãs, choraríeis lágrimas de sangue. Sim, minhas Filhas, repito-o: ser chamada por Deus para uma obra tão santa e não reconhecer esta graça pelo cumprimento das suas obrigações, isto mereceria ser chorado com lágrimas de sangue. Foi um pensamento que hoje tive, minhas Irmãs, eu miserável, vendo-me tal como sou, num estado que me deveria tornar tão perfeito; oh! minhas Irmãs, tenhamos todos grande receio.

Deveis pensar muitas vezes nisto e dizer: «O quê! Meu Deus, Vós me escolhestes a mim, mesquinha criatura, para me collocardes numa condição que só Vós conheceis (sim, minhas Irmãs, só Deus conhece a perfeição do vosso estado) e eu hei-de ser tão cobarde que não procure adquirir as qualidades requeridas!» Oh! Que desgraça seria para vós, se por vossa culpa, perdésseis a vocação ou se por cobardia não procurásseis adquirir a perfeição que Deus quer naquelas que O servirão nesta condição! Pensai

nisso, minhas Filhas, pensai nisso com frequência, mas sèriamente, e como coisa de grande importância. «Pois quê! Ter sido eleita e escolhida para uma vocação tão santa e corresponder-lhe tão mal!» Se soubésseis o que significa esta infidelidade, sentiríeis horror. Por isso, minhas Filhas, tomai de novo boas e fortes resoluções de amar mais do que nunca a vossa vocação e de procurar com mais fidelidade a perfeição que Deus exige de vós.

Todas as Irmãs testemunharam estar nessa disposição.

Deus seja bendito! Deus seja bendito, minhas Irmãs! Ficai sabendo que, se alguma vez vos disse coisa importante e verdadeira, foi a que acabais de ouvir: que deveis procurar manter-vos no espírito das verdadeiras e boas meninas do campo. Vós a quem Deus, por Sua graça, o deu por natureza, agradecei-Lho; e vós que o não tendes, procurai adquirir a perfeição que acabo de apontar nas verdadeiras meninas da aldeia. Se se apresentar alguém de família mais distinta, com o desejo de entrar na vossa Companhia, ó minhas queridas Irmãs, é preciso que seja para viver, de corpo e de espírito, como as meninas que têm verdadeiramente as virtudes das da aldeia, assim como as teve a nossa grande santa Genoveva, hoje tão honrada pela sua simplicidade, humildade, sobriedade, modéstia, obediência e todas as outras virtudes que vemos nas boas aldeãs. Oh! Deus seja bendito! Mas que digo eu, minhas Filhas? Há ainda mais: era a prática do Filho de Deus e de Sua Santíssima Mãe, quando estavam no mundo, e cuja vida deveis honrar particularmente nas vossas orações. Que o Espírito Santo Se digne derramar nos vossos corações a luz de que necessitais, para neles acender um grande fervor e tornar-vos fiéis e afeiçoadas à prática de todas estas virtudes e que, para glória de Deus, considereis quanto vale a vossa vocação e a estimeis de tal modo que nela possais perseverar até ao fim da vida, servindo os pobres com espírito de humildade, obediência, sacrifício e caridade, e que sejais abençoadas. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

14. — CONFERÊNCIA DE 26 DE ABRIL, DE 1643

SOBRE A UNIÃO ENTRE OS MEMBROS DA COMUNIDADE

No dia 26 de Abril, o Senhor Padre Vicente, nosso Muito Venerando Pai, teve necessidade de nos fazer uma conferência a respeito do perigo da desunião na Companhia das Filhas da Caridade, e falou-nos desta maneira:

Instrução XIV — Arquivo das Filhas da Caridade; o original é caligrafia de Luísa de Marillac.

Minhas Filhas, o assunto que trataremos hoje é de grande importância, pois visa nada menos do que a continuação ou a inteira dissolução da vossa Companhia. Eis porque, minhas Irmãs, devemos elevar, cada um de nós, o espírito para Deus, pôr-nos na Sua presença e suplicar à Sua bondade os pensamentos de que necessitamos para isto. Nas conferências precedentes notei que tínheis necessidade de ser ajudadas para encontrar os motivos ou razões das coisas que vos eram apresentadas. Por isso pensei que seria melhor mudar de método, para vos facilitar mais a compreensão das coisas que vos serão ensinadas; e isto servir-vos-á muito para fazerdes oração. Falar-vos-ei por perguntas, como se faria no catecismo.

Esta conferência tem três pontos. O primeiro trata das razões de desejar que nunca se dê a desunião na vossa Companhia. Ó minhas Filhas, como este desejo é justo! Se houver algumas que não possam responder, peço-lhes que se não aflijam; pois as que sabem dizer pouco fazem muitas vezes melhor, e as que compreendem e dizem facilmente o que se lhes propõe fazem pior, embora as haja que falem e façam bem. As que falam bem devem humilhar-se muito, minhas Filhas, (é uma graça que devem agradecer a Deus), e as que não podem compreender o que se lhes propõe, nem dizer o que pensam, confiem em Deus e tomem novas resoluções de fazer bem.

Ora bem, minhas Irmãs, dissei-me que razões temos para desejar que jamais haja desunião na Companhia, quer em particular entre algumas Irmãs, quer em geral, como se toda a Companhia estivesse dividida, querendo umas uma coisa e outras outra. Primeiramente, que vos parece que significa a palavra desunião? É uma coisa que deve estar inteira e que se separa. Por exemplo, eis o meu corpo; todos os meus membros reunidos formam apenas um corpo; estão unidos enquanto estiverem ligados ao corpo; mas se me cortassem a mão, não vos parece que se daria a desunião? Ora o que faz a união num corpo de Comunidade é a uniformidade: a observância das mesmas regras, um mesmo uniforme, um mesmo pensar. Não haveria união se as Irmãs tivessem desejos opostos e fizessem ouvir queixas. Que Deus afaste isto da vossa Companhia!

Falai pois, minha Irmã.

— Custou-me muito a compreender o que significava esta palavra união. Pensei, Senhor, que era uma virtude que vossa caridade já nos ensinara muitas vezes e que todas devemos ter para cumprir a vontade de Deus.

— E vós, minha Irmã, por que razão devemos desejar que jamais se dê a desunião na nossa Companhia?

— Senhor, é que onde está a união e o acordo, está o amor de Deus e do próximo; e onde está a desunião, encontramos o ódio de Deus e do próximo.

— E vós, minha Irmã?

— Parece-me que a união produz a paz e a tranquilidade, e que a desunião produz a guerra e a inquietação.

— Dizeis a verdade, minha Irmã. Vêde, minhas Irmãs; todas as guerras e misérias que presenciais veem da desunião, que causa sempre a desordem e a inquietação.

Outra Irmã disse:

— A união conserva as pessoas na sua vocação, e a desunião a faz perder muitas vezes.

— Isto acontece ordinariamente, minhas Irmãs. Pois bem, continuemos; espero que esta maneira de fazer a conferência dará mais resultado que as outras. Não vos parece, minhas Irmãs?

Todas mostraram ser essa a sua opinião.

— Oh! Bendito seja Deus, minhas Filhas! Sinto tanta consolação no meu coração e ao mesmo tempo tanta edificação, quanta confusão senti na última conferência, não de vós, oh! não, minhas Filhas, mas de mim, pelas minhas misérias.

— E vós, minha Irmã, que razão temos para desejar que haja sempre união na Companhia?

— Senhor, parece-me que a desunião é semelhante a um edifício que se desmorona.

— Dizeis bem, minha Irmã. Vêdes uma casa bem construída e que parece muito boa; mas se afrouxasse, por exemplo, se uma trave cedesse, não somente esta cairia, mas também a armação, assim, em lugar de união, a casa seria uma confusão. Eis a razão por que cada indivíduo deve procurar evitar a discórdia, porque se não se remediasse, todo o corpo se ressentiria infalivelmente.

— E vós, minha Irmã, que vindes depois, mostrai-nos alguma razão.

— Senhor, uma razão poderosa é que a união alegre e contenta a Deus que está sempre onde se encontra a paz. Pelo contrário, a desunião alegre o demónio; o coração desunido é semelhante ao inferno; está sempre na inquietação e na perturbação; e a discórdia, que nasce da desunião, o põe em contínua desordem.

— Ó minha Filha, como isso é verdade!

Outra Irmã disse:

— A união é a imagem da Santíssima Trindade, que se compõe de três pessoas unidas por amor.

Se estivermos bem unidas não seremos todas senão uma só vontade e nos entenderemos bem; a desunião, pela contrário, nos

representaria a imagem do inferno, onde os demónios estão em perpétua discórdia e ódio.

Vêde portanto, minhas Filhas, como sois obrigadas a conservar-vos na união, tão agradável a Deus, tão desagradável ao demónio e tão útil para vós! Oh! Sêde muito gratas a Deus, pela graça que vos concede de conhecer esta verdade! E vós, minha Irmã, que razão tendes para desejar que a Comunidade das Filhas da Caridade permaneça sempre em perfeita união?

— Parece-me, Senhor, que a união deve alegrar a Deus, pois onde está a paz, aí está Deus; e que, ao contrário, a desunião desgosta a Deus e alegra o demónio que só procura a discórdia e a desunião, para nos perder.

— Dizeis bem, minha Irmã; Deus não pode habitar onde houver desunião, e foi para no-lo fazer ver que, quando após a sua ressurreição aparecia aos Apóstolos, as suas primeiras palavras eram muitas vezes: «A paz seja convosco!»

— E vós, minha Irmã?

— A união parece-me a imagem da Santíssima Trindade. As três pessoas não formam senão um e mesmo Deus, unidas desde toda a eternidade por amor. Assim nós não devemos ser senão um corpo em muitas pessoas, unidas todas com um mesmo desígnio, por amor de Deus. Pelo contrário a desunião afigura-se-me a imagem do inferno, onde os demónios permanecem em perpétua discórdia e ódio.

— Ó minhas Irmãs, reparaí, esta Irmã disse a verdade. No céu não pode de modo algum haver desunião. Houve-a uma vez, sabeis como? Lúcifer e uma parte dos anjos, querendo elevar-se acima da sua natureza, foram imediatamente precipitados no inferno; e os que ficaram unidos pela sua obediência e submissão a Deus, permaneceram e permanecerão eternamente no Céu. Se entre vós houvesse desunião e se não fosse possível dar-lhe remédio, deveria tirar-se as que fossem a causa dela.

Uma outra Irmã, disse:

— A união é tão excelente que Nosso Senhor se quis dar a nós sob esse belo nome de comunhão. Eis porque devemos desejar que a união permaneça sempre entre nós, visto Deus a amar tanto.

— E vós, minha Irmã, que vos parece?

— Visto a união ser causa de tão grandes bens, e pelo contrário, a desunião causa de tão grandes males, parece-me, Senhor, que devemos fazer todo o possível por manter a união entre nós.

— Peço a Deus de todo o coração, minhas Filhas, que vos conceda a graça de pensar sempre nesta necessidade da união e vos conserve a lembrança de todos os males que a desunião causa

e que notastes : expulsa o amor de Deus e do próximo, gera guerras e inquietação, faz perder a vocação, desagrada a Deus, torna as almas indignas da sagrada comunhão e separa-vos umas das outras. A desunião entre vós, minhas Filhas, provocaria todas estas desordens e muitas outras, ao passo que a união traz grandes bens às Comunidades e a toda a parte onde se encontram.

Outra Irmã, disse :

— Parece-me que uma das razões mais poderosas que temos para impedir que haja desunião entre nós, é que, se vivermos em discórdia, desagradaremos a Deus que tanto ama a união não somente entre as criaturas racionais como também em todas as coisas criadas pelo seu poder, que as proveu na sua natureza, dos meios necessários para manter essa união, até em coisas contrárias. E visto os desígnios de Deus, na criação das almas, ter sido o unir-nos a Ele, e, para nos ajudar, ter enviado o Seu Filho ao mundo, seríamos muito miseráveis não amando a união, e pondo-nos, pela desunião e pela discórdia, no perigo de perder o que Ele nos concedeu por Seu amor. Seria opôr-se directamente à Santíssima vontade de Deus.

Uma outra razão, para nos conservarmos sempre em perfeita união, é que a desunião na Companhia seria um impedimento à recepção das graças de Deus, de que tanto necessita para poder continuar; e poderia acontecer que perdesse o valor ou, o que seria pior, que servisse de escândalo às pessoas e que Deus não fosse glorificado pelos serviços que na Sua bondade quer que preste ao próximo por Seu amor.

— Minhas Filhas, se houvesse desunião entre vós, poderia acontecer que Deus, irritado, destruísse a vossa Companhia. Não seria grande mal para as que assim O tivessem ofendido, pois bem o mereciam; mas que desgraça se se considerar o bem que se faz e o que, muito maior ainda, se poderia fazer! Haveria inferno bastante rigoroso para castigar as que fizessem um tal mal? Ó minhas Filhas, acautelai-vos disso!

Bendito seja Deus por Se ter dignado inspirar o assunto desta conferência! Espero que resultará daqui um grande bem; estou satisfeitíssimo. E vós, minhas Filhas, não vos parecia necessário tratar desta matéria? Todas as Irmãs manifestaram a sua alegria por esta instrução.

— Oh! Bendito seja Deus, minhas Filhas! Foi a Sua bondade que inspirou a todas o que dissestes; mas esforçai-vos por aproveitar; pois deve ser para vós uma importante instrução, tão útil como um sermão. Mas que digo? Sem dúvida alguma o que Deus vos leva a dizer deve ser para vós um bom sermão. Coragem,

minhas Irmãs! E, olhando sempre para aquela a quem se dirigia, o Senhor Padre Vicente disse:

— Diga-nos alguma razão, minha Irmã.

Devemos temer muito a discórdia, pois, se duas Irmãs visitarem os pobres e tiverem entre si alguma discórdia, é muito difícil que não transpareça; e assim o próximo seria scandalizado.

— Reparai, minhas Irmãs; o que esta Irmã acaba de dizer é verdade, porque a desunião faz que, se uma quer uma coisa, a outra quererá o contrário; as pessoas que notarem isto ficam desedificadas, e os pobres terão motivos para não receber devidamente os conselhos que lhes derem para o seu bem, e dirão: «Vêde estas Filhas da Caridade; não se entendem.» Ó minhas Irmãs, como a desunião, mesmo em particular, pode encaminhar facilmente uma Comunidade para a ruína! O meu corpo é um só com todos os seus membros; que se faça somente na minha mão uma incisão que divida a carne, todo ele se ressentirá. O mesmo acontece com as Comunidades: Quando uma parte discorda, todo o resto sofre com isso, porque os que disso se apercebem e se scandalizam, não dizem somente; é Joana e Margarida que procedem assim; mas são as Filhas da Caridade. Por duas apenas que estão desunidas, todo o corpo das Filhas da Caridade padece e sofre o escândalo; mas se todas estiverem unidas, oh! edificarão o próximo e Deus será honrado.

Uma outra Irmã disse:

— Senhor, a desunião é uma coisa má, porque expulsa Deus da nossa alma, e nem mesmo deveríamos ir à Sagrada Comunhão estando em discórdia.

O' minhas Filhas, eis uma boa observação, pois Deus proíbe que se aproximem do altar santo os que estiverem em desunião com o próximo e disse-o nestes termos: «Se fores oferecer sacrificio e te lembrares que tens alguma coisa contra o teu próximo deixa a oferta e vai primeiro reconciliar-te com ele. (S. Mat. 5, 23-24). O quê! Minhas Filhas, ir à Sagrada Comunhão, com a desarmonia no coração, estando em discórdia com o próximo, oh! como vos deveis abster de tal!

Seria ultrapassar, em crueldade, esse juiz que, para mandar matar miseravelmente um homem, ordenou que o ligassem a um cadáver, boca com boca, estômago com estômago, para que, à medida que esse corpo se fosse corrompendo, o mau cheiro infectasse o vivo e o levasse lentamente à morte. Seria fazer pior e uma coisa mais indigna receber Deus, que é a própria vida e o autor da vida, num coração infectado pela desunião. Não será querer juntar Jesus Cristo com os demónios?

Vêde portanto, minhas Filhas se não há razão para impedir

a desunião entre vós, pois vos é tão prejudicial! Deus seja bendito pelo conhecimento que disso vos dá! Deveis servir-vos bem dele.

Uma Irmã disse :

— A desunião entre nós, seria um grande mal, pois Deus não poderia ter por agradável o serviço que lhe prestássemos; seria ofendido pelas que deveriam glorificá-Lo. A desunião geraria ainda, entre nós, aversões e queixas e os doentes não seriam servidos com caridade. Eis porque devemos evitar com cuidado a desunião entre nós, tanto em geral como em particular.

— Pelo que me diz respeito, disse uma outra Irmã, pensei que, se vivesse em desunião, não me poderia acontecer nada pior, e a minha alma estaria numa grave inquietação.

— Isso é verdade, minha Irmã.

— E vós, minha Irmã?

— Pensei, Senhor, que devemos desejar estar sempre em união recíproca, porque a desunião é contrária à caridade, que devemos ter umas para com as outras, e que Deus para nos castigar dessa falta, nos retiraria as Suas graças.

— E eu pensei que, se houvesse desunião entre nós, Deus não se serviria mais de nós para cooperarmos nas graças que quer conceder aos pobres que temos de servir.

— E vós, minha Irmã?

— Parece-me que devemos impedir tanto quanto possível que a desunião entre na nossa Companhia, porque não somente ficaríamos desunidas de corpo, mas também de Deus, o que seria muito pior, e não poderíamos chegar à perfeição que pede de nós.

Uma outra Irmã observou que não poderíamos ter união e caridade com os estranhos, se nos habituássemos a viver desunidas umas com as outras.

Parece-me, disse uma outra, que devemos ter sempre grande cuidado em conservar a união entre nós, para sermos o exemplo das que vierem depois de nós e para nos tornarmos agradáveis a Deus; se vivéssemos desunidas assemelhar-nos-famos às virgens loucas que não tinham azeite nas suas lâmpadas, pois não teríamos caridade.

Uma outra Irmã disse que deveríamos desejar muito a união entre nós por amor de Deus, a quem devemos amar muito.

E eu pensei, acrescenta ainda uma outra, que devemos amar muito a união porque a desunião fez a condenação de Lúcifer.

— Dissestes bem, minhas Irmãs, Lúcifer estava perfeitamente unido a Deus como os outros anjos; deu-se a desunião entre os anjos, e os que a causaram foram expulsos do paraíso e precipitados no inferno por toda a eternidade. O' minhas Filhas, como

é perigoso viver sem união ! Sois felizes por Deus vos conceder a graça de não conhecer esse perigo.

Uma prova de que Deus nos quer sempre todas unidas, é que, até mesmo nas coisas da natureza, as que são contrárias têm meios de se unirem. Devemos crer que o Seu fim, na nossa criação, é a união das nossas almas com Ele, o que supõe a união com o próximo, pois, doutro modo, viveríamos sem caridade, que é necessária para a união com Deus.

Uma outra razão da mesma Irmã é que a desunião na Companhia poria obstáculo às graças de que necessita para a sua continuação ; o que daria talvez ocasião a que perdesse o valor, ou, o que seria pior, que servisse de escândalo às pessoas e que Deus não fosse glorificado com os serviços que dela quer tirar.

O' minhas Filhas, que Deus seja bendito ! Que Deus seja bendito ! Asseguro-vos que esta maneira de fazer a conferência me edifica muito. Nem saberia dizer-vos a satisfação que sinto, na esperança de que isto vos possa servir e porque, por este meio, aprendereis a descobrir as razões de fazer ou dizer as coisas que nos forem propostas. Creio que as que não falaram encontrariam ainda outras razões ; mas o que foi dito mostra-nos suficientemente que temos grandes razões para nos conservarmos sempre numa grande união umas com as outras ; pois acabamos de ver que a união é a causa de toda a espécie de bens, tanto espirituais como temporais, e a desunião a causa de todos os males, como aliás a experiência o faz bem conhecer.

Passemos ao segundo ponto, que trata do que seria necessário fazer no caso de haver alguma desunião na Companhia, tanto em geral, como em particular, como se Maria tivesse alguma discórdia com Francisca, ou Bárbara com Joana, ou ainda se se desse alguma desarmonia em que a Companhia estivesse dividida, isto é, por exemplo, que uma parte dissesse : «Por mim quereria comungar todas as quintas-feiras», e que outra escolhesse outro dia. Se umas fossem duma opinião e vontade e outras doutra, que se deveria dizer ? Dever-se-ia tomar partido, isto é, entrar na opinião ou de umas ou de outras ?

A maior parte das Irmãs disseram que não. E o nosso muito Venerando Pai prosseguiu :

Muito bem, minhas Irmãs ; deve-se sempre suspender o seu juízo.

Vós, minha Irmã, se soubésseis que duas Irmãs tinham entre si alguma desarmonia, que se deveria fazer ?

— Seria necessário tentar conciliá-las, desculpando uma e outra.

— Dizeis bem, minha Irmã. O Senhor Bispo de Genebra diz nos seus escritos que algumas vezes duas pessoas se zangam uma com

a outra sem terem dado motivo para isso, como dois moços de fretes carregados que viessem um dum lado, outro do outro com a cabeça baixa, sem se verem, e fosse um contra o outro. É verdade que foram um contra o outro; mas foi sem querer. Acontece algumas vezes o mesmo convosco: sem reparar, dizemos ou fazemos alguma coisa que dá ocasião, é verdade, de noszangarmos; e se tivéssemos a caridade, que nos leva sempre à união, não nos zangávamos. Fazei como esses bons moços de fretes, que não discutem, e seguem o seu caminho. Se alguma Irmã vos disser o seu descontentamento, dizei-lhe que a Irmã contra quem está zangada não pensava nisso.

Minhas Filhas, não vemos às vezes desunião e desacordo em nós mesmos. Não existe ele nas nossas entranhas? Já ouvistes talvez dizer que há algumas vezes discórdia nos nossos intestinos; enrolam-se uns nos outros, de tal modo que provocam grandes males, que chegam a ocasionar a morte. E bem sabeis que não é má vontade de uns contra os outros; não são capazes disso.

Do mesmo modo, minhas queridas Irmãs, deveis viver sempre em tão perfeita união que não sejais nunca capazes, com a graça de Deus, de vos zangardes umas com as outras.

Deveis também, no caso de alguma Irmã se vir queixar de outra, desculpar esta última e dizer: «Minha querida Irmã, a nossa Irmã não tinha intenção de vos desgotar.»

Vós, minha querida Irmã, que deveis fazer?

— Deveríamos primeiramente, pensando nos grandes bens que vêm da união e nos grandes males que a desunião causa, por um espírito cheio de caridade, pedir a Deus a graça de poder ajudar as nossas Irmãs nisto.

— E vós, minha Irmã, que vos parece? Que deveríeis fazer se existisse esse mal da desunião?

— Deveria, Senhor, pedir a Deus pelas Irmãs que estivessem nesta dificuldade.

— Não deveríamos fazer alguma penitência por elas, como a disciplina ou qualquer outra austeridade? Seria um bom meio.

Mas que deveríamos ainda fazer, minha Irmã?

— Penso, Senhor, que nos devemos informar em particular antes de condenar a uma ou à outra; depois incitá-las à reconciliação, isto é, a pedirem perdão mutuamente.

— O minhas Filhas, que excelente meio de união, pedirem perdão umas às outras!

Uma Irmã disse então:

— Senhor, autorizar-me-eis a pedir neste momento perdão às minhas Irmãs por ter mumurado pensando que algumas se não

dignavam: cumprimentar-me na rua, e também àquelas a quem me queixei disto ?

— De muito boa vontade, minha Irmã.

Esta Irmã pôs-se de joelhos e com ela todas as outras, pedindo perdão com toda a humildade e nomeando as Irmãs uma após outra.

Deus seja bendito, minhas queridas Irmãs ! É assim que se deve fazer para se conservar uma perfeita união.

Um dia falava com uma Superiora das Ursulinas de Gisors ; e contou-me a união e harmonia que existia entre as suas religiosas. E perguntei-lhe com admiração : « Ó minha Madre, que fazeis para manter uma tal tranquilidade sem que jamais haja desarmonia ? Respondeu-me : « Senhor, assim que aparece algum motivo de discórdia, as nossas Irmãs têm o costume de se porem de joelhos e pedirem perdão umas às outras, de forma que a desunião não pode cá entrar ».

Oh ! Que excelente meio, minhas Filhas ! Amai muito esta prática e o melhor é fazê-lo assim que vos aperceberdes que uma Irmã está zangada, ou deve zangar-se convosco.

Uma Irmã disse :

Mas, Senhor, algumas vezes acontece que, se se quer pedir perdão a uma Irmã, escarnece disso, ou se irrita ainda mais ; que se deve fazer então ?

Minhas Irmãs, se virdes que a Irmã, ou porque está muito zangada, ou porque não está de bom humor, ou ainda porque tem no espírito algum outro motivo de aborrecimento, não está capaz de receber bem a vossa humilhação, oh ! não se deve pedir então perdão ; pois seria lançar-lhe carvões ; pô-la-feis na contingência de se irritar mais. Esperai que se tranquilize um pouco e depois pedi-lhe perdão, com a maior humildade, reconhecendo-vos diante de Deus causa do mal que fez.

E vós, minha Irmã, que fardes se estivessem muitas da Companhia em desunião umas com as outras, para conseguir restabelecer a união tão necessária na vossa Companhia ?

— Senhor, avisaria os Superiores e dir-lhes-ia o que soubesse a respeito da desavença.

— Está bem, minha Filha, pois deve-se crer que Deus dará a Sua bênção a tudo quanto os Superiores fizerem a esse respeito. Deve-se, minhas Filhas, considerar sempre a necessidade desta união pelos grandes bens que se seguem e que acabais de observar, e pelos grandes males que a desunião traz, particularmente os que Deus vos inspirou. Foi Deus que assim vos fez falar, minhas Filhas. Que seja para sempre bendito !

E como se deveria proceder para intervir ? Seria necessário falar a todas ?

Vêde, minhas Filhas ; se houvesse desunião entre duas, seria necessário falar-lhes separadamente, e depois delas terem desabafado o seu descontentamento, fazer-lhes ver o suporte que devem ter umas com as outras. Pois, vêde, minhas Irmãs, qualquer coisa basta às vezes para nos aborrecermos ! Por vezes existem aversões dumas para com a outras sem se saber porquê. Geralmente um pouco de ciume ou de inveja. A aversão por uma Irmã nasce ao vê-la comer ou vendo-a fazer alguma outra acção. Esta aversão, se se conservasse, causaria infalivelmente a desunião. Oh ! Minhas Filhas, fazei todo o possível por vencê-la, e, se houver desunião, falai às Irmãs em particular.

Depois de ter obtido autorização do Senhor Padre Vicente, uma Irmã perguntou se seria conveniente que todas as Irmãs indistintamente se ligassem para procurar uma conciliação em caso de desunião.

O nosso muito Venerando Pai fez-nos compreender que todas deviam, tanto quanto possível, contribuir para a união entre as Irmãs, animando umas, apaziguando outras e desculpando sempre a ausente ; mas que no caso de se tratar duma coisa de importância e duma desunião formal, seria necessário avisar o Superior ou Superiora.

— Não o desejais todas ? Não vos dais desde este momento a Deus para aceitar que as vossas faltas sejam caridosamente ditas àquela que tem entre vós o lugar de Superiora ?

Todas as Irmãs responderam sim de muito boamente de acordo e com um consentimento inteiramente cordial.

O nosso muito querido Pai disse segundo o seu costume :

Deus seja bendito, minhas Irmãs ! É este um grande meio para manter a Companhia em grande paz e união, e o assunto desta instrução é dos mais importantes que conheço para a existência da Companhia.

Falava hoje com um bom Padre muito devoto ; é o Padre Saint-Jure, que fez tão belas meditações, de que fazemos leitura. Perguntei-lhe porque seria que nas Comunidades se davam pequenas discórdias, apesar de todas as pessoas terem o mesmo desejo de servir a Deus e a mesma vontade de se aperfeiçoarem ? Respondeu-me : «Vêde, Senhor, as pessoas rudes irritam-se mais facilmente que os espíritos cultos e as pessoas civilizadas. O meio mais fácil de as manter em paz é acostumá-las à reconciliação».

Ora, reparai, minhas Filhas, vós na maior parte sois deste género, criadas na rusticidade, assim como eu, pobre guardador de porcos.

Menciono estas palavras que o nosso Muito Venerando Pai tinha prazer em dizer com frequência, nas mais distintas

assembleias, como as de bispos, abades, princesas e outras grandes senhoras que assistiam às reuniões de Caridade.

Deveis recordar-vos disto, prosseguiu ele, e considerar que muitas vezes quando vos zangais com as vossas Irmãs não é pelo motivo que julgais, mas por causa da vossa disposição de espírito.

Uma outra Irmã disse que lhe parecia que o melhor era fazer conhecer o mais cedo possível a questão que existisse entre as Irmãs desunidas e depois pedir a Deus perdão para elas e humilhar-se muito, pensando que cada uma é capaz de faltas semelhantes. Acrescentou ainda que, se, por desgraça, as nossas infidelidades, a falta de pontualidade às regras, a falta de obediência, as murmurações e o pouco cuidado da nossa emenda e adiamento na perfeição do amor de Deus, atraíssem a sua indignação sobre toda a Companhia, seria para desejar que cada uma fizesse penitência para implorar a misericórdia de Deus, que se lhes fizesse alguma conferência e visita rigorosa para descobrir donde vinha o mal e se expulsasse da Companhia aquelas que tivessem causado esse mal, no caso de não haver esperança de emenda. E se o mal fosse sem remédio, creio que seria necessário abolir completamente a Companhia por meios suaves e caridosos, pois se Deus era muito honrado por esta enquanto se conservasse na união e obediência aos seus Superiores, também a mesma Companhia poderia ser causa de grandes males, se delas se afastasse. Submeto-me desde já a sofrer a vergonha que viria de tal desordem, reconhecendo em mim bastantes imperfeições para ser a sua única causa.

Depois o Senhor Padre Vicente interrogou uma outra Irmã :

— Se essa desgraça me acontecesse, Senhor, respondeu ela, seria mais cautelosa para não tornar a dar motivo de descontentamento às minhas Irmãs, e desejar-lhes-ia que aproveitassem do desgosto que eu lhes tivesse causado, para adiantarem na perfeição que Deus lhes pede.

Uma outra Irmã disse que, se lhe acontecesse estar em desacordo com outra Irmã, lhe pediria perdão em particular antes de se deitar, e em seguida a toda a Comunidade.

Pensamentos doutra Irmã :

Pensei na minha oração que se visse na Companhia alguma desunião quer fosse noutrem quer em mim mesma, avisaria disso o mais cedo possível o Superior ou a Superiora, confessando muito simplesmente a falta, sem me desculpar nem queixar mesmo àquelas em quem tivessê mais confiança.

Uma outra disse que se lançaria de joelhos diante dum crucifixo para pedir perdão da sua falta e pedir à Santíssima Virgem que intercedesse em seu favor ; depois iria aos seus Superiores

muito simplesmente pedir-lhes alguma penitência, com a convicção de que não seria suficientemente grande para essa falta; pediria perdão à Irmã que tivesse ofendido e prometer-lhe-ia, assim como aos seus Superiores, proceder melhor para o futuro com as suas Irmãs, amá-las mais ternamente e testemunhar-lhes mais cordialidade e delicadeza.

Uma outra disse que, se tivesse alguma altercação com outra Irmã, pedir-lhe-ia perdão, testemunhando-lhe o seu pesar e procuraria proceder para com ela com mais amizade do que até ali.

— E vós, minha Irmã, que deveis fazer para remediar este grande mal da desunião, se existisse?

Devíamos gostar que nos avisassem da nossa falta e escutar os avisos que nos dessem para os pôr em prática.

Havia nesta assembleia muito mais Irmãs do que razões para nos fazer evitar o defeito da desunião, e meios para a remediar. E como muitas tiveram pensamentos iguais não os aponto todos em particular.

No fim uma Irmã⁽¹⁾ pediu, muito humildemente, pelo amor de Deus, ao Senhor Padre Vicente, em nome de toda a Companhia, que oferecesse no santo altar todos os bons desejos das Irmãs para obter de Deus perdão das faltas contra as regras e do mau uso que se tem feito das instruções que sua caridade nos tem dado desde há muito e para lhe pedir novas graças para o inteiro cumprimento dos santos desígnios que desde toda a eternidade teve sobre a Companhia.

O Senhor Padre Vicente respondeu:

Sim, minhas Filhas, direi de muito boa vontade a santa missa por essa intenção, mas não estes dias, porque tenho de a celebrar pelo nosso bom rei.

Peço-vos que comungueis todas por essa intenção, para que Deus Se digne restituir-lhe a saúde, ou, se a sua bondade julgar conveniente para a Sua glória, o conserve nas disposições em que estava na quinta-feira, em que julgava morrer e encarava a morte cristã e generosamente.

A mesma Irmã perguntou ao Senhor Padre Vicente se achava bem que as Irmãs se acusassem em voz alta nas assembleias, em sua presença ou em presença de todas as Irmãs, das faltas que tivessem cometido, particularmente contra as resoluções que acabavam de tomar naquele momento.

Ó minhas Irmãs, que belo meio, esse, para vos aperfeiçoardes! Ficai sabendo que, se, por esta acção feita em particular, obten-

(1) Luísa de Marillac. Nas conferências redigidas por ela não se designa doutra maneira.

des de Deus um grau de graça, quando a fizerdes publicamente, obtereis tantos quantos forem as testemunhas dessa acção.

Asseguro-vos ainda mais uma vez, minhas Irmãs, que estou muito satisfeito com esta conferência. Temos de deixar o terceiro ponto para a próxima vez, que será o mais cedo possível, se Deus quiser; nessa conferência falaremos dos meios de impedir a desunião na vossa Companhia. Fareis ainda mais uma vez a oração sobre isso.

Que a bondade de Deus, princípio da verdadeira união, vos conceda a graça de evitar todos os males que a desunião pode causar, e vos conserve sempre em perfeita união com Ele, com o próximo por uma verdadeira caridade e com vós próprias pela mortificação dos sentidos e dos vossos maus hábitos e que tudo seja para Sua glória. Que Deus vos abençoe! Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. *Amen.*

15 — CONFERÊNCIA DE 14 DE JUNHO DE 1643

EXPLICAÇÃO DO REGULAMENTO

A catorze de Junho de 1643, o Senhor Padre Vicente, nosso Muito Venerando Pai, fez-nos a caridade de nos falar sobre o regulamento e a maneira de viver das Filhas da Caridade, por uma Irmã das paróquias lhe ter perguntado por escrito a prática do que se fazia em Casa.

O Nosso Muito Venerando Pai não se tinha ainda decidido a redigí-la por escrito; no que temos motivo para reconhecer que a divina Providência se reservou a direcção desta obra, que progrida ou retroceda como lhe aprouver.

Minhas queridas Irmãs, o assunto desta conferência será sobre as regras e a maneira de viver que há muito vos propusestes e até tendes praticado, pela graça de Deus. Fostes vós que as fizestes, ou antes, foi Deus que vo-las inspirou, pois, minhas Filhas, não poderíamos dizer que vos tivessem sido dadas. Quem pensaria que viria a haver Filhas da Caridade, quando as primeiras vieram para algumas paróquias de Paris? Oh! Não, minhas Filhas, eu não pensava nisso; a vossa Irmã Servente também não, nem o Senhor P.^e Portail. Pensava Deus nisso por vós. Foi Ele, minhas Filhas, podemos dizer, o autor da vossa Companhia; Ele o é mais verdadeiramente que qualquer outra pessoa. Oh! Bendito

Instrução XV. — Arquivo das Filhas da Caridade; o original é caligrafia de Luisa de Marillac.

seja Deus, minhas Filhas, por terdes sido, pela Sua bondade, escolhidas, vós pobres meninas da aldeia na maior parte, para formar uma Companhia que, mediante a Sua Graça, O servirá!

Creio, minhas Filhas, que fizestes oração sobre este assunto. O primeiro ponto trata da necessidade, que cada Companhia tem, duma regra ou maneira de viver adequada ao serviço que Deus quer obter. E isto é muito claro, pois há regras não somente entre os religiosos, mas em toda a parte: nós outros, que não somos religiosos, nem jamais o seremos, porque o não merecemos, temos uma; os Padres do Oratório, que deveria ter nomeado em primeiro lugar, também têm uma. É difficil e mesmo impossivel que as Comunidades se mantenham na uniformidade, sem uma regra. Que desordem seria se umas se quisessem levantar a uma hora e outras a outra! Seria desunião em vez de união.

Dir-vos-ei portanto, minhas Filhas, as poucas reflexões que fiz sobre este assunto, pois não tive tempo para pensar muito nele.

A primeira razão é a necessidade de que acabo de vos falar, e isto desde sempre. As Regras estão estabelecidas na ordem da natureza, e o próprio Deus as escreveu por Sua mão para o povo israelita e quis que a sua lei permanecesse sempre sob os seus olhos. Talvez fosse conveniente, minhas Filhas, fazer o mesmo com as vossas regras. Pelo menos deveis todas ter uma cópia delas para vos ajudar a praticá-las exactamente.

Uma outra razão, minhas Irmãs, é que isto agrada a Deus. Ó minhas Filhas, que felicidade poder agradar a Deus! Não vêdes, minhas Irmãs, que temos um singular prazer em agradar às pessoas que amamos? Sentimos grande honra e contentamento em agradar ao rei, um rei terreno, que, segundo a natureza, não é mais que os outros homens e está sujeito às mesmas necessidades e incomodidades. Tivemos o exemplo nestes dias atrás, na pessoa do nosso bom rei de muito feliz memória, que tanto soffreu e que, depois da sua morte, tinha vermes no mesentério e no estômago. Se tantas pessoas trabalham com tão grande prazer e persistência para agradar a um rei terreno de quem se não pode esperar senão recompensas vãs e terrenas, com mais forte razão, minhas Filhas, deveis ter o cuidado de agradar a Deus, que é Rei de todos os reis e que recompensa os que O amam e servem com uma felicidade eterna.

Uma outra razão, minhas Filhas, é que as vossas regras são fáceis de observar. Estão divididas em duas partes. A primeira ensina-vos em quinze artigos o emprego do dia, isto é, tudo quanto deveis fazer em cada hora. A segunda parte contém vários avisos para vos ajudar a bem praticá-las.

Bem sei que haverá um pouco de diferença nos vossos regulamentos, por causa da diversidade dos pobres que servis; mas no entanto, quanto ao principal dos vossos exercícios, podem todas estar de acordo. E se fôr necessário mudar alguma coisa quanto ao serviço dos forçados, das crianças, dos pobres das paróquias e das Irmãs que estão no campo, far-se-á. Creio que facilmente podereis ser semelhantes às da Casa; e para desejar que os vossos exercícios sejam como os das Irmãs da Casa.

Digo-vos portanto, minhas Irmãs, que a prática da vossa maneira de viver é muito fácil. Nada mais fácil e agradável, do que levantar-se às quatro horas, dar os seus primeiros pensamentos a Deus e pôr-se de joelhos para O adorar e oferecer-se a Ele. Não será isto muito fácil?

Para fazer a adoração, isto é, para falar com Deus durante meia hora, oh! que facilidade e que felicidade! Ordinariamente sentimo-nos felizes por poder falar a um rei; não têm razão os que acham difícil falar meia hora com Deus.

Levar os remédios aos doentes e no regresso ouvir a Santa Missa, também não é mais difícil. Ir a casa da Senhora que manda preparar a comida, indo à hora em que a deve levar aos doentes, ou um pouco antes, se fôr preciso; e às vezes é, receando que as empregadas a não tenham pronta a horas.

Fazer o exame particular antes do jantar, rezar o *Benedicite* e as graças. Que dificuldade achais nisto?

Depois do jantar ter o cuidado de tomar as receitas do médico, preparar e levar os remédios aos doentes. Isto é muito fácil.

Depois disto arranjar tempo para ler um capítulo de algum livro de devoção. Ó minhas Filhas, não se deve faltar a este ponto; isto é muito fácil e coisa muito necessária; pois, de manhã, falais com Deus na oração, e pela leitura Deus fala convosco. Se quizerdes ser ouvidas por Deus nas vossas orações, escutai a Deus na leitura. Não há menos vantagem e felicidade em escutar a Deus do que em Lhe falar. Eis porque vos recomendo muito, tanto quanto possível, que não falteis a isto e, podendo ser, que façais um pouco de meditação em seguida.

Fazer ainda o exame particular antes da ceia; isto é fácil de fazer.

Fazer, antes de deitar, o exame geral; deitar-se às nove horas e adormecer com algum bom pensamento. Não será muito fácil tudo isto? E que razões poderíeis ter para o não fazer?

Além do que já vos disse, rezareis o vosso terço aos poucos; por exemplo, uma dezena depois da oração da manhã; duas na Igreja, antes da missa, ou até ao evangelho, se a missa começar mais cedo; outras duas, depois da leitura da tarde; e uma à noite.

Podeis fazê-lo noutras horas, se estas não vos convierem. Confessar-se e comungar aos domingos e festas principais e não muitas vezes sem licença do director. (1) Ó minhas Filhas, recomendo-vos que sejais muito exactas na prática deste ponto, que é de grande importância. Eu bem sei que poderá haver muitas que desejam fazê-lo mais vezes; mas, pelo amor de Deus, mortificai-vos a este respeito e pensai que uma comunhão espiritual bem feita pode, às vezes, ter mais eficácia que uma real. Eu o sei, minhas Filhas, e dir-vos-ei com razão que as comunhões demasiado frequentes têm sido causa de grandes abusos, não, por causa da sagrada comunhão, mas pelas más disposições que muitas vezes se levam.

É por isso, minhas Filhas, que eu vos digo que não comungueis mais vezes, sem licença do vosso director.

É ainda muito importante não estardes sem fazer nada, e ocupar-vos a coser ou a fiar, quando não tiverdes mais nada a fazer para os vossos doentes. Oh! Deveis trabalhar para ganhar a vida e serdes muito exactas em empregar o tempo, de que Deus vos pedirá estreitas contas. Ele próprio disse: «Eu vos reclamarei o tempo passado.» É coisa preciosa empregar bem o tempo; e o tempo que nos é dado na terra pode ser-nos tão vantajoso, que nos devemos acautelar de o perder. Ó miserável, que direi eu a Deus quando me pedir contas do tempo que perco!

A segunda parte das vossas regras, minhas Filhas, consiste em alguns avisos, contidos em dezassete artigos, para bem empregar o dia, para fazer todos os vossos exercícios em espírito de humildade, caridade e mansidão, e para honrar a santa vida de Nosso Senhor na terra. Para isso deveis formar a vossa intenção no começo de cada acção e principalmente quando vos applicardes ao serviço dos vossos pobres doentes.

Que felicidade, minhas Filhas, servir a pessoa de Nosso Senhor nos seus pobres membros! Disse-vos que consideraria esse serviço como feito a Si próprio!

Tende grande consideração pelas Senhoras. Não será muito razoável falar-lhes com respeito e obedecer-lhes no que respeita ao serviço dos doentes? São elas que vos fornecem meio de prestar a Deus os serviços que fazeis aos doentes. Que poderíeis sem elas, minhas Filhas?

Tende-lhes portanto grande respeito, seja qual for a sua condição.

Devo dizer-vos que notei que várias faltaram neste ponto.

Oh! Deveis evitá-lo para o futuro, tanto falando com elas,

(1) N. B. — Hoje recomenda-se a Comunhão diária.

como falando delas. Elas vos estimam e amam, mas não deveis abusar.

Deveis proceder do mesmo modo para com os médicos. Ó minhas Filhas, não deveis criticar as suas receitas, nem fazer os vossos remédios com outra composição, pôr exactamente o que vos disserem tanto quanto à dose como às drogas. Disto depende muitas vezes a vida das pessoas. Respeitai portanto os médicos, não só porque são mais do que vós e porque são sábios, mas também porque Deus vo-lo recomenda na Sagrada Escritura, onde há uma passagem que diz: «Honrai os médicos pela necessidade (Ecl. 38,1)». Os próprios reis os honram, e todas as pessoas importantes do mundo. Porque é que vós, sob o pretexto de que vos são familiares, e vos falam livremente, não tendes por eles a consideração e o respeito que deveis? Tende cuidado com isso, minhas Filhas, eu vo-lo peço. E ainda que vos pareça algumas vezes que um não faz tão bem como o outro, não os desconsidereis, pois é a ignorância que vos impede de saber porque é que os médicos observam métodos diferentes para tratar os doentes, que no entanto dão iguais resultados. É por isso que deveis ter por eles um grande respeito.

Deveis pensar com frequência que a vossa ocupação principal e o que Deus vos pede particularmente é o grande cuidado em servir os pobres, que são os nossos senhores. Oh! Sim, minhas Irmãs, são os nossos senhores. É por essa razão que os deveis tratar com doçura e cordialidade, pensando que foi para isso que Deus vos instituiu e reuniu, e formou a vossa Companhia. Deveis procurar que nada lhes falte dentro do possível, tanto quanto à saúde do corpo, como quanto à da alma. Como sois felizes, minhas Filhas, por Deus vos ter destinado para isto toda a vossa vida!

Os maiores do mundo sentem-se felizes por poderem empregar nisto uma pequena parte do seu tempo, e fazem-no com tanto fervor e caridade! Vêdes, as nossas Irmãs de S. Sulpício, essas boas princesas e grandes senhoras, quando as acompanhais. Ó minhas Filhas, como deveis apreciar a vossa condição, pois tendes assim ocasião de praticar todos os dias e a todas as horas as obras de caridade, meio de que Deus se serviu para santificar muitas almas! Sim, minhas Filhas, um S. Luís não serviu os pobres no Hospital-Geral de Paris com uma humildade tão grande que serviu para a sua santificação? Todos os santos, ou a maior parte, tiveram como grande ventura serem agradáveis a Deus, por esse meio. Humilhai-vos profundamente e pensai que isso é para vós uma graça de Deus, muito superior aos vossos méritos. O quê! O mundo vos estima e honra por isso e admira o que Deus

quer fazer por vós. Acabo de estar com a rainha. Falou-me de vós. Ó minhas Filhas, tendes grandes motivos para recardes ser infiéis a Deus e ingratas pelos seus favores, se não tiverdes cuidado de pôr em prática as regras que Ele vos manda dar.

Não deveis falar muito. Ó minhas Filhas, é um grande defeito falar muito e uma coisa feia, particularmente para as Filhas da Caridade, que devem ter muito mais recato que os outros. Deveis ainda guardar silêncio às horas de levantar e de deitar; isto é, desde a leitura da noite até ao dia seguinte depois da oração. Ó minhas Irmãs, como é bom guardar o silêncio! É no silêncio que se pode ouvir Deus falar ao nosso coração. Tende por isto grande devoção. Se a necessidade vos obrigar a falar, que seja em voz baixa e em poucas palavras. Esta prática vos dará grande devoção.

O sexto artigo manda que sejais modestas. Ó minhas Filhas, deveis ter esta virtude em singular estima; pois, se vissem na rua uma Filha da Caridade imodesta, olhando para a esquerda e para a direita, imediatamente diriam: «Esta Irmã da Caridade desistirá.» E se isto se desse com muitas, haveria razão para crer que breve a Comunidade acabaria. Ó minhas Filhas, isto é uma coisa muito importante. Mas também temos motivo para louvar a Deus e posso dizer-vos que fico edificado com a vossa modéstia quando encontro pela rua alguma de vós. Oh! Deus seja bendito! Ficou-me sempre de memória a modéstia e recato duma Irmã, que vinha de um lugar; como eu lhe perguntasse quem era a pessoa com quem tinha falado, respondeu-me: «Ali! Senhor, não fiz atenção.» É assim, minhas Filhas, que deveis proceder.

Não deveis fazer nem receber visita alguma, nem conservar ninguém no vosso quarto, quando possa impedir os vossos exercícios. Seria para vós uma falta considerável, se tivésseis esse hábito; a pouco e pouco isso tomaria todo o vosso tempo e levar-vos-ia a servir os doentes à pressa; e, o que seria pior, haveria a recear que com o tempo viésseis a deixá-los de tal maneira, que o pensamento das pessoas que tñheis de ir visitar e das que haviam de vir a vossa casa ocupariam a parte principal do vosso tempo e do vosso espírito.

Ó minhas Filhas, como este ponto é importante e perigoso! Acautelai-vos disto e não receeis dizer: «Peço-vos que nos desculpeis, é a hora da refeição, das nossas orações; não podemos adiá-las para outra ocasião.» Reparai, minhas Filhas, ainda que, na ocasião em que lhes falais vos pareça que não acham bem, não hesiteis. Depois de reflectirem louvar-vos-ão em vez de vos censurarem e tereis a consolação de ter respondido, nessa ocasião, como Deus queria. Que felicidade, minhas Filhas, terdes a certeza, praticando as vossas regras, de que fazeis a vontade de Deus. É

por isso que, quando vos disserem: «Não me tendes vindo visitar», deveis responder resolutamente: «Peço-vos que me desculpeis, minha senhora ; nós não devemos fazer visitas.»

Deveis viver reciprocamente em grande união e não vos queixardes nunca umas das outras. Para se conseguir isso, minhas Filhas, deveis suportar-vos muito, porque não há ninguém que não tenha defeitos. Se não suportarmos a nossa Irmã, porque havemos de pensar que tem obrigação de nos suportar? Não é que não haja às vezes alguma pequena contradição: pode uma querer uma coisa e sua Irmã outra; e o que querem não é mal; todavia, se não houver condescendência, e uma não ceder à outra, seguir-se-á a desunião.

Por isso, minhas Filhas, em nome de Deus, anticipai-vos uma à outra a dizer: «Pois bem! Minha Irmã, se desejais assim, eu também.» Ó Minhas Irmãs, eis o verdadeiro meio de estar sempre unidas. Não devemos nós proceder do mesmo modo connosco, que não queremos sempre a mesma coisa; pois hoje queremos uma coisa e amanhã outra? E, senão nos suportarmos nestas mudanças, jamais teremos em nós paz e tranquilidade. Não vos queixeis umas das outras, quer às Senhoras, quer aos vossos confessores, quer a alguma das vossas Irmãs, e não vos demoreis voluntariamente nos pensamentos de aversão que às vezes possais ter.

Eis ainda, minhas Filhas, outro grande meio para vos manterdes em união e cordialidade; se vos ofendestes uma à outra, pedi imediatamente perdão, se for possível, ou pelo menos à noite, pois se vos deitásseis assim, seria uma grande cobardia, minhas Filhas. Não somente é este o dever das Filhas da Caridade, mas também o de todo o bom cristão, pois Deus disse: «Que o sol se não ponha sobre a vossa cólera.» (Ef. 4,26). Há pessoas do mundo que assim procedem.

Embora, minhas Irmãs, sejais todas iguais e em tudo semelhantes, a regra no entanto manda que, de duas ou três que estejam juntas, uma seja nomeada Irmã Servente; a essa deveis submeter-vos humildemente e de bom grado, considerando-a em Deus, e se a considerardes em Deus, pois é por determinação da divina Providência que estais juntas e por consequência a deveis honrar. Por seu lado, a Irmã Servente deverá abster-se de agir para com a sua Irmã com autoridade e império, mas sim com doçura e cordialidade, lembrando-se que a caridade é doce, benigna, paciente e suporta tudo. Ora, não seria ser uma verdadeira Filha da Caridade se não imitasse sua mãe.

Deveis, minhas Filhas, ter grande respeito umas às outras, lembrando-vos que estais igualmente ao serviço do mesmo Se-

nhor: pelo que vos deveis considerar mais honradas do que se estivésseis ao serviço dos mais nobres senhores do mundo. É este ainda um conselho que nos dá Nosso Senhor: «Tratai-vos uns aos outros com honra e benevolência» (Rom. 12,10).

Ó minhas Filhas, se assim se fizer, como a vossa Companhia será de grande bênção e edificação! Não faleis nunca uma contra a outra, mas abandonai antes a vossa vontade, para fazerdes a de vossa Irmã; bem entendido, nas coisas que não constituam pecado nem transgridam a vossa regra. Mas às vezes acontecem coisinhas de nada que dão ocasião a contrariarem-se de tal maneira, que por uma bagatela se chegam a cometer grandes faltas. O demónio que é nosso inimigo e pai da discórdia, nada deseja mais que, por esse meio, nos desunamos.

Ó minhas Filhas, é disto que nos devemos acautelarmos, e preferir contentar a Deus a satisfazer a nossa própria paixão.

Eis um outro artigo, que manda não dar nada nem nada receber sem autorização da Irmã Servente que tem a direcção da casa. Ó minhas Filhas, este ponto é mais importante do que julgais. Assim que entraís numa Companhia em que nada se deve ter de próprio, tudo o que tendes já não é mais vosso, mas tanto das vossas companheiras como de vós mesmas. É por isso que não tendes o direito de o dar sem licença. Se for coisa de importância, por pouco que seja, deve a Irmã Servente pedir licença ao Superior. Se for uma coisa pequena, pode ela mesmo autorizar que se dê ou receba. Se for urgente e não tiverdes tempo de pedir licença, a vossa intenção deve ser falar nisso depois à vossa Irmã Servente, com espírito de submissão, dispostas a devolver o objecto ou a guardá-lo, segundo a ordem que ela vos der. Não estará isto bem assim, minhas Filhas? Oh! Que optimos meios para vos tornar virtuosas! Bendito seja Deus!

Eis ainda outro artigo muito necessário: tereis o cuidado de vir ao menos todos os meses a Casa, à hora que mais convier. E para quê, minhas Filhas? Para falar um pouco das vossas disposições, com a Irmã Servente, e isto muito cordialmente, como uma criança que viesse procurar junto de sua mãe algum alívio, para lhe confiardes as vossas penas, grandes ou pequenas, pedir-lhe conselhos segundo as vossas necessidades, dar-lhe conta da prática das vossas regras, do vosso procedimento, das vossas pequenas alterações, se as tiver havido, e isto muito sincera e cordialmente, sem fingimento algum.

Ó minhas Filhas, as pequenas dificuldades da vida, não existirão mais, depois destes refrigérios; ou, se alguma ficar, Deus vos fará a graça de gostar dela, por amor d'Ele.

Não deveis contentar-vos com descobrir os vossos defeitos e

as vossas dificuldades, é bom dizer também as graças que Deus vos tiver concedido. Há cinco ou seis artigos de que deveis falar. Sereis avisadas disso.

Há um, minhas Filhas, que vos ajudará muito a praticar as vossas regras e os vossos exercícios: não deixardes de vir às reuniões, quando delas fordes prevenidas, seja sob que pretexto for. Se uma Senhora quisesse tomar-vos esse tempo, deveríeis dizer-lhe: «Minha Senhora, peço-vos humildemente nos permita irmos à conferência que se faz em casa. Somos obrigadas a isso; e tomámos as precauções necessárias para que nada falte aos doentes durante a nossa ausência. «Se lhe falar-des assim, elas e absterão de vos impedir de o fazerdes.

Doutro modo, perderíeis muito; pois, minhas Filhas, Deus, que conhece as vossas necessidades, permite que ouçais por vezes, nestas reuniões, uma palavra útil que noutro lado não ouviríeis. E depois, minhas Irmãs, há sempre grande bênção em assistir a estas reuniões, porque Nosso Senhor disse que, quando nos reuníssemos em Seu nome, estaria no meio de nós. Dizei-me, minhas Filhas, não dirá Nosso Senhor a verdade? E visto não poder deixar de a dizer, porque O não acreditamos? Ó minhas Filhas, creio tão firmemente como se O visse aqui no meio de nós, apesar de muito indigno; sim, minhas Filhas, creio-o mais do que creio estar a ver-vos aqui todas. Por isso vos peço que não deixeis de reunir-vos aqui.

E deveis ainda, minhas Filhas, não ter apego algum, nem aos lugares, nem às pessoas, nem aos officios, e estardes sempre prontas a deixar tudo quando a obediência vos retirar de qualquer lugar, convencidas de que Deus assim o quer. Isto é muito mais importante do que vos saberia dizer.

Sem este desprendimento geral é impossível que a vossa Companhia subsista. E, minhas Filhas, não havíeis de querer que, para satisfação vossa, vos deixassem num lugar donde seria necessário tirar-vos, para vos colocar noutra parte, ou para vir para casa. Uma outra Irmã faria como vós, depois ainda uma outra, e assim, multiplicando-se essa desordem, seria a ruína total da Companhia e a cessação de tanto bem que se faz e que se poderá fazer, se fordes fiéis a Deus. Que desgraça, minhas Filhas, para a Irmã que tivesse sido a primeira a causar esta desordem! Praza a Deus que isto jámais aconteça! Minhas Filhas, acautelai-vos de que se não infiltre entre vós qualquer apego que vos impeça de serdes dóceis nas mãos de Deus; pois poderia acontecer não irdes para um lugar onde a sua bondade quereria conceder-vos a graça de vos colocar.

Se bem que vos recomende a prática exacta das vossas regras

e da vossa maneira de viver, e que vos conformeis com tudo o que se fizer nesta casa, onde está o corpo da Companhia, todavia, como a vossa principal obrigação é o serviço dos pobres doentes, não deveis recear deixar alguma regra, nas necessidades urgentes dos doentes, contanto que seja por verdadeira necessidade e não por um sentimento da natureza, ou por preguiça.

Eis, minhas Irmãs, o último artigo da vossa maneira de viver. O memorial é-vos dado para, que façais a sua leitura pelo menos uma vez por mês. Deve ser assim. Por esta leitura conhecereis a vontade de Deus e excitar-vos-eis a pô-la em prática.

Ó minhas Filhas, Deus vos conceda essa graça ! Será para vós um meio de vos tornardes verdadeiras Filhas da Caridade, agradáveis a Deus; afirmo-vos, e é verdade, as que observarem e praticarem bem fielmente as suas regras chegarão depressa a uma grande perfeição e santidade. Ó minhas Filhas, o que é que vos poderia impedir disso? São tão fáceis! Sabeis que vos tornam agradáveis a Deus e que seguindo-as fareis a sua santíssima vontade. Ó minhas Filhas, se fordes muito fiéis à prática deste modo de vida, sereis todas boas cristãs. Não vos diria o mesmo, se vos dissesse que serieis boas religiosas. Para que se fizeram os religiosos e as religiosas, senão para formar bons cristãos e boas cristãs? Sim, minhas Filhas, tende grande cuidado em vos tornardes boas cristãs pela prática fiel das vossas regras.

Deus será com isso glorificado e a vossa Companhia a edificação de toda a Igreja. Não tenhais em pouca estima a graça que Deus vos concedeu e concederá, se dela vos tornardes dignas.

Pensai que nestes últimos tempos quis Deus colocar na Sua Igreja uma Companhia de pobres meninas do campo, como sois na maior parte, para continuar a vida que Deus teve na terra. Ó minhas Filhas, não vos torneis indignas desta graça.

Peço a Deus, minhas Irmãs, Se digne conceder-vos para este fim uma grande união.

Ó meu Deus, damo-nos a Vós para o cumprimento dos desígnios que sobre nós tendes; reconhecemo-nos indignas desta graça; mas Vo-la pedimos por amor do Vosso Filho; por intercessão da Santíssima Virgem; e ainda por intermédio das nossas Irmãs, que, na Vossa bondade, Vos dignastes já colocar no Vosso santo paraíso.

Dai-no-la, meu Deus, para glória Vossa, e dignai-Vos abençoar-nos:

Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. *Amen.*

16 — CONFERÊNCIA DE 7 DE DEZEMBRO DE 1643

SOBRE A OBRA DAS CRIANÇAS EXPOSTAS

Uma Irmã pensou que um dos motivos para servirmos as criancinhas com grande cuidado e afeição era a sua alimá ser feita à imagem de Deus. Lembrou também que Nosso Senhor amou sempre as criancinhas, porque mandou aos Seus Apóstolos que as deixassem aproximar d'Ele e nos ensinou que para se entrar no Céu nos devemos tornar semelhantes a elas.

Para os servir bem é bom lembrar-nos que os seus pequeninos exemplos nos serão úteis para adquirir as virtudes pelas quais seremos tidas por Deus como criancinhas.

— Bendito seja Deus, minha Irmã! Como estou satisfeito por ver os pensamentos que Deus vos deu a todas.

Oh! Não duvideis. Podemos esperar muitas graças, servindo essas pobres criaturinhas, abandonadas de todos, excepto da divina Providência que vos escolheu para as servir.

Outra Irmã disse;

Meu Pai, devemos considerar-nos muito felizes por Deus nos ter dado o cuidado destas criancinhas, muitas das quais darão talvez muita glória a Deus por si mesmas, ou pela instrução que poderão dar a outrem.

Uma outra razão, é a confiança em que devemos estar de que é da vontade de Deus termos este emprego, pois Ele mesmo o inspirou aos nossos Superiores, e o receio de que, se não desempenharmos bem este cargo, Deus entregue esta obra a outras, que cumprirão o seu dever.

Pensei ainda que era para nós um meio de conseguir a salvação o procurarmos desempenhar bem este officio.

Reflexões duma outra Irmã:

Meu Pai, essas crianças que são, segundo todas as probabilidades, duplamente concebidas no peccão, representam uma planta espinhosa que Deus não quer lançar ao fogo, mas da qual quer colher rosas. Essas rosas são as suas almas racionais, que criou e resgatou com o sangue e a morte de Seu Filho. Este pensamento deu-me grande desejo de tratar delas.

Reflexões doutra Irmã:

Meu Pai, há cinco razões principais que nos devem dar grande desejo de tratar dessas pequeninas criaturas abandonadas de toda a gente. A primeira é a obrigação de procurar a glória de Deus

em tudo o que pudermos, como fazemos, servindo esses corpinhos por amor de Deus, instruindo as suas almas, dando-lhes bons exemplos, a fim de glorificarem um dia a Deus na eternidade.

Segundo motivo. — Como esses corpinhos são duplamente concebidos no pecado, há razão para crer que o demónio terá mais força para os induzir ao mal e fará todos os esforços para conseguir o maior número deles para o inferno; é isto que devemos impedir, visto haver obrigação, sob pena de pecado, de arrancar o próximo à morte sempre que pudermos, e a morte da alma ser muito mais importante que a do corpo.

Terceira razão. — O exemplo que o próprio Deus nos deu duma criancinha destas condições, abandonada por sua mãe Agar. Agar recebeu a visita dum anjo que lhe ordenou, da parte de Deus, que cuidasse do seu filho. Tomou-o de novo, humilhou-se e comoveu com as suas lágrimas o coração da verdadeira mulher de Abraão, que a recebeu em sua casa. (1).

Quarto motivo. — Devemos ter em grande consideração os desígnios de Deus escolhendo-nos para esta obra, que devemos apreciar acima de tudo quanto possamos imaginar.

Quinto motivo. — O serviço prestado a estas criancinhas é um dos mais poderosos meios para nos aperfeiçoarmos; aprendemos aí a vencer-nos em muitas das nossas paixões e a fugir da ociosidade.

Um primeiro meio para bem tratar essas criancinhas é pensar que não somos capazes disso, manifestar muitas vezes a Deus a nossa incapacidade e pedir-Lhe a graça de nos ensinar a tratá-las com muita utilidade para a Sua glória e salvação delas.

Em segundo lugar, respeitar essas criancinhas como filhas de Deus, e lembrar-nos que Nosso Senhor nos mandou dar-lhe bom exemplo, por os seus anjos verem constantemente a face de Deus.

Em terceiro lugar, ter grande cuidado no que lhes é necessário e procurar que nada lhes falte.

Em quarto lugar, não mostrar mais afeição a uns do que a outros, pois as preferências causam ciúmes e inveja, a que estas criancinhas se poderiam habituar.

Em quinto lugar, procurar a prática das nossas regras, primeiramente para sermos fiéis a Deus; depois para bem das crianças, que, servidas a horas, gozarão mais saúde.

Deus seja bendito, minhas Filhas, pelos pensamentos que a todas deu. Estou satisfeitíssimo e nem vos saberia exprimir a

(1) Há confusão no espírito da Irmã que fala; foi noutra circunstância que Abraão e Sara, sua mulher, consentiram em receber Agar.

alegria que o meu coração sente com isso, particularmente por terdes tomado, quase todas, a resolução de ir tratar dessas criancinhas com caridade, mansidão e afeição, sempre que a obediência vos enviar em seu socorro. Foi Deus, minhas Filhas, que vos deu essa boa vontade. Conservai-a.

Considerando o proceder da divina Providência a vosso respeito fiquei extremamente admirado, minhas Filhas, pela escolha que desde toda a eternidade fez de vós, pobres meninas da aldeia, sem experiência, sem ciência, com excepção de muitas, para lhes prestar esse serviço, o mais importante que conheço, com o que lhe prestam as religiosas do Hospital-Geral. Como deveis estar reconhecidas por esta graça. Pois desde toda a eternidade pensava Deus em vós para uma missão de tão grande importância.

Não somente pensava em fazer a instituição duma Companhia para este fim, mas pensava até em escolher cada uma em particular para dela fazerdes parte. Se comprehendêsseis bem os desígnios de Deus sobre vós, minhas Filhas, considerar-vos-feis felizes por esta misericórdia. Que Nosso Senhor vos conceda esta graça!

Uma segunda observação, minhas queridas Irmãs, é que pertencem estas criancinhas a Deus duma maneira muito particular, pois foram abandonadas de pai e mãe, e todavia têm uma alma racional, criada pela onnipotência de Deus. Pertencem só a Deus que lhes serve de pai e de mãe e provê às suas necessidades.

Considerai, minhas Filhas, o que Deus fez por elas e por vós. Desde toda a eternidade havia fixado este tempo para inspirar a um certo número de senhoras o desejo de tomar o cuidado e a direcção destas criancinhas, que considera Suas; e desde toda a eternidade também, vos escolheu para o Seu serviço, minhas Filhas. Que honra para vós! Se as pessoas do mundo se reputam muito honradas por servirem os filhos dos grandes, quanto mais vós, por terdes sido chamadas a servir os filhos de Deus!

Estive últimamente num lugar onde o rei passeava. «Senhor, lhe disse a sua aia, ao ver o senhor Chanceler, que se aproximava; Senhor, estendei a mão ao senhor Chanceler. «Ó meu Deus! Exclamou o Chanceler, fazendo uma grande reverência, não me atrevo a tocar na mão do rei; não sou Deus.» Vêde, minhas Filhas, por ser filho do rei, é rei; e se o Senhor Chanceler, que é dos primeiros oficiais da sua corte, não ousa, por respeito, pegar-lhe na mão, que sentimentos não deveis ter servindo essas criancinhas que são filhas de Deus!

Entregai-vos a Deus, minhas Filhas, para as servir com grande caridade e doçura e adquiri o hábito de ver Deus nelas e de as servirdes em Deus e por Seu amor. Como é poderosa essa razão,

minhas Filhas! Deveis concluir disto, que Deus tem grande prazer em ver o serviço que lhes prestais.

Um outro motivo, minhas Filhas, é a grande satisfação que Deus sente pelo serviço que prestais a essas criancinhas, assim como o sente com os seus chilreios e até mesmo com os seus gritos e queixas. Cada um dos seus gemidos enche de confusão o coração de Deus. E vós, minhas Irmãs, quando, aos seus gemidos, os aliviais prestando-lhes os cuidados de que necessitam, fazendo-o por amor de Deus e para honrar a infância de Nosso Senhor, não dais prazer a Deus? E Deus, não será honrado com os gemidos e as queixas dessas criancinhas? Coragem, portanto, minhas Filhas! Amai o serviço dessas criancinhas, pela boca das quais Deus recebe um perfeito louvor. Não sou eu que o digo, minhas Filhas, é o profeta: «Ex ore infantium et lactentium perfecisti laudem tuam» (Salmo 8.13). Mas eu disse-o em latim. Isto, minhas Filhas, significa: «É perfeito o vosso louvor na boca das crianças de leite».

Isto é portanto verdadeiro, minhas Filhas, pois a Sagrada Escritura o afirma.

Vêde como sois felizes por prestar serviço a essas criaturinhas que dão a Deus um perfeito louvor e nas quais Deus tão grande prazer sente, prazer de alguma maneira semelhante ao das mães que não têm maior consolação do que ver quanto os seus filhinhos fazem. Tudo admiram e de tudo gostam. Assim também Deus que é seu Pai, Se compraz em todas as suas acções. Procedei do mesmo modo, minhas queridas Irmãs. Considerai-vos suas mães. Que honra, considerar-se mãe de criancinhas de quem Deus é Pai!

E como tal, comprazei-vos em servi-las e em fazer tudo quanto vos for possível para a sua conservação. Nisto assemelhar-vos-eis de algum modo à Santíssima Virgem, pois sereis ao mesmo tempo virgens e mães. Acostumai-vos a considerar essas criancinhas assim e isso facilitar-vos-á o trabalho que tendes com elas, porque bem sei que o tendes.

Pensai ainda no affecto que as boas mães têm pelos seus filhos. Ó minhas Filhas, elas expôr-se-iam a toda a espécie de perigos para os salvar duma ligeira aflicção. E o que acabo de dizer dá-se até com as mães dos animais, como a codorniz, que se deixa apanhar pelos caçadores, para salvar os seus filhinhos.

Quando tiverdes um grande cuidado por essas criancinhas e lhes derdes tudo quanto necessitarem, então tereis junto delas o lugar de verdadeiras mães. Ó minhas Filhas, como Nosso Senhor estará contente convosco, pois fareis nisso a sua santíssima vontade e servindo essas criancinhas contribuireis para Lhe dar o

mais perfeito louvor, o qual Lhe não será rendido pelos doutores mas sim pela voz e acções dessas criaturinhas !

Um quarto motivo é que, por essas criancinhas terem dado louvores a Jesus Cristo, todas as nações adorarão a Deus...

Não vos deveis considerar muito felizes, minhas queridas Filhas, por honrar Jesus Cristo na pessoa dessas criancinhas e em ensiná-las a prestar glória e adoração a Deus?

Mas poder-me-iam dizer : «Como é possível servir essas criancinhas tão choronas, tão sujas, e filhos de mães tão más que os deram ao mundo ofendendo a Deus e depois os abandonam!»

Ó minhas Filhas, por todos esses motivos será grande a vossa recompensa. Reparais, de algum modo, a ofensa que essas más mães fizeram a Nosso Senhor abandonando assim os seus filhos, quando cuidais de os amparar por amor de Deus e porque Lhe pertencem.

Considerai, minhas Filhas, se Deus não vos tivesse chamado ao Seu serviço e vos tivesse deixado nos embaraços do mundo, teríeis sido mães e os vossos filhos ter-vos-iam dado muito mais preocupações e tormentos do que estes. E com que proveito?

Como a maior parte das mães, tê-los-leis amado com um amor natural, como os animais amam os seus filhos. Que recompensa teríeis disso? Muito simplesmente a recompensa da natureza : a vossa satisfação própria. Ó minhas Filhas, não se dará o mesmo com o serviço que prestais a essas criancinhas por amor de Deus ; pois só isto vos conduz a isso ; estão enxovalhados ; depois o pensamento da mãe deles pode causar um pouco de repugnância.

Há muito trabalho, é verdade, minhas Filhas ; mas onde é que não há trabalho? Há-o por toda a parte. Quando estáveis no mundo não o tinheis? Se ainda lá estivésseis não o teríeis? oh ! há-o em todas as condições. Mas na condição das que servem as criancinhas como em todos os exercícios da caridade, os trabalhos são seguidos duma tão grande recompensa, que deve ser um trabalho muito amado. No mundo teríeis sido mães, mas não como o sois aqui, porque essas criancinhas pertencem tão perfeitamente a Deus que as podemos chamar Seus filhos, pois ninguém mais cumpre para com elas o dever de pai. Ó minhas Irmãs, compenetrai-vos bem desta verdade.

Estou certo que tereis grande consolação em servi-las, considerando que é dos seus lábios que sai o mais perfeito louvor que é prestado a Deus. Os profetas afirmam que Deus é glorificado pelas criancinhas. Porquê? É que são reconhecidas pelo particular cuidado que toma na sua direcção. Minhas Irmãs, é para vós grande honra ter Nosso Senhor pensado em vós, desde toda a eternidade, para o serviço dessas criancinhas, e deveis considerar-vos muito felizes por isso. Oh ! Sim, minhas Filhas, deveis

ter em grande apreço os desígnios que Deus teve sobre vós. Escolheu-vos a vós, que não pensáveis n'Ele. Deixou passar muitos anos, durante os quais morreram muitas criancinhas, e em vez de se dirigir a tantas pessoas que a Sua bondade podia ter escolhido para esta santa obra, esperou que chegásseis ao estado de poder entregar-vos este cargo. Ó minhas Filhas, como deveis estar reconhecidas por esta obra!

Que mais ainda! Na ocasião em que vos escolheu havia muitas donzelas no mundo e Ele tomou-vos a vós, Ana, Maria, Margarida e todas as outras, para deixar grande número de meninas nas vossas cidades e na vossa família! Quanto deveis a Deus e como seríeis ingratas se não fósseis muito reconhecidas por estas graças e não cumprísseis o que Deus exige de vós para com essas criancinhas! Espero, minhas Filhas, que não sereis repreendidas por isso; peço-Lho de todo o coração.

Não me digais: «Mas, Senhor, será preciso ter um cuidado tão grande com essas criancinhas, filhas de mães tão más e que nos dão tanto trabalho?» Sim, minhas Filhas, já vo-lo disse, e é verdade que vos dão muito trabalho; mas este trabalho é objecto da satisfação de Deus. Aceita-o de tal maneira que certamente o mostra aos seus santos, e que O glorificam por isso. Ó minhas Filhas, se se tratasse de filhos do mundo, quero dizer, de famílias distintas, teríeis mais trabalho, talvez mais do que estes vos dão; e qual seria a recompensa? Pequenos salários e seríeis consideradas criadas. Mas por servir estas criancinhas abandonadas do mundo, que recebereis? Deus na eternidade. Poderá haver comparação, minhas Filhas?

E que lugar tendes junto dessas criancinhas? Sois de alguma maneira os seus anjos da guarda. O quê? Teríeis vergonha de vos encontrardes junto dessas criancinhas, minhas Filhas, quando os seus anjos da guarda se consideram tão felizes por se conservarem constantemente junto delas? Se vêm a Deus, é daí mesmo; se O glorificam, é junto dessas criancinhas; se recebem as suas ordens, é ainda junto delas. São eles que levam para Deus a glória que esses enteuzinhos Lhe rendem com os seus gritos e chilreios. E consideram-se muito honrados por lhes prestarem esses serviços.

Procedei do mesmo modo, minhas Filhas, pois estais com esses espíritos gloriosos, encarregadas do cuidado dessas crianças; se o fizerdes com o mesmo zêlo, vendo a Deus nelas, vereis que o trabalho que com elas tiverdes vos será suave e fácil de suportar.

Um meio para tratar bem essas criancinhas, é a indiferença, minhas Filhas, que consiste na disposição de estardes colocadas nesse officio, assim como de irdes para qualquer outro para onde a obediência vos enviar.

Sem isto não seríeis verdadeiras Filhas da Caridade.

Os animais obedecem aos homens; seria possível que uma Filha da Caridade recusasse obedecer a Deus? Sim, minhas Filhas, até os cavalos quando estão destinados à sela, não se recusam a isso; e os que são postos ao coche, nunca se negam a puxar. Nunca vi, a não ser uma vez, os cavalos recusarem ir para onde os queiram levar, para a direita ou para a esquerda, para a frente ou para trás. Obedecem sempre aos que os conduzem. E vós minhas Filhas, quereríeis que vos censurassem de que os animais vos suplantavam em submissão e indiferença? Ó minhas Filhas, é disso que vos deveis acautelar; e portanto lembrai-vos com frequência das vossas boas resoluções, pensando que o único meio de vos vencerdes nas dificuldades, é ver a Deus nesses pequeninos e pensar que vos diz: «Minhas Filhas, o trabalho que tendes com essas criaturinhas é para mim tão agradável, que o tomo, assim como o serviço que lhes prestais, como se fosse feito a mim mesmo.»

Um outro meio, minhas Filhas, é observar exactamente os costumes praticados na Casa. Não temos o seu regulamento. Se houvesse lá alguma coisa a corrigir, far-se-ia. Mas até que se tenha passado a limpo as vossas regras, afeiçoai-vos às que lá se observam, e tudo irá pelo melhor.

«Eu bem o faria, dir-me-ão algumas; mas estar com esta ou com aquela é para mim muito custoso.»

Ó minhas Filhas, não foi essa a prática das vossas mães, nem um bom exemplo deixado às que vierem depois de vós. Antigamente os filhos tinham um tal respeito por seus pais que os queriam imitar até com o risco da própria vida. O que eles faziam por coisas passageiras e transitórias, não o quereríeis vós fazer, tratando-se de coisas eternas?

Contam as Sagradas Escrituras que os filhos de Recabe diziam que os seus pais jamais tinham bebido vinho nem habitado em castelos ou casas; e por essa razão nunca quiseram beber vinho nem habitar noutro lugar sem ser em tendas. E ainda que isso já não estivesse em uso e que quisessem persuadi-los a fazer como os outros, nunca o quiseram, de tal modo respeitavam os exemplos e costumes dos seus antepassados; e diziam: «O quê! Ós nossos pais estiveram trezentos anos sem beber vinho nem habitar em casas; praza a Deus que jamais procedamos contra os seus costumes!» De tal modo que preferiram morrer a proceder ao contrário dos seus antepassados; o que agradou muito a Deus. É assim, minhas Filhas, que deveis proceder, habituando-vos aos costumes usados na Casa, imitando as primeiras Irmãs da Caridade, para que as que vierem depois de vós vos imitem como

suas mães. Um outro meio, minhas queridas Filhas, é lembrar-vos muitas vezes da graça que Deus vos concedeu, chamando-vos a prestar-Lhe serviço na pessoa dessas criancinhas.

Desde que tomastes conta delas, o seu número subiu a mais de mil e duzentas, mais ou menos; todas receberam o seu baptismo e talvez que, se não tivésseis tomado conta delas, todas tivessem morrido sem baptismo, e por conseguinte privadas da vista de Deus por toda a eternidade, que é o maior sofrimento do condenado.

Que grande felicidade para vós, minhas Filhas, poder contribuir para um bem tão grande e como vos deveis considerar honradas com esta graça, e esta outra, de viverem ainda muitas dessas criancinhas, devido aos vossos cuidados! Se assim continuar, antes de dez anos, deverá haver pelo menos setecentas ou oitocentas; e as que morrerem baptisadas irão glorificar a Deus por toda a eternidade. Que felicidade, minhas Filhas!

Participareis dos louvores que dirigirem a Deus; lembrarão a Deus a caridade que para com elas tivestes e todo o trabalho que vos deram. É uma grande ajuda para conseguirdes a vossa salvação, a caridade praticada para com essas criaturinhas, às quais dais a vida, ou antes, conservais a que Nosso Senhor lhes deu, pelo cuidado que com elas tendes. Que felicidade, minhas Filhas! Reconhecei-vos muito indignas desta graça e procurai tornar-vos dignas dela, para que Deus não vo-la tire para a dar a outras, que dela fizessem melhor uso e que mais reconhecidas fossem para com a sua bondade.

Além do mérito e da recompensa que Deus concede por cuidar dessas criancinhas, motivo bastante poderoso para as tratar com cuidado e deligência, há muitas vezes a satisfação, e estou persuadido que sentis muitas vezes afeição por elas. Ó minhas Filhas, nunca a terfeis demais. Podeis estar certas de que não ofendeis a Deus amando-as muito, pois são seus Filhos, e o motivo que vos faz consagrar ao Seu serviço é o Seu amor.

Não aconteceria o mesmo se tivésseis sido mães no mundo, porque muitas vezes o amor natural das mães pelos filhos é motivo de pecado, e depois têm grande pesar e sofrem muito com isso. Mas vós, minhas Filhas, sereis mães razoáveis, se velardes pelas necessidades dessas criaturinhas, as instruireis no conhecimento de Deus e as corrigirdes com justiça acompanhada de mansidão. Deste modo sereis verdadeiras mães.

E que acontecerá, minhas Filhas? Essas criancinhas habituar-se-ão de tal maneira à virtude, que com facilidade serão levadas ao bem e farão conhecer a omnipotência de Deus, tirando bons frutos de árvores viciadas.

Sofrei portanto, com coragem, minhas queridas Irmãs, as mortificaçõeszinhas que há nesse serviço, porque sei que as há; mas, sobretudo, tende cuidado em que pronunciem o nome de Deus, assim que começarem a falar; ensinai-lhes a dizer «Meu Deus!» Fazei-as muitas vezes falar de Deus umas com as outras; dizei vós mesmas frases pequenas, segundo a sua capacidade; quando lhes levardes alguma coisa que elas achem boa ou bonita, que saibam e confessem que foi Deus que lha deu.

Enfim, minhas Filhas, como não foi senão o amor de Deus que vos fez tomar tanto trabalho por elas, procurai imprimir fortemente no seu espírito o conhecimento das obrigações que têm para com Deus e um grande desejo de se salvarem.

O bem que lhes fizerdes não acabará com elas, porque, se viverem, terão emprego no mundo; se se casarem, darão bom exemplo à sua família e aos seus vizinhos; se se retirarem do mundo, como haviam de ser virtuosas e como edificariam os outros, pelos bons hábitos adquiridos desde a sua infância! Honraeis a Deus, cumprindo bem o vosso dever; mas podeis estar certas de que Deus vos honrará muito mais, aceitando os serviços que Lhes prestais na pessoa dessas criancinhas, e dando-vos uma grande recompensa no céu.

Tomai portanto o particular cuidado de as habituar a falar de Deus. Ouvei uma mãe dizer-me um dia, depois de ter perdido um filho que amava ternamente e que tinha feito bom uso das instruções que lhe dera: «Ah! Senhor, passei horas junto do seu leito, durante a sua juventude, esperando que acordasse, para fazer com que a sua primeira palavra fosse: «Meu Deus!» E sabeis porquê, minhas Filhas? É que o demônio procura, ao acordarmos, introduzir no espírito algum primeiro pensamento louco, para que todo o dia assim se passe.

Minhas Filhas, o último meio que agora me acode ao espírito é de vos applicardes a considerar a grandeza da vossa vocação. É tida por muito grande por todos os que a conhecem; apreciái vós mesmas o seu valor. A vossa vocação, como a das religiosas do Hospital-Geral, é das maiores de entre as que conheço na Igreja. E Deus escolheu-vos, a vós, pobres meninas ignorantes, para uma obra tão grande! Não vos admireis a ponto de sentirdes orgulho por isso, porque ordinariamente Deus escolhe as pessoas mais grosseiras e incapazes para fazer grandes coisas.

Cuidando destas criancinhas, tratando os pobres doentes, indo procurá-los, prestais a Deus o maior serviço que se Lhe pode prestar. contribuis tanto quanto vos é possível para que a morte do Filho de Deus não seja para eles inútil, honrareis a vida de Nosso Senhor Jesus Cristo que tantas vezes praticou o mesmo

que vós fazeis ; e, ajudando os forçados, honrareis os sofrimentos e as calúnias que o Filho de Deus suportou na Cruz.

Ó minhas Filhas, seríeis as maiores ingratas do mundo, se não reconhecêsseis a graça que Deus vos concedeu por uma tão santa vocação. Mas acautelai-vos, repito, acautelai-vos de Lhe serdes infiéis ! Oh que desgraça ! Tão grande será a felicidade das que Lhe forem fiéis, como a desgraça das que o não forem, pois não é justo que se receba o prémio dum trabalho que se não fez.

O exemplo de Judas e de muitos outros deve ser para nós um poderoso motivo para nos excitar à perseverança.

Agradecei a Deus o terdes sido escolhidas para uma vocação tão perfeita ; pedi-Lhe que vos conceda todas as graças necessárias para Lhe serdes fiéis. Eu O invoco de todo o coração, e Lhe peço para vós a graça de imitardes a Santíssima Virgem no cuidado, vigilância e amor por Seu Filho, a fim de que como Ela, virgens e mães ao mesmo tempo, eduqueis essas pobres criancinhas no amor e temor de Deus e que elas possam glorificá-Lo convosco no céu. É este o voto que faço de todo o meu coração, minhas Filhas, pedindo a Deus, se digne abençoar-vos. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. *Amen.*

17 — CONFERÊNCIA DE 1 DE JANEIRO DE 1644

SOBRE O RESPEITO CORDIAL

No primeiro dia do ano de 1644, o nosso muito Venerando Pai teve a caridade de nos fazer uma conferência sobre o respeito cordial que as Irmãs da Caridade devem ter umas para com as outras. Depois de ter feito a leitura do assunto da meditação sobre este ponto, disse-nos :

Minhas Filhas, deveis saber que se pode ter umas para com as outras, duas espécies de respeito. Um é grave e sério ; outro é cordial e manso. O respeito sério é muitas vezes forçado ; e o dos inferiores para com os superiores, presta-se algumas vezes mais por temor do que por vontade e deste modo nem é cordial nem verdadeiro. Minhas Filhas, o respeito que deveis umas às outras deve ser sempre acompanhado duma sólida cordialidade, isto é, duma verdadeira consideração, à maneira como os anjos se respeitam mutuamente. Quando vos encontrais, podeis representar-vos a presença dos vossos anjos da guarda, que, pelo respeito que têm a Deus, vos honram com o seu affectuoso cui-

gado. Mas, do mesmo modo que o respeito sem a cordialidade não é um verdadeiro respeito, minhas Filhas, assim também a cordialidade sem respeito não seria sólida, e geraria algumas vezes familiaridades pouco convenientes e tornaria esta cordialidade débil e sujeita a mudanças; o que não acontecerá se a cordialidade estiver ligada ao respeito, e o respeito à cordialidade.

Deus, por sua graça, deu a muitas de vós estas duas virtudes, que são o sinal das verdadeiras Filhas da Caridade, isto é, Filhas de Deus. Eu Lhe dou graças por isso. Se as houvesse, que não honrassem estas virtudes, seria para temer que se tornassem, pelo contrário, filhas do demónio. Temei, portanto, minhas Filhas, estardes desprovidas destas duas virtudes; receai que pela falta dessas virtudes possam dizer de vós que tendes o hábito das Filhas da Caridade, mas que o não sois.

Não é, que eu vos acuse a todas de faltar a isto, minhas Filhas; sei que há cordialidade e respeito entre muitas de vós; mas não existe em todas. Temei portanto, eu vos peço, e procurai, que essas duas virtudes tão belas se tornem familiares para vós.

A conferência de hoje tem, por primeiro ponto, as razões que tendes para testemunhar umas às outras um cordial respeito. Vejamos, minhas Irmãs, os pensamentos que Deus vos deu a esse respeito; estou certo de que vos serão muito queridos, tendo-vos acudido por essa forma ao espírito.

Falai portanto, minha Irmã.

— Pensei que nos devíamos respeitar todas cordialmente em Nosso Senhor e que sobretudo os nossos superiores têm direito ao nosso respeito; devemos considerá-los como Deus na terra e obedecer-lhes indiferentemente.

E vós, minha Irmã?

— A primeira razão é que Deus nos amou tanto e com um amor tão cordial, que se quis entregar a Si mesmo e humilhar-Se até se tornar como um pecador. Quanto a mim, pobre e mesquinha pecadora, como não havia eu de amar as minhas Irmãs e consagrar-lhes respeito, pois são templos do Espírito Santo e muito mais adiantadas do que eu no amor de Deus!

— Deus seja bendito, minhas Irmãs! Oh! Sim, isso deve ser para vós uma forte razão para terdes, umas para com as outras, esse cordial respeito, pensar no amor de Deus para com as nossas Irmãs e para connosco mesmos.

Dizei vós, minha Irmã.

— Pensei, no primeiro ponto, que devo, para ser agradável a Deus, respeitar cordialmente as minhas Irmãs e considerá-las como servas de Deus e dos pobres. Resolvi, ajudada com a Sua graça, testemunhar-lhes grande cordialidade, por meio dos ser-

viços que puder prestar-lhes. Pensei também que, se me mantiver nesse respeito cordial, será um grande bem para a Comunidade; nos edificará umas às outras e nos fortalecerá na nossa vocação.

— Tendes razão, minha Irmã, nesse pensamento. Oh! Como é bom ver muitas pessoas numa grande união! Sim, minhas Filhas, verdadeiramente sereis motivo de grande edificação para toda a gente.

E vós, minha Irmã?

— No primeiro ponto, considerando a importância do respeito cordial, vi que era esse o meio principal para manter uma Comunidade em boa ordem; que os primeiros cristãos praticavam exactamente esta virtude, o que os mantinha num estado de grande perfeição e contentamento; e que, quando esta virtude arrefeceu, a desordem se estabeleceu entre eles. O mesmo aconteceria entre nós se faltássemos a esse cordial respeito; enquanto que, se o tivermos reciprocamente, tal como o Filho de Deus o recomendou aos Seus apóstolos, ensinando-os a amarem-se uns aos outros como o Pai eterno os amava, teríamos ordem e união.

— Vêde, minhas Filhas, como Deus manda que vos ameis, pois o Seu amor por nós O levou a dar-nos o seu Filho. Ó minhas Filhas, bendito seja Deus, que nos ensina por Si mesmo a maneira de termos, umas para com as outras, esse cordial respeito, por meio dum amor forte e corajoso e não dum modo diminuto e ordinário.

Continuemos. A Irmã que está a seguir diga o seu pensamento sobre o assunto da meditação.

— Pensei que, para ter com as minhas Irmãs o respeito cordial que lhes devo, verei Deus nelas; considerar-me-ei a mais pequena de todas; falar-lhes-ei com muita mansidão e reputar-me-ei feliz por ser a serva das servas de Deus.

— E eu, Senhor, disse uma outra Irmã, pensei que uma razão para termos umas para com as outras esse cordial respeito é pensar muitas vezes que, se faltássemos a este dever, poderia acontecer grande mal, tanto à Comunidade em geral, como a cada uma em particular. Uma outra razão é lembrar-me que os seus bons anjos estão sempre presentes. Sobre o segundo ponto vi que esse respeito cordial consiste em pensamentos, palavras e obras; manifesta-se às vezes por sinais e expressões do rosto; sobre isto devemos vigiar sempre; e muito peço a todas as minhas Irmãs que me avisem das faltas que tiverem notado em mim. Estou resolvida a corrigir-me com a ajuda de Deus.

— E vós, minha Irmã a seguir, espero que Deus abençoará os vossos pensamentos, os de todas e os tornará úteis.

— Uma razão muito particular para nos respeitarmos cordialmente umas às outras é que todas as minhas Irmãs são esposas de Jesus Cristo e eu devo considerar-me sempre a mais pequena de todas e indigna da sua companhia.

Um meio de praticar o respeito cordial é lembrar-me com frequência das três pessoas da Santíssima Trindade que formam uma só unidade. Têm constantemente entre si esse respeito amoroso; assim como todos os santos, posto que tenham ido para o céu por caminhos diversos, não deixam de glorificar a Deus unanimemente.

Pensei que, visto estarmos todas unidas para o mesmo fim, será preciso consegui-lo por meio de respeito cordial. Quando tiver de avisar as nossas Irmãs de qualquer falta, será com caridade; ou se recear que elas não achem bem que seja eu que o faça, avisarei os nossos Superiores.

No terceiro ponto pensei que o respeito cordial, unido a uma grande mansidão, era o melhor meio de evitar as discussões, conservar o amor mútuo e dar bom exemplo ao próximo. Propus-me honrar as minhas companheiras e os meus Superiores, vendo neles a Deus.

— E vós, minha Irmã?

— Pensei que, estando duas juntas, nos devemos suportar uma à outra, expulsar as desconfianças e lembrarmo-nos muitas vezes do mandamento que Deus nos deu, de nos amarmos mutuamente.

Se nisso empregarmos grande caridade, será um bem para toda a Companhia. Por minha parte não tenho feito nada do que digo, mas tomei a resolução de, mediante a graça de Deus, praticar de hoje em diante esta cordialidade para com as minhas Irmãs, melhor do que tenho feito até agora.

— Deus seja bendito, minhas Irmãs! Esta boa Irmã fez notar uma coisa de grande importância e que seria um grande impedimento para esse respeito cordial, que vem a ser a desconfiança que poderíeis ter umas das outras. Ó minhas Filhas, acautelai-vos dessa grande desgraça. Desde que a desconfiança entra no espírito de quem quer que seja, adeus estima que gera o respeito! Adeus união e caridade, donde provém a santa cordialidade! Deus vos defenda de tal coisa!

— E vós minha Irmã, dissei-nos os vossos pensamentos.

— Pareceu-me, Senhor, que se praticarmos o respeito cordial umas com as outras, Deus, que é caridade, sentir-Se-á feliz com isso e que pela união que houver entre nós se edificará o próximo. O meio de conseguirmos esse respeito cordial, quando estivermos duas Irmãs reunidas, é um grande suporte mútuo, uma tal união,

que haja apenas uma só vontade e os mesmos sentimentos e que nenhuma delas deseje ter a superioridade. A resolução que tomei foi de me considerar a mais ínfima de todas as minhas Irmãs e como tal, consagrar-lhes um grande respeito, mais do que tenho tido até agora.

— E vós, minha Irmã?

— Dada a importância que há de nos amarmos cordialmente, tomei a resolução de ter uma grande estima por todas as minhas Irmãs e respeitá-las o melhor que me for possível. Para esse fim, pensei que devia interpretar bem todas as suas acções, e se chegasse a haver algum mal entendido entre nós, suportá-lo com grande caridade, com a ajuda da graça de Deus.

Sobre o terceiro ponto, pensei que, se tivermos todas umas para com as outras esse respeito cordial, seríamos cumuladas de grandes graças, e que até a Santíssima Virgem e os santos louvariam a Deus no céu e se regozijariam com isso. Por essa razão, afeiçoar-me-ei a observar esse respeito cordial para com todas as minhas Irmãs. Pedi a Deus que seja para Sua glória e salvação da minha alma.

Uma outra Irmã, disse :

A primeira razão pela qual as Irmãs da Caridade se devem reciprocamente cordial respeito, tira-se da deferência que as pessoas da Santíssima Trindade têm por Si, como se vê em dois factos principalmente : a proposição da criação do homem e a Incarnação do Verbo. Pareceu-me, Senhor, que esse respeito cordial fará de nós um mesmo coração e uma mesma vontade, embora sejamos várias pessoas.

A segunda razão é que a Santíssima Virgem e S. José, tiveram esse respeito cordial para com Nosso Senhor e nas Suas mútuas relações.

Tem-se esse respeito cordial, quando se vive juntamente com grande paz e mansidão, quando se suporta os pequenos defeitos dos outros, a exemplo de Nosso Senhor que suportava os dos Seus apóstolos e os do povo com quem falava, e quando se procura edificar-se por meio de palavras e acções.

O bem que provém desse respeito cordial é que Deus será com isso glorificado e a nossa união será mais fortalecida. Deus conceder-nos-á a graça de vivermos nesta virtude, se falarmos pouco e se nos não queixarmos umas das outras.

— E vós, minha Irmã?

— Sobre o primeiro ponto pensei que Nosso Senhor mesmo pede de nós que nos respeitemos umas às outras cordialmente. Um meio de ter essa cordialidade, é pedi-la muitas vezes a Deus, da maneira que Ele quer que a tenhamos. Um outro meio é de

nos submetemos umas às outras por aquiescência em tudo o que não for contrário aos nossos deveres. A bondade de Deus é tão grande que, a tudo quanto por Seu amor fizermos por esta prática, corresponderá com um aumento de amor.

— E vós, minha Irmã?

— Pensei que a prática desse respeito cordial nos ajudará a viver na presença de Deus, nos conservará em tal união que será um bom exemplo para o próximo, impedir-nos-á de nos entretemos em conversas mundanas e tornar-nos-á mais afeiçoadas à nossa vocação. O melhor meio de pôr em prática esta cordialidade respeitosa, é mostrar-nos sempre atenciosas umas com as outras. Estou resolvida a ser-lhe muito fiel, tendo em vista que sou a serva de Deus e de todas as minhas Irmãs.

Deus seja bendito, minhas Irmãs! Vêde quanto bem deveis esperar destas duas virtudes. Sim, realmente manter-vos-ão em grande união, de tal forma que se poderia dizer das Filhas da Caridade que vivem um pequeno paraíso na terra. Mas também, se as não tivésseis, a vossa Companhia seria um pequeno inferno; não seríeis mais Filhas da Caridade, quer dizer, filhas da união e filhas de Deus, mas sim, filhas da discórdia e por consequência filhas do demónio. Oh! acautelai-vos desta desgraça, minhas Filhas.

Se por desgraça se desse alguma falta contra estas belas práticas, minhas Filhas, se por exemplo dissésseis alguma coisa duma Irmã a este respeito, devíeis pôr-vos imediatamente de joelhos e pedir perdão, dizendo: «Ó minha Irmã, eu estava louca quando vos disse tal coisa da nossa Irmã; não faça caso, pois é uma boa Irmã.» Se assim fizerdes, minhas Filhas, oh! eu vos asseguro que em pouco tempo vos aperfeiçoareis; não falo somente da Irmã que, por amor de Deus, tenha feito esta humilhação, mas de todas as que presenciarem este exemplo ou dele ouvirem falar.

Este respeito cordial, minhas Irmãs, pede que, quando vos encontrais, vos saudeis. E porque é que vos haveis de saudar? Pobres meninas da aideia não se cumprimentam.

Ó minhas queridas Irmãs, deveis saudar-vos umas às outras porque sois todas templos de Deus. Se saudamos os templos materiais, as imagens de pedra e outras, porque nos não havíamos de saudar, nós que estamos mais em relação com Deus. Exceptuo as igrejas, porque nelas se encontra o Santíssimo Sacramento; é Deus mesmo que aí habita corporalmente. Saudando-vos, saudareis também os vossos anjos, que adoram sempre a Deus. Encontraram-se pessoas tão devotas dos seus anjos da guarda, que tinham sempre para com eles honras e cerimónias, quando passavam por alguma porta ou lugar estreito.

Ó minhas Filhas, saudai-vos à vontade. O mundo já não vê em vós somente as meninas da aldeia. Não pergunteis a vós mesmas: «Que dirão?» Dir-se-á simplesmente que sois bem educadas; e os que repararem nesse acto, ficarão certamente edificados. Em S. Iázaro costuma-se, mesmo entre os Irmãos, saudarem-se quando se encontram, e conservarem o chapéu na mão enquanto falam. Os homens teem o costume do chapéu, e vós deveis substituir este acto, pela costumada reverência. Pensai nesta prática, minhas Irmãs, eu vo-lo peço.

Uma Irmã perguntou:

Meu Pai, vossa caridade acha bem que quando nos encontramos e precisamos de falar, digamos: «Minha querida Irmão», para facilitar o respeito cordial.

— Sem dúvida, minhas queridas Irmãs, essa prática poderia servir-vos, e eu sei que ela se usa nalguns lugares; mas quero pensar antes de vo-la aconselhar; voltaremos a falar neste assunto na próxima conferência.

Dizia-vos há pouco, minhas Irmãs, que a prática do respeito cordial em S. Iázaro era de grande edificação.

Afirmo-vos que, entre as pessoas que teem vindo fazer o retiro, algumas se converteram menos pelas meditações do que pelo exemplo deste respeito cordial; dizem que Deus está certamente nesta Companhia, pois nela existe uma tão grande união, acompanhada de respeito.

Minha Irmã, dizei os vossos pensamentos.

— Senhor, uma das razões de nos respeitarmos cordialmente, é que todas somos criadas à imagem de Deus, e que, produzindo esta cordialidade uma grande união, Nosso Senhor derramará as Suas graças com mais abundância sobre a Companhia; e pelo contrário, se não tivermos união, o demónio a destruirá.

Praticaremos esse respeito cordial, se tivermos uma grande humildade e submissão de umas às outras, tanto interior como exteriormente, se gostarmos dos officios mais baixos da casa, e nos considerarmos indignas de estar na Companhia.

— E vós, minha Irmã, falai por favor.

— Uma razão de nos respeitarmos cordialmente, é que Deus nos escolheu e associou para Lhe prestarmos o mesmo serviço; donde se infere que nos devemos considerar como um corpo animado do mesmo espírito, ou antes, como membros dum mesmo corpo. Respeitar-nos-emos se soubermos ocultar os defeitos das outras e respeitarmos as nossas Irmãs.

Como segunda razão, pensei na Santíssima Trindade, que, na unidade da sua essência, nos mostra a distinção de três pessoas em duas circunstâncias: na criação do mundo, quando delibera-

ram criar o homem à Sua imagem e semelhança, e na resolução da encarnação do Verbo eterno. Pelo respeito cordial honramos ainda as relações de S. José, da Santíssima Virgem e de Jesus. Para poder mais facilmente praticar esta virtude, devemos fazer sempre boa opinião das nossas Irmãs, não reparar nos seus pequenos defeitos, lembrar-nos que Deus as ama tanto mais quanto mais O amarem, sem que a Sua bondade olhe às disposições naturais ou à imbecilidade do espírito, e que a sua própria simplicidade atrai mais abundantemente as Suas graças.

É bom ainda tomar muitas vezes a resolução de nos acostarmos ao respeito cordial, por amor de Deus, pedir-Lhe essa graça, conservar em nosso coração uma baixa estima de nós mesmas, dizer bem das nossas Irmãs em todas as ocasiões, com discernimento todavia, e sem que pareça que nos queremos fazer estimar, desculpar os defeitos das outras e nunca as avisar deles sem ser por caridade, em razão do respeito cordial.

Desta prática advirão muitos benefícios: haverá grande igualdade entre as Irmãs; as que forem de nascimento ou de condição elevada, verão que não são senão o que forem diante de Deus e que quanto mais se humilharem abaixo das outras, mais Deus as exaltará; as outras edificadas por este exemplo não se levantarão acima do que são e tornar-se-ão reconhecidas pelas graças que Deus lhes concede.

Esta prática do respeito cordial, em uso desde o princípio da Companhia insinuar-se-á fortemente, tornar-se-á habitual e permanecerá; e Deus tirará disto a Sua glória.

Se ela faltasse, resultaria daí a desunião e o mau exemplo, que as Irmãs poderiam muitas vezes dar ao próximo com escândalo.

— Pois bem, minhas Irmãs, bendito seja Deus pelos pensamentos que a Sua bondade Se dignou dar a todas sobre a prática do respeito cordial e pela resolução em que pareceis estar todas de o querer praticar!

S. João não cessava de recomendar esta virtude em todas as suas práticas, e isto até ao fim da sua vida. E que dizia esse grande santo, educado na escola de Jesus Cristo? Dizia quase sempre, minhas Filhas: «Meus filhinhos, amai-vos uns aos outros.» E os que o escutavam admiravam-se: «Mas que quer este bom homem? Parece que não tem outra coisa para nos dizer senão: amai-vos uns aos outros.»

Minhas Irmãs, eu tenho para convosco a mesma linguagem. Basta que aprendais esta lição e a ponhais em prática. O respeito cordial vos fará interpretar bem tudo quanto as vossas Irmãs disserem, pois ninguém se zanga com o que diz uma pessoa que

se ama, pelo contrário aceita-se de muito boa vontade, convencidos de que ela não tem a intenção de nos molestar. É este, minhas Filhas, o sinal das verdadeiras Filhas da Caridade; que são filhas de Deus.

As que não seguem a máxima que S. João dava aos seus ouvintes, molestam-se com tudo, interpretando tudo mal e nunca desculpam nada. Oh! Minhas Filhas, é a característica das filhas do demónio ter sempre o espírito de contradição, de desunião, de inimizade, deixar-se guiar sempre pelas máximas próprias, e não ser nunca da opinião das outras.

Oh! Acautelai-vos muito desta perigosa prática! A prática da cordialidade produz o respeito que deveis umas às outras, não como o mundo se respeita, de aparência e exterioridade, o que jamais deverá ser, mas por caridade e da maneira que S. Paulo nos ensinou. Sabeis o que ele dizia? «Seja cada um solícito em honrar o outro.» (Rom. 12,10). Ó minhas Filhas, como é agradável esta doutrina! Seja cada uma solícita em honrar a outra. Não se deve portanto esperar que o nosso próximo nos saude. Ser a primeira a cumprimentar, é ser solícita.

«Mas, Senhor, dir-me-eis vós, não devemos nós saudar as que tem algum cargo ou têm alguma perfeição mais que nós?» Dir-vos-ei, minhas Filhas, que não somente deveis ser atenciosas com essas, mas também com todas as outras. S. Paulo não faz distinção quando diz; «Sêde solícitos uns com os outros.» A atenção respeitosa que ele nos recomenda não é fundada nas qualidades ou condição, mas na mesma caridade. Por consequência, minhas queridas Irmãs, é a vós que ele dá esta lição, a vós que, por uma particular disposição de Deus, trazeis o belo nome de Filhas da Caridade, quer dizer filhas muito cordiais, muito boas e muito sinceras. Seria possível que eu vos visse na desunião, na desinteligência, sem respeito umas pelas outras! Ó minhas Filhas, temeí tal coisa, temeí-a, eu vo-lo digo; é perigosíssima.

«Mas, Senhor, dir-me-eis vós, as que sabem fazer as sangrias e os pensos não terão mais direito a honras e deferências do que as outras?» Ó minhas Filhas, tudo isto não é nada e tudo se pode perder num instante. Têm-se visto pessoas esquecer por doença tudo quanto sabiam antes. Se o respeito que lhes é devido, como cristãos, fosse baseado nessas qualidades, então adeus todo o respeito que se lhes tivesse! Oh! Não, as disposições naturais ou adquiridas não são consideradas por esse grande apóstolo, mas sim a caridade, que dá a graça. A caridade é doce, benigna, paciente, suporta tudo sem se queixar. Eis as verdadeiras virtudes que deveis ter, minhas Filhas, se quizerdes corresponder fielmente à graça que Deus vos fez dando-vos o nome de Filhas da Caridade.

Se as não tiverdes, que vos tornareis vós? Não vos torneis, portanto, indignas desse nome. Os grandes do mundo, que trazem o nome da sua fidalguia, absteem-se de diminuir as suas qualidades.

Uma segunda razão, minhas Filhas, é que, pela prática do respeito cordial, a vossa Companhia será um paraíso, sim, minhas Filhas, um paraíso. Que é o paraíso? É a habitação de Deus. E onde pensais vós que seja a morada de Deus na terra? Nos corações cheios de caridade e nas Companhias onde existe sempre a união. Vivei de tal maneira, minhas queridas Irmãs, que dizer Filha da Caridade seja o mesmo que dizer paraíso, porque onde está Deus está também o paraíso. Se no coração duma Filha da Caridade houver união e caridade, pode-se dizer com segurança que Deus aí se encontra também.

Ó minhas Filhas, minhas Filhas, considerai bem esta verdade. Se tiverdes bem esse respeito cordial, sereis óptimas religiosas. Achareis o vosso claustro no bom exemplo que as outras vos derem. Mas será verdade, minhas Irmãs? Não vos parece que, se viverdes desta maneira, sem nunca vos contrariardes umas às outras, se tiverdes um grande suporte mútuo, vivereis como anjos?

Asseguro-vos, minhas Irmãs, que em religião há tudo quanto é preciso para fazer perfeitas religiosas. Vivei portanto assim, eu vos peço, pois a isso estais obrigadas por tantas razões e particularmente por todas as vossas occupações. Dentro da Companhia, vós o tendes verificado, é preciso viver numa tal união que só brilhe a caridade. Fora, minhas Filhas, os vossos empregos não serão os dos anjos, tanto no serviço dos doentes, como no dos forçados, aos quais ajudais a conhecer melhor a Deus, a amá-Lo e a servi-Lo? É que pensais vós, que seja a Companhia dessas criancinhas que tratais, quando aí estais todas em perfeita união e caridade? Um paraíso. Os anjos que, em grande número, ajudam as suas almas, estão vendo sempre a face de Deus; vós que ajudais essas criancinhas num ofício semelhante, não vos deveis considerar como num paraíso na terra? Eis a razão porque deveis trabalhar em adquirir e conservar entre vós essa união e cordialidade, minhas Irmãs. Não digais como as pessoas do mundo que se não querem sujeitar ás obrigações que lhes impõe o rigor da justiça de Deus: «Se fizesse isto ou aquilo ofenderia a Deus?» Ó minhas Filhas, pensai antes: «Se fizer a menor coisa contra as minhas regras ou contra a cordialidade respeitosa que devo às minhas Irmãs, desgostarei Nosso Senhor?» Se soubésseis o que significa desgostar Nosso Senhor, teríeis grande cuidado em nunca O contristar! Ter recebido tanto de Deus e querer desgostá-Lo! Ó minhas Filhas, que pena! Deveis acautelar-vos de o fazer.

Dizia-vos eu há pouco, que estar na Vossa Companhia, com união e cordialidade, era estar no paraíso. Advirto-vos também do contrário: estar na vossa Companhia sem essas virtudes, é estar num pequeno inferno. Ó minhas Filhas, tende isto por certo; pois o demónio, que é o sementeiro da cizânia e da desunião, estaria entre vós. Estaria entre vós se, por falta de suporte mútuo, dissesseis: «Esta Irmã está de tão mau humor!» Minhas Filhas, esta Irmã tem no seu espírito algum pesar, ou algum incómodo que a torna menos acessível que de ordinário, porquê dizer que está de mau humor? Amanhã talvez possais estar também na mesma disposição. Se não tiverdes caridade para com ela hoje, como quereis que ela a tenha amanhã para convosco?

Estando duas Irmãs assim juntas com essa disposição, pergunto-vos, não será um inferno? Vêde a importância da prática destas duas virtudes, o respeito e a cordialidade. É preciso pedi-las muitas vezes a Deus. Só Ele vos poderá dar essa graça que tão necessária é para vós.

Para a obter e para a conservar depois de a terdes obtido, humilhai-vos muito, tende uma baixa opinião de vós mesmas e desejai ser consideradas sempre como as mais pequeninas.

Se procederdes assim, minhas Filhas, adiantareis muito em pouco tempo.

Minhas Irmãs, algumas dir-me-ão talvez: «Mas que pensarão de nós o mundo, quando vir que nos respeitamos umas às outras? Somos conhecidas por meninas de aldeia, e quase todas o são.» Ó minhas Filhas, que isso não vos impeça. A quem julgais que se dirigem estas palavras de S. Paulo: «Sêde solícitos em vos honrardes uns aos outros.» A todos os cristãos, minhas Filhas. Não vos deveis portanto envergonhar nem entristecer se vos tomarem por cristãs. É uma virtude de Jesus Cristo, minhas Filhas; deveis fazer todo o possível por adquiri-la.

Donde pensais que veio o costume de nos cumprimentarmos? Dos primeiros cristãos; reconheciam-se por este sinal. Os judeus não se saúdam.

Deveis empregar algum termo de respeito, quando vos cumprimentais? Não, minhas Irmãs, saudai-vos simplesmente, quando vos encontrardes. É, como vos disse, o que se observa em S. Lázaro; e acham isto bem.

Eis ainda o que lá se faz. Quando algum dos nossos vem dos campos, vai cada um por sua vez recebê-lo, com um rosto alegre, e leva-lhe com grande solicitude aquilo de que pode necessitar; e se houver necessidade de lhe lavar as pernas, para o aliviar, também se faz,

Podeis proceder do mesmo modo, minhas Irmãs, acolhendo as

vossas Irmãs, com um respeito cordial, sem empregar termos affectados, que muitas vezes não são sinal certo duma verdadeira amizade. Se tiverdes duas Irmãs juntas e uma for Superiora, a outra deverá submeter-se à sua direcção em tudo o que disser respeito ao serviço dos pobres e à observância; porque se a Superiora — o que Deus não permita! — aconselhasse à sua Irmã alguma coisa contra as regras, oh! não lhe deveria obedecer, mas avisar os Superiores!

Se uma Irmã sentisse em si alguma suspeita, desconfiança ou menosprezo por sua Irmã, a ponto de lhe ter aversão ou de lhe chamar enfadonha, esmagai esses pensamentos, minhas Irmãs, esmagai esse pensamentos. É o demónio que vo-los mete no espirito. Ó minhas Filhas, como estão afastados dos pensamentos que as Filhas da Caridade devem ter umas para com as outras! Sêde portanto fáceis de contentar e não obrigueis a Irmã ou Irmãs que estiverem convosco a usarem de affectação e constrangimento, com receio de que leveis a mal as suas palavras ou acções. É por isto principalmente que deveis procurar, sempre que vos encontrardes, este respeito cordial, que mostrareis pela reverência e o rosto alegre. «Mas como se há-de fazer, dir-me-ão, para apresentar um rosto prazenteiro, quando se tiver o coração cheio de tristeza?»

Eu vos afirmo, minhas Filhas, que o vosso coração esteja alegre ou não, pouco importa, contanto que o vosso rosto esteja alegre. Isto não é dissimulação, porque a caridade que tendes pelas vossas Irmãs está na vontade. Se tiverdes vontade de lhes ser agradáveis, isso basta para que o vosso rosto manifeste alegria.

Quantas coisas fazemos, contrárias aos sentimentos produzidos pela repugnância da natureza! É assim, minhas Filhas que as virtudes se adquirem.

Se cada um deixasse transparecer os sentimentos extravagantes que sente, seria bonito! É preciso ter mais circumspecção.

Quando sentirdes vontade de manifestar impaciência ou tristeza, oh! meu Deus! Não o façais, minhas Irmãs!

O nosso bem-aventurado Pai, o senhor Bispo de Genebra, deu-nos um grande exemplo desta virtude. Uma tarde foi visitá-lo uma alta personagem, e demorou-se muito tempo, até à noite. Os seus criados esqueceram-se de levar a luz, como deveriam ter feito. Que julgais que lhes disse? Não os censuro da sua falta, nem os repreendeu; contentou-se com dizer-lhes: «Oh! Meus Filhos, ter-nos-ia feito muito arranjo um côto de vela.» Procedei do mesmo modo, minhas Filhas, e não vos habitueis a ralhar umas com as outras. Mas que digo? Que tal coisa não aconteça! E não digais palavras desagradáveis, como: «Sois enfadonha, teimosa,» ou outras semelhantes.

Se vos acontecesse ter esta falta, ponde-vos de joelhos e pedi perdão sem demora. Deveis fazê-lo, minhas Filhas; por este meio obtereis muitas graças da bondade de Deus. Peço-Lhe de todo o meu coração, se digne derramar sobre a vossa Companhia o espírito de cordialidade e união, pelo qual honrarei a unidade divina na Trindade das pessoas e o cordial respeito que existiu entre a família de Seu Filho na Sua vida humana, saboreareis a paz que o Seu Filho deu depois da sua ressurreição, tereis grande união umas com as outras, trabalhareis utilmente no serviço do próximo para vossa própria perfeição e particularmente para glória de Deus, o qual vos abençoe em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Bendito seja Deus.

18 — CONFERÊNCIA DE 11 DE DEZEMBRO DE 1644

SOBRE A ESTIMA DESREGRADA DE SI MESMO

No dia 11 de Dezembro de 1644, por ordem do nosso muito Venerando Pai, o Senhor Padre Vicnete, reuniram-se todas as Irmãs da Caridade para assistirem à conferência sobre o mal que nos faz o demasiado affecto do corpo e do espírito por nós mesmas, quando nos deixamos levar excessivamente por ele.

Uma Irmã apresentou por razão que, quanto mais nos desprendemos do cuidado do corpo, mais facilmente nos prendemos a Deus.

— Renunciando a essa ternura que nos prende à carne e nos torna carne, tornamo-nos um mesmo espírito com Deus que nos enche do seu santo amor e nos dá uma santa detestação de nós mesmas. Ofendi a Deus por um cuidado demasiadamente rebuscado no alimento e no vestuário; não fui criada para me ocupar de coisas tão insignificantes e sempre que a isso me tenho deixando levar, tem havido vaidade e sensualidade. O meio melhor e mais seguro de me corrigir é sujeitar-me aos meus Superiores para todas as minhas necessidades e occupações e considerar Jesus no Seu presépio, sem socorro nas suas necessidade e S. João no deserto, pobremente vestido e alimentado.

A Irmã que falou em seguida não pôde encontrar razões; disse:

Julgo que ofendo a Deus pelo cuidado demasiado de mim mesma na alimentação e no vestuário. Deveria esperar tudo dos

meus Superiores, sem me ocupar de mais nada, senão em fazer a santa vontade de Deus. Este cuidado excessivo do que desejo pode levar-me à gula, quanto à alimentação, e à vaidade, quanto ao vestuário.

— E vós, minha Irmã, que pensastes ?

— Pensei que era perigoso deixarmo-nos dominar pelos cuidados a que nos leva a natureza. Devemos desfazer-nos disso, porque constitue para nós um grande impedimento para adquirir um perfeito amor de Deus, o único que nos pode satisfazer. Há razão de temer que aconteça connosco como com a figueira que não dava frutos na estação própria, e que por isso foi amaldiçoada por Nosso Senhor. Cairíamos nessa desgraça se Deus nos expulsasse da Sua presença por não termos o Seu santo amor.

O segundo ponto da nossa meditação trata dos pecados que esse demasiado cuidado nos faz cometer. Leva-nos a desprezar os conselhos dos nossos Superiores, sob o pretexto de que não somos obrigadas a seguir tantas regras. Desculpamos a nossa preguiça com o pensamento de que temos muito trabalho. A preguiça meten-nos na cabeça a ideia de que nos não devemos levantar tão cedo. Pecamos ainda, quando, devido à demasiada estima de nós mesmas, desejamos, sem grande necessidade, mais do que aquilo que têm as nossas Irmãs, ou outra coisa diferente do que têm ; o que pode derivar da inveja.

— Pensei, meu Pai, que devia passar com coragem por cima de todas as dificuldades e dizer comigo mesma : «Porque estou eu aqui ? Não é para dar prazer ou descanso ao corpo ;» e se fosse tão cobarde que me sentisse presa a alguns desses cuidados ou satisfações, deveria dizê-lo aos meus Superiores, para que, se julgassem conveniente, me afastassem deles.

— Oh ! Dissestes bem, minha Filha ! Vêde, minhas Irmãs, não há melhor remédio. Se assim procedêsseis, depressa vos veríeis livres dessas pequenas e perigosas delicadezas que tanto podem prejudicar a vossa perfeição. Bendito seja Deus, minhas queridas Irmãs.

E vós minha Irmã, que pensamentos vos deu Deus ?

— Meu Pai, sobre o primeiro ponto pensei que as delicadezas tanto espirituais como materiais, nos impedem de as ter para com Deus que tantas teve por nós, como deixar o céu pela terra, e que também esse demasiado cuidado de nós mesmas nos impede de trabalhar na nossa perfeição.

Perguntei em seguida a mim própria de quantas maneiras nos poderia este hábito levar a ofender a Deus e vi que pecávamos contra o primeiro mandamento, que é amá-Lo sobre todas as coisas, pois a procura de todas essas satisfações, não vem senão do amor próprio ; pecamos ainda contra o Espírito Santo que nos

dá tantas satisfações. Este hábito impede o esmerado e vigilante cuidado que devemos ter pelos nossos pobres doentes, se, por causa desse demasiado cuidado connosco, não os socorremos quando deve ser, adiando para mais tarde. Serve de grande impedimento às nossas regras, pode provocar o desprezo pela nossa vocação e impedir a cordialidade e mansidão para com as nossas Irmãs, quando desejamos o que lhes não é permitido dar-nos. Um meio de me desfazer deste demasiado amor de mim mesma, é lembrar-me frequentemente do rigor que teve o Filho de Deus, e que todos os santos O quiseram imitar. Tomei por resolução deixar todos os cuidados demasiados a que tenho estado tão apegada até agora e não os ter mais senão por Deus, que tantos tem tido comigo; e a ternura que desejo ter por Ele, oferecer-Lha-ei na pessoa dos pobres que servirei por Seu amor. Suplico à Sua divina bondade que me conceda esta graça.

— Bendito seja Deus, minhas Filhas. É assim que devem proceder as Filhas da Caridade.

A Irmã que está a seguir, diga o seu pensamento.

— Meu Pai, a primeira razão que tenho, é que, trabalhando para me desfazer do amor de mim mesma, afastar-me-ei de mim própria, e quanto mais me desprender de mim, mais amor terei por Deus, que é o meu soberano bem.

Uma outra razão, é que esses cuidados podem levar-me a ter qualquer coisa de particular, o que é contra a regra, indo assim contra a vontade de Deus.

Sobre o segundo ponto, vi que esses cuidados excessivos podem ser causa de muitos pecados, porque nos excitam sempre a desejar alguma coisa em particular, provocando a inveja dos outros; mantêm-nos constantemente ocupadas de nós mesmas e impedem-nos de pensar em Deus. Além disso, as satisfações que procuramos, prendem-nos demasiadamente às criaturas.

Tomei a resolução de não me deter nessa estima espiritual e corporal de mim mesma, sem primeiro ver se ela não será contra a vontade de Deus; não testemunhar nenhuma amizade particular a alguma das minhas Irmãs; não ter preferência alguma na alimentação ou no vestuário; não procurar satisfação alguma, pois isto é inteiramente contrário às Filhas da Caridade, e desfazer-me de toda a afeição além do amor de Deus; o que espero da Sua santa graça.

— Dizei, minha Irmã.

— Meu Pai, uma razão de nos desfazermos da demasiada estima de nós mesmas é que ela impede a nossa união com Deus. Quando nos dizem: «Fazem alguma coisa contra vós», ficamos perturbadas de tal maneira que nos pomos de mau humor

tornando-nos insuportáveis às nossas companheiras e a nós mesmas.

Uma outra razão, é ter-me Deus chamado à Companhia, graça que eu devo estimar mais que todas as satisfações do mundo; ora, se tiver demasiada estima de mim mesma, sofrerá com isso a observância das minhas regras e a sua doutrina. A demasiada preocupação espiritual de nós mesmas, é origem de murmurarmos algumas vezes dos nossos Superiores, particularmente quando na confissão não ficamos satisfeitas, nem do que dissemos, nem do que desejaríamos que nos tivessem dito. Dessas preocupações nascem muitas vezes pequenas invejas e ciúmes contra aquelas Irmãs que nós julgamos terem-nos sido preferidas e manifestamos esses sentimentos. Do mesmo modo, nas coisas materiais, reparamos se os outros são mais bem tratados que nós, e se assim nos parece, murmuramos umas das outras. Estes cuidados demasiados, são um obstáculo ao suporte mútuo. Elas fazem, por exemplo, com que uma Irmã mais educada que as outras, escarneça ao ouvir qualquer grosseria.

A minha resolução foi trabalhar com a ajuda da graça de Deus em me desfazer de todas essas preocupações de mim mesma, para evitar estas imperfeições e pecados.

Outra Irmã, disse:

Meu Pai, uma razão de me libertar dos demasiados cuidados que tenho comigo mesma, são as faltas que tenho cometido, pois me tem impedido de praticar a virtude, particularmente o que as nossas regras nos recomendam.

No segundo ponto, pensei que a demasiada ternura de nós mesmas nos leva a procurar sempre as nossas próprias satisfações, a nada querer sofrer e a apegar-nos às criaturas; o que faz que, quando queremos falar com Deus, o nosso espírito se ocupe de outras coisas. Tomei a resolução de pedir muitas vezes a Deus, por intercessão da Santíssima Virgem, a graça de me desprender das criaturas para me unir mais fortemente a Ele.

-- E vós, minha Irmã, dizei-nos os vossos pensamentos.

-- Meu Pai, uma das razões de me desprender do demasiado cuidado de mim mesma é, parece-me, que assim seria mais agradável a Deus. Foi talvez por isso que Ele me chamou à Companhia das Filhas da Caridade, e me proporcionou a felicidade de imitar a vida de Jesus Cristo e a da Santíssima Virgem, que em tudo poderiam ter as suas comodidades e todavia sofreram muitas privações durante todo o tempo que estiveram no mundo, desde o Seu nascimento. Pensei também que não havia caminho mais seguro para chegar ao céu, pois por lá passaram todos os Santos e os apóstolos e, para purificar a alma, é preciso mortificar

o corpo. Envergonhei-me por me reconhecer tão pouco inclinada à prática desta virtude.

Podemos pecar neste ponto por sensualidade no comer e no dormir, por vaidade no vestuário, por muito pobre que pareça, e por murmuração contra as Irmãs que têm a administração da casa.

O mal que vem do demasiado cuidado espiritual de nós mesmas é grande. Leva-nos a conversas particulares e a outras satisfações semelhantes, que não servem para o aperfeiçoamento da nossa alma, mas só para alimentar o nosso amor próprio.

Resolvi, com a ajuda de Deus, trabalhar para me desfazer deste grande defeito, não ver senão Deus em tudo e unir-me fortemente a Ele, pensando nos sofrimentos de Nosso Senhor na Sua vida, e na Sua cruz, e na contemplação da Santíssima Virgem.

— E vós, minha Irmã ?

— Meu Pai, pensei que, no dia em que o Filho de Deus deixou o seio de Seu Pai, deixou também todas as Suas delícias para se sujeitar aos trabalhos e aos sofrimentos. É portanto muito justo que, tendo sido escolhida desde toda a eternidade, para Lhe prestar, na Companhia das Filhas da Caridade, serviços desconhecidos dos homens, e para trabalhar na minha perfeição, eu me esforce por vencer todas essas demasiadas preocupações de mim mesma, que são para mim um grande impedimento.

No segundo ponto, pensei que ofenderia a Deus se desejasse alguma coisa de particular, tanto no vestuário como no calçado ; as minhas Irmãs disso murmurariam.

Iria também contra as nossas regras e contra a obediência, se desejasse uma alimentação melhor que a da Comunidade, ou se murmurasse por ser tratada ao contrário do que desejaria.

Quanto às satisfações do espírito, pensei que podemos ofender a Deus por meio de pequenas invejas, por exemplo, julgando que os nossos Superiores se ocupam mais das outras que de nós, se tivesse apêgo ao meu confessor, ou se fizesse alguma devoção particular contra a vontade de Deus.

Tomei a resolução de vigiar cuidadosamente sobre mim mesma, de não alimentar estes pensamentos e desejos no meu coração e abandonar-me completamente à divina Providência.

— E vós, minha Irmã ?

— Senhor, pensei que não poderia ter melhor meio para me desfazer da demasiada preocupação de mim mesma, do que desprender-me de tudo e amar a confusão que me causam os meus defeitos. No segundo ponto, pensei que ofendemos a Deus, quando nos preocupamos das coisas temporais e quando nos repugna obedecer às ordens que se opõem ao nosso pensar. Tomei a reso-

lução de me desprender de todas as ternuras que me possam impedir de ser verdadeira Filha da Caridade.

Outra Irmã disse :

— Meu Pai, uma razão para me desfazer da grande estima de mim mesma, é que me leva a apegar-me cada vez mais fortemente à minha vontade própria, e me impede de fazer a de Deus. Estes apêgos impedem-nos muitas vezes de seguir as nossas regras e de compreender a felicidade que temos de termos sido chamadas a esta condição. Tomei a resolução de, quando sentisse desejo de me animar, animar-me a não o fazer, por amor de Deus.

— Deus seja bendito, minhas Irmãs! Eis bons pensamentos. Dizei-nos os vossos, minha Irmã.

— Pensei, meu Pai, que era justo corrigir-me da demasiada preocupação de mim mesma, pois só procede do amor próprio e serve de obstáculo ao amor que deveria ter por Deus. Leva-nos à impaciência contra as nossas Irmãs, e provoca despeitos e aversões por aquelas que nos recusam o que desejamos para nossa satisfação. Para me desfazer disto, pensei, Senhor, que deveria ser indiferente a tudo, não amar senão a vontade de Deus e contentar-me com tudo o que me dessem, tanto na alimentação e no vestuário, como em tudo o mais. Deus me conceda a graça de cumprir perfeitamente as resoluções que se dignou dar-me.

Outra Irmã disse :

Uma razão de nos desfazermos do demasiado cuidado de nós mesmas, é que, conservando o amor próprio, o nosso espírito, todo ocupado com o que desejamos, afasta o pensamento de Deus, nosso criador e benfeitor, e impede que o Espírito Santo habite em nós, pois é um Deus de paz e não tolera a inquietação no nosso espírito. Além disso, esse cuidado demasiado desagrada a Deus, torna-nos fracos e é a fonte de muitos pecados. Afasta-nos ainda da prática das nossas regras e leva-nos a murmurar dos nossos Superiores, quando não estamos satisfeitas. Estou resolvida a pedir esta graça muitas vezes a Deus com grande desejo de me aperfeiçoar, e a trabalhar em me mortificar.

— E vós, minha Irmã :

— Senhor, a razão maior para me desfazer da demasiada preocupação de mim mesma, que me leva muitas vezes a procurar as minhas satisfações, é que Nosso Senhor não Se poupou, apesar de ter um corpo terno e delicado. Este exemplo ensina-me a não me poupar, eu, pobre e mesquinha criatura, que apenas sou vício e imperfeição, se quizer tornar-me participante do Seu santo amor e dos méritos dos Seus sofrimentos, para gozar um dia da Sua glória.

Sobre o segundo ponto, pensei que os nossos demasiados cui-

dados espirituais nos fazem ofender a Deus. A secura e a aridez fazem-nos desanimar, levando-nos a descurar ou omitir os nossos exercícios; quando os nossos Superiores nos avisam caridosamente dos nossos defeitos, murmuramos interiormente ou manifestamos o nosso descontentamento; o que é um grande mal.

Um meio de me desfazer desses cuidados comigo mesma, é manifestar aos meus Superiores o que desejo, sempre que duvidar se isso é ou não necessário à minha perfeição, e submeter-me ao que me disserem. O nosso amor próprio faz-nos cair em duas espécies de preocupações exageradas, uma espiritual e outra corporal. Temos todo o interesse em nos desfazermos dessas duas preocupações; impedem-nos de agir por amor de Deus e para Sua glória, e de aproveitar dos conselhos das pessoas que podem ajudar-nos no nosso adiantamento, quando não sejam da nossa simpatia. Além disso, é para recear que nessas sensibilidades encontremos a recompensa do bem que tivermos feito, em vez de a recebermos de Deus pela liberalidade do Seu amor.

São em grande número as faltas que cometem as que se deixam levar por essas demasiadas delicadezas consigo mesmas; desprezam as pessoas que lhes não agradam e murmuram contra elas; são apegadas aos que lhes são simpáticos; não se submetem às determinações da divina Providência e não aceitam o que lhes acontece como sendo da vontade de Deus. As sensibilidades corporais colocam-nos de algum modo a par dos animais, levam-nos a criticar tudo quanto se faz contra o nosso sentimento e por consequência tornam-se um obstáculo à união cordial. Pelo que me toca, cometo muitas faltas devido ao hábito inveterado dessas delicadezas com o meu próprio corpo, desedifico as minhas companheiras e dou mau exemplo a toda a Companhia,

Para me desfazer desses demasiados cuidados, procurarei ter, com a graça de Deus, o grande desejo de honrar a maneira de viver do Filho de Deus que, para fazer a vontade de Seu eterno Pai, não tinha apêgo algum às criaturas, nem se preocupava com as necessidades corporais, não procurando em tudo senão o cumprimento dessa santa vontade, que constituia o alimento e a lei de todas as suas acções. Servir-me-ei também do exemplo dos santos e dar-me-ei ao dever da mortificação dos meus sentidos e das minhas paixões; e, como não posso viver como as nossas Irmãs, por causa das minhas enfermidades, humilhar-me-ei nas minhas necessidades e oferecerei a Deus todos os sofrimentos que por sua permissão eu tiver, os quais aceitarei como exercício da Sua justiça para comigo.

— Ó minhas Filhas, posso dizer-vos que, de todos os assuntos que poderíamos ter escolhido, não haveria nenhum mais impor-

tante do que este. Deus seja bendito por assim ter determinado que discorrêssemos sobre esta matéria! O nosso Bem-aventurado Pai, o Senhor Bispo de Genebra, recomendava muito esta instrução; dizia que essas delicadezas e satisfações não são outra coisa senão o nosso amor próprio. Ora acontece que esse amor de nós mesmas produz essas duas espécies de delicadezas para connosco: uma corporal e outra espiritual. A primeira, como diz a meditação, diz respeito ao vestuário, à alimentação, e aos officios; a segunda consiste em amar os seus pensamentos e sentimentos. Ora este assunto, minhas Irmãs, interessa particularmente às Filhas da Caridade, cuja vida deve ser uma inteira renúncia a si mesmas. Praticais essa renúncia por necessidade; não estareis por isso obrigadas, mais que ninguém, a tê-la em apreço? Ó minhas Filhas, é de boa vontade e por amor de Deus que a deveis aceitar.

A primeira razão é que nada há mais recomendado nas Sagradas Escrituras. Escutai Nosso Senhor: «Aquele que quiser vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-Me» (S. Mat. 16,24). Considerai, minhas Filhas; renunciar a si mesmo, é desfazer-se dessas delicadezas que se não sentem em nós senão pelo amor desregrado de nós mesmas. Diz ainda Nosso Senhor noutra passagem: «Aquele que se não odeia a si mesmo, não pode ser meu discípulo» (S. Luc. 14,26). E ainda: «Quem não odeia seu pai, sua mãe, irmãos e irmãs, não é digno de ser filho de Deus» (S. Mat. 10,37); quer dizer, minhas Filhas, que se devem odiar, quando nos impedem de deixar tudo para O seguir. E é S. Paulo que o diz. É preciso portanto, minhas Filhas, morrer para os seus sentimentos, morrer para os seus desejos de estar com tal ou tal. Considerai, minhas Filhas; estamos satisfeitas por estarmos unidas a Deus, e todavia queríamos ter tudo à medida dos nossos desejos, ser amadas e estimadas, particularmente pelas officiais das paróquias onde servimos os pobres, ser chamadas às assembleias para dar o nosso parecer; o que nos leva a murmurar do que se passa contra os nossos sentimentos, porque não estamos satisfeitas; e depois chega-se a dizer: «Mas porque é esta Superiora? Aquela seria mais própria.» E assim com o resto da direcção das Caridades. Que desgraça, minhas Filhas, se isto tomasse raízes na vossa Companhia! Oh! Acautelai-vos disso, e que Deus o não permita!

Eis quanto ao primeiro ponto, que trata de vos desfazerdes do apêgo às vãs satisfações que se podem ter pelo vestuário e ao prazer que a carne e o sangue poderiam sentir no comer; e é Nosso Senhor que vos pede isto, dizendo que, se O quiserdes seguir, tendes de renunciar a vós mesmas. Querereis rejeitá-Lo? Oh! Estou certo que não, minhas Filhas.

Uma outra razão, é que quase todas vós, como as primeiras, fostes tiradas duma condição humilde e, por consequência, essas vãs satisfações não vos são naturais, nem habituais na vossa juventude. Quão felizes sois, e eu convosco, por Deus nos ter feito a graça de nos escolher dentre a escória do mundo para se servir de nós! Sendo assim, devemos porventura dar-nos ares de importância?

Temos o direito de nos elevarmos acima do que somos?

Se o mundo se engana em nos considerar mais do que merecemos, temos nós o direito de abusar, minhas Filhas?

Digo mais; ainda mesmo que fôsseis de condição nobre, como algumas dentre vós, estardes da mesma maneira obrigadas a desfazer-vos de todas as delicadezas e vãs satisfações que por natureza e hábito tivésseis adquirido. Não era o Filho de Deus, mais do que vós, não somente como Filho de Deus, mas ainda como homem?

Não era Ele de descendência real? E todavia vêdes a Sua humildade, o Seu trabalho e mortificação constantes numa pobreza tão grande que tinha de ganhar a Sua vida com S. José. Não, minhas Filhas, não seria justo que vos elevásseis acima do que sois. Seria bonito, ver uma menina habituada a viver rústicamente, e que nunca conheceu manjares delicados nem vaidades, vir para Paris sob o aparente desejo de servir a Deus e fazer constantemente a Sua Santíssima Vontade, e, mal tivesse chegado, esquecesse que descendia de pais de condição humilde, em casa de quem se alimentava com um pouco de caldo, de lacticínios, raras vezes de carne, e quisesse elevar-se acima do que deve! Oh! Minhas Filhas, como seria deplorável tal procedimento! Procuremos não nos deixarmos vencer pelas nossas delicadezas que nos trariam infalivelmente esta miséria, se lhes dêssemos ouvidos. Acautelemo-nos disso, minhas Filhas! Se fizemos a Deus o dom de tudo quanto somos, pela graça da nossa vocação, não Lhe devemos estar muito agradecidas por isso? Julgais-vos as únicas chamadas a uma mortificação constante? Quantas pessoas de condição, levadas por esse mesmo exemplo de Nosso Senhor, deixam tudo, parentes e bens e todas as suas satisfações!

Oh! Se soubésseis quanta vantagem há em ser assim toda de Deus, desprezardes de maneira diferente todas as vãs satisfações do mundo!

E por que razão pensais vós aparece na Igreja neste século uma Companhia que lhe presta serviços mais importantes que nenhuma outra que eu saiba, e cuja utilidade só Deus conhece? O quê, minhas Filhas! Deixar tudo, sem esperança de possuir nada, sem saber o que poderia vir, não tendo outra garantia se-

não a confiança em Deus, não será a vida de Nosso Senhor Jesus Cristo? Haverá coisa maior, mais elevada? Afirmo-vos, minhas Irmãs, que penso nisso muitas vezes, e posso dizer-vos que nada vejo que se lhe compare. E todavia, porque isso é grande, Nosso Senhor escolheu os meios mais humildes para que a Sua obra fosse mais facilmente reconhecida e para que Seu Pai fosse assim mais glorificado. Por consequência, minhas Filhas, deveis considerar-vos felizes por terdes sido escolhidas, humilhar-vos muito por isso e tornar-vos fiéis, pois ainda que vos reconheçais fracas e não compreendais talvez a grandeza da vossa vocação, Deus a conhece por vós.

Não quis Ele que Seu Filho sáísse de condição tão humilde que, quando O viam praticar obras acima do que aparentava, o povo perguntava: «Não é este o filho de José, o carpinteiro?» (S. Mat. 13.55) Oh! Minhas Filhas, vêde como são insondáveis os desígnios de Deus! É por esta razão que as de entre vós que são de condição mais elevada se devem adaptar à vossa maneira de viver e ao vosso vestuário, e fazer-se em tudo como camponesas para corresponder aos desígnios de Deus sobre a vossa instituição e para os fazer substituir, pois, sem este fundamento da humildade, oh! tudo acabará em ruína.

Considerai no Filho de Deus estes dois extremos. Haverá alguma coisa maior que o Filho único dum Deus, haverá alguma coisa maior, como homem que, descender de sangue real, e haverá ao mesmo tempo alguma coisa mais baixa e humilde que as suas necessidades e a sua maneira de viver?

Oh! Minhas Filhas, humilhai-vos tanto quanto puderdes. Ele vos convida a segui-Lo e a imitá-Lo; e ainda que só de muito longe o possais imitar, é tão grande a Sua bondade e o Seu amor que se considera honrado assim. Isto é admirável! Acreditai, também, minhas Irmãs, que, enquanto permanecerdes humildes, estareis em segurança.

E, visto a vida das Filhas da Caridade consistir em imitar a do Filho de Deus, não deverão ter outra prática além da penitência e da mortificação. Para isso devem recusar ao corpo e ao espírito as suas sensibilidades e vãs satisfações. O coração pede-vos para estar em tal paróquia, ou com tal Irmã, ir a determinada igreja para fazer uma devoção particular. Ó minhas Filhas, seduções do espírito maligno, embora vos possa sugerir belos pretextos, até mesmo na escolha que quisésseis fazer dum confessor! O corpo pedirá pequenos alívios, dispensar-se da prática das regras, não em tudo, mas em parte; quererá vestir bem, embora de maneira grosseira, e apresentará a necessidade de uma alimentação melhor ou mais abundante para conservação das suas for-

ças. Ó minhas Filhas! Acautelai-vos de tudo isto para que não sejais do número daqueles de que falava S. Paulo, que fazem Deus do seu ventre. Isso não seria compreender devidamente os desígnios que Deus teve chamando-vos à Companhia das Filhas da Caridade, nem testemunhar que quereis honrar a Sua vida na terra. E que razão, julgais vós, O levou a privar-se de quase tudo no mundo, senão para vos ensinar a praticar a pobreza! Que diriam, minhas Filhas, se gostásseis de ter boa mesa? Se a tivésseis, se amássemos a vaidade, (sabei que, mesmo na nossa rusticidade, podemos ter esses defeitos), seríamos dignos de censura e desprezo. O quê? Sairmos da simplicidade da nossa vida aldeã! E vós que sois de condição mais elevada, ter-vos-eis dado a Deus pela prática deste modo de vida e o esqueceréis! Procuremos não irritar a Deus, minhas Filhas!

O meio de não cairmos nestes inconvenientes, é renunciar constantemente aos nossos desejos, que nos levam a pretender isto ou aquilo. No dia em que mudardes a vossa alimentação rústica e simples, o vosso vestuário pobre e grosseiro, o vosso toucado e todas as práticas que vos levam à humilhação, começareis a decair primeiramente da graça de Deus, depois do conceito em que vos têm. Sois agora bem consideradas, porque vos mostrais humildes e virtuosas na vossa maneira de viver; as Senhoras vos estimam e gostam de vós; sois pedidas por muita gente. Mas, se a virtude não for sólida em vós e se afrouxardes nela, temei, minhas Filhas. Eu sei que muitas de vós prefeririam morrer do que serem infiéis à sua vocação, mas não são todas. Peço-vos, por Jesus Cristo, que tomeis novas resoluções de perseverar na vossa maneira de viver e no vosso vestuário. Que pensariam essas senhoras que tanto vos consideram, que tanto vos estimam e tanto se ocupam de vós, e esses Reverendos Párcos que tanto bem dizem de vós, que pensariam se viésseis a mudar, se vissem em vós affectação, se descobrissem o vosso interesse e vaidade? Mudariam imediatamente, pois toda a estima que têm por vós e toda a afeição que vos testemunham, só se baseiam na virtude que crêem em vós; e se notassem o contrário, veríeis, minhas Filhas, que a consideração e estima que por vós têm não são devidas às vossas pessoas. Desprezar-vos-iam; vos deixariam e tomariam outras; pouco se importariam convosco! Acontecer-vos-ia o que aconteceu ao apóstolo de quem foi dito: «Deve tirar-se-lhe o episcopado e dá-lo a outro» (Act. 1,20).

Pois bem, minhas Filhas, que será preciso portanto fazer para não nos fazermos tão grande desgraça? Devemos dar-nos completamente a Deus e pedir-Lhe a graça de nos conhecermos a nós mesmos. Pois, quando nos queremos elevar demasiado, quando

procuramos as nossas próprias satisfações, é a cegueira do nosso amor próprio que nos oculta esse conhecimento que nos impede de ver que, o que de bom transparece em nós, não vem de nós. A quem vos perguntasse: «Como é que entrastes na Companhia? Quem vos deu os primeiros pensamentos? Não o saberíeis dizer convenientemente.

Foi a graça que operou em vós e não a natureza, que só consente o mais tarde possível. Não, minhas Filhas, não é a natureza que nos leva a deixar tudo, família, bens e amigos, para vir para um lugar afastado, para o meio de pessoas cuja vida e feitiços não conhecemos; para passar assim a nossa vida entre elas. Só a Deus pertence fazer-nos deixar tudo, a nós, insignificantes criaturas e objecto da sua justiça, para nos tornar objecto do seu amor. Feliz troca! Deixar um amor terrestre pelo celeste, eterno e só divino! Dirijamos para Ele todas as nossas afeições e deixemos todas as satisfações particulares. Devemos resolver-nos a isso.

Poderá dizer-me alguma Irmã: «Mas, Senhor, isso custa muito. O quê! Se estiver com uma Irmã de mau génio, devo suportá-la! Outra que seja imortificada e não saiba sofrer nada, serei obrigada a suportá-la?» Sim, minhas Irmãs, pois, se não suportardes aquela Irmã, se não tolerardes esta, vós é que sois a imortificada. Ser-vos-á custoso durante um certo tempo; mas o que vos parece penoso num tempo ser-vos-á fácil noutro.

Sim, minhas Filhas, ficai sabendo que tempo virá em que tereis prazer naquilo que vos for difícil e há na Companhia quem poderia com razão afirmar-vos que põe as suas delícias nas dificuldades que encontra para se alimentar ou vestir pobrementemente. Dar-se-á o mesmo connosco! É preciso apenas um pouco de coragem e o caso merece-a bem. Sabei-lo, minhas Filhas, vós as que nisso tendes já trabalhado. Lembrai-vos de que, para o conseguirdes, deveis odiar-vos a vós mesmas; o Filho de Deus, vo-lo pede para O poderdes seguir.

O terceiro meio, é rezar bem. Se não podemos ter um bom pensamento sem a graça de Deus, com tanta mais razão devemos crer que não conseguiríamos adquirir esta virtude, tão necessária à nossa perfeição, sem esta mesma graça. O Filho de Deus dá-nos o exemplo, Ele que, nas necessidades da Sua vida humana, recorreu à oração. Quando detestardes o génio duma Irmã que vos é dada por companheira, levantai o espírito para Deus, para Lhe pedir o suporte que vos é necessário. Se, pela estima de vós mesmas, sentirdes repugnância por esta maneira de viver e de vestir, lembrai-vos imediatamente que é esta a vontade de Deus, pois fostes chamadas à Companhia e vos dais de novo a Ele para

mortificar esse amor próprio e sair de vós mesmas, para que seja Ele que viva em vós.

O quarto meio é conversarem juntas sobre a felicidade das almas que têm esta virtude. Dizei: «Não vos lembrais que tais e tais das nossas Irmãs defuntas trabalhavam tanto em se mortificar? Como são felizes agora! Como gozam da recompensa de todos os seus trabalhos!» Eis, minhas queridas Irmãs, os meios principais para nos ajudar a desfazer-nos do nosso detestável amor próprio, donde vêm todas essas demasiadas preocupações de nós mesmas que nos custam tanto.

Como seremos felizes, minhas Filhas, se por estes meios conseguirmos chegar a esse ódio de nós mesmas, tão necessário para a nossa perfeição!

Sim, minhas Filhas, já vo-lo fiz ver pelos avisos que Nosso Senhor nos deu na terra. Este detestável amor próprio leva-nos a ofender a Deus e ao próximo, põe-nos em perigo de nunca O podermos amar. Se pelo contrário vos odiais a vós mesmas, por um detestável amor que perdeis, adquiris um amor sobrenatural, que é o único verdadeiro amor. Ó minhas Filhas, sei que, pela graça de Deus, há algumas entre vós que têm feito progressos neste amor celeste e que para isso trabalham quase todas. Consolai-vos se não adiantais tão prontamente como quereríeis. E vós, minhas Irmãs, que sois ainda novas na prática desta ciência, tende ânimo, não receeis, Nosso Senhor vos ajudará.

Uma Irmã confessou então a sua culpa, dizendo que o seu amor próprio a tinha feito cair em muitas faltas contra as regras. E o nosso Venerando Pai disse-lhe:

Deus seja bendito, minha Irmã! Que a sua bondade vos conceda a graça de aceitar este acto de penitência para satisfazer as faltas que conheceis em vós. Sim, minhas Filhas, é um acto de penitência dizer as suas faltas em público e isto pode ser muito agradável a Deus. Devo dizer-vos, minhas Irmãs, o que aprendi há pouco tempo dum grande prelado do nosso tempo, o Senhor Cardeal de La Rochefoucault, com 80 anos de idade. Era tão exacto na sua maneira de viver, que nada o poderia levar a faltar a ela, ainda que a sua idade avançada e outras várias razões parecessem poder dispensá-lo. Por isso, minhas Filhas, já que Deus vos chamou a uma maneira de viver, não falteis a ela.

Pois bem, minhas Filhas, peço a Nosso Senhor Jesus Cristo, que veio à terra para nos ensinar este desapêgo do nosso amor próprio e para nos ajudar com o seu exemplo. Ele que não tinha onde repousar a Sua cabeça e as suas acções eram todas uma mortificação contínua, peço-lhe que nos obtenha, por Seus méritos, a privação de toda a sensibilidade contrária à Sua Santa

Vontade e, nesta esperança, pronuncio a bênção, em nome do Pai e do Filho e do espírito Santo.

19 — CONFERÊNCIA DE (15 DE JANEIRO DE 1645)

SOBRE AS VIRTUDES DA IRMÃ JOANA DALMAGNE

Minhas Caras Irmãs, eis-nos reunidas para falarmos das virtudes das nossas Irmãs falecidas, segundo o costume desta Companhia. Ó minhas Filhas, como é bom falarmos das boas acções dos que morreram! É o desejo do Espírito Santo. E por esta razão, minhas queridas Irmãs, será uma consolação para vós contar o que tiverdes notado nessa boa Irmã, como já fizestes com as outras.

Portanto, minhas queridas Irmãs, vamos começar. Todas fizestes oração, como de costume, sobre os três pontos propostos.

Dizei, minha Irmã, que notastes na nossa boa Irmã?

— Senhor, alimentava no seu coração uma grande caridade, que a tornava assídua na visita dos pobres. Visitava-os de tarde, quando nada tinha que fazer, consagrava um particular cuidado a instruí-los e falava-lhes sempre com grande doçura.

— Eis o dever duma verdadeira Filha da Caridade, minhas Filhas: dar todos os seus cuidados aos pobres, para que não somente o corpo receba o socorro que lhes deveis dar, mas também para que as suas almas gozem do bem que, com a permissão de Deus, recebem por vosso intermédio.

E vós, minha Irmã?

— Retive a respeito da nossa boa Irmã, que tinha uma grande modéstia e que andava sempre na presença de Deus. Consolava

Instrução XIX. — Def. 2, 2.^a parte, pág. 1 e segs. No princípio da conferência o copista escreve: «Em 1639 a Irmã Joana Dalmagne veio para a Casa para o serviço dos pobres doentes, com a idade de trinta anos. Esta boa Irmã era natural da freguesia de Herblay, próxima de Paris. Saía do grande convento das Carmelitas da Rua de S. Tiago, onde era rodeira, para vir para o serviço dos pobres, como se pode ver pela conferência escrita depois da sua morte pela própria mão da Nossa Mãe a Senhora Le Gras. Esta conferência se junta aqui, com o testemunho do Revevendo Pároco de Nanteuil. Vê-se pelo mesmo documento que fez os votos a 25 de Março de 1643 e que morreu no mesmo dia, um ano depois, tendo desejado voltar para Nanteuil, onde estava doente sem esperança de curar, para morrer em casa; sendo isto concedido». E' impossível aceltar, para esta conferência, as datas propostas pelo manuscrito Def. 2 «domingo, 14 de Janeiro de 1644» e pelos precedentes Editores das conferências de S. Vicente «domingo, 14 de Janeiro de 1645»: a primeira porque Joana Dalmagne vivia ainda a 14 de Janeiro de 1644; ambas, porque nem em 1644, nem em 1645 o 14 de Janeiro caía num domingo. A data que adoptamos não tira nenhuma destas dificuldades, mas é simplesmente provável.

de boa vontade as Irmãs que via tristes; animava-as com tanta doçura que ficavam aliviadas das suas mágoas. Tinha também uma grande satisfação em falar de Deus, particularmente com os pobres.

Oh! Que belo sinal, minhas Irmãs: andava sempre na presença de Deus! Que virtude, minhas Filhas! Andar sempre na presença de Deus, oh! como é um óptimo meio de se aperfeiçoar e poderoso auxílio para bem servir os pobres!

Falai vós, minha Irmã, dizei-nos os bons pensamentos que Deus vos deu.

— Senhor, devemos falar das virtudes das nossas Irmãs falecidas, para agradar a Deus que nos prometeu estar no meio de nós, se nos reuníssemos em Seu nome. Devemos ainda fazê-lo, porque o que se disser a este respeito é um incitamento para nos tornarmos melhores e perseverarmos na vocação.

Das virtudes que praticou, a primeira que me veio à memória, foi a da presença de Deus. Quando me encontrava carregada, ao vir da cidade, dizia-me: «Coragem, minha Irmã! Trabalhem para Deus.» E quando me descuidava: «Ó minha querida Irmã, como Deus é bom!» Se experimentava algum sentimento de alegria, via-a entrar imediatamente em si mesma e deixava sair do seu coração estas palavras: «Ó minha querida Irmã, pedi a Deus o ódio de mim mesma.»

Notei ainda que falava pouco, que tinha uma grande modéstia e mansidão.

Tomei a resolução de me habituar à prática da presença de Deus e regular as minhas paixões para aniquilar os meus primeiros movimentos de impaciência.

Deus seja bendito, minhas Irmãs, pelas graças que concedeu a esta boa Irmã! Continuai.

E vós, minha Irmã, que pensastes?

— Meu Pai, falamos das virtudes das nossas Irmãs falecidas para dar glória a Deus pelas graças que na Sua bondade Se dignou conceder-lhes e para nos incitar a perseverar na nossa vocação.

As virtudes principais que nela notei, durante o pouco tempo que tive a felicidade de a ver, eram uma grande modéstia e recato e perfeita exactidão ao regulamento da casa. Amava a obediência e parecia ter o espírito unido a Deus; não aspirava senão fazer a Sua Santíssima vontade e servia os pobres com grande afeição, doçura e caridade. Estava numa completa iniferença por tudo quanto lhe pudesse acontecer. Creio que amava muito a pobreza, tanto que nada tinha de próprio.

Um dia contou-me como tinha entrado na Companhia. Foi em

seguida a uma fortíssima inspiração e para responder à atracção que sentia nas suas orações. Apresentou-se com o espírito cheio de submissão à vontade de Deus. «Que seja recebida ou rejeitada, dizia consigo, acreditarei que é a vontade de Deus, e ficarei contente tanto duma maneira como doutra.» E apesar das boas religiosas com quem estava se oporem aos seus projectos, não desistiu e perseverou no seu pedido.

— Oh! Quantas virtudes, minhas Irmãs! Realmente, aquela Irmã era um tesouro. Quantas graças! Tivestes verdadeiramente uma enorme perda nesta Irmã; e praza a Deus que não sejam os pecados deste miserável que tivessem causado a sua morte!

Vêde, minhas Filhas, é preciso considerá-la no céu, como um quadro que deveis imitar. Tende devoção por ela. Vê as vossas lágrimas; sim, minhas Filhas, vê a ternura do vosso coração e tem-vos amor, muito mais do que testemunhava quando estava entre vós.

Dizei vós, minha Irmã.

— Sobre o primeiro ponto, pensei que era justo falarmos das virtudes das nossas Irmãs falecidas para dar, por esse meio, glória a Deus e para ver os defeitos que me impedem de adquirir as virtudes que praticaram.

Quando estava nas Carmelitas não podia suportar que se dissesse o bem que fazia; se lhe falavam nisto, chorava. Via chorar pelo menos uma vez e creio que era pela sua grande humildade que não podia suportar os elogios.

Outra Irmã:

Pareceu-me, meu Pai, que devíamos falar das nossas Irmãs falecidas, porque o conhecimento das suas virtudes e do zêlo da sua perfeição, incita toda a Companhia a fazer o mesmo. Notei na falecida uma grande humildade. Desejava que a Superiora fosse avisada das suas faltas. Quando estávamos juntas em S. Nicolau, notei nela um grande amor de Deus, um grande desejo da sua perfeição e um grande cuidado pela salvação da alma dos pobres que ajudava e tratava com muita afeição.

Era indiferente em tudo e muito submissa às mudanças de lugares, adorando em tudo as determinações da divina Providência. Era muito mausa nas suas conversas, muito sóbria na alimentação e não tinha apêgo algum aos bens terrenos.

— Considerai, minhas Filhas, eis o sinal duma sólida perfeição; ser exacta na obediência quer os Superiores estejam ausentes ou presentes. Oh! Que bela virtude essa, assim como o grande despreendimento dos lugares! É preciso ser assim, para ser verdadeira Filha da Caridade; de outra maneira, faltar-se-ia com frequência.

E vós, minha Irmã, que pensastes?

Senhor, devemos falar sobre as virtudes das nossas Irmãs falecidas para as imitar, servindo-nos dos seus exemplos.

Notei na nossa Irmã Joana, uma grande mansidão e humildade. Tinha um grande cuidado em animar as Irmãs que a ela se dirigiam. Senti um grande desejo de imitar o seu zêlo pelo serviço dos pobres e de fazer tudo quanto me ordenassem.

— Bendito seja Deus, minha Irmã, e Se digne conceder-vos essa graça! A maior parte das Irmãs repetiram estas duas razões, a saber: que era bom falar das virtudes das Irmãs falecidas, para glorificar a Deus pelas graças que lhes havia concedido e para se animarem a imitá-las. Por isso não as repetirei mais.

— E vós, minha Irmã ?

— A virtude principal que nela notei, era uma verdadeira humildade. Disse-me uma vez: «Não sei como se querem servir de mim; não sei fazer nada bem; tenho sido assim toda a minha vida.» Durante a sua doença pedi-lhe uma palavra de edificação; respondeu-me; «Com quem falais?» Isto foi dois dias antes da sua morte. Tomei a resolução de imitar, com a ajuda de Deus, a sua humildade, como sendo a virtude de que mais necessito.

Oh! Minhas queridas Irmãs, que palavras: «Eu não sei fazer nada bem!» Tínhamos nesta Irmã um quadro de virtudes. Sejamos muito agradecidas a Deus por isto e peçamos-Lhe a graça de nos conceder as virtudes que lhe vimos praticar.

— E vós, minha Irmã, dizei-nos os vossos pensamentos.

— Senhor, notei durante a doença da nossa querida Irmã que tinha uma grande paciência e resignação com a vontade de Deus. Dizia não ter outro remorso ao morrer senão o de não ter tratado bem os pobres, e que, se Deus lhe restituísse a vida e a saúde, os trataria melhor do que nunca. A resolução que tomei foi praticar o que nos recomendou na véspra da sua morte. Depois dum desfalecimento, fez esforço para falar, e, olhando para nós, disse-nos que éramos muito felizes por termos sido chamadas a tratar dos pobres, e que os devíamos tratar melhor do que ela.

— Esta boa Irmã, minhas Filhas, sabia apreciar a sua vocação como deve ser. Tenho o coração cheio de consolação por ouvir as suas virtudes.

Continue, a Irmã que está a seguir.

— Notei na nossa Irmã falecida que as suas conversas eram sempre boas, e as mais das vezes sobre a vida dos santos, e notei também que, quando via alguma das nossas Irmãs com qualquer preocupação de espírito, era muito cuidadosa em consolá-la, e quando lhe agradeciam, respondia que aquilo não vinha dela mas de Deus. Dizia-me muitas vezes que muito convinha dar bom exemplo aos outros. Tinha um grande desprezo por si mesma e

levantava com frequência o seu espírito para Deus. Tomei a resolução de a imitar na virtude da prática da presença de Deus.

— E vós, minha Irmã?

— Nada sei da vida da nossa Irmã, porque não tive a felicidade de a conhecer senão durante a sua doença. O que nesse pouco tempo notei, deu-me motivo de crer que foi virtuosa toda a sua vida, pois estava muito resignada com a vontade de Deus nos sofrimentos e não cessava de fazer actos interiores de amor de Deus. Manifestava com frequência não aspirar senão pelo seu querido Esposo. Quero habituar-me a fazer muitas vezes actos semelhantes para chegar aonde creio que chegou.

Teve uma grande doença em Nanteuil um ano antes da sua morte. Comunicava à Irmã que lhe foi enviada de Paris ⁽¹⁾ o seu grande desgosto por não ter tratado dos pobres com o afecto e desprendimento necessários a uma Filha da Caridade, e o seu pesar por não ser humilde. Deixava muitas vezes transparecer que o seu espírito estava na presença de Deus.

Disse-me um dia com grande affecto: «Amai muito a vossa vocação, minha Irmã, e tratai os pobres com grande humildade». Tomei a resolução de procurar adquirir as suas virtudes, principalmente a fidelidade às santas inspirações que aprouver a Deus conceder-me, seu desprendimento e indiferença.

Uma outra Irmã disse:

Senhor, notei a sua constância em querer ser Filha da Caridade. Se bem que muitas pessoas de grande virtude se tivessem oposto aos seus desejos, dizia sempre que queria morrer no serviço dos pobres. Resistiu corajosamente a todos os que lhe prometiam assegurar-lhe a sua vida com grande vantagem, às religiosas onde era rodeira e que lhe propuseram recebê-la no seu mosteiro e à Senhora Princesa que lhe propôs escolhesse ela própria o convento e a Ordem que quisesse. Foi tão instada que cedeu durante algum tempo. Mas a tristeza apoderou-se dela, a oração tornou-se-lhe difícil, os seus padecimentos agravaram-se. Por aí compreendeu que Deus a queria no serviço dos pobres e continuou as suas tentativas. Posto que o demónio se tivesse servido das operações do mundo para contrariar os seus planos, foi recebida no número das Filhas da Caridade. Viveu entre nós, como se viu, na prática das suas regras.

— Quantas graças e força numa pobre e simples menina, minhas Filhas! Sinto-me cheio de consideração por tantas virtudes.

Continuai, minha Irmã:

(1) Irmã Isabel Martin.

— Um dia, acompanhando-a à cidade, disse-me: «Minha Irmã, procurai reter bem os exemplos e ensinamentos que nos são dados em casa. Isso deve servir-nos de muito, quando estivermos afastadas». Pensei em seguida, que não sòmente queria ensinar-me a retê-los mas também a pô-los em prática.

Outra Irmã disse:

Senhor, notei que temia tanto a presunção que muitas vezes, durante a sua doença, quando a queriam consolar dizendo-lhe que os seus sofrimentos lhe serviam de purgatório, dava a entender que não aprovava. Tinha uma grande união com todas as Irmãs e desejava vê-la em todas. Um dia, como uma deixasse transparecer alguma indiferença, disse-nos: «Deveis amar-vos muito, minhas Irmãs, e estareis sempre de acôrdo umas com as outras». Tinha a obediência em grande estima; e para melhor a praticar, teria desejado estar sempre em casa. Na sua última viagem para Nanteuil, disse-nos: «Ah! Minhas Irmãs, como receio ir outra vez embora para fazer a minha própria vontade. Pedi para que não seja assim, eu vos suplico». Respeitava muito os pobres, o que nos fazia crer que via a Deus neles.

Outra Irmã disse:

Meu Pai, durante os dezoito meses que estive com ela não lhe notei imperfeição alguma.

— Ó minhas Irmãs, eis uma coisa admirável! Bendito seja Deus! Não se poder notar, em dezoito meses, uma imperfeição numa pessoa, é o que eu não ouvi ainda dizer de ninguém. Temos realmente grande motivo, minhas Filhas, de agradecer a Deus que nos deu este exemplo de virtude. Tende cuidado, minhas Filhas, peço a todas que me digais, com franqueza, que defeitos notastes nela?

E o Senhor Padre Vicente esperou, dando a todas o tempo para reflectir. Uma Irmã tomou por fim a palavra:

O que poderia ser virtude em qualquer outra, disse, é a única coisa de que a poderiam censurar; é o excesso de desejo que tinha de servir a Deus e de se entregar à oração.

— Oh! Não é isto belo, minhas Filhas? Quem jamais ouviu dizer semelhante coisa duma alma santa? Falávamos há tempo duma Irmã que tinha sido muito estimada e que tinha tido grandes perfeições; mas notou-se que Deus a tinha provado por algumas pequeninas quedas e por algumas paixões ainda não mortificadas. Mas da nossa boa Irmã não se nota coisa alguma. Que bem tão grande, meu Deus! Temos grande motivo para dar graças a Deus que deu este tesouro à Companhia. Dir-vos-ei, minhas Irmãs, que me não lembro de jamais ter falado com ela sem me sentir edificado.

Uma outra Irmã :

Meu Pai, ela compadecia-se muito dos pobres. Quando os não podia ajudar fisicamente, consolava-os, chorava com eles, animava-os a suportar a sua pobreza e as suas doenças e ensinava-os a fazer bom uso de tudo isto. Mesmo durante a sua doença falava-lhes com tanto fervor que nem parecia que estava doente. Parecia-nos que tudo quanto fazia e dizia era em Deus e por Deus. Isso fez-me pensar que, para sermos verdadeiras Filhas da Caridade, devemos estar completamente desprendidas do mundo para mais nos unirmos a Deus. Era muito prudente no seu falar, muito submissa e condescendente para com o próximo. Mesmo que as coisas lhe fossem desagradáveis, cedia com muita mansidão, quando o podia fazer sem ofender a Deus. Quando alguém lhe fazia alguma reflexão sobre a sua inferioridade, não se zangava por isso, mostrava-lhe boa cara, interpretava tudo bem e procurava todas as ocasiões para se humilhar. Não manifestava sentimento algum de pesar quando os médicos lhe declaravam que se não curaria.

Uma outra Irmã apresentou que a instrução feita à cerca das nossas Irmãs falecidas manifesta a bondade da divina Providência, que, nos seus insondáveis desígnios, tem meios poderosos para operar coisas admiráveis em criaturas tão insignificantes como somos nós, e serve também para nos encher de confusão mostrando-nos a nossa negligência em empregar os meios de nos tornarmos virtuosas, como nossas boas Irmãs.

Praticou muitas vezes a humildade para comigo. Quando julgava ter-me causado algum descontentamento, prostrava-se aos meus pés. E como eu não podia falar por causa da vergonha e confusão que sentia, mantinha-se naquela postura até que eu lhe testemunhasse que já não estava penalizada. Jamais se deitou com alguma aversão no coração, ou com a suspeita sequer de que alguém tivesse mágoa contra ela. Veio muitas vezes ajoelhar-se aos pés da nossa cama para me pedir perdão com muita humildade; dizia-me depois que nunca nos devíamos deitar tendo tido alguma alteração com o próximo sem nos reconciliarmos, podendo ser. Tinha uma grande caridade para com o próximo, mas particularmente para com os pobres, qualquer que fosse a sua condição. Para os socorrer não se poupava em tudo quanto podia e julgava necessário, tanto para a alma como para o corpo. Todo o seu cuidado era estudar o que lhes poderia proporcionar algum alívio, como procurar remédios para os seus padecimentos.

No que diz respeito a feridas e diversas chagas, sarou miraculosamente doentes incuráveis. E todavia não tinha experiência alguma, pois muitas vezes não sabia por onde havia de começar

nem o que devia aplicar; dirigia-se então a Deus, e depois dizia: «Ah! Como Deus é um bom Senhor!»

Não receava o mau cheiro que os doentes exalavam. Havia em Nanteuil uma pobre menina toda roída de escrófulas e desamparada por toda a gente por causa do mau cheiro da sua doença. A sua própria mãe não podia continuar a ganhar a vida devido à apreensão que todos tinham quanto à sua filha. A nossa Irmã proveu com grande cuidado a todas as suas necessidades. Ia duas vezes por dia fazer o curativo e limpar as chagas da doente apesar dos seus próprios achaques. Este mau cheiro incomodava-a muito e aumentava os seus desfalecimentos. Quando me avisavam disto e eu a repreendia, respondia-me que era por causa da sua pouca coragem e que, visto não poder prestar grandes serviços a Deus, devia pelo menos exercitar-se nas pequenas ocasiões, no serviço dos pobres envergonhados. Muitas vezes de madrugada, quando aquela pobre gente ainda estava deitada, já ela lhes estava à porta com alguma esmola, quando nisso menos pensavam; e fazia tudo isto com grande prudência. Assim que sabia do mau proceder de alguém, procurava logo ocasião para lhe falar; e muitas vezes eram seguidas as suas recomendações. Se a pessoa avisada lhe prometia corrigir-se e depois faltava às suas promessas, ocultava-se para que ela o não soubesse.

Não deixava de ir todas as tardes visitar os pobres transeuntes que se alojavam no hospital, onde é também a habitação das Filhas da Caridade. Instruía-os no que podia, principalmente nos primeiros mistérios da nossa fé. Se encontrava um pobre que precisasse de pão e não pudesse fazer com que lho dessem noutra parte, vinha pedir-me para lhe dar de ceiar, para não fazer nada senão em conformidade com a vontade dos Superiores. E quando eu lhe dizia: «Há aí pão duro, minha Irmã; podeis dar-lho», respondia-me: «Não é preciso, minha Irmã, eu o comerei; não se deve dar a Deus senão o que é bom.»

Tinha grande cuidado em visitar as pobres velhinhas, consolá-las e exortá-las a receber os sacramentos. Conseguiu um dia que se confessasse e comungasse uma pobre velha, que tinha grande necessidade dos sacramentos e que morreu no dia seguinte, o que nos fez crer que fora uma graça especial concedida pela divina Providência àquela pobre alma. A sua caridade não se limitava a Nanteuil; estendia-se, com licença dos Superiores, até às aldeias circunvizinhas. Um dia uma pobre menina precisou de ser sangrada num pé; prestou-lhe esse serviço; mas meia hora depois teve que se lhe dar a extrema unção. Julgou-se que a nossa Irmã lhe tinha causado a morte, e o boato correu por toda a parte, tanto em Nanteuil como noutros lugares. Percêbeu que

eu estava mortificada com isso; disse-me que seria o que Deus quisesse e exortou-me a orar com ela. Passado pouco tempo a menina estava boa e veio-nos agradecer a assistência que tinha recebido. Compreendi, por isto, quanto a nossa Irmã estava resignada com a vontade de Deus para sofrer essa calúnia, se esta menina tivesse morrido.

Tinha uma grande paciência e cordialidade. Quando me via de mau humor, procurava ser-me agradável por meio da mansidão e até com pequenos expedientes ou distracções e abandonando até a sua vontade e os seus sentimentos para me dar satisfação. Descobria-lhe o meu íntimo às vezes; animava-me e dizia-me que era pior do que eu. Quando me via com alguma aflicção extraordinária, cujo motivo lhe ocultava, pedia a Deus por mim.

Muitas vezes senti os efeitos das suas orações, particularmente num dia de Pentecostes. Como não podia resolver-me a confessar-me pelas grandes apreensões que tinha, passei todo o dia triste e abatida; no dia seguinte senti-me num instante livre das minhas preocupações e confessei-me com facilidade. À vista da minha satisfação, cujo motivo lhe não podia revelar, disse-me: «Bendito seja Deus que na Sua bondade Se dignou ouvir as minhas orações!» E em muitas outras ocasiões senti o poder das suas orações.

Tinha uma grande liberdade de espírito no que dizia respeito à glória de Deus e falava com tanta franqueza aos ricos como aos pobres quando via neles algum mal. Sabendo um dia que umas pessoas ricas se tinham isentado das contribuições para sobrecarregar os pobres, disse-lhes abertamente que aquilo era contra a justiça e que Deus puniria tais extorções. E como lhe fizesse notar que falava com muita ousadia, respondeu-me que quando se trata da glória de Deus e do bem dos pobres, se não deve ter receio de dizer a verdade.

Quanto à duração da sua doença, não se queixava senão na última e nunca perdia prática alguma dos exercícios, de tal maneira que eu via-me obrigada algumas vezes, por causa da sua doença, a proibir-lhe o que ela queria fazer ou ordenar-lhe que descansasse. Era muito afeiçoada à oração mental, que fazia duas vezes por dia quaisquer que fossem as suas occupações sem faltar em nada às suas obrigações; e dizia-me que era na oração que adquiria a sua força. Parecia viver sempre num grande recolhimento, principalmente nos dias de comunhão. Nesses dias assim que regressava a casa, isolava-se um bom quarto de hora além do tempo que, na igreja, empregava na acção de graças.

Era tão exemplar que estando com outras Irmãs, quer em casa quer noutro lugar, nunca saía sem ter edificado de qualquer forma. Tinha um grande amor a Deus; não suspirava senão por Deus e

pelas ocasiões de fazer bem por Seu amor. Tinha um tão grande desprezo de si mesma, que desejava revelar os seus defeitos a toda a gente. Pedia-me, quando eu vinha a Paris, que os dissesse aos nossos Superiores. Pedia-me com frequência que a avisasse para a ajudar a corrigir-se dos seus defeitos e pedia-me esse serviço como testemunho da minha afeição.

— Minhas Filhas, diz-nos o nosso muito Venerando Pai, não estais satisfeitas por ouvir as graças que Deus concedeu à nossa boa Irmã? Deveis estar agradecidas a Nosso Senhor por Se ter dignado dá-la à nossa Companhia. Quanto a mim devo confessar-vos que me sinto cheio de dor e de ternura: de dor, pela perda que a Companhia sofreu com a sua morte; de ternura, por ver uma pessoa tão perfeita servir de exemplo a todas vós e às que vierem depois de vós. Ó que pessoa tão cheia de fé! Vêde, minhas Filhas; a graça de que essa alma estava possuída, estendia-se até vós pelos efeitos que essa mesma graça operava nela. Afirmino-vos, minhas Irmãs, que sentia algumas vezes um certo recolhimento quando a via, não por minha virtude, pobre miserável; mas Deus permite que algumas vezes as almas predestinadas sejam como o almíscar, que não pode estar num lugar sem espalhar o seu belo perfume. Quando uma Irmã de Saint-Germain-en-Laye teve conhecimento da morte da nossa boa Irmã, enviou o seguinte às Irmãs da casa: «Perdemos um grande exemplo. Espero que Nosso Senhor fará brilhar as virtudes que ela praticou na terra para Sua maior glória e nosso incitamento».

Soube pela senhora a quem serviu há 8 ou 10 anos que já então era muito assídua à oração; surpreendiam-na a orar em toda a parte, tanto nas estrebarias, ou na cave, como no quarto. Levantava-se muito cedo para ir ouvir a Santa Missa com receio de que a impedissem, e a sua patroa, vendo isso, deu-lhe licença para ir todos os dias. Jejuava exactamente nos dias de obrigação, e durante uma quaresma inteira só tomou uma refeição por dia e mesmo assim, pouca coisa. A sua colação e o que podia comer a mais ia para os pobres. Estava a servir em Saint-Germain-en-Laye, onde estava a corte; e embora estivessem muitas pessoas alojadas em casa de seu amo, nada impedia as suas devoções. Reprendia os lacaios e os outros criados quando os ouvia praguejar; catequizava os que precisavam. Notou-se que as pessoas a quem reprendia se envergonhavam e se retiravam da sua presença; o que não representa pequeno sinal de que Deus aceitava o serviço que nesta matéria Lhe prestava.

Como quase sempre as pessoas do mundo querem ganhar com tudo, ou fosse para a experimentar, ou por qualquer outra razão, os seus amos a mandavam às vezes tirar grandes paus dos molhos

de lenha que vendiam. Então dizia: «Se julgais perder com isso, vendei mais, não tirar lenha, isso não farei». Ainda que fosse muito obediente, nunca, para obedecer, fazia o que quer que fosse contra Deus. Era muito caritativa e amava os pobres que, já nesse tempo, tudo quanto lhe davam era para eles. Quando a patroa a reprendia por isso, respondia: «Oh! Eu não dou, ponho a render; ser-me-á restituído cem vezes mais».

O Senhor Padre Vicente interrogou outra Irmã.

— Senhor, Deus quer que nos reunamos para falar das virtudes das nossas Irmãs falecidas, pois Nosso Senhor permitiu aos discípulos de S. João que fossem contar-lhe o que haviam presenciado das suas obras, e isto para os fortalecer na crença das lições que dele tinham recebido acerca do Messias.

Nosso Senhor dá-nos ainda uma outra razão para falarmos das nossas Irmãs falecidas, com a sua doutrina, a sua vida e sobretudo quando proibiu aos seus apóstolos contar, antes da sua morte, o que tinham presenciado na sua transfiguração; o que nos deixa ver que o permitiu depois da sua morte.

Uma outra Irmã disse que admirava a fidelidade com que a Irmã Joana tinha correspondido ao primeiro chamamento de Deus, que a destinava ao serviço dos pobres, e isto muito tempo antes dela ter conhecimento da Companhia das Filhas da Caridade; o que indica bem que Deus a queria nesta vocação. Nesse tempo estava ela a servir em Saint-Germain. Soube casualmente que precisavam duma rodeira nas Carmelitas. Para lá foi. As Carmelitas pedem informações junto da patroa que teve muita pena dela sair. Essas informações fizeram com que apreciassem muito mais a Irmã Joana. Receberam-na; mas não foi por muito tempo. Pouco tempo depois, resolveu fazer-se Filha da Caridade. As instâncias das criaturas não a abalaram. Grande lição para nos ensinar a fazer a santíssima vontade de Deus! Como não tinha razões bastantes para convencer as Carmelitas, nem bastante força para suportar todas as dificuldades, entregou a sua decisão ao Reverendo Padre D. Morice, religioso Barnabita. Este depois de a ter interrogado e de considerar maduramente os desígnios de Deus sobre ela, aconselhou-a a dar-se ao serviço dos pobres na Companhia das Filhas da Caridade, que ele não conhecia senão pela descrição que a nossa Irmã fizera dela, convencido de que era essa a vontade de Deus.

Foi sempre exactíssima na prática dos pequenos regulamentos; e posto que tivesse uma grande atracção pela oração, nunca era com detrimento dos pobres que servia sem sair do recolhimento que era quase constante para ela. Deixava de bom grado a oração, quando a vontade de Deus lho exigia, sabendo muito bem

que não se afastava de Deus quando ia servir os pobres por Seu amor. Estava absolutamente desprendida de tudo, mesmo dos objectos de devoção. Só tinha um rosário, o seu livrinho e um estojo de cirurgia, e nenhuma dessas coisas a que as meninas se prendem. E ainda que fosse muito amada nos lugares onde permanecia e tivesse grandes motivos para aí continuar, contudo testemunhava ter necessidade de sair de lá; com grande alegria vinha a casa, e dizia: «Aprenderei a não fazer nunca a minha vontade».

Uma tarde, pensando que a morte estava próxima, pediu a uma Irmã que contasse a todas as outras Irmãs, depois da sua morte, as suas imperfeições, para fazer conhecer a sua ingratidão e ensinar-lhes com o seu exemplo a não fazerem como ela. Depois fazendo um esforço para falar, disse-lhes: «Minhas Irmãs, se tivesse algum pesar, seria o de não ter servido bem os pobres. Peço-vos que os trateis bem. Sois muito felizes por terdes sido chamadas por Deus a esta vocação». Como tinha grande dificuldade em falar, nunca se aproximavam dela sem que desse a entender, com os olhos ou com algum movimento do rosto, que o seu espírito estava sempre ocupado em Deus. E quando via Irmãs novas junto dela, parecia que tinha desejos de as incitar à perseverança. Se o não podia dizer, fazia-o compreender.

— Ah! Minhas Filhas, disse o Senhor Padre Vicente, a última vez que a confessei (posso dizer-vos isto para vossa edificação e sem quebrar o sigilo da confissão), entendeu dever acusar-se da satisfação que sentia nos sofrimentos. «Dizei-me, minha Irmã, perguntei-lhe eu, em quem pondeis a vossa esperança?» E respondeu-me: «Em Deus somente».

Afirmo-vos, minhas Irmãs, que li muitas vidas de santos; poucos excedem a nossa Irmã, no amor de Deus e do próximo. Meu Deus! Será possível, minhas Filhas, que tivéssemos tido este exemplo sob os olhos e permanecêssemos nos nossos maus hábitos, que a tivéssemos visto aplicada à observância das regras e continuássemos a faltar a elas! Ó minhas Filhas, tende cuidado com a advertência desta boa Irmã. Pensai muitas vezes que tivestes a felicidade de ter possuído na vossa Companhia uma Irmã em quem vos não lembrais ter notado jamais alguma imperfeição. As próprias crianças têm faltas, e de ordinário Deus permite que subsista na maior parte das Irmãs alguma paixão durante toda a sua vida para exercitar a sua virtude.

Nesta não notámos nenhuma. Mais uma vez ainda, minhas Irmãs, sejamos reconhecidos por esta graça. Fica-se muitas vezes embaraçado para encontrar algum bem nas palavras ou acções de pessoas falecidas, e, quanto à nossa Irmã, estamos tão repletos do bem que nela transparecia, que, se quiséssemos investigar

tudo quanto fez na sua vida, teríamos dificuldade em descobrir nela algum defeito. Bendito seja Deus, minhas Irmãs!

Era grande o seu desprendimento. Como lhe perguntassem um dia se queria ver a sua Irmã que estava nesta cidade, respondeu: «Deixemos os mortos enterrar os mortos» (S. Luc. 9,60). A mesma pergunta lhe foi feita a respeito do Reverendo Padre D. Morice, que era o seu director antes dela vir para a Companhia; respondeu que se devia perguntar à sua Superiora. O que a confessava antes da sua entrada para as Carmelitas declarou que velava com grande cuidado pela pureza da sua alma.

Tinha grande indiferença quanto a viver ou morrer. Dizia muitas vezes, convencida de que aquela doença a levaria à morte: «Vou-me embora, oh! eu vou-me embora.» E eu respondia-lhe: «Pois bem, minha Irmã, ide de boa vontade para o vosso Esposo que vos chama.» A estas palavras, o seu semblante manifestava uma grande satisfação. Inclina-se muitas vezes para o crucifixo. Depois de várias crises, de que julgava não poder escapar, perguntava àquela que considerava como sua Superiora: ⁽¹⁾ «Estarei ainda muito tempo aqui?» E ela respondeu-lhe que não o supunha, mas que se devia conservar até ao fim na submissão à vontade de Deus. Mostrou estar disposta a isso, mas que temia muito faltar à paciência por causa da enormidade dos seus sofrimentos. Raras vezes se lamentava, e eram uns pequeninos gemidos suaves. Abriram-na depois da sua morte e encontraram-lhe os pulmões muito mais acima do seu lugar ordinário, quase encostados à garganta, o que indica uma grande violência nas partes interiores. Parece que deveria ter sofrido mais do que os que morrem dos pulmões; é que Deus queria conduzi-la a uma perfeição maior. Bendito seja Deus, minhas queridas Irmãs, por ter permitido que todos os pensamentos, palavras e acções da nossa boa Irmã nos sirvam de motivo para O glorificar na terra e para nos edificarmos! É para admirar podermos afirmar não havermos notado nela alguma imperfeição censurável, embora esteja escrito que o próprio justo cai sete vezes por dia (Prov. 24,16). Podeis dizer dela, minhas Irmãs, que era na vossa companhia um perfeito modelo, e nisto tendes motivo para reconhecer que é uma grande felicidade ser Filha da Caridade, como ela era.

A última vez que a vi, quando já quase não podia falar, perguntei-lhe: «Então, minha Filha, disse-me agora o que mais gostaríeis de ter sido na vossa vida: grande senhora, ou Filha da Caridade?» E esta boa Irmã respondeu-me: «Filha da Caridade.»

(1) Luísa de Marillac. Lembramos que as notas da Instrução são dela.

Bela resposta, minhas Irmãs, que nos mostra que a condição de Filha da Caridade é maior que todas as grandezas do mundo! E quem pode duvidá-lo, pois ser Filha da Caridade é ser Filha de Deus? Quem não amará mais esta qualidade, minhas Irmãs, do que a de filha de rei? Não vos deis portanto, minhas Irmãs, ao trabalho de procurar a quem haveis de recorrer no céu para vos ajudar a adquirir as virtudes da verdadeira Filha da Caridade, pois devemos crer que ela lá está.

Sim, podeis acreditar-lo, porque ela viveu e morreu como vivem os justos. Cada uma de vós a pode invocar intimamente. Foi uma grande perda para a vossa Companhia, minhas Filhas, Deus queira que não fossem as minhas misérias a causa desta perda. Ter Deus posto na vossa Companhia uma pessoa perfeita, que motivo de reconhecimento, minhas Irmãs! Que Deus Se digne tirar disto a glória que na sua bondade quer que por isto Lhe prestemos! Permitiu que tivéssemos a consolação de a ver morrer entre nós e o desejo que disse tinha, mostra bem que estava desprendida de tudo e que não tinha outra aspiração senão fazer a santíssima vontade de Deus, na vocação a que na Sua bondade a tinha chamado.

Ó minhas Filhas, considero-vos muito felizes por terdes tido esta boa Irmã na vossa Companhia. Bendito sejais, meu Deus, pelas graças que lhe concedestes e pelo conhecimento que nos dais das suas virtudes, particularmente da sua disposição para aceitar a morte, se Deus assim o quisesse, e para sofrer a censura que lhe teriam feito se a pobre menina que ela sangrou tivesse morrido! Suplico a Deus, de todo o meu coração, Se digne fazer-vos participantes das suas virtudes e vos conceda a graça de imitar o seu desprendimento de tudo, amar a prática das vossas regras e a condescendência para com as vossas Irmãs no que não ofenda a Deus, apreciar e amar a vossa vocação, de maneira que lhe sejam fiéis. É a oração que vos dirijo, ó meu Deus, pedindo-Vos digneis abençoar todas as nossas Irmãs em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. (1)

Permaneceu muito tempo entre a vida e a morte. Contaram-nos que desejava ver o Senhor Padre Vicente, que não podia lá ir, devido às suas numerosas ocupações. Como dissessem que es-

(1) Toda a passagem que segue, até ao fim, se encontra, no manuscrito inserida um pouco mais acima, antes das palavras: «O' minhas Filhas, muito vos considero felizes». Colocamo-la aqui para não interromper a conferência, a que não pertence pelo menos sob esta forma.

tava tão mal, que não havia esperança de escapar, enviaram-lhe a nossa Irmã Isabel, uma das mais antigas da casa. Assim que a doente a viu, pareceu que Deus lhe deu novas forças. Disse: «Vou-me embora convosco», e continuou a passar melhor; todavia assegurando o médico que poderia fazer a viagem, o Reverendo Pároco de Nanteuil e os outros administradores, embora desajassem conservá-la sempre, consentiram em lhe proporcionar a satisfação que desejava, pondo à sua disposição, a expensas do Hospital Geral, uma liteira, para no-la transportar; o que lhe causou grande consolação, posto que estivesse em estado lastimoso e incapaz de fazer a viagem sem perigo de morte. Todavia Deus permitiu que aqui chegasse felizmente, ajudada pela nossa boa Irmã. A sua chegada deu grande consolação a todas, mas particularmente a ela, que dizia muitas vezes: «Como me sinto feliz por estar aqui! Ó meu Deus, posso morrer quando Vos aprouver!»

Fomos em seguida muito favorecidas, pois, como nos tínhamos tornado indiferentes, por submissão à divina Providência, que viesse ou continuasse lá, creio que o Senhor nos fez saber que tinha aceitado bem a disposição, dando já neste mundo alguma recompensa, como fazer com que, sem o termos pedido, o seu corpo fosse aberto depois da sua morte.

Mas o que mais apreciou foi ter o nosso muito Venerando Pai vindo uma tarde vê-la dois ou três dias antes de morrer, a instantes pedidos seus, e, vendo sua caridade que receávamos que morresse na noite seguinte, fez todas as encomendações da alma, com o Senhor Padre Portail, em presença de todas as Irmãs, que estavam então em casa. Depois a Irmã mais antiga pediu-lhe a sua bênção para toda a Companhia, tanto presentes como ausentes, para que aprovesse a Deus que todas tivessem, à hora da morte, a graça que a Igreja acaba de pedir para a alma desta querida Irmã, ao que a sua caridade aquiesceu de muito boa vontade, proferindo verbalmente ao mesmo tempo que com o coração as palavras da bênção

Na véspera da sua morte pediu-nos ainda muitas vezes para ver esse Pai querido, e, nas suas crises de opressão e desfalecimento, dirigia sempre o olhar para S. Lázaro, para nos manifestar o seu desejo. Nosso Senhor quis dar-lhe essa consolação. Aproximando-se o Senhor Padre Vicente do seu leito, testemunhou-lhe a sua alegria. A que sabia o seu estado de espírito ⁽¹⁾ disse: «Meu Pai, a nossa Irmã desejava ter a honra de vos ver, para entregar completamente a sua alma nas vossas mãos; supplica muito humil-

(1) Luisa de Marillac.

demente a vossa caridade para a oferecer a Deus, do modo que julga ser-lhe agradável, para que no instante da sua separação, seja unida à de Jesus Cristo, para obter misericórdia por este meio». «De muito boa vontade, minha querida Irmã, prometo-vos oferecê-la muitas vezes a Deus do modo que desejais. Suplico à sua bondade Se digne conceder-vos esta graça, a vós, e a todas as Filhas da Caridade que existem e existirem para o futuro».

Todas sentiram tão grande satisfação ao pensar que o poder desta oração e bênção lhes serviria na hora da morte, que quis contá-lo por extenso, para que as pobres Filhas da Caridade conheçam, por isto, o cuidado da divina Providência para com a sua Companhia e que sejam sempre muito reconhecidas por esta graça. Não quero também omitir, tendo uma das nossas Irmãs encontrado o Padre D. Morice, que era o confessor de Joana Dalmagne antes da sua entrada na Companhia, lhe contou a morte desta boa Irmã e a recomendou às suas orações. D. Morice respondeu: «Não creio que tenha necessidade de orações, mas sim que pedirá por todos nós». (1)

Depolimento do Pároco de Nanteuil sobre a Irmã Joana Dalmagne

A Irmã Joana Dalmagne, natural de Herblay, próximo de Paris, com cerca de 30 anos de idade veio para Nanteuil-le-Haudouin, diocese de Meaux, no mês de Setembro de 1642. Foi a primeira das Filhas da Caridade a dedicar-se aos Pobres dali, durante dois anos e meio, termo da sua vida. O estabelecimento das ditas Filhas da Caridade neste lugar deve-se à digníssima e muito virtuosa Senhora Duquesa de Halluin, de feliz memória, quatro meses depois da Instituição da Companhia da Caridade por sua Excelência Reverendíssima o Senhor Bispo de Meaux, (2) a pedido do Reve-

(1) A seguir, o copista ajunta: «Esta boa Irmã morreu no 33.º ano da sua idade, depois de ter estado 5 anos na Companhia das Filhas da Caridade, a 25 de Março, dia aniversário daquele em que Deus lhe tinha concedido a graça de se entregar inteiramente a Ele para o serviço dos pobres. E' a primeira falecida de entre todas as que a eles se dedicaram desta maneira. Bendito seja Deus para sempre! E' de notar que, quando a Senhora Le Gras, que escreveu por sua mão esta conferência, fala da Irmã mais antiga e daquela que sabia o estado interior da dita defunta, diz aquilo que ella própria notou, e por humildade não se chama senão com o nome comum de Irmã. Mas é fácil de distinguir o estilo da sua narração do das outras Irmãs». O manuscrito reproduz, depois da conferência, a carta que escreveu o Pároco de Nanteuil a Luisa de Marillac. E' intercalado aqui nas páginas 132-138.

(2) Domingos Séguier, nascido em Paris, era bispo de Auxerre desde 17 de Janeiro de 1632, quando o rei o nomeou bispo de Meaux, em 26 de

rendo Padre em Deus João Baptista Gault, (1) nomeado bispo de Marselha, falecido em odor de santidade, prègando ali a missão, e tendo a marquesa de Magnelay procurado esta graça para o dito lugar. Tão boa árvore não podia deixar de produzir senão bons frutos, tanto em qualidade como em quantidade.

Esta piedosa menina Joana Dalmagne realizou a peregrinação neste mundo em poucos anos; mas as muitas boas obras que fez em pouco tempo lhe deram esta santa e venerável velhice que não durou muito e não foi medida pelo número de anos. Os seus sentidos estavam purificados e a sua vida imaculada foi a sua idade e a sua velhice. Tendo-se gastado em pouco tempo, foi como se vivesse muito, pelo bom uso que fez do tempo; e Deus apressou-se a tirá-la deste mundo por esta alma Lhe agradar. Era uma árvore nova plantada no Jardim da Igreja, quebrada pelo peso de bons frutos, e uma Tabitha cheia de boas obras de caridade que semeava. Era uma ave do Paraíso apenas presa à terra pelos laços duma extrema necessidade da natureza, ou alimento para a própria conservação. Era um diamante brilhando mais na obscuridade do seu nascimento, para nos provar que a graça de Deus é mais forte do que a natureza e não faz acepção de pessoas ou de sexo. Era uma pomba em simplicidade e uma serpente em prudência, sendo favorecida com uma assistência especial do Espírito Santo, cujos doces frutos se manifestavam a todos que a viram; a graça do Salvador ensinou-a a desprezar o mundo para viver mais piedosa, sóbria e justamente na esperança duma feliz eternidade que começou aos trinta e três anos de idade.

Viveu fervorosamente para Deus, na oração e na frequência dos sacramentos, à imitação do Filho de Deus que orava mais tempo ao aproximar-se o momento da sua agonia, sem todavia se lhe poder comparar. Teve a felicidade de morrer na Sua idade, tendo empregado tanto tempo, ou aproximadamente, em Caridades em Nanteuil como Ele apareceu a prègar e a edificar o povo. Como o cisne, ao prever a morte os seus louvores ao Senhor foram mais melodiosos e mais extensos que antes. Tendo-a diante dos

Agosto de 1637. Morreu a 16 de Maio de 1659 e teve durante a vida bastantes relações com S. Vicente de Paulo (ver Pedro Coste: *Monseur Vincent...*).

(1) João Baptista Gault nascido em Tours a 22 de Dezembro de 1593, entrou no Oratório a 16 de Junho de 1618. A 5 de Outubro de 1642, foi sagrado bispo de Marselha, Chegado à cidade episcopal em Janeiro de 1643, morreu prematuramente a 23 de Maio de 1643, em odor de santidade. Continua em curso a causa da sua canonização. São em grande número as suas biografias, a começar pelas de *Augery* em 1643, *Senault* em 1647, *Marchetty* em 1650, etc.

olhos especialmente um ano e meio antes da sua chegada, aguardou-a a pé firme e fez grandes preparativos além dos que vinha realizando desde longa data.

Da frequência dos sacramentos disse-me muitas vezes que tirava mais resultado recebendo-os realmente, do que espiritualmente ou de simples desejo e vontade. Por uma luz muito especial do Espírito Santo parecia discernir sensivelmente o efeito que a teologia chama «ex opera operata», fundado no puro mérito do Filho de Deus, ligado ao Sacramento, na acção do que administra ou recebe o Sacramento, que se refere ao mérito da criatura que faz bom uso do Sacramento. Era a ciência dos Santos, ciência que Deus escondeu aos sábios deste mundo, e revelou aos pequenos de um e outro sexo.

Várias vezes me falou dum grande desejo que tinha de invocar como bem-aventurado o venerável doutor Duval, ⁽¹⁾ cuja memória, segundo se crê, é abençoada por Deus e pelos homens; mas disse-lhe que não o podia fazer senão sob condição e em particular; que na Sorbona não tinham pressa de fazer valer a

⁽¹⁾ André Duval, filho dum advogado do Parlamento de Paris. Nasceu em Pontoise, a 15 de Janeiro de 1564. Doutor na Sorbona a 13 de Março de 1594, foi nomeado professor de teologia positiva em 1596; e assim permaneceu durante 42 anos. Fatalmente envolvido nas discussões doutrinárias do seu tempo, Duval, entre outros ministérios, foi Director das Carmelitas de Paris. S. Vicente de Paulo tinha-o em grande estima: Numa sala de S. Lázaro mandou colocar o retrato de Duval «pintado de surpresa» .. A 9 de Setembro de 1638 morria Duval. O corpo foi colocado nas caves da Sorbona e o coração enviado às carmelitas de Pontoise. Foi gravado o epitáfio seguinte na urna que o continha:

Astra tenant Duvalli animam. pia Sorbonna corpus
Cor domus haec tantí maxíma cura víri
Sed quia dum vixit fuit omnibus omnia totum
Qui cor totus erat, flebilis urna tenet

«A alma de Duval está no Céu, o seu corpo repousa na Sorbona, mas o coração encontra-se nesta casa que tanto amou Assim como durante a vida, se mostrou tudo para todos, do mesmo modo esta urna funerária contém inteiro aquele que era todo coração.»

Deste santo capelão compreende-se que Joana Dalmagne, que foi re-deira no convento das carmelitas de Paris, tenha conservado, como todas as religiosas, uma profunda veneração por Duval

As carmelitas de Paris ainda hoje conservam em manuscrito: *A vida de André Duval, Doutor na Sorbona*, escrita por Roberto Duval, sobrinho de André.

Ver entre outros: João Calvet: *Um confessor de S. Vicente de Paulo, André Duval, Doutor na Sorbona* publicado em «*Petites Annales de S. Vicent de Paul*» 1903, págs. 135-146, 166-176.

virtude desse confrade e que todos os anos celebravam o óbito de Roberto de Sorbona, (1) nosso fundador, falecido há quase quinhentos anos, embora fosse chamado beato na Biblioteca dos Padres. (2) Esta piedosa jovem nunca se aproximou dos sacramentos sem a licença do seu director, procurando sempre a obediência na santidade de tão augusta acção, em memória da Paixão do Filho de Deus que foi obediente até à morte e morte de cruz. O receio que eu tinha de que preferisse a consolação do Tabor à cruz e ao sofrimento do Calvário, deu-me o ensejo de a privar deles, embora raramente, para a provar. Mas com grande submissão, assegurou-me que se não era o efeito que deles retirava, a sua adesão à vontade do seu Director proporcionava-lhe uma mais estreita união a Deus e um auxilio mais immediato contra as tentações. Servi-me da pedra de toque das humilhações para pôr à prova o ouro da sua caridade e em várias circunstâncias pude reconhecer que se tratava de ouro acrisolado. Era um nácar, contendo a pérola evangélica aberta para o Céu para receber o rócio das santas inspirações, a vogar no mar deste mundo para auxiliar as necessidades do próximo, e tão moderada em tudo que nunca a viram ofender a Deus ou ao próximo.

Notava-se nela a posse do Espírito Santo e dos Seus sete dons, e dos doze frutos, e em particular a perfeita caridade que não deixa sentir o receio ou o terror da morte, dando-lhe uma serenidade e presença de espírito no mais elevado grau, ainda que em toda a sua vida tivesse um grande temor filial de Deus. Como Marta que era, sabia harmonizar as suas obras de caridade com o descanso de Maria vivendo na presença de Deus e numa conformidade com a Sua Vontade Adorável. Empregava o tempo próprio para a acção e para a contemplação. Também, em virtude disso, tinha-lhe proposto a vida da sua padroeira Santa Joana a

(1) Roberto de Sorbon, nascido em Sorbon, perto de Rethel (Ardenes), em 1201, morreu em Paris no ano 1274. Foi estudante pobre da Universidade, cônego de Cambrai, capelão e familiar do Rei S. Luís. No ano 1253, quando cônego de Paris, foi nomeado chanceler da Universidade de Paris. Fundou desde 1253 a *casa de Sorbona* para os pobres professores e estudantes em teologia). Com o desenvolvimento e a evolução, esta fundação tornou-se um lugar de reunião para as deliberações da faculdade de teologia; e o seu nome ficou para designar o conjunto da Universidade de Paris: *A Sorbona*,

(2) Colecção dos escritos dos Padres e autores eclesiásticos, cuja publicação foi começada por Marguerin de la Bigne, em 1575., Paris, 8 tomos in-folio; outra edição em 1609, compreendendo 9 tomos in-folio; edição de Colónia (1618/1622) 14 vol. in-folio, um suplemento, dois vol. in-folio em 1639 etc. Outras edições posteriores seguiram este deoimento do pároco de Nanteuuil-le-Haudoin. (Ver Brunet: *Manuel du Libraire*).

qual com a sua contemplação e acção tanto tinha cuidado do Filho de Deus nas suas necessidades humanas e acrescentei que era efeito da sua vocação e prova da sua predestinação aproveitar-se bem deste favor do Céu, imitando aquela cujo nome lhe foi dado na pia baptismal pelos padrinhos, à face da Igreja.

Viveu sóbriamente. Procurava fazer sempre a leitura espiritual durante o jantar das suas Irmãs e pensionistas, para viver depois desprezando mais as suas necessidades corporais, o que as Irmãs sabem melhor do que ninguém. Nunca comeu fora, nem em Nanteuil, nem nos lugares vizinhos, onde o amor ao próximo a chamava, embora muitas vezes as pessoas do seu sexo a convidassem para isso. Jejuava, usava o cilício e a disciplina com autorização dos Superiores e Directores porque queria ter sempre o mérito da obediência em todas as acções e se lho recusavam dizia que lhe custava muito ver os santos a mortificarem-se tanto e ela não fazer nada, visto lhe permitirem tão poucas mortificações, submetendo-se, sempre à vontade de seu Director.

Era tão mortificada na vista que nunca a viram demorar o olhar sobre alguém, particularmente sobre pessoas de sexo diferente do seu. Estava tão desprendida dos bens da terra que, quanto à alimentação, deixava-a a cargo da irmã que governava a pequenina pensão. E, na minha qualidade de um dos responsáveis do Hospital-Geral, algumas vezes fui obrigado a occupar-me disso, sobretudo uma vez em que a Irmã tendo saído para Paris, e vindo outras duas substituí-la na doença que a vitimou, durante de três meses, esqueceram-se de lhe pagar a pensão que ela não reclamou, embora lhe tivessem pago a pensão seguinte.

Ofereceram-lhe dois alqueires de trigo em virtude da módica pensão que lhe davam e porque o trigo era muito caro, não quis que a Irmã o recebesse sem autorização dos Superiores de Paris. À sua caridade fazia-a considerar culpada das faltas do próximo, desculpava-o e atribuía-as a si e acusava-se delas. Dizia que não havia tempo para estar doente e finalmente ano e meio antes de morrer, andou a arrastar-se com dor fortíssima no pulmão e outros males internos do corpo, em que a sua paciência mostrou e aperfeiçoou a sua obra. Como refeição ordinária muitas vezes comia pão duro molhado em água fresca, e de todas estas mortificações saíram os frutos da honra e da honestidade, da sua pureza que era para ela como a brancura para o arminho, e tendo horror à imundície. Viveu justamente ou antes caridosamente para o próximo, pois se as suas palavras tão convincentes não conseguiam inspirar aos outros sentimentos de compaixão pelos pobres nem obter algumas esmolas, recorria às lágrimas, que mendigavam o

tributo em seu favor, sem que fosse possível recusarem alguma coisa depois de tal reivindicação em benefício dos miseráveis.

Pedia autorização para lhes dar do que estava destinado à sua alimentação. Os mais pobres pareciam ricos pelas esmolas que davam aos necessitados e voluntariamente se dariam a si mesmos por eles, como S. Paulo ao soluçar que era como que a caução da magnífica divisa tão fortemente gravada no seu coração: A caridade nos impele! A condescendência, efeito da caridade para com os Pobres nas acções boas tanto como nas indiferentes que sabia tornar boas, era tão grande que a fazia dar-se toda a todos: doente com os doentes, triste com os aflitos, cheia de zelo com os escandalizados.

Não desdenhava o cheiro insuportável das escrófulas, ou outro, mesmo tratando-se de um doente junto do qual eu próprio não consegui ficar mais tempo além do que foi necessário para administrar os últimos sacramentos. Habitualmente fazia a cama aos pobres do Hospital Geral de Nanteuil e, se a porteira a prevenia de que esse trabalho estava a seu cargo, respondia-lhe com toda a suavidade que o paraiso não era feito só para ela, e, portanto, pedia-lhe que o deixasse uma parte dessa caridade para ser ganha juntamente.

Eis alguns aspectos da vida da virtuosa menina, no espaço de dois anos e meio, em Nanteuil, sem nos referirmos à beleza do seu interior nas relações com o Esposo Divino, que só pode explicar quem a souber discernir pelo conhecimento que tenha dos corações, em que todo o tempo não foi senão purgação da alma, iluminação, acção de caridade, contemplação ou união com Deus, e, na minha opinião, um dos pontos mais recomendáveis nela, era esta simplicidade da pomba na abertura dos defeitos ao seu Director com extrema ingenuidade, confessá-los sem se desculpar às pessoas que lhos apontavam. A prudência da serpente, não os atribuindo ao próximo; a prática fervorosa e caridosa das virtudes contrárias aos defeitos que receava; vontade desinteressada em tudo para se unir inteiramente ao Criador pela frequência dos Sacramentos, sem lhe interessarem as consolações, mas procurando Deus seu Mestre no Calvário como no Tabor. Creio que já, ou dentro de pouco tempo, será recompensada no Céu por tão boas obras de caridade realizadas na terra, que fazem que a voz do povo de Nanteuil, que é muitas vezes a voz de Deus, lhe dê mil bênçãos, a considera bem-aventurada, mesmo até aqueles a quem a sua caridade pôde ter feito sombra pela igualdade de vocação e por uma espécie de prejuízo para o seu ganha pão.

Eis, Senhora, o depoimento que a seu pedido e na sua sequênci-a, julgo dever de justiça prestar à virtude da irmã, após a sua

morte, baseado nos dois últimos anos e meio que teve vida, passados sob a minha direcção. E assino

E. Dubourg Labbé

Indigno Padre de Nanteuil,

Doutor em Teologia (1)

20 — CONFERÊNCIA DE 22 JANEIRO DE 1945

SOBRE A OBSERVÂNCIA DO REGULAMENTO

No dia de S. Vicente, mártir, no ano de 1645, o nosso muito Venerando Pai, fez-nos a caridade duma conferência sobre as regras e práticas da nossa Companhia, dizendo-nos:

Minhas Irmãs, conheceis o assunto desta instrução; devo lembrar-vos o que se pratica desde há muito, na vossa Companhia. Não são regras novas; trata-se somente das vossas práticas. É já tarde, minhas Filhas. Fiz-vos esperar muito. Peço-vos perdão. Mas garanto-vos que já tinha a capa posta para vir, quando a visita duma pessoa de condição me fez voltar atrás.

Os três pontos da vossa meditação eram: Das razões que tendes para praticar exactamente os antigos costumes da Companhia; as faltas que de ordinário se cometem ou podem cometer contra os antigos costumes e regras da Companhia e os meios de que podeis servir-vos para guardar para o futuro, com mais exactidão, os vossos regulamentos. Pois bem creio que não será preciso demorar-nos muito. Vejamos somente alguns dos vossos papéis.

— Vós, minha Irmã, os vossos pensamentos sobre este assunto?

— Meu Pai, a primeira razão é que se não praticarmos as nossas regras, não seremos virtuosas; a segunda, é que, sem esta prática não poderá haver união na Companhia. Reconheci que cometia muitas faltas contra as regras; faltei em quase todas, principalmente à meditação; não tive bons e santos pensamentos

(1) Trata-se de *Mestre Estevão Dubourg Labbé, sacerdote, pároco, doutor na Sorbona, patrono do Hospital Geral de Nanteuil-le-Haudouin.*

Em Beauvais, nos arquivos municipais de l'Oise, Série H, documentário do Hospital Geral de Nanteuil-le-Hautdouin, segunda pasta, n.º 11575 a 11654 encontra-se nas actas a primeira assinatura de Dubourg Labbé em 1637 e a última em 1679.

Instrução XX — Arquivo das Filhas da Caridade: o original é caligrafia de Luísa de Marillac.

no decorrer do dia; e por má condescendência respeito humano não me retirei à hora, posto que sentisse, por isso, remorsos de consciência. Dei com isto mau exemplo à Irmã que estava comigo, assim como em muitas outras faltas contra as regras. Pensei que, para melhor praticar as minhas regras, devo renunciar a mim mesma, pois repugna à minha natureza sempre que me tenho de vencer em alguma coisa. Tomei a resolução de trabalhar para este fim, mediante a graça de Deus.

— E vós, minha Irmã?

— Meu Pai, pensei que, tendo-me Nosso Senhor chamado à Companhia das Filhas da Caridade, deverei seguir as suas regras, obedecer aos nossos Superiores e dar bom exemplo às minhas Irmãs em todas as minhas acções. As faltas que notei particularmente em mim, são: faltas de silêncio, a minha maneira de falar muito brusca e conversas desregradas, no que muitas vezes tenho desedificado a Companhia, como em muitas outras faltas, que não quereríamos cometer diante dos nossos Superiores. Tomei a resolução de, mediante a graça de Deus, pôr em prática as regras que a divina Providência nos deu, obedecer aos nossos Superiores e a todas as nossas Irmãs. Deus me conceda essa graça!

— E vós, minha Irmã, os vossos pensamentos?

— Senhor, a primeira razão é que, visto ter-me posto Deus ao Seu serviço, exige de mim uma grande perfeição. Uma segunda razão, é que Nosso Senhor é tão bom, que merece bem que façamos violência a nós mesmas. Além disso, pedir-nos-á contas de todas as graças que nos tiver concedido. As faltas que tenho cometido contra as regras têm sido causadas pela demasiada estima de mim mesma; a minha tibieza tem sido muitas vezes a causa de servir os pobres com negligência. Pensei que o melhor meio de praticar os nossos regulamentos será renunciar a mim mesma, não querer senão a vontade de Deus e obedecer completamente aos meus Superiores.

— Dizei vós, minha Irmã.

— Devemos praticar as nossas regras com exactidão, porque Deus nos concederá, por este meio, a graça de perseverar na nossa vocação. Vamos contra a fidelidade que devemos a Deus todas as vezes que faltamos à prática das nossas regras. E assim nos afastamos d'Ele; o que me enche de confusão, pois faltei quase sempre à prática de todas elas. Para me corrigir dos meus defeitos importa que me afeiçoe cada vez mais à minha vocação, mediante a graça de Deus, o auxílio da Santíssima Virgem e do meu anjo da guarda?

— E vós, minha Irmã?

— Meu Pai, pensei que as regras são dadas às Companhias,

para as ajudar a aperfeiçoar-se. Uma segunda razão é a promessa que Nosso Senhor fez aos que guardassem os conselhos evangélicos e aos que praticassem as obras de misericórdia. Essas promessas dirigem-se particularmente às que têm a felicidade de ser chamadas às Companhias instituídas para o exercício da caridade; e a que nos conduzem todos os artigos das nossas regras, particularmente quanto à instrução dos ignorantes e visita dos enfermos e encarcerados, como são os forçados. Uma terceira razão é que a exactidão às nossas regras em tudo, sem jamais passar os limites do que nos foi ordenado, nos edifica mutuamente. Uma Irmã que recusa fazer, dizer ou levar o que está determinado pode arrastar outras a esse mesmo espírito de contradição e desobediência. Tenho sido muito miserável em faltar muitas vezes à prática do nosso modo de vida, particularmente em pedir perdão às minhas companheiras todas as vezes que lhes causei algum desgosto; no que tenho desedificado todas as minhas Irmãs pelo que de todo o coração lhes peço humildemente perdão.

— Deus seja bendito, minhas Irmãs.

— Dizei, minha Irmã?

— Senhor, parece-me que o único meio de nos ajudar a agradar a Deus e a fazer a Sua Santíssima Vontade, é a observância das nossas regras, as quais nos foram dadas por ordem da Sua divina Providência. Tenho infringido muitas vezes a prática destas regras pelas minhas faltas de silêncio e de obediência e pela minha grande repugnância em ser repreendida das faltas que cometo. Para as poder praticar melhor para o futuro, pedirei frequentemente a Deus a graça de o poder fazer e pensarei também com frequência nos meus deveres. Louvado seja o santo nome de Deus!

— Deus seja bendito, minhas Irmãs. Continuai vós, minha Irmã, que estais a seguir.

— Meu Pai, no princípio da minha oração, admirei os meios de que Deus Serve para nos fazer compreender o que lhe é agradável e o que nos pede para aumento de Sua glória em nós. Pensei que, havendo na Sua morada principal regras perfeitamente observadas pelos nove coros dos anjos, deverá haver também na terra essas regras, nas Companhias onde Lhe apraz habitar, e particularmente naquelas que aspiram à imitação da vida de Jesus Cristo, como é a Companhia das Filhas da Caridade. É justo que tenham, cada uma em particular e todas em geral, um grande cuidado em observar perfeitamente as que lhes são dadas e a isso se apliquem como meio de se aperfeiçoarem.

Reconheço ter faltado até agora, muitas vezes, às nossas regras, em quase tudo, e particularmente no respeito que devo ter

para com as minhas Irmãs. Para melhor as praticar para o futuro, pensei que me seria necessário um grande desprendimento de mim mesma, para me unir fortemente à vontade de Deus, que encontro nas minhas regras, pois nos foram dadas pelos nossos Superiores. A minha resolução foi ter mais afeição do que nunca à prática das minhas regras. Deus Se digne conceder-me essa graça!

Uma outra Irmã, disse:

Não poderei ser boa Filha da Caridade sem praticar as regras da Companhia a que quase sempre tenho faltado desde que Deus concedeu a graça de me chamar. Para não tornar a cair nessas faltas, tenho de me vencer a mim mesma.

— E vós, minha Irmã?

— Meu Pai, pensei que, pela prática das regras, honramos a verdade e fugimos da hipocrisia, pois os nossos Superiores, o mundo e as nossas Irmãs crêem que nos démos à Companhia para praticar tudo quanto nela se faz. Uma outra razão é que Deus assim o quer; Ele no-lo mostrou, chamando-nos a esta condição. É útil pensarmos muitas vezes que, em todas as nossas acções, é a Deus que servimos, que Ele nos vê vencer todas as pequenas dificuldades que encontramos no Seu serviço, por Seu amor, e no-las aceita, e que enfim nos dará a bem-aventurança eterna como recompensa dum pouco de trabalho. As faltas contra as regras diminuem pouco a pouco o nosso fervor, põem-nos no perigo de perder a vocação, dão mau exemplo às nossas Irmãs e, o que é pior, desgostam a Nosso Senhor.

— Oh! Bendito seja Deus, minhas Irmãs, pela estima em que tendes as pequenas regras que de há muito se observam na vossa Companhia! Deus deseja que se observe uma ordem em todas as coisas; S. Paulo no-lo ensina quando diz que tudo quanto é ordenado vem de Deus. Pode na verdade dizer-se que foi Deus que fez a vossa Companhia. Ainda hoje pensei nisso e perguntava a mim mesmo: «Foste tu que pensaste em formar uma Companhia de meninas? Oh! Não. Foi então a Senhora Le Gras? Tão pouco.» Posso na verdade dizer-vos que nunca pensei nisso. E quem teria a ideia de formar, na Igreja de Deus, uma Companhia de senhoras e meninas da Caridade, com hábito secular? Parecer-vos-ia impossível. Teria na verdade pensado nas das paróquias. Ainda vos posso dizer que era Deus e não eu.

Era pároco, posto que indigno, duma pequena paróquia. Vieram dizer-me que havia numa pobre granja um homem doente e muito mal acomodado, e isto quando eu ia fazer a prática da missa. Descreveram-me a sua doença e a sua pobreza de tal maneira que, tomado de grande compaixão, o recomendei com tanta insistência e com tanta pena que todas as senhoras ficaram como-

vidas. Sairam da cidade mais de cincoenta ; e eu fiz como os outros, visitei-o e encontrei-o em tal estado que julguei conveniente confessá-lo ; e, quando levava o Santíssimo Sacramento, ao encontrar aqueles grupos de senhoras, deu-me Deus este pensamento : «Não seria possível reunir estas boas senhoras e levá-las a darem-se a Deus para servir aos pobres doentes?» Em seguida mostrei-lhes como se poderia socorrer estas grandes necessidades, com grande facilidade. Resolveram-se a isso imediatamente. Em seguida foi estabelecida esta caridade em Paris, para fazer o que vêdes. E todo este bem vem daí. Eu não tinha pensado nisso. Foi Deus que o quis, minhas Filhas, e Santo Agostinho afirma que, quando as coisas assim sucedem, é Deus que as faz. Nesta cidade de Paris algumas senhoras tiveram o mesmo desejo de ajudar os pobres da sua paróquia ; mas, ao chegar à sua execução, viram-se impossibilitadas de lhes prestar os serviços baixos e penosos. Numa das missões encontrei uma boa menina da aldeia que se tinha dado a Deus para instruir as meninas aqui e ali. Deus inspirou-lhe o pensamento de me procurar. Propus-lhe o serviço dos doentes. Aceitou logo com prazer, e enviei-a para S. Salvador, primeira paróquia de Paris onde se estabeleceu a Caridade. Em seguida fundou-se uma Caridade em S. Nicolau-do-Chardonet, depois outra em S. Bento, onde estiveram boas meninas aldeãs, às quais Nosso Senhor abençoou de tal maneira, que desde essa ocasião se começaram a unir e a juntar quase sem darem por isso. Vêdes por aqui, minhas queridas Irmãs, que realmente a razão apresentada por Santo Agostinho, para se conhecer as obras que são de Deus, se manifesta na vossa Companhia, de tal modo que, se nos perguntassem como é que isto se fez, podíamos verdadeiramente dizer : «Não sei.»

E sendo assim, minhas queridas Irmãs, terem sido do próprio Deus os desígnios de vos reunir, deveis crer também que foi por determinação da divina Providência que a vossa maneira de viver se transformou em regra com o tempo, e que se torna necessário firmar esta regra por escrito, para conservar a lembrança do que Deus pede de vós, e manter na sua prática as que vierem depois.

A segunda razão é que, enquanto vos conservardes ligadas e unidas umas com as outras por uma prática exacta das vossas regras, estareis como Deus exige de vós, e consideradas como um pequeno exército para combater os inimigos que quiserem desbaratar-vos, e deste modo parecereis no céu e na terra filhas de Deus. Como tendes motivo para vos humilhades, minhas Filhas, em vista dos desígnios, que, segundo parece, Deus tem sobre vós. Se soubesseis... Mas deverei dizê-lo, minhas Filhas? Estou indeciso, se vos hei-de dizer ou não, com receio que alguma se envai-

deça. Estou entre dois, pois também vos poderá servir de incitamento. Deus seja bendito, minhas queridas Irmãs! É para Sua glória. Falava eu, num destes dias, a vosso respeito com um grande servo de Deus, minhas Filhas; disse-me que não via nada de mais útil na Igreja, e dizia-o com grande convicção.

E sabeis o que conquistou esta reputação no conceito do mundo? Foi a prática das vossas regras. E o que é que vos poderá manter nessa reputação? Essa mesma prática, nada mais. Por isso, minhas Irmãs, mantende-vos firmes nessa prática e não falteis nem num ponto sequer, quer dizer, não vos desleixeis.

Nunca ouvistes falar do procedimento dos marítimos que navegam em pleno mar por vezes a mais de 500 léguas, sem ver terra alguma? Os marinheiros estão em segurança enquanto seguem as regras da sua direcção; se deixam de fazer a manobra assim que o piloto avisa, ou se deixam as velas contra o vento, o navio estará certamente perdido. Acontece o mesmo com as Comunidades, e particularmente com a vossa, minhas Filhas. Como um navio num mar tempestuoso, assim estais expostas a muitos e diferentes combates! A vossa vocação é a vossa direcção e as vossas regras a vossa segurança.

Entrastes portanto no navio onde Deus por Sua inspiração vos conduziu. É necessário que haja nele um piloto, que vele enquanto dormis. E esses pilotos quem são? Os vossos Superiores. Estão encarregados de vos avisar do que tendes a fazer para chegardes felizmente ao porto. Alcançareis esse porto se fordes exactas na observância das vossas regras. Se alguma de vós se quisesse dispensar dessa observância e pedisse à sua companheira que a não denunciasse, devereis desconfiar dela, minhas Filhas. Como queremos que o piloto nos conduza, se não for avisado dos desvios perigosos? Ó minhas Filhas, desconfiai daquelas que não quiserem que as suas palavras ou acções sejam contadas aos Superiores; desconfiai de vós mesmas, se tiverdes esses pensamentos. E porque, minhas Filhas, receais descobrir as vossas enfermidades? Não sabeis que os Superiores têm coração de pais e sabem tratar os fracos como fracos e os fortes como fortes? Mas não convém que os fortes queiram ser tratados como os fracos, pois resultaria daqui grande prejuízo para a Companhia. Para evitar esse perigo, minhas Filhas, dir-vos-ei que vale mais vencer-se com um pouco de coragem, que abater-se por demasiada sensibilidade e pusilaminidade.

Eis um exemplo que talvez vos possa servir: o Senhor Cardeal de la Rochefoucault com mais de 80 anos nunca se deixou, de há muitos anos para cá, de se levantar às quatro horas da manhã, e creio que não se deita antes das dez horas. O Senhor primeiro-

-presidente faz o mesmo, ainda que muitas vezes não se deite antes das onze horas.

Ó minhas Filhas, importa muito que continueis firmes na prática dos vossos antigos hábitos, se quiserdes que Deus vos conserve as Suas graças, sem as quais nunca podereis proceder bem. Só esta exactidão poderá obter da Sua bondade a vossa perseverança e fazer com que sejais a edificação de toda a gente.

A boa Senhora presidente Goussault morreu com esse desejo; sim, minhas Filhas, morreu a pensar em vós. Morreu numa tarde; na manhã desse mesmo dia, disse-me: «Senhor, pensei toda a noite nas nossas boas Irmãs. Se soubésseis em que consideração as tenho! «Oh! Quantas coisas Deus me fez ver a seu respeito!» Considerai esta boa senhora; Deus dava-lhe muito boa vontade para convosco.

Para vos animar ainda pelo seu exemplo e fortalecer-vos na observância das vossas regras, dir-vos-ei que muito tempo antes da sua morte, reservou algumas para si própria, às quais foi extremamente exacta. Habitou-se a guardar silêncio, enquanto se vestia e nunca faltou a isso. Para não ser distraída pelas pessoas que podiam entrar no seu quarto, mandava que lhe lessem durante esse tempo algum capítulo de devoção. Vêde, minhas Filhas; se uma pessoa do mundo é tão exacta numa coisa a que não é de nenhum modo obrigada, com mais razão deveis vós, minhas Filhas, não faltar à observância de todos os vossos costumes, vós que tomastes essa resolução quando entrastes na Companhia. Ainda que até agora não tenhais as vossas ditas regras por escrito, todavia o costume das vossas primeiras Irmãs a isso vos obriga, pois vos associastes a elas e lhe deveis o exemplo; esse exemplo vo-lo devem as antigas também com muita exactidão. Por isso, minhas Filhas, mortificai-vos um pouco e não penseis que os menores impedimentos vos dispensem dos vossos exercícios.

Pois bem, minhas Irmãs, é tempo de vos retirardes. Peço a Nosso Senhor Jesus Cristo, que vos reuniu para seguirdes o exemplo da sua Sua santa vida, se digne conceder-vos o Seu espírito para praticardes as vossas regras, a graça de O imitar na Sua humildade, simplicidade e bondade, para que sejais a edificação umas das outras e um bom perfume para todos, segundo os desígnios de Deus. Que Ele vos abençoe, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. *Amen.*

*Pensamentos de Luisa de Marillac—sobre o assunto da conferência
de 22 de Janeiro de 1645*

Há já muito tempo que a Companhia deseja e pede que a sua

maneira de viver seja redigida em forma de regulamento, para que, pela sua leitura, sejamos incitadas a praticá-lo. Deus, concedendo-nos hoje esta graça, pede-nos mais exactidão e fidelidade que nunca.

Pela ordem que estabeleceu no céu e na natureza em todos os tempos e em toda a parte onde reina a sua misericórdia, Deus faz-nos compreender que a quer também nas Companhias, a fim de evitar a maldição do único lugar onde não existe, o inferno e suas dependências.

Terceira razão. — A nossa salvação depende talvez muito da observância deste regulamento. Estamos na Companhia por determinação da divina Providência; é por ela que as graças de Deus devem passar para chegar até nós. Os que viveram no tempo de Nosso Senhor punham-se nos lugares por onde devia passar, e era aí que uns recebiam a graça da sua vocação outros a da sua cura. Seria portanto desprezar de algum modo as graças de Deus, se nos afastássemos do caminho em que nos colocou.

Reconheço-me culpada de todas as faltas da Companhia, faltando quase a tudo e não advertindo quando deveria, algumas vezes por cobarbia e condescendência. Para seguir a minha inclinação tenho deixado a Companhia em demasiado recreio, donde veio o mau hábito de perder o tempo; não é que se não fizesse nada, mas o assunto das conversas não era de coisas relativas à prática exacta do que Deus pede das Filhas da Caridade, como aprender a tratar e a servir aos pobres doentes.

As faltas principais ao regulamento são a pouca consideração das Irmãs submetidas à Irmã chamada Serva dos pobres e a falta de suporte das Irmãs chamadas Servas dos pobres para com as suas companheiras, governando-as com demasiada autoridade; o mau procedimento das Irmãs que se entendem para fazer ou dizer alguma coisa contra a regra, prometendo mutuamente occultá-lo; o desleixo e a preguiça das que, para se dispensarem da observância das regras, declaram não estarem a isso obrigadas.

O melhor meio para praticar as nossas regras será pedir a Deus a graça para este fim, e perguntar ao meu pai espiritual a maneira de conciliar as poucas ocupações e os meus achaques com essas regras. Devo ainda estar mais atenta ao que fazem as nossas Irmãs da casa e as de fóra, mais exacta em informar-me do seu mau procedimento e a dar-lhes a maior compreensão possível da nossa maneira de viver e do que Deus pede de nós, o qual seja para sempre bendito!

21 — CONTINUAÇÃO DA CONFERÊNCIA
DE 22 DE JANEIRO DE 1645 (1)

SOBRE A PRÁTICA DO REGULAMENTO

Minhas queridas Irmãs, na última conferência trouxestes os vossos bilhetes com os pensamentos acerca do assunto das instruções a fazer sobre a necessidade das regras nas Companhias. Disseram-se coisas muito boas, que muito me consolaram, minhas Filhas. Foi o Espírito Santo que vo-las inspirou. Bendito seja Deus!

Ficamos, se não me engano, no ponto em que se tratava de saber se seria conveniente deixar a regra pelo serviço dos pobres.

Minhas Filhas, o serviço dos pobres deve ser sempre preferido a tudo o mais. Podeis mesmo, por causa deles, deixar de ouvir a santa missa nos dias de festa, mas somente em caso de grande necessidade, como um doente em perigo de morte, que tivesse necessidade de sacramentos ou de remédios, ou ficasse em perigo considerável sem vós. Quando vos isentardes dalgum exercício das vossas regras, deve ser com razão e não por gosto. Ordenai o vosso tempo de tal maneira que o não percais, tanto para ir visitar os doentes, como para ir receber as ordens das Senhoras da Caridade e dar-lhes as necessárias contas, e vereis como tereis quase sempre tempo para tudo. Quando não tiverdes tempo suficiente para tudo, deixai o menos importante. Deste modo estareis certas de ser fiéis às regras, e mais ainda, pois a obediência é considerada por Deus como sacrifício. É a Deus que quereis servir, minhas Filhas. Julgais que Deus é menos justo que os senhores da terra? Se o amo diz ao seu criado: «Faz isto», e que, antes de estar executada a sua ordem, pede outra coisa, não acha mal que o criado deixe o que lhe foi ordenado em primeiro lugar para cumprir a segunda ordem; pelo contrário, fica mais contente assim. O mesmo acontece com Nosso Senhor. Chamou-vos a uma Companhia para o serviço dos pobres; e para o vosso serviço Lhe ser agradável deu-vos umas regras; na ocasião em que as praticais, chama-vos a outro lugar; ide logo, sem duvidar que seja essa a vontade de Deus.

Instrução XXI — Arquivo das Filhas da Caridade: o original é caligrafia de Luisa de Marillac.

(1) A conferência não tem data. Como o texto é escrito pela mão de Luisa de Marillac, é o mais tardar de 1646. Apesar de certas dificuldades, a palavra dos «bilhetes» e o formato das folhas nos leva a crêr que seguiu a conferência de 22 de Janeiro de 1645.

Uma Irmã disse que faltava com frequência à oração das 5 horas e perguntou se isso seria transgredir a regra.

— Minha Filha, se faltais à oração pelas razões que vos apontei, não violais as vossas regras. Nesse caso, procurai lembrar-vos que as vossas Irmãs começam os seus exercícios, e ofereci-os a Deus; e assim participareis deles. Ofereci-Lhe também o que fordes fazer durante esse tempo, que será todo consagrado a Deus, e por este meio sereis todas uniformes, minhas Filhas.

Talvez me digais que estais tão distraídas, mesmo quando orais a Deus, que não podeis estar um quarto de hora sem distração. Não vos admireis. Os maiores servos de Deus têm por vezes as mesmas dificuldades. Falei num destes dias com um bom padre, convertido há alguns anos, que emprega grande parte do tempo na oração. Dizia-me que algumas vezes não sentia gosto nem satisfação, excepto a de dizer: «Meu Deus, estou aqui na Vossa presença para fazer a Vossa vontade. Basta que Vós aqui me vejais.» Fazei a mesma coisa.

Uma Irmã lembrou a dificuldade que provinha de nem ela nem a sua companheira saberem ler. O Senhor Padre Vicente respondeu: É verdade, minha Irmã, isso é um pouco difficil. Já falámos uma vez sobre este assunto e propuzemos servirem-se de imagens da vida de Nosso Senhor. Serviram-se desse meio durante algum tempo; mas parece que essa pratica não dava resultado, pois foi abandonada. Há outro meio muito fácil: Tomai por assunto das vossas meditações a paixão de Nosso Senhor. Não há uma sequer que não saiba o que se passou, quer por tê-la ouvido pregar, quer por ter meditado sobre isso.

Ó minhas Filhas, que excelente meio de fazer oração, a paixão de Nosso Senhor! É uma fonte de mocidade, onde sempre encontrareis alguma coisa nova. S. Francisco nunca tinha outro assunto de meditação senão o da paixão de Nosso Senhor, e recomendava a todos os seus queridos filhos espirituais que dele se servissem constantemente. É donde pensais vós, minhas Filhas, que ia tirar, esse grande S. Boaventura, toda a sua ciência? Do livro sagrado da cruz. Fareis bem em vos habituardes a isso. Eu vo-lo aconselho, e assim não faltareis à oração, por falta de leitora.

É muito importante, minhas Filhas, que todas as Irmãs sejam exactas nesta prática da oração, como também em todos os outros pontos das vossas regras, para que sejais uniformes, de forma que na ocasião em que as Irmãs da Casa estejam fazendo oração, as de S. Paulo, S. Tiago, S. João, Sedan e Anger e dos outros lugares a façam também.

Daqui visão muitas graças e bênçãos para a vossa Companhia. Se uma Irmã estivesse absolutamente impossibilitada de a fazer,

por ter de estar junto dum doente ou em qualquer outro lugar, por caridade ou obediência, poderia unir-se às suas Irmãs pelo espírito e pela vontade. Enquanto assim procederdes, podeis estar certas de que Deus estará satisfeito convosco.

Esta uniformidade é-lhe tão agradável, que a inspirou para o bem e orientação da Igreja universal. Ide por toda a cristandade, encontrareis sempre a missa celebrada do mesmo modo, com as mesmas palavras, o mesmo *Pater*. Ide ao Levante, aos lugares mais afastados, aos antípodas; são sempre as mesmas orações; e é particularmente nisto que se reconhecem os verdadeiros cristãos. Se assim é com a santa Igreja, não é para admirar que todas as Companhias procedam do mesmo modo. Ide por todas as casas dos Capuchinhos, vereis que em toda a parte dizem o officio do mesmo modo. O mesmo se nota nas outras Ordens. E se os não imitardes, será para recluir que os desregramentos em breve venham a dissipar a vossa Companhia. Acautelai-vos, minhas Filhas; isso seria uma grande desgraça para vós e para as que Deus chamaria ao seu serviço pelo vosso bom exemplo, se désseis. Que Deus, pela Sua infinita bondade, vos preserve de causar uma tão grande perda aos nossos queridos senhores, os pobres! Não quero dizer, minhas Irmãs, que Deus não suscitaria, em vosso lugar, servas melhores. Oh! Não duvideis disso. Mas quanto não perderíeis para a eternidade!

Oh! Que Deus seja bendito, pois me pareceis todas na disposição de serdes fiéis a Deus, e reconhecidas pela graça que se dignou fazer-vos chamando-vos para o Seu santo serviço.

Fiquei muito satisfeito ao ouvir, na última conferência, uma das nossas Irmãs dizer que, quando adormece com um bom pensamento, esse mesmo pensamento lhe guarda o coração doutros maus. É um bom costume adormecer deste modo, minhas Irmãs.

Falei num destes dias com a Senhora de Liancourt. Contou-me ela que um fidalgo, o Senhor de Chaudebonne, por devoção, habituou-se a adormecer sempre com as mãos juntas. Deus recompensou-o com a graça de morrer orando. Oh! É muito importante tomar bons hábitos, minhas Filhas. Deveis ter também em grande devoção a prática ordinária do grande silêncio, desde a oração da noite até à oração da manhã do dia seguinte. Não faleis com nenhuma Irmã sem necessidade, para não interromperdes o colóquio que a sua alma tenha talvez com Deus. Esse tempo de silêncio é todo consagrado a Ele, minhas Filhas; Nosso Senhor o disse: «Conduzirei a minha esposa à solidão, e lá lhe falarei ao coração.» (Os. 2,14) Vede, portanto, o mal que faríeis umas às outras, se interrompésseis essa santa conversa. Disse-vos noutra ocasião que

a Senhora Goussalt tinha um grande cuidado em guardar o silêncio. Se uma senhora de condição, com inúmeras ocupações e sem obrigação alguma, era tão exacta, com quanta maior razão deveis, minhas Filhas, ser cuidadosas em observar as vossas práticas, pois vos destes a Deus para isso e até Deus vos submeteu a regras que a isso vos obrigam!

A vossa regra, minhas Filhas, manda que aprendais a ler e a escrever nas horas para esse fim destinadas. Desejaria que todas tivésseis esse conhecimento, minhas Irmãs, não para serdes sábias, pois isso muitas vezes não faz senão inchar o coração e encher o espírito de orgulho, mas para que esse conhecimento vos ajudasse a servir melhor a Deus. Julgais, minhas Filhas, que aqueles que ensinam ou aprendem a filosofia são por isso melhores cristãos? Oh! Não é para isso; é para poderdes escrever as vossas reitas e despesas, dar notícias vossas nos lugares afastados e para ensinar as pobres meninas da aldeia. Estou persuadido de que a ciência de nada serve e que um teólogo, por sábio que seja, não encontra na sua ciência auxílio algum para a sua meditação.

Ordinariamente Deus comunica-se mais aos simples e aos ignorantes de boa vontade do que aos maiores sábios; temos disso muitos exemplos. A devoção, as luzes e favores espirituais, são com mais frequência comunicados às meninas e mulheres verdadeiramente devotas, do que aos homens, a não ser aos que são simples e humildes. Entre nós, os irmãos fazem às vezes melhor repetição de oração e têm mais belos conceitos do que nós padres. E porque é isto, minhas Filhas?

Oh! É que Deus o prometeu e Se compraz em conversar com os pequenos. Consolai-vos, portanto, vós as que não sabeis ler e pensai que isso não vos pode impedir de amar a Deus, e nem mesmo de fazer bem a vossa oração. Se alguma tivesse uma dificuldade tão grande em fazer a oração, que fosse absolutamente impotente, poderia pedir licença para rezar o terço. E segundo o conselho que lhe for dado, fará uso desta bela devoção. O nosso Bem-aventurado Pai dizia que, se não tivesse a obrigação de rezar o seu officio, não teria outra oração senão o terço. Recomendou-o muito e ele próprio o rezou durante trinta anos para obter de Deus a pureza, pela que se dignou dar a Sua Santa Mãe, e também para alcançar uma boa morte. É portanto uma boa devoção esta, minhas Filhas, rezar o terço, principalmente para as Filhas da Caridade que tanta necessidade têm da ajuda de Deus para poderem ter esta pureza que lhe é tão necessária.

Oh! Bem-aventuradas as almas que se dão ao serviço de Deus pela pureza! Ó minhas Irmãs, tendes motivo para glorificar a

Deus pela graça que até agora Se dignou conceder à vossa pequena Companhia em favor desta virtude. As que já faleceram no-la mostram bastante. A pureza da sua vida edificou-nos muito. A seu tempo falaremos da última Irmã falecida. Deus seja eternamente bendito! É por isso, minhas Filhas, que eu vos exorto a que tenhais sempre uma grande devoção à Santíssima Virgem. Uma outra das vossas máximas é não perderdes tempo. Ó necessário e salutar conselho! Perguntavam a S. António, quando vivia, qual o meio de se salvar, e a sua resposta era sempre! «Trabalha». E mostrava-o com o seu exemplo, pois, fora do tempo das suas orações, trabalhava manualmente. Recomendo-vos isto mesmo, minhas Irmãs. Voltais da visita dos vossos doentes e não tendes outra ocupação; pegai na vossa roca ou noutra qualquer trabalho; deste modo, minhas Filhas, edificareis as Irmãs novas que depois de vós procederão da mesma maneira. E deveis procurar tanto quanto possível vos tornar uniformes em tudo; pois se alguma gostasse da singularidade, minhas Filhas, não seria uma Filha da Caridade, mas antes uma filha do orgulho. Deus vos defenda disso, minhas Irmãs! O vosso modo de vida requiere que façais todos os anos um pequeno retiro, isto é, os exercícios espirituais; e isto para conhecerdes as vossas quedas durante o ano findo e para vos levantardes mais corajosamente. São um tempo de colheita esses oito dias de silêncio. Que felicidade, se empregardes bem esse tempo que Deus vos concede para conversar intimamente convosco! É então que se cumpre a promessa que Nosso Senhor fez de conduzir a alma à solidão. É por essa razão que eu vos suplico que não falteis ao retiro, minhas Filhas.

Ali aprendereis a ser verdadeiras Filhas da Caridade; ali aprendereis também a servir aos pobres doentes como deve ser. Passareis em revista, no vosso espírito, o que Nosso Senhor fez na terra e vereis que empregou uma boa parte do seu tempo a servir ao próximo, e tomareis a resolução de O imitar. Que julgais vós que fazia Nosso Senhor? Não se contentava em dar a saúde aos doentes; ensinava-lhes ainda a maneira de proceder com saúde Imitai-O.

Uma outra Irmã observou então:

Mas nós que somos ignorantes, Senhor, devemos dizer alguma coisa?

— Ó minhas Filhas, duvidais disso? Não tenhais receio de perguntar a Deus o que deveis dizer-lhes; não deixará de vo-lo inspirar. Haverá coisa mais bela? Como é comovente ver que não contentes com o trabalho que com eles tendes, ainda se encontram nos vossos lábios palavras que manifestam que o vosso

coração está cheio de amor de Deus e que o quereis comunicar aos nossos queridos Amos, os Pobres! Oh! Sim, minhas Filhas, fazei tudo quanto puderdes para este fim; oferecei-vos a Deus para O servirdes deste modo e não estejais nunca com um pobre sem lhe dar alguma instrução. Deveis ainda, minhas Filhas, ter grande respeito pelas ordens que os senhores médicos vos derem para o tratamento dos vossos doentes, e tende cuidado em não omitir nenhuma das suas receitas, tanto quanto às horas como quanto às doses das drogas, pois muitas vezes delas depende a vida. Sêde ainda cuidadosas em fixar a maneira como os médicos tratam os doentes nas cidades, onde os há, para vos servirdes desses conhecimentos quando estiverdes nas aldeias, e assim saber em que caso deveis sangrar; quando é que tendes de repetir a sangria, que quantidade de sangue deveis tirar de cada vez, quando se deve fazer a sangria do pé; quando se devem aplicar ventosas; quando se devem ministrar as medicinas, e saber as que são adequadas à diversidade dos doentes que podereis encontrar. Tudo isto é muito necessário; e, quando estiverdes bem instruídas em tudo, podereis fazer muito bem. Seria bom fazerdes pequenas conferências a este respeito.

Uma Irmã disse que já se fazia algumas vezes isso, em forma de catecismo.

Deveis apresentar-vos à directora, pelo menos todos os meses, para lhe dardes conta do vosso procedimento. Ó minhas Filhas, santo costume esse, na vossa Companhia! Não falteis nunca a ele. Mas que a vossa comunicação seja sincera e cordial. Na vossa comunicação falai não somente das vossas faltas, mas também do bem que fazeis, pela graça de Deus, e isto para o purificar.

Se deixardes de vos comunicar a ela, correis o risco de dar lugar à tentação; pois, vêde, minhas Filhas, Deus disse ao justo que fizesse bem tudo o que fizesse. Não basta levar os remédios e o alimento aos doentes e até mesmo instruí-los, se a isto não juntardes a virtude que Deus pede de vós, e a intenção que Ele quer que ponhais nessas boas obras. A comunicação com a vossa directora ajudar-vos-á muito numa coisa e noutra, porque Deus abençoa a submissão e humildade que vos faz falar por Seu amor.

Se ides visitar um doente, que isso seja feito em união com Nosso Senhor e para O imitar. Merecereis mais assim do que por grandes penitências, minhas Filhas. A intenção é tudo. Uma oração de pouco valor eleva-se pela recta e boa intenção; e torna-se grande aos olhos de Deus. Se o não podeis fazer por cada uma das vossas acções, renovai ao menos de tempos a tempos a vossa intenção. Tendes ainda o costume de não sair nunca sem licença. Quando estais fora de casa, abstende-vos de ir a outra parte,

além do lugar aonde vos foi permitido ir. No regresso, não deixeis de vos apresentar à directora ou à que a representar, para lhes dardes conta do que fizestes por fóra. Ó minhas Filhas, estareis em segurança enquanto vos mantiverdes na obediência, que é o vosso claustro; se dela sairdes, temei desde logo e acreditai que correis perigo.

Uma Irmã perguntou se fazia bem em pedir à Irmã que a repreendesse das suas faltas.

Depois de reflectir, segundo o seu costume, o Senhor Padre Vicente respondeu: Minhas Filhas, quando virdes que uma Irmã acha bem que a aviseis, fazei-lhe a caridade de a avisar com doçura e cordialidade; mas se notardes que se aborrece e que leva a mal, oh! Não a aviseis. A boa vontade que tivestes para a ajudar na sua necessidade, tende-a ainda para a não contristar.

A que não fosse dócil e não achasse bem que a avisassem dos seus defeitos, teria sérias razões para temer e para desconfiar muito de si mesma. Por isso vos peço, minhas Filhas, que vos deis a Deus, para aceitar de bom grado as advertências, que vos fizerem, de qualquer parte que venham; de contrário, será para supor que há no vosso espírito algum orgulho oculto, alguma aversão e repugnância da natureza. E porque vos havíeis de desgostar por vos repreenderem? S. Pedro achou bem que S. Paulo o repreendesse, embora soubesse que Nosso Senhor o tinha estabelecido chefe da Sua Igreja. Procedei assim, minhas Filhas; quando uma Irmã aceitar que a aviseis, fazei-lhe a caridade. O Senhor Bispo de Genebra recomendava muito isto às suas queridas Filhas da Visitação, não somente achar bem que as repreendessem, mas ainda testemunhar alegria por serem avisadas. Vai ainda mais longe, pois aconselha que, depois de ter agradecido à que avisou, se acuse a ela duma falta que a outra não tenha conhecido; por exemplo, essa irmã foi avisada de ter estado na Igreja voltada e com irreverência; responde: «Eu vos agradeço, minha Irmã; Deus permitiu que conhecêsseis essa falta; mas se vísseis o meu interior, oh! estava ainda pior, pelas divagações do meu espírito.» Afirmo-vos, minhas Irmãs, que, se procedêsseis assim, adiantaríeis muito. Minhas Irmãs, peço a Nosso Senhor, autor de todas as regras, Se digne conceder-vos a graça de observardes com muita exactidão essas regras que na Sua bondade aprouve conceder-vos para orientação vossa, de maneira que vivendo nessa prática, como se fora um navio, possais chegar com segurança ao céu, onde recebereis o salário do vosso trabalho. E para este fim, peço a Deus vos dê a Sua santa bênção, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

22 - CONFERÊNCIA DADA ENTRE 1634 e 1646 (1)

SOBRE A RECONCILIAÇÃO

... Procurai desculpar-vos umas às outras. Dizei: «Esta boa Irmã disse-me isto; certamente não reparou; bem sabemos que foi surpreendida», e não; «É uma Irmã de mau humor; não se pode estar bem com ela; terei o cuidado de nunca mais me submeter a ela; é uma presunçosa. Oh! Não, minhas boas Irmãs, se não puderdes receber uma repulsa, há razão para crer que a vossa acção não é feita por amor de Deus. Pensai antes que esta pessoa, que vos parece tão difícil, estará talvez um dia muito acima de vós no céu, que ela é a imagem de Deus; e além disso, minhas Irmãs, honrai o suporte que o Filho de Deus teve pelas criaturas que estão tão abaixo d'Ele. Não é verdade, minhas Filhas, que faltastes muito a este suporte mútuo, e que muitas vezes, por falta deste suporte, vos zangais?

Todas reconheceram esta falta e a confessaram.

Pois bem! Minhas boas Irmãs, não prometeis corrigir-vos para o futuro, com a graça de Deus?

Todas manifestaram esse desejo.

Quanto à reconciliação que vos propusestes fazer, depois de haverdes tido a infelicidade de vos desgostardes umas às outras, é um grande meio de vos aperfeiçoardes, minhas Filhas! É uma coisa muito necessária e Nosso Senhor a ordena quando diz: «Que o sol se não ponha sobre a vossa cólera.»; (Ef. 4, 26); e ainda: «Se ao apresentardes a vossa oferta sobre o altar vos lembrardes que tendes alguma coisa contra o vosso próximo, deixai a oferta, ide primeiro reconciliar-vos com o vosso próximo e depois voltai a oferecê-la (S. Mat. 5,23-24)» Vêde portanto, minhas Filhas, que Deus não pode de modo algum aceitar o que fizerdes, se estiverdes mal com o próximo. Por isso, assim que reparardes que desgostastes uma das vossas Irmãs, lançai-vos aos seus pés e pedi-lha perdão, dizendo: «Minha querida Irmã, peço-vos que me perdoeis; deixei-me levar pela paixão e sou tão miserável que vos ofendi.» Procedo assim, minhas queridas Irmãs. Não poderia viver, se pensasse que tinha desgostado alguém, sem me reconciliar. Uma Irmã observou ao Senhor Padre Vicente que a reconciliação se fazia duas ou três vezes por semana. Respondeu:

Está muito bem; mas seria melhor na própria ocasião em que a falta se cometeu. Não vos parece, minhas queridas Irmãs, que

Instrução XVII — Arquivo das Filhas da Caridade; o original é caligrafia de Luisa de Marillac.

(1) Datas exatas das conferências escritas por Luisa de Marillac.

a união é necessária entre as que a proporcionam às pessoas afastadas, e que aquelas que têm a honra de usar o belo nome de Filhas da Caridade, que quer dizer filhas de Deus, Deus nelas e elas em Deus, não devem ficar um momento num estado de discórdia que as afaste do seu centro, que é Deus?

Perguntou-se ao Senhor Padre Vicente que se deveria fazer quando uma Irmã não quisesse receber a humilhação da sua Irmã, respondendo-lhe alguma palavra de desprezo, ou não querendo escutar. Respondeu: Ó minhas Filhas, se isso acontecesse, o que Deus não permita! então, minhas Irmãs, aquela que é repelida tenha compaixão de sua Irmã, reze por ela, não desista e abrace-a novamente; pois, reparai, minhas queridas Irmãs, talvez ainda se não tenha afastado de vós e já esteja arrependida da sua acção. A sua falta é grande, maior que a falta que a desgostou, porque se afasta de Deus e afflige o coração de sua Irmã. Aconteceu isto, minhas Irmãs?

Algumas Irmãs confessaram esta falta e prometeram não mais cair nela, mediante a graça de Deus.

E quanto ao aviso das faltas, minhas queridas Irmãs, como tendes procedido? Não será às vezes por paixão, precipitada e rudemente? Ó minhas queridas Irmãs, deveis vigiar-vos muito nesse ponto, pois a nossa intenção, ao avisar o próximo, é que isso lhe possa servir. Avisamos por amor de Deus; o que se não daria se nos deixássemos conduzir pela paixão. A correcção, minhas queridas Irmãs, não se deve fazer por coisas insignificantes, pois ter-se-ia de recommençar em cada hora; e o suporte mútuo que nos devemos, deve impedir-nos de deter nisso o espírito. Avisai, não em presença doutra, mas em particular, dizendo por exemplo: «Minha Irmã, peço-vos que não leveis a mal que vos avise de tal ou tal coisa. Sou bastante miserável para fazer ainda pior, e por isso vos peço para me fazerdes a caridade de me avisar quando eu tiver alguma falta.» Estes avisos devem ser feitos de faltas contra as regras, quando essas faltas forem seguidas de mau exemplo, e sereis fiéis nisso, pois somos encarregados das almas dos outros, de maneira que Deus um dia nos pedirá contas disso. Foi esta prática que levou a Igreja a dar, no santo baptismo, um padrinho e uma madrinha, Fiquei muito edificado num destes dias. Um homem veio a nossa casa pedir a missão para uma aldeia onde tinha um afilhado, e disse-me: «Senhor, eu vo-la peço apenas para a salvação do meu afilhado, esperando que Deus, por este meio, tocá-lo-á e o converterá.» Não é verdade que tendes descurado esta prática tão importante para o adiantamento das vossas almas, minhas queridas Irmãs?

Todas reconheceram esta verdade e confessaram que tinham

avisado muitas vezes, mais por precipitação e hábito de querer corrigir, do que por puro amor de Deus; prometeram, ajudadas com a Sua graça, acautelarem-se disso, daí em diante.

— Peço-vos por amor de Deus, minhas queridas Irmãs, quando quiserdes avisar uma compauheira de alguma falta, recômdai a Deus o que ides dizer, e se, o caso o merecer, fazei oração sobre esse assunto. Deus abençoará o aviso que deste modo derdes, e a vossa Irmã aproveitará dele.

Uma outra coisa de grande imporfância, miuhas boas Irmãs, é a maneira como as recém-vindas devem proceder para com as antigas e as antigas para com as novas.

As novæ devem honrar a infância de Nosso Senhor, ser respeitosas para com as antigas, e honrá-las como chamadas por Deus antes delas para o Seu santo serviço e para o serviço do próximo, tende por elas grande respeito e recebendo muito humildemente os seus avisos. O Filho de Deus, embora mais sábio em tudo do que S. José e a Santíssima Virgem, e posto que Lhe fosse devida toda a honra, não deixava contudo de lhes ser submisso e de prestar-Se em casa para trabalhos mais baixos; e diz-se dele que crescia em idade e em sabedoria.

Ó minhas Filhas, como este exemplo deve ser para vós um poderoso motivo para vos tornardes mansas, humildes e submissas, e para não murmurardes quando alguma Irmã vos avisar de algum defeito.

23 — A CONFERÊNCIA DE 22 DE JANEIRO DE 1646

SOBRE A SAGRADA COMUNHÃO

O primeiro ponto é sobre as razões que temos de nos dispormos para fazer bem as nossas comunhões; o segundo, sobre os meios para bem nos prepararmos para elas; e o terceiro, sobre os sinais por que podemos conhecer se as fazemos bem.

Estavam reunidas, não somente as Irmãs da cidade, mas também sete ou oito das aldeias, às quais a divina Providência parecia ter inspirado o pensamento de vir, sem terem sido prevenidas, para ouvirem as caridosas advertências do nosso bom e querido Pai sobre um assunto tão importante. Depois de haver feito a leitura dos referidos pontos, sua caridade, dirigindo-se a uma Irmã, disse-lhe: Minha Irmã, que pensastes sobre o primeiro

Instrução XXXIII. — Manuscrito SV 9, pág 75 v.º e seg. Sabemos pelo manuscrito SV 9 que Luisa de Marillac escreveu esta conferência por sua mão.

ponto? Que razões vos devem levar a preparar-vos para bem fazer as vossas comunhões?

A boa Irmã, que não era das mais inteligentes, respondeu que era uma felicidade comungar bem, e que podíamos saber que tínhamos comungado bem, se nos sentíssemos satisfeitas.

É o nosso querido Pai, com a sua habitual caridade que não queria envergonhar fosse quem fosse, acrescentou:

Vêde, minhas Irmãs, a nossa Irmã quer dizer que, quando comungamos, a nossa consciência nos não censura nenhum apêgo ao pecado e nenhum desejo de o esconder em confissão, é para nós um sinal de que a nossa comunhão foi bem feita. Minhas Irmãs, isso pode na verdade ser um sinal; mas nem sempre é seguro, pois há almas tão endurecidas no pecado, que nunca sentem remorsos. Deus vos preserve dessa desgraça! Se isso acontecesse, que se deveria fazer, minhas queridas Irmãs? Devíamos ter um grande pesar, tomar a resolução de reparar essa falta e preparar-nos bem para a comunhão seguinte.

E vós, minha Irmã, peço-vos que nos digais que razões nos obrigam a bem nos prepararmos para a comunhão?

— Senhor, parece-me que, além de cometermos um sacrilégio comungando mal, recebemos Nosso Senhor para nossa própria condenação. Um dos sinais para conhecermos que não comungamos devidamente, é não nos corrigirmos das nossas imperfeições. Um meio para comungar bem, é sermos muito cuidadosas em bem nos prepararmos por meio duma boa confissão.

— E vós, minha Irmã, dizei-nos os vossos pensamentos acerca do objecto da nossa conferência.

— Senhor, parece-me que é de grande importância comungar bem, que podemos cometer um grande sacrilégio e que comungando mal acrescentamos um novo pecado àqueles que já tivéssemos.

— E de que meios nos devemos servir para fazer uma boa comunhão, minha Irmã?

— Parece-me, meu Pai, que o principal meio é fazer uma confissão íntegra e ter um grande desejo da sagrada comunhão.

Outra Irmã disse: Meu Pai, temos várias razões para desejar comungar o mais dignamente possível. Uma delas é a excelência desse mistério, o qual compreendido somente da maneira que nos é possível, mereceria que empregássemos todos os nossos pensamentos em desejá-lo, que fizéssemos todas as nossas acções com a intenção de que sejam para nós outras tantas preparações e disposições para bem comungar. Uma segunda razão é o grande bem que nos vem duma comunhão bem feita, que é muito grande, pois nos pode fazer um só com Deus. Uma outra razão inteira-

mente cordial é o desejo que Nosso Senhor testemunhou de que O recebêssemos dignamente, quando, levado pelo Seu grande amor, instituiu o Santíssimo Sacramento. Pelo que seja para sempre bendito! E quis que a santa igreja a isso nos obrigasse sob pena de morte. Um dos sinais para conhecer se as nossas comunhões são feitas segundo os desejos de Deus, é quando se faz verdadeiramente a união da nossa alma com Nosso Senhor, o que nos torna de certo modo semelhantes a Ele pela prática das virtudes de que nos deu exemplo na terra, corrigindo-nos dos nossos defeitos. Devemos também temer que as nossas comunhões sejam mal feitas, quando nos conservamos, por negligência voluntária, nos maus hábitos e más inclinações. Se fôssemos tão infelizes que nos levassem ao pecado mortal, seria um sinal evidente de termos comungado mal e para nossa condenação. E se acontecesse a uma alma boa aperceber-se ou rezear não ter feito uma boa comunhão, deveria ter remorsos e dizer a si própria: «O quê! Miserável! Tiveste a temeridade de te aproximar do teu Senhor com um tal pecado!» E depois de se arrepender, deveria prometer a Deus preparar-se melhor para o futuro. Mas, se fosse uma alma má, uma alma endurecida, não sentiria nenhum desses avisos interiores, endurecer-se-ia ainda mais e chegaria a tal ponto, que faria comunhões sobre comunhões, sem proveito algum. E esta alma estaria em lamentável estado.

Ó minhas Filhas, temamos esta disposição de que Deus Se digne preservar-nos por Sua infinita misericórdia!

Para nos preservarmos de cair nesse crime, pensei que seria bom excitar em mim um grande desejo da Sagrada Comunhão, fazer de maneira que esse desejo seja sempre como um novo desejo, semelhante ao que teria se não comungasse já há muito tempo, e não ter nesse desejo outro fim senão a união com Nosso Senhor. Um outro meio, é dispôr-me a fazer uma boa confissão, humilde, íntegra e cheia de confiança, com a aplicação da graça que recebemos de Jesus crucificado; e ainda ser muito reconhecida pela graça amorosa que Nosso Senhor nos concedeu, tendo-nos manifestado o grande desejo de se dar a nós, nesse Sacramento Santíssimo.

— Bendito seja Deus, minhas Irmãs, pelos pensamentos que vos concedeu! A nossa Irmã disse que, quando sentimos paz e satisfação na nossa consciência, é para nós um sinal de ter feito uma boa comunhão. Dir-vos-ei que assim é, minhas Filhas, mas que não é este o único sinal, e que há ainda outros. Dir-vos-ei também que este sinal não é sempre infalível, pois há almas tão endurecidas no pecado, que nada as comove, e outras tão insensatas que não têm sentimentos nem de temor nem de amor. Para

poderdes compreender esta verdade, pensai em Santa Catarina, que tinha tão grande amor de Deus e procurava tão fortemente a sua perfeição. Na ocasião da Sagrada Comunhão era tão torturada com tremendos pensamentos, que temia estar abandonada de Deus. Nos momentos em que Nosso Senhor se comunicava a ela ternamente, falava-Lhe muito cordialmente. Um dia, ao lamentar-se a Jesus dos seus horríveis pensamentos, assegurou-lhe que, durante as suas maiores aflições, estava dentro do Seu coração. Acontece assim, minhas queridas Irmãs, com certas almas a quem Deus Se compraz em provar desta maneira. Conheci uma pessoa muito virtuosa e tão provada nestas desagradáveis tribulações na ocasião da Sagrada Comunhão, que me fazia dó. Nunca, fóra desta ocasião, tinha pensamento algum deste género ; eram pensamentos tão horríveis que não ousarei dizer-vo-los.

Minhas Filhas, visto Deus Se comprazer em provar assim os seus, sempre que vos sentirdes atormentadas, não penseis que a vossa comunhão não foi bem feita. Deveis todavia procurar todos os meios para vos conservardes socegadas e ter o espírito tranquilo na ocasião da Sagrada Comunhão. A nossa Irmã acrescentou, com muita razão, que comungar sem a devida preparação, é correr o risco de cometer um sacrilégio, que comungar assim, é comungar para sua condenação. Outra disse: «Cometo um grande pecado, se me aproximar indignamente da sagrada comunhão»; e uma terceira disse que seria misturar lama com pedras preciosas. Tudo isto é verdade, minhas Filhas. Oh! Que injúria se faz a Jesus Cristo! Que desgraça para a pessoa que comunga indignamente! Oh! Minhas Filhas, minhas queridas Filhas, Deus Se digne ajudar-vos! Oh! Deus nos ajude! Oh! Que pecado, minhas Filhas! É verdade que comungar sem a devida preparação é cometer um sacrilégio, minhas queridas Irmãs; mas sabeis que é cometer um sacrilégio? É querer unir uma coisa profana a uma sagrada. Que grande mal, minhas queridas Irmãs! Oh! Deus Se digne ajudar-nos! É tirar Deus do nosso coração para O dar à criatura; é como se quisésseis enterrar um precioso tesouro no meio da lama. Ó minhas Filhas, reparemos bem no que vamos fazer quando queremos comungar; porque um sacrilégio é um pecado mortal. E que pensais vós que disse aquela Irmã, acabando de nos declarar que, comungando sem a devida preparação, se recebe a própria condenação? Não é ela que o diz, minhas Filhas, é S. Paulo que no-lo manda, dizendo-nos que nos prove-mos a nós mesmos quando quisermos comer esse pão. E que pensais vós que seja esta prova, senão uma devida preparação? Dou-tro modo, S. Paulo di-lo claramente, recebemos a nossa própria condenação. Que desgraça, minhas Filhas! Vêde o que aconteceu

a Judas. Comungou sem essa preparação, pois tinha a intenção de trair Nosso Senhor. E que lhe aconteceu? Isto é horrível, minhas Filhas. O demónio entrou-lhe no corpo. Digo-vos isto para que aprendais a aproveitar da sagrada comunhão. Acautelemo-nos portanto, minhas Filhas, vós e eu, miserável como sou, para que não tenhamos a desgraça de comungar indignamente.

Oh! Bendito seja Deus, minhas Irmãs! Vêde, deveis applicar-vos a pensar atentamente no assunto que se vos dá para as conferências, para as fazerdes útilmente. A última a que assisti deu-me grande consolação. Cada uma contava sinceramente os seus pensamentos, e parecia-me que eram faúlhas que acendiam um fogo enorme; era como uma candeia que acendia as outras. Ó minhas Filhas, como isto será útil para vós, se assim fizerdes!

Para facilitar e aliviar a vossa memória, não será necessário fazer para o futuro senão dois pontos: um, sobre os motivos e razões que temos para fazer ou não fazer uma coisa; quer dizer, porque é que se deve fazer uma coisa, ou não a fazer, como no-lo propuserem, e o outro sobre os meios de fazer bem o que nos for proposto. Deveis, minhas Filhas, quando souberdes quais são os pontos, dizer a vós mesmas diante de Deus: «Eis que me propõem fazer isto. Se o fizer que bem me acontecerá? Se o não fizer que mal me sucederá? E deste modo, minhas Irmãs, encontrareis facilmente as razões; e depois de as haverdes considerado bem em vós próprias, com a graça de Deus, sentireis mais desejo e gosto de realizar o que vos é proposto. Peço-vos, minhas Irmãs, em nome de Nosso Senhor, que façais atenção a isto. Bendito seja Deus, minhas Filhas! Vieram-me à memória várias razões sobre este assunto, demorei-me particularmente em duas. Uma é a que já disséstes, que, se comungarmos mal, receberemos a nossa própria condenação. Oh! Como devemos temer esse perigo, minhas Filhas! Ao passar pelo pátio de S. Lázaro, para vir para aqui, tive conhecimento de que o tribunal estava reunido para a condenação dum homem. Isto feriu-me sensivelmente, e todavia o que é a condenação temporal comparada com a espiritual? Pareceu-me deplorável o estado dessa pobre vítima, porque esperava esse julgamento de condenação. Também é uma condenação que se executa diante de Deus por uma comunhão indigna.

Que estado pensais que seja, minhas Filhas, o duma alma que se aproxima da sagrada comunhão sem estar preparada? Se o pudesse sentir, oh! Qual seria o seu terror! E todavia nada mais verdadeiro; é uma sentença de condenação; ou antes a própria condenação que se executa, pois, em lugar de se unir ao autor da vida pela recepção desse pão divino, afasta-se dele pelas más disposições que leva para o receber. A segunda razão, minhas

Filhas, é que não somente é uma condenação, mas é uma verdadeira morte para a alma. Podemos dizer duma alma que não recebe dignamente Nosso Senhor: «Esta alma está morta», pois não tem a vida da graça; e permanece morta enquanto se conservar neste estado. Pelo contrário, a alma que comunga com a devida preparação recebe ao mesmo tempo a vida da graça e a fonte de toda a graça. Não somente, minhas Filhas, se dá a morte da alma naqueles que comungam mal, mas algumas vezes segue-se-lhes a morte do corpo. Quantas pessoas pensais que haja, cujos dias são abreviados neste mundo, talvez em castigo de tão grande mal, e talvez também para as impedir de continuar a desonrar a Deus pelo mau uso que fazem da sagrada comunhão! Deus é justo, minhas Filhas. E quantas aflições, quantas doenças! Quein sabe se isto não será em castigo de tais crimes? Embora não devamos julgá-lo, isso pode acontecer.

Um dos benefícios que recebemos depois duma comunhão bem feita, minhas Filhas, é tornarmo-nos uma mesma coisa com Deus. O quê! Uma pobre Filha da Caridade, que antes da sua comunhão era o que é, pouquíssima coisa por si mesma, torna-se uma mesma coisa com Deus! Ah! Minhas Filhas, quem poderá deixar este bem! Ó que graça! Que ideia fazeis do que seja isso, senão o penhor duma eternidade bem-aventurada! Poderíamos nós receber alguma coisa maior, minhas Irmãs? Oh! Não se pode compreender que uma insignificante criatura seja unida a um Deus; oh! bendito seja Ele para sempre!

Deixo neste ponto, minhas Filhas, no qual não me detenho mais, para vos dizer que um dos sinais duma comunhão bem feita é a paz e a tranquilidade do coração. Na pessoa que assim comungou bem, esta paz procede da confiança de que fez o que pôde, sem que a consciência a censure de coisa alguma. Ó minhas Filhas, é verdade que este é um sinal quase sempre infalível e seguro. E como é que a alma em estado de graça, unida a Deus nesse sacramento santíssimo, não há-de possuir uma verdadeira paz, pois era esta uma das primeiras graças que Nosso Senhor dava com frequência, quando estava no mundo! Algumas de vós dirão talvez: «Mas, Senhor, todas as que comungam bem, possuem sempre essa paz». Oh! Não, minhas Filhas. Disse-vos já que algumas vezes em lugar desta paz, a alma ficará abatida e sem sentimentos. E acontece assim quando apraz a Deus experimentar algumas almas, entre as que lhe são mais queridas, como já vos disse de Santa Catarina e de outra que nunca era assaltada por maus pensamentos senão na ocasião da sagrada comunhão. Um sinal quase infalível duma má comunhão, minhas Filhas, é quando se não vê emenda alguma, quando a pessoa que comungou perma-

nece sempre apegada aos seus maus hábitos, e continua a deixar-se levar pelas suas mentiritas, desobediências e obstinações; deixa-se dominar pela preguiça, discutindo sempre com o travesseiro, se o deve deixar para ir para a oração,, e tantas outras fraquezas que denotam infalivelmente que a nossa preparação para a sagrada comunhão, não é tal como o deseja S. Paulo e que declara ser necessária para comungar para a nossa salvação. Acautelai-vos, minhas Filhas, porque a divina Providência manda, dar-vos avisos para que eles vos possam servir, e a mim também, para o futuro. Eu, miseravel como sou, ó que sérios motivos tenho para temer!

Um outro sinal infalível duma comunhão bem feita, minhas Filhas, é quando verificamos o contrário do que acabo de dizer e que procuramos fortemente tornar-nos semelhantes a Jesus Cristo nas nossas conversas e costumes, quando nos deixamos levar facilmente à obediência, quando nos desfazemos dos nossos apegos particulares, quando todos os lugares onde a obediência nos chama nos sejam indiferentes, quando não tivermos em vista senão a vontade de Deus em tudo o que Lhe aprouver que nos façam, quer nos mandem para os campos, ou nos ponham numa paróquia, ou nos conservem na Casa.

Então, minhas Filhas, poderemos dizer que uma alma fez verdadeiramente o possível para se dispor para a recepção do Santíssimo Sacramento.

Em nome de Deus, minhas Filhas, pensai sériamente nisto, e acreditai que é a coisa mais importante que tendes a fazer em toda a vossa vida, o preparar-vos bem para a Sagrada Comunhão. É daí que depende a vossa perfeição e salvação.

Eia pois, minhas Irmãs, já é tarde. Concluiremos de tudo quanto acabamos de dizer que bem aventuradas são as almas que fazem todo o possível para se conservarem em estado de poderem fazer sempre boas comunhões. Essas almas são também sempre vistas ternamente por Deus; jamais são afastadas da sua santa presença.

Mas, minhas Filhas, uma das razões que me vem ao espírito, e que considero das mais importantes, pelo que respeita à vossa vocação, é que sois destinadas por Deus para dispor as almas para bem morrer. Julgais vós, minhas Filhas, que Deus espera de vós apenas que leveis aos pobres um pouco de sopa e de carne, um bocado de pão e remédios? Oh! Não, minhas Filhas não foram esses os seus desígnios, escolhendo-vos para Lhe prestardes esses serviços na pessoa dos pobres; espera de vós que atendais às suas necessidades espirituais, como às materiais. Precisam do maná espiritual, precisam do espírito de Deus; e onde o ireis buscar para lho comunicardes? É à sagrada comunhão, minhas Filhas.

Os grandes e os pequenos necessitam dela, minhas Filhas. Por isso deveis ter um particular cuidado em vos preparardes para receber esse espírito divino em abundância.

Tenho-vos falado muitas vezes, minhas Filhas mas nunca de coisa tão importante. Tende cuidado, peço-vos, e considerai a grandeza dos desígnios de Deus a vosso respeito: querer que vós pobres meninas, sem capacidade, nem estudos, tenhais de cooperar com Ele para comunicar o Seu espírito! Ó minhas Filhas, não descureis esta graça, eu vo-lo peço. Mas aproximemo-nos desse fogo, para sermos primeiro abrasadas nele, e depois podermos atrair para ele os outros, pela nossa caridade e bom exemplo.

Sabei, minhas Filhas, que a principal virtude das Filhas da Caridade é comungar bem; e lembrai-vos de que a principal preparação para a sagrada comunhão é confessar-vos e desprender-vos dos maus hábitos e de todos os apegos, como parentes, amigos e lugares onde vos poderia levar a vossa inclinação,

Apraza a Deus, se até agora temos vivido nestes defeitos, repito, apraza à divina misericórdia e bondade infinita conceder-nos esta graça, a vós e a mim, o prepararmos melhor, para o futuro, para a sagrada comunhão, minhas queridas Irmãs.

É o que vos recomendo; e como não somos dignos de obter esta graça, peço à Santíssima Virgem, pelo amor que consagra ao Seu Filho, no-la obtenha em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Assim seja. *Benedictio Dei Patris...*

24 — CONFERENCIA DE 13 DE FEVEREIRO DE 1646

AMOR DA VOCAÇÃO E ASSISTÊNCIA AOS POBRES

O Senhor Padre Vicente, tendo-se dado ao trabalho de vir para fazer a conferência perguntou qual era o assunto, e tendo conhecimento dele, interrogou uma Irmã, sobre ele. Depois do que, quis ser informado pormenorizadamente do perigo de que uma das nossas Irmãs tinha escapado, há três ou quatro dias, por uma grande graça de Deus. Minha Filha, disse ele, que aconteceu? Ouvi falar duma casa que desabou. Em que bairro foi? Estáveis junto da casa ou dentro dela? Em que dia foi?

A Irmã respondeu que, no último sábado de permissão de carne, (1) indo levar a comida a um pobre, ao subir a escada, um

Instrução XXIV. — Manuscrito SV 9, folha 81 verso e seg.

(1) 10 de Fevereiro último sábado do tempo durante o qual as leis eclesiástica permitiam o uso da carne.

pobre aguadeiro que subia adiante dela, exclamou : «estamos perdidos». Ela estava entre o primeiro e o segundo andar; e, assim que o pobre homem disse estas palavras, começou a casa a desabar; a nossa pobre Irmã, assustada, colocou-se num canto dum degrau. Os vizinhos, cheios de pavor, correram naquele momento a procurar o Santíssimo Sacramento e a Extrema-Unção para administrar aos que estivessem ainda em condições de a receber. Mas mais de trinta e cinco ou quarenta pessoas ficaram lastimosamente esmagadas sob as ruínas do prédio, e apenas se conseguiu salvar uma criança de dez a onze anos. Os espectadores vendo a nossa pobre Irmã num perigo que parecia inevitável, gritaram-lhe que se atirasse para os seus braços. Aprontaram-se dez ou doze para a socorrer. Estendeu para eles o seu pote que puxaram com um gancho posto na extremidade duma vara; depois lançou-se, à mercê da providência de Deus, sobre, as capas que lhe estendiam. Sem saber como tinha sido transportada, achou-se por especial Providência de Deus, fora de perigo, e, toda trémula, foi tratar dos doentes que lhe faltavam.

O Senhor Padre Vicente, depois de ter ouvido atentamente toda a narração, deplorou a situação dos que tinham morrido sob as ruínas do prédio e fez notar que o susto da nossa Irmã tinha sido muito legítimo e, erguendo as mãos para o céu, exclamou :

Ó meu Deus! Se é tão horroroso o desabar duma casa, que será então, minhas Filhas, no dia do juízo, em que havemos de ver uma enorme quantidade de almas precipitarem-se miseravelmente no inferno por toda a eternidade! Ó meu Deus! O que isso há-de ser! Ah! Bendito seja Deus, minhas Filhas!

Depois perguntou a várias Irmãs os seus sentimentos àcerca do assunto da conferência, e, tendo escutado a todas com uma paciência admirável, continuou o seu discurso pouco mais ou menos nestes termos: Dou graças a Deus, minhas Filhas' pelos pensamentos que se dignou dar-vos. Os que tive já se disseram, e sinto-me infinitamente satisfeito por ouvir o que Nosso Senhor vos inspirou; pois que resta dizer-vos senão o que já dissesdes? Sim, minhas Filhas vós mesmas me dissédes tudo quanto eu poderia dizer-vos. Oh! Bendito seja Deus! Mas o que me comove sensivelmente e o que vos deve animar poderosamente a amar o serviço dos pobres, é o que uma de vós disse: Que Deus desde toda a eternidade vos tinha escolhido e predestinado para isso. Ó meu Deus! Como isto nos impele! Sim, é bem verdade, minhas Filhas, desde toda a eternidade Deus tinha os Seus pensamentos e desígnios sobre vós e em vosso favor desde toda a eternidade Deus pensava em vós, para vos dar o estado que tendes presentemente; pois minhas Filhas, não, só tudo o que se passou e se passa

actualmente está na memória de Deus, mas também o que se há-de passar no futuro, e milhões de anos são para Ele menos que um dia. Oh! Como é pois verdade que Ele tinha desde toda a eternidade os desígnios, de vos empregar no serviço dos pobres! Que felicidade, minhas Filhas, e como a consideração desta disposição eterna de Deus sobre vós, vos deve obrigar a serdes, reconhecidas pela escolha que se dignou fazer de vós! Oh! Pensai muito nisto, minhas Filhas. Já vos disse muitas vezes, minhas Filhas, que deveis estar convencidíssimas de que Deus é que foi o vosso fundador, pois posso dizer diante d'Ele que nunca na minha vida tinha pensado nisso e creio que a Senhora Le Gras também não. Já vos disse como isso aconteceu. Mas, porque muitas das que estão aqui presentes não estavam nessa ocasião, vou repeti-lo ainda para vos fazer notar o proceder de Deus acerca da vossa instituição. Ficai portanto sabendo que estando eu perto de Lyon, numa pequena cidade onde a Providência me tinha chamado para ser pároco, ao paramentar-me, num domingo, para celebrar a santa missa, vieram-me dizer que numa casa afastada das outras, a um quarto de légua dali, todos estavam doentes, sem que ficasse uma única pessoa para tratar das outras, e todos numa necessidade que se não podia imaginar. Isto comoveu-me sensivelmente o coração. Não me esqueci de as recomendar com interesse durante a prática, e Deus tocou o coração das que me escutavam, fez com que ficassem todas cheias de compaixão por esses pobres aflitos.

De tarde reuniram-se em casa duma boa menina da cidade para ver que auxílio lhe podiam prestar e cada um se achou disposto a ir vê-las, para as consolar com as suas palavras e auxiliá-las conforme as suas posses. Depois das vésperas, chamei um burguês daquela cidade, homem de bem, e pusemo-nos a caminho, em companhia um do outro, até à tal casa. Pelo caminho encontrámos senhoras que nos precediam e um pouco mais adiante, outras que regressavam. E como era verão, e durante os grandes calores, aquelas boas senhoras sentavam-se pelos caminhos, para descansar e refrescar. Enfim, minhas Filhas, eram tantas que parecia uma procissão. Quando cheguei visitei os doentes e fui buscar o Santíssimo Sacramento para os que tinham mais urgência, não à paróquia do lugar, porque aquilo não era uma paróquia, mas dependia dum capítulo do qual eu era prior.

Portanto depois de os ter confessado e lhes ter dado a sagrada comunhão, procurei ver como se poderia remediar as suas necessidades. Propus a toda essa boa gente a quem a caridade tinha animado a lá ir, que se revezassem de maneira a fazer uma cada dia a sopa, não só para aqueles, mas para os que viessem de-

pois e foi aquele o primeiro lugar onde se fundou a Caridade. Ora considerai, minhas Filhas, se isto será obra dos homens e se não está bem visível que é obra de Deus; pois teriam sido os homens que fizeram adoecer aquela gente? Teriam sido os homens que puseram o fogo no coração de tantas pessoas que em multidão os foram socorrer? Seriam os homens que suscitaram nos corações o desejo de lhes prestar uma assistência constante, não somente àqueles, mas também a todos os que apparecessem depois? Oh! Não, minhas Filhas, isto não foi obra dos homens; é evidente que Deus operou aí poderosamente, porque os homens não poderiam de modo nenhum fazê-lo. Oh! Não, minhas Filha, nada podiam fazer, Fui chamado para vir aqui; e algum tempo depois, indo em missão a Villepreux, que é, uma aldeia a cinco ou seis léguas de Paris, tivémos ocasião de aí estabelecer a Caridade; era a segunda. Em séguida tivemos a possibilidade de a estabelecer em Paris e foi S. Salvador o primeiro lugar que a teve, e todas as outras paróquias principais se lhe seguiram. Mas como em Paris há grande número de doentes; eram mal servidos, pois as senhoras não podiam sujeitar-se a isso: a esposa por causa do seu marido e da sua casa, a menina por causa do seu pai e da sua mãe. Enfim, isto não caminhava bem porque Deus queria que houvesse uma Companhia de meninas expressamente com o fim de tratarem dos doentes sob a direcção dessas senhoras.

A primeira destas donzelas foi uma pobre menina da aldeia; devo dizer-vo-lo, minhas Filhas, para vos mostrar a Providência de Deus que quis que a vossa Companhia fosse composta de meninas pobres, ou pelo nascimento, ou pela escolha que fariam da pobreza. Sim, minhas Filhas, digo de meninas pobres, pois o deveis ser. Esta pobre menina tinha-se dado a Deus para instruir com os seus conhecimentos as crianças da sua aldeia; e, enquanto guardava as vacas, aprendera a ler quase sozinha, porque ninguém a tinha ensinado. Fazia parar as pessoas que passavam junto dela e perguntava-lhes: «Senhor, ensine-me por favor, como se lêem estas letras e o que quer dizer esta palavra,» e assim aprendia para ensinar os outros. Quando soube alguma coisa, ensinou às companheiras. Fomos fazer uma missão nessa localidade e Deus mostrou em breve que isso lhe não desagradava. Tendo essa boa donzela ouvido dizer que se tratava dos doentes em Paris, mostrou desejo de os ajudar. Mandamo-la vir e foi posta sob a direcção da Senhora Le Gras e ao serviço dos pobres doentes de S. Nicolau-de-Chardonet. Algum tempo depois contraiu a peste e morreu em S. Luís. Foi posta no seu lugar a que tratava dos pobres doentes em S. Salvador. E eis, minhas Filhas, qual foi o começo da vossa Companhia; não era nessa altura o que é actual-

mente e é de crer que não é ainda o que virá a ser, quando Deus a tiver posto no ponto em que a quer; pois não deveis pensar, minhas Filhas que as Comunidades se formam de repente. S. Bento, Santo Agostinho, S. Domingos e todos esses grandes servos de Deus cujas Ordens são tão florescentes, não pensaram em nada menos do que fazer o que fizeram. Mas Deus agiu por eles.

As obras cujos autores se não podem encontrar saiem, diz-se, das mãos de Deus. Não sendo a vossa Companhia obra dos homens, podeis portanto dizer sem medo, que é de Deus; e certamente que uma Companhia criada para um emprego tão agradável a Deus, tão excelente em si e tão útil ao próximo, não pode ter outro autor, senão o próprio Deus. Quem ouvia jámais falar de tal obra até agora? Tinham-se visto muitas ordens religiosas; tinham-se fundado muitos hospitais para tratar dos doentes; tinham-se dedicado muitos religiosos para tratar deles; mas até agora ainda se não vira tomar o cuidado dos doentes nas suas próprias casas, se numa pobre família caía alguém doente, era necessário separar o marido da sua mulher, a mãe dos seus filhos, o pai da sua família. Até agora, meu Deus, não tínheis ainda determinado que fossem socorridos; e parecia que a vossa adorável Providência, que não falta a ninguém, não tinha ainda olhado para eles.

É porque razão, julgais vós, minhas Filhas, esperou Deus tanto tempo para lhes suscitar auxílio? Oh! É que isso estava reservado para vós. Sim estáveis desde toda a eternidade, como tão bem observou a nossa Irmã, destinadas por Deus para serdes as primeiras. Que vantagem, minhas Filhas! Pois as que vêm para uma Ordem, nos seus primeiros sessenta ou cem anos, isto é, no primeiro século, que é o século, de ouro, essas são chamadas as primeiras, de modo que sois das primeiras. Peço-vos, minhas Filhas, que pensais bem a que isso vos obriga. Se não fosse Deus a operar o que se vê na vossa vocação, minhas Filhas, poder-se-ia conceber que uma menina deixasse a sua terra, seus pais, os prazeres dum casamento, se se pode dizer que os haja nisso, as suas pequenas comodidades, os divertimentos que encontramos na convivência com outras pessoas, para ir para um lugar que nunca vira, com outras meninas de países afastados do seu, para se dar, numa pobreza voluntária, ao serviço dos forçados das pobres criancinhas abandonadas dos seus, dos pobres doentes que apodrecem na imndice e até daqueles que estão encarcerados! Oh! Não, minhas Filhas, só Deus podia fazer isto. Quis que uma fosse da Lorena, outra de Sedan, uma outra de Angers e as outras doutros lados; é este o lugar de que Ele diz: «Chamar-vos-ei de todas as nações da terra.» Foi Ele, portanto, que quis esta Companhia de meninas de diferentes terras e que formassem todas um só coração! Que

o Seu santo e adorável nome seja para sempre bendito! Uma outra razão é a particular protecção que Deus vos dispensa. Não é admirável, minhas Filhas? Tendes um exemplo muito recente dessa protecção na pessoa da vossa boa Irmã. Não vos mostra isto que Deus aceita muito particularmente o serviço que Lhe prestais na pessoa dos pobres? Haverá alguma coisa mais evidente? Desaba uma casa completamente nova; ficam quarenta pessoas esmagadas sob as suas ruínas; esta pobre Irmã que segura a sua panela está sobre um degrau que a Providência conserva expressamente para a suster; e sai desse perigo sã e salva. Os anjos tiram-na de lá; é preciso acreditá-lo, minhas Filhas, pois que indica que tivessem sido os homens? Estenderam para ela as mãos, mas os anjos é que a sustinham. Pensais vós que Deus tivesse permitido, sem um fim determinado, que essa casa nova desabasse? Pensais que foi por acaso que ela desabou na ocasião em que a nossa Irmã lá se encontrava, e julgais ainda que fosse uma sorte ter escapado sem perigo? Oh! Não, minhas Filhas; tudo isso foi um milagre, Deus tinha determinado tudo isso para manifestar à vossa Companhia o cuidado que lhe dispensa.

Não é à nossa Irmã em particular que se dirige uma graça tão assinalada, é a todas vós, é para vos confirmar na crença que deveis ter de que os vossos serviços lhe agradam; e para vos fazer ver que vos quer como à menina dos Seus olhos; é para vos obrigar a ter uma confiança absoluta na Sua Providência que nunca vos abandonará. Oh! Não, minhas Filhas, estai certas, certas disso; este exemplo é uma prova indubitável. Sereis preservadas em qualquer parte para onde fordes; vereis muitas vezes a cólera de Deus punir com a morte súbita e violenta uma multidão de pecadores sem terem tempo de se converterem a Ele; vereis mesmo succumbir muitos inocentes; e vós sereis conservadas. Oh! Sim, Deus tem cuidado em vós, e interessa-se pela vossa conservação. Julgais que esse soalho que desabou há cerca de um ano, ⁽¹⁾ seja ainda uma débil prova dessa protecção? É uma prova muito segura. Que se parta uma trave num lugar como aquele e que se não encontre ninguém por cima nem por baixo, é maravilhoso. A Senhora Le Gras estava lá; uma Irmã ouve estalar e diz-lhe que se não está ali em segurança. Ela não faz caso. Uma Irmã mais antiga repete-lhe a mesma coisa. Atendendo à sua idade retirou-se. Ainda não tinha chegado ao quarto próximo (vêde, minhas Irmãs, não chega a três passos) parte a trave

(¹) Outros documentos (ver t. II correspondência, S. Vicente pág. 458, nota 1) levariam antes a colocar o acidente em 1642. Pode ser que o copista tenha interpretado mal o original.

e o soalho desaba. Vêde se isto aconteceu sem um desígnio especial de Deus. Nessa mesma tarde devia encontrar-me aqui ; tínhamos de fazer uma reunião para alguns assuntos importantes. No meio do ruído que se faz numa assembleia não nos teríamos apercebido do estalo dessa trave. Esta Irmã não teria lá estado, pois as Irmãs não assistem a essas assembleias e teríamos ficado todos esmagados ; mas Deus fez aparecer um negócio que me desviou para outro lado e que impediu todas as senhoras de ali se acharem.

Isto nao acontece fortuitamente, minhas Filhas ; não devemos crer. Um homem para fugir à predição que lhe haviam feito de que havia de desabar uma casa sobre a sua cabeça, foi-se embora para o campo. Uma tartaruga, que uma águia levava, caiu-lhe em cima da cabeça e matou-o ! Pensai, minhas Filhas, onde é que se poderá estar em segurança ! E vós sois preservadas nas casas que desabam ! Deveis todas dar graças a Deus por essa particular prova da Sua Providência que de novo vos acaba de dar na pessoa da vossa Irmã. Sim, minhas Filhas, deveis fazê-lo e peço-vos que tenhais esse cuidado. Que a vossa primeira comunhão seja portanto por essa intenção. Disse a missa em acção de graças quando tive conhecimento do sucedido ; e, agora que o sei mais minuciosamente, di-la-ei ainda, se Deus quiser. Oh ! Que o seu santo nome seja para sempre bendito ! Eis portanto, minhas queridas Filhas, fortes razões para vos incitar a estimar a vossa vocação e a desempenhá-la com prazer, pois isso agrada a Deus e o próximo é socorrido por esse meio, e sem receio, pois o próprio Deus vos preserve. Um meio de o fazer como Deus quer, é fazê-lo por caridade, minhas Filhas. Oh ! Como isso tornará o vosso serviço excelente ! Mas sabeis o que é fazê-lo por caridade ? É fazê-lo em Deus, pois Deus é caridade, é fazê-lo por Deus, puramente ; é fazê-lo na graça de Deus, pois o pecado separa-nos da caridade de Deus. Já vo-lo disse noutras ocasiões que não sereis verdadeiras Filhas da Caridade enquanto não tiverdes purificado todas as vossas intenções, desenraizado todos os vossos hábitos viciosos e desprendido dos vossos apegos particulares. Repito-o ainda, minhas Filhas, e isto é tão necessário que, se o não fizerdes, não estareis em estado de comungar ; não, minhas Filhas, não estareis, pois não é permitido aproximar-se da sagrada comunhão com affecto ao pecado, ainda que simplesmente venial. Oh ! Que significaria minhas Filhas, para uma Filha da Caridade aproximar-se da sagrada comunhão, não digo já com affecto ao pecado mortal (oh ! Deus se digne preservar-nos disso ! Meu Deus ! (Isso seria um sacrilégio !) mas com affecto ao pecado venial ? Seria não se querer corrigir. Uma Irmã, por exemplo, tem apêgo a outra Irmã ; procura a sua companhia, segreda-lhe ao ouvido,

diz-lhe os seus descontentamentos, conta-lhe as mortificações que lhe fizeram. Este apêgo é vicioso e pelo menos pecado venial? Uma Irmã que se sinta apegada e que comungue sem a intenção de se desfazer disso, comunga com affecto ao pecado e não o deve fazer enquanto se não quizer livrar dele. Disse-vos já que, assim que vos sentirdes apegadas a alguém, deveis avisar disso o vosso Superior o vosso Director.

Outra Irmã trata dos doentes duma paróquia; tem apêgo a uma senhora, a um official, a um confessor; oh; deve avisar disso immediatamente e esmagar a cabeça dessa serpente enquanto é recente; pois, se o não fizer, será à paróquia que servirá, e não aos pobres; fá-lo-á pela satisfação que nisso sente, e não pelo motivo por que o deve fazer. Oh! minhas Filhas, em nome de Deus, acautelemo-nos dessas infidelidades. Isso afasta-nos do altar. Desde que uma Irmã veja que sente apêgo por um lugar, por uma senhora ou por um confessor, oh! deve dizê-lo quanto antes. Meu Deus! Isso é tão fácil! Se tem desejo de se aperfeiçoar, fá-lo-á. Fazei-o portanto, minhas Filhas, quando tal acontecer, para que vos mandem para outro lugar, onde possais servir a Deus por Si mesmo, sem empenho nem atracção por ninguém.

Uma outra Irmã poderá sentir aversão pela sua companheira. Tudo o que esta fizer lhe desagradará; se lhe falam dela, procura deprimir o conceito em que a têm; se essa Irmã lhe disser alguma coisa, não o toma a bem; e, se não se corrigir disso, comungará ainda com affecto ao pecado e portanto não o deve fazer. É tão fácil remediá-lo! Sinto aversão por uma Irmã, mas não quero alimentar isso; falar-lhe-ei com mansidão; se me disser alguma coisa, e escutá-la-ei com docilidade; quando me falarem dela, vigiar-me-ei para não dizer nada que possa deprimir ou diminuir a estima em que a têm.

Deste modo adiantareis, minhas Filhas, pois aproveitareis das vossas comunhões e das conferências. Meu Deus! Como desejo que compreendais bem o espírito de Deus nas conferências que vos fazeis e vos acostumeis a dizer os vossos sentimentos como acabais de fazer. Estou encantado por ver em vós essa disposição, pois vedes quantas matérias os vossos pensamentos me fornecem. Não digo nada meu; não digo senão o que me dissestes. Oh! Deus seja bendito! Desejo tanto isso que posso dizer com verdade não desejar qualquer outra coisa mais fortemente. Pois reparai, minhas Filhas, todos os apêgos, aversões e esses obstáculos que impedem o fruto das comunhões e das instruções, é obra do demónio que rebenta ao ver o que fazeis e que faz tudo quanto pode para vos impedir de aproveitar. Sugerirá às Irmãs que estão nesta casa: «Oh! Que faço eu aqui? Vim para tratar dos doentes e não

mo mandam. «E a outra que estiver numa paróquia: «Se eu estivesse nas Crianças, faria muito mais.» E tudo isto para que, comungando com estes apêgos ou aversões, não possa aproveitar. Ó minhas Filhas, assim que sentirdes tal coisa dizei-a logo.

Um outro motivo, disse ainda uma Irmã, (reparai, minhas Irmãs, eu falo apenas por vós mesmas), é que servindo, aos pobres, serve-se a Jesus Cristo. Como isto é verdade, minhas Filhas! Servis a Jesus Cristo, na pessoa dos pobres. E isto é tão verdade como estarmos aqui. Uma Irmã poderá ir dez vezes por dia visitar os doentes e dez vezes por dia encontrará a Deus. Como diz Santo Agostinho, o que vemos não é tão certo, porque os nossos sentidos podem enganar-nos; mas as verdades de Deus jamais enganam. Ides ver os pobres agrilhoados, aí encontrareis Deus; tratais das pobres crianças, aí encontrareis a Deus, Ó minhas Filhas, como isto é grato! Ides a casas pobres, mas lá encontrais a Deus. Ó minhas Filhas, ainda uma vez, como isto é grato! Ele aceita os serviços que prestais a esses pobres doentes e considera-os como feitos a Si próprio, como acabastes de dizer. Um outro motivo apresentado por uma outra Irmã é que Deus prometeu recompensas eternas aos que dessem um copo de água a um pobre. Nada mais verdadeiro; não o poderíamos pôr em dúvida; e isso constitui para vós um motivo de confiança, pois, se Deus dá uma eternidade bem-aventurada àquelles que Lhe tenham dado apenas um copo de água, que não dará à Filha da Caridade que deixa tudo e se dá a si mesma para tratar dos pobres durante toda a sua vida? Que lhe reservará? Oh! Nem se pode fazer ideia. Há razão para esperar que sejais daquellas a quem o Senhor há-de dizer: «Vinde, benditos de meu Pai, possuir o reino que vos está preparado». (S. Mat. 25, 34).

Um outro motivo ainda é que esses pobres ajudados por ela serão os seus intercessores junto de Deus; virão em multidão ao seu encontro e dirão a Deus: «Meu Deus, eis aquela que nos ajudou por amor de Vós; meu Deus, eis aquela que nos ensinou a conhecer-Vos.» Pois, reparai, minhas Filhas, dissestes o mais importante quando afirmastes que os deveis ajudar espiritualmente. Dirão depois: «Meu Deus, eis aquela que me ensinou a crer que havia um Deus em três pessoas; eu não o sabia. Meu Deus, eis a que me ensinou a esperar em Vós; eis a que por meio da sua bondade me ensinou a conhecer a Vossa». Enfim, minhas Filhas, eis o que o serviço dos pobres vos há-de valer. Dedicai-vos portanto aos pobres, eu vo-lo peço, e tende o cuidado de lhes ensinar as verdades necessárias à salvação; bem vistes quanto isso é preciso; e é bem verdade; e tenho grande desejo de procurar um meio para este efeito; avisar-vos-emos depois, se Deus quiser.

Entretanto fazei tudo quanto vos for possível. Uma outra Irmã fez uma observação muito justa: «Devemos, disse ela, mandar ministrar os sacramentos aos doentes, antes de tudo o mais.» Oh! Como isso é necessário, minhas Filhas; ao lembrar-lhes aquilo de que necessitam, procurai saber muito docemente, com afabilidade, cordialidade e compaixão, se estão confessados, e, se não estiverem disponde-os bem para o fazer! Uma Irmã objectou a este respeito que os sacerdotes muitas vezes não faziam caso. Ó minha Filha, respondeu o Senhor Padre Vicente, acautelai-vos de julgar que não cumprem esse dever; porém, desde que os tenhais avisado, a vossa consciência fica livre perante Deus.

Uma de vós observou muito bem, que seria bom ensinar-lhes a fazer um acto de contrição e inspirar-lhes o desejo e o propósito de se confessarem. Fá-lo-eis portanto, minha Filha, e se o seu estado piorasse, poderíeis prevenir o Reverendo Pároco pela segunda vez; mas sobretudo que isso não seja nunca como queixa, mas com doçura. Podeis dizer-lhe: «Senhor, o doente piorou; estou com receio que morra sem sacramentos. Julguei-me no dever de vos avisar.» Mas isto docemente. Eis que já é tarde; é tempo acabar. Terminando, peço a Deus que Se digne dar-vos o seu espírito e a perfeição da vossa vocação e que se digne derramar as suas bênçãos sobre toda a Companhia para que cumpra neste mundo a sua Santíssima vontade com tanta fidelidade que possa um dia gozar da eterna glória no outro. *Benedictio Dei Patris...*

25 — CONFERÊNCIA DO DIA 1 DE MAIO DE 1646

SOBRE A INDIFERENÇA

Não contava que houvesse hoje conferência; a minha ideia era transferi-la para outro dia, e pensava tê-lo feito por uma resposta, mas não foi entregue. Tinha-me preparado somente para a três ou quatro das nossas Irmãs que, por determinação da Providência, deverão partir amanhã para uma fundação eu Mans; mas visto a mesma Providência vos ter feito reunir a todas, digamos alguma coisa, *in nomine Domini*.

A nossa pequenina conferência tratará portanto da indiferença que as Filhas da Caridade devem ter nas suas casas e empregos, das qualidades que devem ter as Irmãs que são enviadas e dos meios de bem se desempenharem deles. Começaremos pelo primeiro ponto, que trata da indiferença tão necessária na vossa

Companhia, que, uma vez desaparecida, será um sinal certo da sua ruína. É por isso que se torna necessário que, as que querem ser verdadeiras Filhas da Caridade sejam completamente indiferentes a tudo quanto Deus quiser delas, a serem enviadas para esta terra ou para aquela, empregadas neste ou naquele officio, governadas por esta ou aquella, enfim, indiferentes a tudo.

Não reparais que todos os domingos o povo mostra publicamente a obediência que quer prestar ao seu pastor, seguindo-o na procissão? Vêdes um só que queira retroceder do caminho que começaram a seguir. Quando partem duma igreja não sabem para onde vão, nem qual o caminho pelo qual apraz ao seu pároco levá-los; vão, ignorando-o, na maior parte das vezes; e procedem-se assim para fazer ver a sua disposição em ir a toda a parte onde ele os quiser conduzir, seja para o desterro, seja mesmo para a morte; e foi com este fim que se instituíam as procissões dos domingos. Ainda mais, nunca se viu que um soldado, desde que se tenha alistado sob o comando dum capitão, lhe tenha desobedecido; sim, nunca um soldado hesitou, quando o capitão lhe ordena: «Apresentai-vos aqui, ide para ali, avançai, recuai, ficai aí. Muito mais, falando nestes últimos dias com um fidalgo que tem a honra de comandar um regimento, perguntei-lhe: «Mas, Senhor, sois sempre bem obedecido?» — Ah! Senhor, respondeu ele, isso não falha nunca; isso seria uma coisa inaudita, que um soldado não avançasse, recuasse, passasse ou se não apresentasse quando o capitão lhe ordena. Muitas vezes vemos um perigo manifesto, tem-se de morrer, os inimigos estão embuscados mesmo no próprio local aonde nos enviam, é preciso entrar na brecha onde a todo o momento atirarão sobre nós e mesmo assim avança-se, assim que o capitão ordena, ainda que se tenha quase a certeza de morrer.» Ó minhas Filhas, encontrar-se-ia mais obediência nessa gente para ir procurar a morte do que em vós para ir à procura da glória de Deus? Oh! Não, minhas queridas Filhas, não o quero crer. E se Deus quisesse castigar a Companhia, permitindo que alguma gostasse mais dum officio do que de outro, duma paróquia do que doutra, que preferisse a companhia duma Irmã à de outra e recusasse ir para onde a quisessem enviar, oh! como nesse momento deveríeis erguer as mãos e o coração ao céu e dizer entre vós: «Que fizemos a Deus para nos castigar tão rigorosamente, permitindo que entre nós haja rebeldes às Suas determinações!» Então deveríeis começar a orar e a fazer penitência para expiar esse crime cometido por uma de vós; nessa altura, deveríeis gemer, implorar misericórdia, tomar a disciplina, os vossos cilícios e cinturas, se para isso tivésseis licença e nada omitir de tudo quanto pudesse aplacar a ira de Deus, cujo furor se mani-

festava por um tal abandono. As que forem verdadeiramente dedicadas à Sua vocação e não desejarem senão o cumprimento da vontade de Deus sobre a Companhia terão esses sentimentos, quando virem acontecer estas desordens que arruinam toda a perfeição. Não seria para lamentar ver, entre as Filhas da Caridade, afeições ou aversões particulares: gostar mais de estar com esta Irmã do que com aquela; comprazer-se em conferenciar com outra pessoa e não com a sua Superiora, cumprir o seu dever neste lugar porque lhe agrada lá estar, mas não o cumprir naquele porque não se sente lá bem! Ó minhas Filhas, que estado tão deplorável seria esse! Mas espero da bondade de Deus que nenhuma de vós cairá em tal estado e que não haja uma sequer que não esteja pronta a fazer tudo quanto Deus pedir dela. Passemos portanto à segunda parte, e digamos o que devem ser as Irmãs que são enviadas para uma fundação.

Quando Salomão edificou o templo, que destinava ao serviço de Deus, mandou lançar nos alicerces muitas pedras preciosas, diamantes, rubis, topázios, jacintos, esmeraldas, opalas e por fora era apenas pedra comum, mil das quais não valiam uma das que estavam dos alicerces. Que julgais vós que queria Deus significar com isto? Oh! Isto quer dizer que as Filhas da Caridade que foram escolhidas agora ou de futuro para uma fundação devem ser pedras preciosas, diamantes em firmeza na sua vocação e na prática das suas regras, rubis no amor de Deus e na caridade para com o próximo, esmeraldas, carbúnculos, topázios, e opalas, ornadas de belas virtudes, que transpareçam como cores belas, de qualquer lado que as voltem ou que as examinem; enfim, devem ser tais que se possa dizer delas como dessas pedras fundamentais do templo de Salomão: «Um vale por mil».

E sabeis vós, minhas Filhas, por que razão as que vão para uma fundação (pois o que se institue e onde ainda se não havia estado, chama-se fundação; ides tratar, dos doentes num hospital, num lugar onde ainda não esteve ninguém da vossa Companhia; isto chama-se fazer uma fundação), sabeis vós, digo eu, uma razão ainda muito instante? É que, as que forem para uma fundação, serão o modelo de todas quantas se lhe seguirem. É por isso que devem ter em si todas as virtudes que hão-de estar para sempre em todas as outras juntas. Todas as boas obras que para sempre se tenham de fazer no lugar onde se vão estabelecer, deverão ser praticadas primeiro por elas. Desejaria que tivésseis visto o que diz Santa Tereza... (1)

(1) Não se conserva a continuação desta conferência.

AVISOS PARA A VISITA DOS ESTABELECIMENTOS DE PARIS

Minhas Filhas, não é pequena coisa fazer a visita, e encontram-se poucos espíritos que sejam capazes de proceder de modo a torná-la útil. É uma das coisas mais difíceis de bem fazer. Entre cem pessoas, não se encontram algumas vezes uma dúzia que seja capaz disso. É preciso ser toã prudente, tão afável, tão mansa, tão secreta, ah! secreta como na confissão!

Digamos duas palavras sòmente. Em primeiro lugar, minhas Irmãs, deve-se fazer essa visita só com os olhos em Deus, e como a fez a Santíssima Virgem ao ir visitar sua prima Santa Isabel, isto é, com toda a mansidão amor e caridade. Não repreendeu ninguém, mas pelo seu exemplo, instruiu Santa Isabel e toda a sua família nos seus deveres, Não repreendeis nunca. Nosso Senhor esteve trinta anos no mundo antes de repreender os homens, e tinha vindo expressamente para os visitar. Nunca repreendeu um sacerdote, um fariseu, um samaritano ou um judeu, durante todo esse tempo, e bem os via proceder mal. Oh! Não, não repreendais nunca, nunca! Se uma Irmã vos disser as suas faltas, escutai-a e animai-a suavemente: «Ora bem», minha Irmã isso não é nada. Nosso Senhor vos concederá a graça de vos tornardes mais exactas: Ah! Caio em muitas faltas. E se se queixar da sua Irmã, não deixeis nunca perceber que vos falaram dela.

Esta visita deve ser feita como de passagem: «Vou a tal parte», nem faleis nunca dos defeitos que tiverdes notado. Sobre-tudo, acautelai-vos de pensar que sois alguma coisa, sendo destinada a visitar as outras. Ó meu Deus, isso seria um pensamento infernal. O quê? De entre tão grande número de Irmãs, fui escolhida para fazer a visita! É preciso que tenham boa opinião de mim! Oh! tende cuidado em não admitir esses perniciosos pensamentos; mas lançai os olhos para os vossos próprios defeitos e considerai que, se os conhecessem, estariam muito longe de fazer qualquer boa opinião de vós. «O quê! Como sou miserável! Como a minha hipocrisia engana o mundo!» Pois, minhas Filhas, se vos examinardes diante de Deus, achareis que não há ninguém pior do que vós. Devo pensar do mesmo modo a meu respeito, e cada qual de si mesmo. Se reconhecerdes que uma Irmã não faz oração, entrai em vós mesmas e dizei: «Ah! Como sou!» Esta

1) Ver a nota 1 da pág. 175.

Irmã tem mau humor. «Ah! Meu Deus! Que tal sou eu, que a mim mesma sou insuportável!» É assim por diante. Considerai-vos sempre como a mais imperfeita. Ora, parece-me que a Senhora Le Gras nomeia muitas para fazer a visita. (1) Mas, porque nem todas seriam talvez aptas para isso, penso que seria bom experimentar primeiro duas ou três, para ver o resultado. Vós, Irmã Ana, ireis, de passagem, a S. Tiago, e a S. Gervásio, e vós, minha Irmã, ireis a Saint-Léu, e aos forçados, e dir-me-eis o que por lá tiverdes observado. E sobretudo levai olhos e ouvidos, mas não leveis língua.

27 — CONFERÊNCIA DE 19 DE AGOSTO DE 1646

SOBRE A PRÁTICA DO RESPEITO MÚTUO E DA MANSIDÃO

O primeiro ponto tratava das razões pelas quais as Filhas da Caridade devem procurar adquirir estas duas virtudes do respeito e da mansidão. Sobre isto foi dito:

1.º Estas virtudes são agradáveis a Deus e ao próximo.

2.º É imitar Nosso Senhor Jesus Cristo que era cheio de mansidão.

3.º Não poderíamos ser verdadeiras Filhas da Caridade se não possuíssemos estas duas virtudes, porque sem respeito não se tem mansidão, e sem mansidão não se tem caridade.

4.º Não basta ter caridade para com os estranhos, mas devemos tê-la também principalmente para as nossas Irmãs, se não tivermos respeito e mansidão para com elas, é sinal de que não lhes temos amor, e por consequência que somos Filhas da Caridade apenas na aparência e indignas de ter o seu nome e o seu hábito.

5.º Se não tivéssemos respeito e mansidão, seria um mau exemplo para as nossas Irmãs novas e poderia fazer afastar as pessoas que tivessem o desejo de entrar na nossa Companhia.

6.º Nada há melhor que possa transformar os corações mais irritados do que a mansidão; se queremos conseguir alguma coisa de alguém, pedimos-lha com respeito e mansidão, e desta forma estamos quase sempre certos de a obter.

(1) Tudo nos leva a crer que S. Vicente, nesta conferência, tinha em vista as indicações dadas por Luisa do Marillac, antes da sua viagem a Nantes, a 26 de Julho de 1646. (Cf. *Cartas de Luisa de Marillac*, carta 114, pág 251).

7.º Se tivermos doçura com as nossas Irmãs, tê-la-ão para conosco, para com toda a Companhia e para com os pobres, com os quais somos particularmente obrigadas a tê-la.

8.º Em consideração da graça que Deus nos fez de nos pôr igualmente a todas num estado que parece ser o mais conforme com a vida laboriosa de Jesus Cristo e com os Seus exercícios, devemos procurar adquirir essas virtudes, pois foi seu desígnio, desde toda a eternidade, que tratássemos os Seus pobres com muita cordialidade, de que nos deu notáveis exemplos em muitas circunstâncias da Sua vida, tanto para com os pobres que lhe apresentavam para serem curados, como para com os pecadores e os que O perseguiram, como Judas que O traiu, e o criado do pontífice que lhe deu uma bofetada.

9.º O respeito e a mansidão foram-nos recomendados por Nosso Senhor entre todas as virtudes, quando disse: «Aprendeí do Mim que sou manso e humilde (S. Mat. 11. 29).»

10.º Nosso Senhor deu aos Seus discípulos esta lição, antes de Se separar deles: «Por isto, disse Ele, se reconhecerá que sois Meus discípulos, se vos amardes uns aos outros. (S. João, 13,35).

11.º Do mesmo modo se reconhecerá por isto que somos verdadeiras Filhas da Caridade, se notarem em nós um respeito e mansidão mútuos, pois estas virtudes só podem ser produzidas pela caridade.

12.º O respeito e a mansidão alimentam a paz; e Deus permanece onde existe a paz; as obras feitas com espírito de mansidão e de paz são-lhe muito mais agradáveis, e, pelo exemplo que com isso o próximo recebe, pode ser glorificado.

No segundo ponto, devia dizer em que consistiam o respeito e a mansidão e quais as faltas contrárias a estas virtudes, que se podem cometer. A este respeito observou-se:

1.º O respeito e a mansidão consistem em ceder em tudo, às nossas Irmãs e a mostrar-lhes, ao falar-lhes, uma grande submissão, com um rosto satisfeito e alegre, que testemunhe o amor que lhes consagramos.

2.º O respeito consiste em fazer de bom grado o que as nossas Irmãs nos ordenam, sem replicar, pois não poderíamos honrar melhor uma pessoa, do que fazendo o que ela pede de nós, não replicando, mas de boa vontade, com amor e cordialidade. A mansidão consiste em fazer às nossas Irmãs o que desejaríamos que nos fizessem e em suportar-lhes o que queríamos que suportassem em nós.

3.º Estas virtudes consistem ainda em nos tornarmos humildes, serviçais e obsequiosas umas com as outras.

4.º Em amarem-se umas às outras e em conservar-se sempre

abaixo delas, julgando dever muito mais respeito às suas Irmãs do que elas lhe devem a si.

Em nunca praticar acção alguma contrária à consideração que devemos umas às outras, considerando-nos todas como filhas dum mesmo Pai, que nos ama ternamente e a todas escolheu para O servir na pessoa dos seus pobres, emprego que pede toda a espécie de mansidão de que Ele próprio nos deu o exemplo, no evangelho que nos foi proposto para meditação, pela cura tão cheia de caridade dos dez leprosos que lhe foram apresentados.

6.^o Em considerar as nossas Irmãs como servas e esposas de Jesus Cristo; se temos respeito e mansidão para com o Esposo, tê-lo emos também para com as Suas esposas.

7.^o Em sermos muito leais, ajudando e auxiliando as nossas Irmãs no que julgarmos poder aliviá-las, saudando-as e respeitando-as com um rosto alegre, que não seja triste nem carrancudo, e testemunhando-lhes a nossa satisfação pelos avisos que nos fizeram. E se tivermos de lhes fazer façamos-lo mas em particular, e nunca publicamente.

8.^o Em não usarmos palavras ofensivas, nem de desprezo, mas pelo contrário, em sermos sinceras e respeitosas, nunca se repreendendo com azedume umas às outras, mas sim em espírito de caridade, e em ter uma grande condescendência em tudo quanto desejar de nós a Irmã que connosco estiver.

Das faltas que se praticam contra as virtudes do respeito e da mansidão, notaram-se duas. São :

1.^o Um grande desprezo de umas para com as outras; o que faz com que se contestem e provoquem constantemente, que nunca se queira ceder uma à outra e que se fale sempre com rudeza, sem respeito nem mansidão.

2.^o Ver as suas Irmãs, num trabalho fatigante e não ajudar; sob pretexto de que é o seu officio e contentar-se com trabalhar vagarosamente, sem se apressar a ir auxiliá-las.

3.^o Encontrar que criticar em tudo quanto fazem as nossas Irmãs, e, se se lembram de nos pedir conselho em alguma coisa, repeli-las rudemente.

4.^o Falar umas com as outras, na conversação ordinária, com demasiada liberdade e sem respeito algum.

5.^o Se acontecer desgostarem-se umas às outras, não se desculparem mutuamente; o que pode fazer nascer desconfianças e murmurações, alterando assim a caridade.

O terceiro ponto foi dos meios para remediar essas faltas, e encontraram-se oito :

1.^o Ver sempre a Deus na pessoa das nossas Irmãs, tê-las em grande estima e julgar-se sempre indigna de estar em sua companhia.

2.º Tomar a firme resolução de procurar adquirir estas duas virtudes.

3.º Mortificar as suas paixões e fazer transparecer a virtude de mansidão, ainda que o nosso coração sinta o contrário.

4.º Na vida dos santos observa-se que sobressairam principalmente nestas duas virtudes e as praticaram mesmo para com aqueles que os perseguiram e que quando notavam alguma falta em alguém, não os avisavam senão com grande modéstia e cordialidade, e se os seus avisos não eram bem recebidas, permaneciam neste espírito de mansidão e humilhavam-se diante de Deus, pensando que tinham sido eles talvez a causa de que se não aproveitasse da sua instrução.

5.º Ter em grande consideração o juízo dos outros e mortificar o nosso, submetendo-nos sempre ao de outrém; e avisando os outros sempre com grande mansidão, lembrando-nos da que Deus tinha para com os pecadores.

6.º Prever, antes de ir ter com as nossas Irmãs, a maneira como devemos proceder; se tivermos algum desgosto não o deixar transparecer; e se elas o tiverem, suportá-las com mansidão e compadecer-se delas, sem se queixar às outras de que se passa.

7.º Conceber uma grande estima pelas nossas Irmãs, na ideia de que são pessoas para as quais Deus se dignou olhar, chamando-as ao seu santo serviço; a estima gera o respeito, e o respeito faz nascer a mansidão.

8.º Ter em cuidado especial pela aquisição destas virtudes, a fim de destruir os hábitos contrários.

9.º Prever as ocasiões em que podemos prestar às nossas Irmãs o nosso respeito, ou manifestar algum acto de mansidão, e não perder nenhuma.

10.º Sobretudo fazer esforços por adquirir em nosso coração a mansidão, pois transparecerá sempre exteriormente o que se é interiormente; e, para isso, não conservar nunca ressentimento algum do que acontecer entre nós; mas, logo que notarmos algum, fazer uma reparação e deste modo harmonizamos o seu coração e o nosso.

Tudo isto foi dito por várias das nossas Irmãs a quem o nosso muito Venerando Pai se deu ao trabalho de interrogar sobre o assunto da conferência. Em seguida começou pouco mais ou menos nestes termos: Dou graças a Deus, minhas queridas Filhas, pelas luzes e conhecimentos que na Sua bondade vos deu sobre o assunto desta conferência, mais claros e amplos, por Sua misericórdia, do que sobre os outros assuntos tratados desde há muito tempo. Agradeço-lhe de todo o meu coração e Lhe suplico, a Ele que é mansidão, amor e caridade, que queira, pela Sua infinita

misericórdia, insinuar nos vossos corações as verdades que Se dignou mostrar ao vosso espírito. Praza à sua infinita bondade derramar neles esse espírito de respeito e mansidão que, na Sua misericórdia, vos fez conhecer ser tão necessário! Oh! Creio que tendes grande empenho em procurar adquiri-lo, minhas queridas Irmãs. Parece que tendes isso bem a peito; sim, sem dúvida, o desejais intimamente; não podéis falar com mais conhecimento.

Mas Deus, que vo-lo pede, ainda o deseja mais e não vos deu esses conhecimentos senão para que fizesseis bom uso deles. Os teólogos não saberiam falar melhor do que vós sobre a mansidão e o respeito, pela misericórdia de Deus, minhas Filhas; e se não falastes com tanta capacidade, foi com tanto affecto e de tal maneira que bem parecia vir de Deus. Foi dito em primeiro lugar que essas virtudes eram muito agradáveis a Deus. Não será verdade, minhas Filhas? Haverá alguma coisa que Lhe seja mais agradável do que o respeito e a mansidão, que são as virtudes do Filho de Deus? Como muito bem dissestes, foi uma ordem que nos deixou. «Aprende de Mim, que sou manso e humilde de coração.» (Mat. 11, 29) isto é, minhas Filhas, aprendei de Mim que sou respeitoso e manso, pois por humildade entende-se o respeito, visto o respeito proceder da humildade. Houve jamais homem algum mais manso e respeitoso que Jesus Cristo? Oh! Não; era manso e humilde para com todos.

Não disse: «Aprende de Mim a fazer mundos, nem anjos» pois não poderíamos consegui-lo, e isso só convém à omnipotência de Deus; mas; «Aprende de Mim que Sou manso manso e humilde», e dizendo que aprendêssemos d'Ele, minhas queridas Filhas, queria que aprendêssemos a sê-lo. É o sinal com que são marcados os que lhe pertencem, e vós mesmas acabais de apresentar a prova disso. «Se estiverdes separados, dizia Ele aos Seus, não vos reconhecerão como meus, mas nisto conhecerão que sois Meus discípulos se vos amardes uns aos outros.» (S. João 13, 35) Oh! podeis portanto estar certas, minhas queridas Filhas, que isso agrada a Deus, e muito, e nisto reconhecerão que sois verdadeiras Filhas, da Caridade, pois o que é a caridade senão o amor e a mansidão? E se não tiverdes amor e mansidão não podeis ser Filhas da Caridade, e, como se disse, não tereis delas senão o nome e o hábito; o que seria uma grande desgraça. Oh! Deus se digne, pela Sua infinita misericórdia, afastá-la da vossa Companhia! Sim, minhas Filhas, deveis saber que uma Filha da Caridade que se zanga com a Sua Irmã, que a contrista, que a desgosta e que assim se conserva, sem procurar reconciliar-se pela prática destas duas virtudes do respeito e da mansidão, oh! desde então não é mais Filha da Caridade; não, já não é; não se fale mais nisso; acabou-

-se; só tem o seu hábito. Oh! Apegai-vos a isso, minhas Filhas. Isso é muito agradável a Deus, agradam-Lhe de tal modo que é para Ele uma das coisas do mundo que mais Lhe agrada.

Disse-se em segundo lugar que isso agrada também muito ao próximo, sim ao próximo; haverá coisa que lhe possa agradar mais? Vemos duas Irmãs que vivem juntas como num paraíso, em concórdia, mansidão e respeito. O que uma quer, a outra quer também; ao que uma acha bem, a outra está de acordo. Ah! Haverá alguma coisa mais encantadora? Não será começar o paraíso na terra? E o próximo poderá ver coisa que mais Lhe agrade? Pelo contrário, haverá alguma coisa mais feia, mais brutal, direi mesmo mais diabólica, do que não se harmonizarem? Pois é isto que fazem os demónios no inferno. Desfazem-se constantemente em ódio e raiva uns para com os outros, e é um dos maiores tormentos que têm as almas condenadas que é detestarem-se umas às outras, permanecerem num ódio irreconciliável, e em discórdia perpétua, e jamais terem um único momento de boa harmonia.

Ora, minhas Filhas, estai certas de que, enquanto praticardes o respeito e a mansidão umas para com as outras, a vossa casa será um paraíso; mas deixará de o ser e tornar-se-á um inferno desde que não estejais unidas e não tenhais respeito nem mansidão, e sereis semelhantes aos demónios e às almas condenadas. De que poderá o próximo escandalizar-se mais do que ver duas Filhas da Caridade uma com a outra em contendas e desarmonia? Podeis ter a certeza de que isso passa logo ao conhecimento dos vizinhos. Ouvem falar disso e admiram-se com razão de que, pessoas que renunciaram a tudo e se deram a Deus, possam ser desabridas umas com as outras. Ah! Não há nada mais odioso! Conheço uma cidade a que aconteceu essa desgraça, e foi tal o escândalo que se dependesse dela mandar embora as Filhas da Caridade, jamais as quereriam ver; e isto porque, diziam, chamam-se Filhas da Caridade e não o são, pois não se sabem suportar nem viver em paz umas com as outras. É diminuir a glória de Deus, minhas Filhas, não se corresponder pelos actos ao nome que se tem nem ao hábito que se trás. Oh! Isto é fazer uma grande injúria a Deus!

Vêdes portanto, minhas queridas Filhas, a obrigação que tendes de trabalhar toda a vida na aquisição e na prática destas duas virtudes, para serdes verdadeiras Filhas da Caridade, e assim agradar a Deus e edificar o próximo. Um meio de o conseguir é dar-vos sèriamente a Deus pela prática do respeito e da mansidão umas para com as outras, começar desde já por uma firme resolução de as amar e de vos exercitardes nisso toda a vida. Deveis pedi-lo muito a Deus; e para isso peçamos-lho juntamente e dizei comigo: «Meu Deus, é de todo o meu coração que, para vos agra-

dar, desejo ser respeitosa e mansa para com as minhas Irmãs; e dou-me de novo a vós, para procurar essa prática e nela me exercitar de maneira diferente do que tenho feito até agora. Mas como sou fraca e não posso fazer nada do que me proponho, sem a vossa especial assistência, suplico-Vos meu Deus, pelo Vosso querido Filho Jesus, que é mansidão e amor, Vos digneis conceder-me, com a graça de nunca as transgredir. Eis, minhas queridas Filhas, quanto ao primeiro meio. Um segundo, é que devemos tirar do nosso coração o respeito e a estima que devemos ter pelas nossas Irmãs, pois é a sua fonte visto a estima ser a fonte do respeito, e a estima forma-se no coração, e do respeito nasce a mansidão, como muito bem observastes; e Deus abençoe aquela que o disse!

Oh! Minhas queridas Irmãs, porque não havemos de ter uma grande consideração pelas nossas Irmãs, pois são as esposas de Jesus Cristo que Ele mesmo procurou com amor! Mas é uma pobre menina! — Oh! Oh! É uma alva que foi honrada com a escolha dum Deus; deu o seu consentimento e Ele tomou-a para Sua esposa. Que mais elevada dignidade poderia ter? É uma menina, se for donzela, que deixou o seu toucado para tomar este hábito de desprezo e dar-se a Deus numa condição de baixezas, de humilhações e de trabalhos, porque Deus lhe pediu. Uma menina virá de cem ou cento e vinte léguas, da Flandres, da Holanda, para se consagrar a Deus no serviço das pessoas mais abandonadas do mundo; não será ir para o martírio? Sim, sem dúvida, Um santo Padre diz que todo aquele que se dá a Deus para prestar serviço ao próximo, e sofre de boa vontade toda a dificuldade que nele encontrar, é um mártir. Sofreram os mártires mais do que essas pessoas? Não, sem dúvida, porque ter a cabeça cortada, é um mal que depressa passa. Se suportaram tormentos maiores, não foi ainda de grande duração; porque acabavam depressa com a morte. Mas as meninas que se dão a Deus, na vossa Companhia, é para estarem ora entre doentes cheios de infecções e de chagas e muitas vezes de humores desagradáveis, ora no meio de criancinhas a quem têm de fazer tudo, de pobres forçados carregados de cadeias e de desgostos; e estão sob a direcção de pessoas que não conhecem, para, estarem em todos esses empregos sob a obediência. E não havéis de considerar essas meninas dignas de respeito! Ah! São-o além de tudo quanto poderia dizer-vos e não vejo nada semelhante. Se vissemos na terra o lugar por onde um mártir passou, aproximar-nos-famos com respeito e beijá-lo-famos reverentemente; e poderíamos desprezar as nossas Irmãs, que são pessoas que Deus conserva e faz persistir no martírio! Ó minhas queridas Filhas, tenhamo-las em alta estima, conservemos essa consideração por elas, haja o que houver, e consideremo-las como

mártires de Jesus Cristo, pois servem o próximo por Seu amor.

Mas é uma menina que é tão colérica e tem um génio tão desagradável! — Ah! Minhas Filhas, quem é que não tem defeitos? Ninguém neste mundo; não, ninguém. São Paulo que era tão grande santo, não era das pessoas mais impetuosas e coléricas que se podem encontrar? Era fogo. E houve homem algum mais apêgado que S. Pedro? Olhai para todos, e não vereis um que não tenha o seu defeito. Mas olhai de perto para vós, comparando-vos com eles e vereis muitas outras faltas; pois ficai sabendo, minhas Filhas, que quando nos comparamos ao nosso próximo, veremos bem as nossas faltas diferentemente das suas e acharemos que todo o mal está da nossa parte. Oh! Mas esta Irmã é tão triste! — Ah! S. Pedro chorava constantemente. Se virdes a vossa Irmã triste, edificai-vos, pensando que implora a misericórdia de Deus, e envergonhai-vos por não terdes dor dos vossos pecados e de serdes insensíveis às ofensas que se cometem contra Deus.

Mas tem tão mau humor, que nunca há alegria nem satisfação junto dela! — Ah! Santa Catarina tomou junto de si uma mulher que nunca lha deu e tratava dela carinhosamente, pensando que disso dependia a sua salvação. Oh! Não minhas Filhas nada deve fazer diminuir o bom conceito em que temos as nossas Irmãs. Devemos sempre interpretar tudo pelo melhor, Como diz o Senhor Bispo de Genebra, «se uma coisa tivesse cem faces dever-se-ia fixar sempre a mais belas». Do mesmo modo, minhas queridas Filhas, se alguma coisa desfavorável às vossas Irmãs se vos apresentar, não o acrediteis. Há actos dos quais se deve avisar os Superiores: mas que isso em nada altere a consideração que deveis ter pelas vossas Irmãs; pois não é pequena falta julgar mal de alguém, julgar a vossa Irmã é contra a cridade; Ó minhas queridas Filhas é um mal muito grande e algumas vezes poderia ser até pecado mortal. Ó minhas queridas filhas, não caiais nesse defeito, pois arruina a consideração sobre que deveis estabelecer o respeito e a mansidão que deveis ter umas para com as outras.

Disse muito bem, aquela que se propôs mortificar a sua paixão e fazer transparecer a mansidão, ainda que o seu coração sentisse o contrário. Mas, dizei-me minha Filha, não receais que seja hipocrisia? Pois é mostrar uma coisa que se não sente. Ao que a nossa Irmã respondeu que não. E o nosso muito Venerando Pai prosseguiu: Oh! Não, minha Filha, não é hipocrisia, de modo nenhum; pelo contrário, é virtude e prudência não mostrar à sua Irmã a ferida que o nosso coração sente pelo que nos disse ou fez, mas mostrar-lhe antes um rosto alegre, e praticar para com ela toda a espécie de actos de mansidão! Mas o meu coração protesta! Ó minha Filha, não importa; isto mostra que não ouvís

a sua revolta. Oh! Não deixeis, ainda que o vosso coração esteja triste e cheio de amargura pelo desgosto que a vossa Irmã vos disse ou fez, não deixeis, repito, de ser respeitosa, cordial, humilde e mansa para com ela, e o vosso coração sentirá com isso grande consolação. Parece-me que se disse ainda que seria bom condescender sempre com a opinião da sua Irmã. Meu Deus! Minhas queridas Irmãs, como teve muita razão aquela que o disse! Pois não há nada mais doce e mais fácil; e um grande doutor aconselha-nos a condescender se for possível, com o que o próximo desejar de nós, em tudo que não for pecado. Uma Irmã dirá: «Vamos a tal parte»: é muito fácil dizer: «Vamos, minha Irmã, eu também quero.» «Minha Irmã, façamos isto desta maneira.» — «Façamos isto, minha Irmã, fico muito satisfeita.» E ainda que vos possa parecer, às vezes, que as coisas ficariam melhor, feitas doutra maneira, todavia condescendei, contanto que nisso não haja pecado; e podeis crer, minhas queridas Filhas, que o vosso coração sentirá mais paz e consolação, condescendendo, do que seguindo os vossos próprios sentimentos. Oh! Como ficareis muito mais sossegadas! Atendei, minhas queridas Filhas, à opinião umas das outras e submetei-vos a ela tanto quanto possível; porque é um grande testemunho de respeito e uma prática de humildade julgar tanto quanto possível que sua Irmã julga as coisas com mais critério do que ela. Oh! Como isso será agradável a Deus e como saberá tirar bom resultado dessas mesmas coisas da maneira que melhor deve ser para Sua glória.

Seria ainda da opinião, minhas queridas Filhas, que esse respeito se manifestasse até no exterior por meio de alguma acção que dele desse testemunho, como saudarem-se uma à outra. Nas religiões mais regulares da Igreja de Deus, as religiosas têm por regras fazerem uns aos outros uma inclinação, quando se encontram nos claustros, e se faltam a ela acusam-se na ocasião da visita e pedem penitência. Ah! Porque, minhas Filhas, não o havieis de fazer, visto Deus ter querido que tivésseis a honra de formar um corpo na Sua Igreja? Não será um dever respeitar as que o compõem? É uma esposa de Jesus Cristo que encontrais; se a saudardes, não será fazer o mínimo do que devereis? Isso deve fazer-se, minhas Filhas, especialmente na rua, e em muitos encontros e também em casa. Quanto a este quarto, não acho que seja necessário; mas quando entrardes, está muito bem. Todavia, se uma Irmã for pelo lado deste quarto e vier outra ao seu encontro, não acho dificuldade em que se cumprimentem. Mas se não se sair do seu lugar, ou se contentou com levantar-se para ir buscar ou levar alguma coisa, e isto muitas vezes, não é necessário.

As Irmãs das paróquias que vão e vêm juntas para o mesmo

quarto, não têm que estar a fazer reverência sempre que se encontram. Mas, se uma Irmã vem da rua e encontra a sua Irmã no quarto onde entra, oh! quem a poderá impedir de fazer essa reverência a Deus, que está no coração da sua Irmã e a esta de lha retribuir? Oh! Penso que é muito bem que se faça assim; é uma prova de consideração, de respeito e de amor. Quando uma Irmã de fóra vem a casa, saudá-la humilde, alegre e suavemente, testemunhar-lhe que ficais alegres e satisfeitas por vê-la a fazer-lhe um cumprimento que lhe possa dar satisfação. Deve-se também ter cuidado em não falar muito alto, mas modestamente e com grande suavidade. Meu Deus! Há-as que possuem uma tão grande graça para isso, que falam tão cordialmente e com tanta suavidade, que tudo quanto dizem deixa uma forte impressão. Bem sei que há aqui quem, por ter os órgãos defeituosos, têm naturalmente um tom alto e rude e não o podem suavisar, porque não têm disposições para isso, mas que façam sempre de maneira que, o que dizem, pareça partir do affecto do seu coração.

Pratica-se ainda o respeito, quando, ao encontrar-se ao mesmo tempo numa porta para passar, se diz à sua Irmã: «Faz favor de passar primeiro, minha Irmã...» Se ela recusar, não deixeis de passar. Mas dever-se-á fazer isto em toda a parte onde se encontrem? Pois há muitas portas na casa e talvez nos encontrássemos dez vezes por dia. Responder-vos-ei que não será preciso todas as vezes que se encontrem, minhas Filhas, mas acho que seria bom a maior parte das vezes. Encontram-se a uma porta para sair de casa, para entrar na Igreja, etc., em todos estes casos segui esta prática. Mas ao fazer isto minhas Filhas, deveis acautelar-vos de cair noutra falta, que é tornar-vos cerimoniosas; o que seria contra a simplicidade; oh! deveis acautelar-vos disso. Se indicardes a porta a uma Irmã para que passe e vos disser: «Passe, minha Irmã», deveis fazê-lo sem replicar, e nisso praticareis duas virtudes, a obediência e a simplicidade; satisfareis ao respeito e ao vosso dever, indicando-lhe a porta para passar, e fareis um acto de obediência e de simplicidade, passando quando vo-lo disser. E sobretudo, minhas queridas Filhas, não deixeis de fazer a reverência sempre que vos encontrardes na rua. Já vo-lo disse e repito-o ainda. Numa conferência que fizémos há tempos sobre o mesmo assunto, dei-vos uma outra prática do respeito e da mansidão, da qual, pela misericórdia de Deus, se tirou um fruto considerável; e por isso pensou-se que seria conveniente fazer-se ainda uma, para vos renovardes na prática das instruções que nela se fizeram e tomar novas resoluções. O que vos tinha propôsto, era o pedirem perdão uma à outra quando acontecesse al-

guma coisa, por pouco que fosse, que transgredisse o respeito ou alterasse a mansidão.

Quando o vosso coração murmurar, quando disserdes alguma palavra agreste ou ofensiva, oh! pedi perdão, pois deveis minhas Filhas, deveis tranquilizar o coração da vossa Irmã e o vosso, que sem dúvida deve sentir pesar por essa falta. É isto que vos aconselho, garanto-vos, minhas Filhas, que o fiz ainda hoje, eu pobre miserável. Aconteceu-me falar ontem, sêca; agreste e rudemente a um padre da nossa Companhia. O que lhe disse devia-o ter dito com mais mansidão. Dei conta disso depois, e como sabia que ele devia sair esta manhã, fui-lhe dizer à porta, que lhe pedia que não saísse sem primeiro ter falado com ele, Veio ter comigo e pedí-lhe humildemente perdão; de modo que, o que vos aconselho, minhas Filhas, procuro eu também praticá-lo.

A respeito disto, uma Irmã perguntou como deveria proceder com uma companheira que recusou perdoar-lhe, censurando-a de cair muitas vezes nas mesmas faltas, escarnecendo e fazendo pouco dela. Acrescentou que a sua precipitação a fazia cair muitas vezes, mas que não ousava pedir perdão, desde o dia em que se tinha visto repelida. Em resposta a isso o nosso muito Reverendo Pai, proseguiu: Minha Filha, estou muito satisfeito por me terdes feito essas objecções e vou responder-vos. Mas antes devo dizer-vos que aquela que vos fez isso, procedeu muito mal. Meu Deus! Que grande falta cometeu! Fazer pouco da sua Irmã que estava a seus pés para lhe pedir perdão e dizer: «Não faço caso desse perdão», oh! é uma grande falta! Que se acuse e se confesse francamente dessa falta!

Dir-vos-ei portanto, minha Filha, (mas não me refiro a vós, falo em geral) que há pessoas que se acusam toda a vida e nunca se emendam; nunca se vêm adiantar um passo, nunca se corrigem de nada, sempre impetuosas, sempre impertinentes, sempre enredadoras; e isto é um pouco custoso para aquelas com quem vivem. É todavia mal rejeitá-las. Quando uma Irmã se põe de joelhos deve-se também fazer o mesmo e dizer: «Ah! Minha Irmã, eu, com o meu orgulho», ou ainda qualquer outra coisa semelhante, conforme o caso, e nunca censurar a sua Irmã. Oh! Meu Deus! Que falta tão grande! Devemos sempre atribuir o mal a nós e julgar que é por nossa causa que o próximo se zanga ou comete qualquer outra falta. E quanto àquelas que, por infelicidade, se não emendassem (não o digo a vós, minha Filha, não falo de ninguém em particular) não deveriam deixar de continuar essa prática. Asseguro-vos, minhas queridas Filhas, que, se o fizerdes com verdadeiro pesar da vossa falta, corrigir-vos-eis dela, com a graça de Deus; e se visseis que vos não emendáveis, conselhar-

-vos-ia a recorrer à penitência, isto é, impôr-vos a vós mesmas algum trabalho pesado; pois apesar da repugnância que se sente, acostumar-nos-íamos a pedir perdão, e isto torna-se às vezes muito fácil; mas quando se faz em espírito de humildade e lhe junta a penitência, oh! aproveita-se infalivelmente.

Um homem tinha o mau e perigoso hábito de jurar por qualquer coisa. Deus inspirou-lhe o ir confessar-se num dia de festa a uma Igreja de Nossa Senhora, e ficou tão comovido, que tomou a resolução de nunca mais jurar. Recebeu por penitência dar um soldo aos pobres todas as vezes que jurasse. Ao chegar a casa continua jurar. Tira imediatamente um soldo; como não havia ali nenhum pobre, meteu-o noutra algibeira para o dar na primeira ocasião. E assim continuou. Por fim, vendo que o dinheiro desaparecia, e como não tinha talvez muito, corrigiu-se, e pela misericórdia de Deus, tornou-se um homem de bem que fugia dos que juravam como se fuge do inferno, e nem os podia suportar.

Do mesmo modo, minhas queridas Filhas, quando desgostardes alguma das vossas Irmãs ou a tiverdes deseducado com alguma falta habitual, oh; impõe-vos uma penitência, por exemplo, privando-vos da metade do vosso jantar, aquelas que o puderem fazer sem enfraquecer, ou ainda tomando a disciplina ou o cilício, beijando o chão, privando-vos de falar durante um certo tempo, a não ser que sejais interrogadas; e vereis então, minhas queridas Filhas, que em pouco tempo vos tornareis humildes, respeitadas, mansas, afáveis e muito suaves. Bem sei que isto para algumas é difícil e que algumas há de génio um pouco difícil de suportar; mas sei também, minhas queridas Filhas, que não é o maior número, por misericórdia de Deus, e que, das que têm destas imperfeições a combater, uma boa parte se emendou depois da conferência que fiz a este respeito. Se, o que Deus não permita, alguma tivesse a infeliz intenção de se não corrigir, estaria melhor fora da Companhia. Se nela permanecesse mais tempo, seria uma grande desonra para Deus a quem prometeu servir, e um escândalo para o próximo que devia edificar. Se o notardes minhas queridas Filhas, deveis chorar por essa pobre Irmã, gemer, fazer penitência e pedir perdão a Deus para ela e para aquelas a quem acontecesse esse desastre. E desde já vos peço para o fazerdes, minhas Filhas, e para isso disse comigo de todo o coração: «Meu Deus, nós Vos pedimos muito humildemente perdão para as nossas Irmãs e para nós, que fomos tão miseráveis em nos encolerizarmos umas com as outras e nos separarmos do respeito que tão amorosamente nos recomendastes e da mansidão que convém ao nome das Filhas da Caridade que, por vontade vossa, amamos a honra de ter. Pedimo-Vos, pela extrema mansidão do

Vosso querido Filho, Vos digneis apagar estas faltas e conceder-nos a graça de sermos todas, de hoje em diante, um só coração e uma só alma por Vosso amor e no Vosso amor.»

Eis, minhas queridas Filhas o que tinha a dizer-vos sobre o assunto da presente conferência, resumida em quatro práticas principais, a primeira das quais é pedir muito a Deus este respeito e esta mansidão entregar-vos a Ele para isso e tomar uma resolução inviolável; em segundo lugar manifestá-las exteriormente fazendo a reverência umas às outras; em terceiro lugar, pedir perdão mutuamente; e em quarto lugar impor-vos uma penitência. Praza à vontade de Deus, minhas queridas Filhas, dar-vos o Seu espírito em abundância, que não é senão amor, mansidão, suavidade e caridade, para que, pela prática destas virtudes, possais fazer todas as coisas da maneira que Ele deseja de vós, para Sua glória, salvação vossa e edificação do próximo! E eu, embora o mais rude e o menos manso de todos os homens, não deixarei, confiando na misericórdia de Deus, de pronunciar as palavras de bênção sobre vós, suplicando-Lhe de todo o meu coração que à medida que as for proferindo, Se digne encher os vossos corações das Suas santas graças. *Benedictio Dei Patris...*

28 — CONFERÊNCIA DE 22 DE OUTUBRO DE 1646

ESCONDER E DESCULPAR AS FALTAS DAS NOSSAS IRMÃS

Conferência de 22 de Outubro de 1646 sobre as obrigações que as Filhas da Caridade têm de não atribuírem as faltas que se cometem nos seus exercícios às Irmãs com quem estão.

O primeiro ponto foi sobre as razões que temos de esconder as faltas das nossas Irmãs às pessoas que as não devem conhecer.

Sobre este foi dito:

1.º Não podemos dar a conhecer as imperfeições de quem quer que seja sem ofender a Deus.

2.º É contra a caridade, e por consequência, não devemos mais ser chamadas por esse nome, se praticarmos acções contra esta virtude.

3.º É má edificação; somos causa de que se desconsidere a Irmã de quem falamos mal, e as pessoas que tivessem vontade de se unirem à nossa Companhia, afastar-se-iam ao ver o pouco suporte e a falta de caridade que havia entre nós.

4.º O desprezo que fazemos das nossas Irmãs recai sobre nós

mesmas, como se lançássemos uma pedra ao ar e nos viesse cair na cabeça. O nosso muito Venerando Pai disse sobre isto :

Ó minhas Filhas, como isto é verdade e como a nossa Irmã falou bem ! Pois que conceito podem fazer da Filha da Caridade que despreza a sua Irmã e a difama ? Ah ! não podem fazer nenhum ; e se bem que na ocasião pareçam concordar com o que diz, e se sintam mesino satisfeitos de ouvi-la, quando depois pensam nisso e o sentimento que os levou a escutá-la, passou, dizem : «É preciso que esta Irmã tenha muito pouca virtude, pois em lugar de desculpar a sua Irmã e de a suportar a censure e diga mal dela» E assim acusam a sua Irmã e a condenam ; do mesmo modo que, se alguém fosse tão insensato que cuspiisse para o ar, o cuspo lhe viria a cair no rosto, assim a censura que fizesse à sua Irmã cairia sobre si mesma. Ó minhas Filhas, reparaí bem no que se diga sobre este assunto ; é um dos mais importantes que temos a a tratar ; pois é por aí que o demónio vos quer destruir. Mas espero que o Espírito Santo, que nos inspirou a tomá-lo, dará aos vossos corações as luzes e os affectos para conhecerdes a sua importância e abraçar a sua prática. Pois bem ! *In nómine Dómini, in nómine Dómini, in nómine Dómini !* Continuemos, por favor.

5.º Como Nosso Senhor disse aos Seus apóstolos, «reconhecer-vos-ão por Meus discípulos, se vos amardes uns aos outros» (S. João 13,35), assim se nos amarmos umas às outras, suportaremos caridosamente os defeitos das nossas Irmãs, e nisto se reconhecerá que somos verdadeiras Filhas da Caridade.

6.º Se desculparmos estas faltas das nossas Irmãs, atraíremos a sua confiança e poderemos corrigi-las com mais fruto do que se as disséssemos, ou as repreendêssemos ásperamente.

7.º O hábito de se desculpar a si mesmo, faz com que se cometam faltas com frequência, as quais se não notam immediatamente, mas só depois, quando nos examinamos ; o que perturba por vezes a paz da nossa consciência e nos impede de tirar fruto da nossa oração e dos outros exercícios.

8.º Nosso Senhor encarregou-nos de levar o fardo umas das outras e no-lo ensinou durante a sua vida, e esta prática trará união entre nós.

9.º Nada altera tanto a caridade e a união como a falta de suporte mútuo, e isto atinge toda a Companhia, que julgam não viver na prática desta virtude, quando nos vêm desprovidas dela.

10.º É por falta de humildade e de conhecimento da nossa fraqueza que acusamos as nossas Irmãs, e é a demasiada estima de nós mesmas que faz com que lhes iurputemos faltas de que somos culpadas.

11.º É uma instrução que o eterno Pai nos deu por meio do

Seu Filho, que a praticou toda a Sua vida até à morte, em que desculpou a ignorância daqueles que o cruxificaram.

12.º Na prática desta virtude cumprimos a lei de Jesus Cristo; o que não é dado senão aos que suportam os defeitos de seus irmãos.

13.º O nosso regulamento ordena-nos a prática desta virtude; o que parece ser de grande obrigação de não viver em desordem, ao contrário das nossas regras.

O segundo ponto, foi sobre a maneira de esconder e desculpar as faltas das nossas Irmãs. Sobre isto foi dito o seguinte:

1.º Quando virmos as nossas Irmãs caírem nalguma falta, devemos pensar que foi por inadvertência e que não pensavam fazer mal, e que nós caímos muito mais vezes e por pura malícia.

2.º Se forem ainda novas na Companhia, podemos dizer que é por não estarem ainda acostumadas à Comunidade; que são ainda máximas do mundo, crer que isso lhes causa grande desgosto.

3.º Se fossem antigas, pensemos que temos de procurá-lo durante toda a vida e que Deus permite que até os próprios santos caiam algumas vezes, para que cada um conheça que de si mesmo nada pode, senão pecar.

4.º Seria bom, quando alguma se dirigisse a nós para se lamentar da sua companheira, não a escutar ou mudar de conversa.

Sobre isto o nosso muito Venerando Pai falou deste modo a toda a assembleia: Eis um bom meio para cortar a raiz desse maldito pecado, minhas Filhas, pois, assim como se diz que, se não houvesse ocultadores, não haveria ladrões, do mesmo modo, se não houvesse auditores, não haveria mal dizentes. Oh! Minhas Irmãs, não deis ouvidos, não escuteis nunca. Vossa Irmã irá fazer-vos suas queixas; a pobre Irmã estará talvez de mau humor; e aquilo passa. Bem quereria não vos ter dito aquilo. No entanto as suas palavras, terão feito impressão no vosso espírito, e tereis concebido má opinião da outra, que talvez esteja inocente.

Oh! Deveis ver bem, minhas Filhas, pois a que se lamenta é muitas vezes a culpada, e a que é acusada não pensava fazer mal, como muito bem se notou. A primeira não estava em disposição de ver ou ouvir o que viu ou ouviu; eis a razão porque, em vez de informar caridosamente a sua Irmã, fica satisfeita em desabafar quando vos encontra. Oh! É preciso impedir isso, minhas Filhas! Pois, embora, pela misericórdia de Deus, não se tenham cometido grandes faltas nesse ponto, pode no entanto vir a acontecer. O demónio, que é subtil, começa por umas alterações, umas murmurações, umas queixitas, para chegar a consideráveis desvios e murmurações declaradas. Pois, considerai minhas Filhas, o príncipe dos demónios, inimigo capital das

obras de Deus, que teme o bem que a vossa Companhia pode fazer, tomou a peito derrubá-la e encarregou um demónio expressamente para vos tentar. Esse demónio não tem mais nada a fazer senão isso; observa-vos de todos os lados para ver o lugar por onde podeis ser apanhadas. Como Deus vos deu um anjo expressamente para vos guardar, assim também esse demónio tem a especial função de vos destruir; e não vos apanhará senão pela falta de suporte mútuo, pelas queixas que daí nascem, em breve seguidas de murmurações, e depois de grandes desvios. O que é que sustenta este edifício? A pedra da base sustenta outra, esta uma outra, e assim todas as pedras se sustentam umas às outras, e é isto que mantém o edifício. Oh! Que Deus, pela Sua infinita bondade, Se digne defender-nos dessa desgraça! Mas para a impedir completamente, nunca deis ouvidos às queixas. É o meio que a nossa Irmã acaba de apresentar, e é infalível.

Mas, Senhor, dir-me-á alguma, como é que hei de fazer calar a Irmã que as fizer? Dir-lhe-ei que não está fazendo bem? Levará a mal, — Ó minhas Filhas, apresento-vos um meio que me ocorre à ideia e que me poderia talvez esquecer se esperasse até logo. É não lhe responder nada, ajoelhar-vos e pedir a Deus que Se digne enviar à vossa Irmã algum pensamento contrário ao que vos disse. E quando vós vir assim, cairá em si mais depressa do que se lhe tivésseis falado. Pensava ultimamente comigo: o que é que goberna impedir a conservação desta Companhia? Não me veio à ideia senão esse desgraçado vício, pois, quanto ao que se costuma chamar o grande mal, graças a Deus, não o vejo. Não será também por falta de pessoas muito boas que amem a sua vocação; nem da parte do povo, pois vos amará e receberá sempre de boa vontade; tem muito interesse em que os pobres sejam servidos; mas será da vossa parte, se não puserdes depressa mão à obra e não o procurardes cientemente. É por isso que deveis tomar, desde já, a resolução de fazer corajosamente guerra a esses defeitos. minhas Filhas; deveis todas, enquanto viverdes, ter horror a esse inimigo. E se houvesse alguma que se não sentisse com disposição para lhe resistir, aconselhar-lhe-ia que se retirasse da Companhia, antes que ser nela motivo de escândalo; e se metade de vós estivésseis contaminadas desse mal, que é muito grande, minhas Filhas, pois nem sempre é uma simples imperfeição, mas é algumas vezes pecado, e até pecado mortal, como, quando revelais o pecado mortal duma Irmã, cometeis um pecado mortal; digo portanto, minhas Filhas, que se metade de vós tivesse o hábito de não poder suportar os defeitos das outras e de murmurar deles, e não estivesse na disposição de se corrigir seria de opinião que essa metade se retirasse para não prejudicar o resto

da Companhia, pois, minhas Filhas, sereis responsáveis diante de Deus, não somente do mal que tiverdes feito, mas também do que tiverdes causado, ou da diminuição do bem, que poderia ter sido maior sem o vosso mau exemplo. Oh! Tende cuidado, minhas Filhas, pois talvez alguma de vós se possa perder pelo abuso das graças que Deus lhe concedeu, que ou por dar aos outros ocasião de ofender a Deus, ou ainda por impedir uma perfeição maior. E talvez aquela se salvasse em sua casa, onde Deus não lhe teria exigido tanto. Oh! Acautelai-vos disso, em nome de Deus, minhas Filhas, e fixai bem o meio que acabou de ser apresentado pela nossa Irmã. Continuemos os nossos meios.

5.^o Será bom ver se não scremos nós mesmas causa das faltas que as nossas Irmãs cometem.

6.^o Não culpar as nossas Irmãs perante os nossos confessores, a quem algumas vezes falamos das nossas desavenças.

Sobre isto, o nosso Venerando Pai detendo-se de novo, disse:

Oh! Nunca, minhas Irmãs, aos confessores nunca! Meu Deus! Seria um sacrilégio! E se fosse fóra da confissão, será difamação. Ir difamar sua Irmã perante um confessor, isso é odioso. Em confissão falai de vós e nunca doutra pessoa. Há doutores que afirmam que, se se não puder confessar dum pecado, sem fazer conhecer a pessoa, com quem se cometeu, mais vale não o confessar. A caridade, minhas Irmãs, é a rainha das virtudes; haverá alguma coisa que a possa ferir tanto como difamar o próximo? A confissão é necessária, mais é secundária. A caridade está em primeiro lugar, e se a caridade pode ser ofendida por esse meio, deixai a confissão, porque a confissão não é senão a serva da caridade, e não pode ser feita com prejuizo desta. A caridade está acima de tudo. Se tiverdes alguma coisa contra a vossa Irmã, dizei-a àqueles que o devem saber e que lhe podem dar remédio. Dizei-o ao vosso Superior, ou à vossa Superiora, mas nunca aos confessores, que só estão para vos corrigir das faltas que confessardes e para vos dar a absolvição, mas não para saber o que se passa entre vós. Oh! Volto ainda a dizer, depois dos doutores que foram os primeiros a afirmá-lo, é preferível não se confessar do que dar a conhecer em confissão as faltas de outrém. Em lugar de receber o mérito do sacramento, accessentardeis um sacrilégio aos vossos pecados. Se por fora da confissão, ah! minhas Filhas, falais com um homem sujeito às mesmas fraquezas que vós, que não está obrigado a guardar segredo, e, depois de vos ter deixado, terá o poder e liberdade de repetir o que lhe tiverdes dito. E que acontece algumas vezes? Ah! Minhas Filhas, já houve quem se tenha perdido por ter assim apêgo ao seu confessor; não, que pela misericórdia de Deus, tenha acontecido alguma coisa de mal,

mas o confessor tomava mais afeição por uma do que por outra, punha sempre o direito do lado desta ; e se lhe contava alguma desavença dava-lhe sempre razão, e nunca lhe procurava a paz. Eis uma observação util feita pela nossa Irmã ! Ó minhas Filhas, tende cuidado com isto ; não abuseis nunca da confissão ; atendei sempre ao que a caridade vos obriga e para fora da confissão, não digais nunca coisa alguma. Os confessores a quem descobris as faltas das vossas Irmãs sabem muito bem que as não deveis dizer. Se se encontrarem num lugar em que falem de vós, dirão livremente : «Essas Irmãs comeni-se umas às outras ; julgais talvez que elas valem alguma coisa ; se as conhecêsseis veríeis o que são ; têm sempre contendas umas com as outras ; e contam as suas desavenças ao primeiro que lhe aparece, sem caridade nem suporte. Tenho a cabeça desfeita.» Eis como os vossos confessores vos consideram, se não tiverdes a descrição necessária para tratar com eles ; perdereis a reputação, escandalizar-vos-eis a vós mesmas e prejudicareis a Companhia.

7.º Se acontecer que os pobres não sejam servidos a horas, ou que não tenham qualquer medicamento, não devemos imputar as culpas à nossa Irmã, mas procurar desculpá-la ; e proceder do mesmo modo, se alguma senhora estiver descontente com ela.

8.º Se tivermos um pouco de amor de Deus, ser-nos-á fácil suportar as imperfeições do nosso próximo ; e se tivermos desejo de adiantar na virtude, ficaremos satisfeitos por nos parecerem essas ocasiões de trabalhar na nossa perfeição.

9.º Quando falamos duma irmã, procuraremos desculpá-la, dizendo que o que fez foi num repente, e que, se Deus não nos ajudasse cometeríamos muitas outras faltas.

10.º Pensar que se nos desculparmos com prejuizo das nossas Irmãs, mascaramos muitos vezes as coisas para as transformar em nosso proveito, e por consequência ofendemos a verdade.

11.º Se as nossas Irmãs disserem alguma palavra sem pensar em vez de julgarmos que procederam mal, devemos olhar para nós mesmas e ver se não seria por nossa culpa que tiveram a falta, se não teríamos feito pior do que elas, se nos tivessem tratado da mesma maneira e com a mesma rudeza com que as tratamos. e com estas reflexões procurar desculpá-las sempre aos nossos olhos. Se o não pudermos fazer perante aqueles que presenciaram as suas faltas, devemos justificar a sua intenção.

12.º Pensar que se suportarmos as nossas Irmãs, escondendo ou desculpendo as suas faltas, Deus permitirá que elas nos prestem igual caridade, e temos sempre ocasião de reconhecer que cada uma de nós tem grande necessidade dessa caridade.

13.º Procurar esquecer as faltas dos outros, e, para o conse-

guirmos, devemos desculpa-las e pensar que procederam por inadvertência e sem má vontade.

14.º Se nos acontecer manifestar ao próximo que estamos ofendidas com o que nos fez ou disse, pedir-lhe perdão o mais cedo possível e mostrar-lhe não ter ressentimento algum.

15.º Quando a falta duma Irmã for conhecida pelos externos, ou pelas senhoras ou pelo médico, escondê-la se o pudermos fazer sem mentir, senão considerar-nos na obrigação de desculpa-la, e de procurar reparar a falta, sem que transpareça. Visto sermos todas um só corpo, é preciso que um dos membros satisfaça e repare o que o outro prejudicou, mas isto sem o dar a conhecer, se for possível, até mesmo à nossa Irmã, a não ser que isso deva servir outra vez.

16.º Para nos obrigarmos a calar as faltas das nossas Irmãs devemos pensar que dizê-las, é causar-lhes a morte.

O nosso muito Venerando Pai insistiu sobre esta observação: Ó minha Filha, como disséstes bem sem saber! Pois é verdade que aqueles que tiram a honra a alguém lhe causam a morte. Os jurisconsultos põem duas espécies de vida em nós: a vida do corpo e a vida civil, que é a boa reputação. A Filha da Caridade que difama a sua Irmã, tira-lhe essa boa reputação; tira-lhe essa consideração de que gozava entre os que a conheciam, fá-la morrer no conceito dessas pessoas. Nunca mais lhe ligam importância como se faz com um homem a quem a justiça condena à morte civil, que é o desterro; não mais tem honra. Do mesmo modo, uma pessoa de quem se diz mal, perde a honra na opinião daqueles a quem se fala disso.

Vê-se uma boa Filha da Caridade que tem grande cuidado dos pobres, cumpre as suas obrigações a tempo, satisfaz bem as senhoras. Todas estão edificadas com isso, e ides dizer: «Tem tão mão humor! Não se pode viver com ela; não é nada do que parece». Matai-la, tirais-lhe a reputação com que vivia na estima dessas pessoas. É por isso que a nossa Irmã falou muito bem, e não sabia no entanto o que queria dizer. Pensai nisso quando vos virdes na disposição de falar mal de alguém, pensai em vós mesmas: «Vou dizer aquilo que os outros não sabem; satisfarei a minha paixão, mas vou também matar a minha Irmã, vou tirar-lhe a honra e daqui por diante já não terá a reputação.» Oh! Não creio, minhas Filhas, que se fizerdes estas reflexões, possais ir mais adiante. Minha Filha, tendes muita razão em dizer que publicar as faltas de alguém, é matar, e não pensáveis contudo no que isso queria dizer. Ora bem! *In nomine Domini!* O terceiro ponto é sobre o bem que acontecerá a cada uma em particular e à Companhia em geral, se formos fiéis à prática da virtude do suporte,

isto é, se escondermos e desculparmos as faltas das nossas Irmãs, para antes nos acusarmos a nós mesmas.

A este respeito foi dito que:

1.º É um meio de adquirir a humildade, pela qual atrairemos as graças de Deus sobre a nossa Comunidade daremos bom exemplo ao próximo e faremos com que as nossas Irmãs estimem a sua vocação, vendo que as Irmãs se estimam umas às outras e que nos culpamos antes a nós mesmas do que às nossas Irmãs.

2.º Pelo suporte que tivermos umas para com as outras será Deus glorificado, porque isto impedirá que nasça entre nós a inveja, com que é tantas vezes ofendido.

3.º Mantemo-nos no desprezo de nós mesmas, porque, quando virmos alguma falta nas nossas Irmãs, nos humilharemos reconhecendo que, sem a graça de Deus, seríamos muito piores.

4.º O próximo será edificado com isso; faremos os nossos exercícios mais na presença de Deus, com mais alegria, com intenção mais pura e amar-nos-emos mais umas às outras.

5.º Seguir-se-á em geral uma grande união, concórdia, paz e amizade, e em particular uma grande tranquilidade de espírito, tão necessária para adquirir a perseverança.

6.º Desse suporte recíproco das nossas Irmãs para conosco nascerá a paz na nossa Companhia. Mortificaremos as paixões do coração, que desejariam levantar-se contra esta virtude; tornar-nos-emos mais moderadas nas palavras; insinuaremos no espírito das recém-chegadas, por meio do nosso exemplo, esta prática que talvez não conheçam; e quando lhe formos fiéis, a nossa Companhia será então verdadeiramente da Caridade.

7.º Pela prática desta virtude em todo o corpo será Deus glorificado, porque por este meio honraremos as instruções e as práticas de Seu Filho na terra.

8.º O mérito de semelhantes virtudes praticadas por Nosso Senhor derramar-se-á sobre as nossas, se as praticarmos por Seu amor.

9.º Se entrarmos nesta prática do suporte e da desculpa das faltas das nossas Irmãs, formaremos um só corpo e um mesmo espírito, e por esse meio teremos mais poder para atrair as graças de Deus de que precisam para consolidação e prolongamento do nosso emprego no serviço de Deus e dos pobres.

10.º A prática desta virtude manterá sempre o nosso espírito sereno e humilde, tornar-nos-á amáveis para com o próximo e ajudar-nos-á muito a Servi-Lo; e poderemos já desde este mundo participar de algum modo da recompensa que Nosso Senhor promete aos pacíficos, pois mais facilmente nos poderemos pôr e conservar na presença de Deus.

Falou nesta conferência a maior parte das nossas Irmãs e disseram em substância uma parte das coisas que acabamos de referir sobre a repetição que muitas fizeram da sua oração.

Quando acabaram, começou o nosso muito Venerando Pai a falar pouco mais ou menos como se segue :

É já tarde, minhas Filhas e vós concebestes tão bem a importância deste assunto, que não é necessário que me demore muito a falar-vos disto. Reconhecestes os males que esses defeitos podem causar, o escândalo que dão ao próximo, a ofensa que fazem a Deus, a desordem que estabelecem entre vós, quanto dividem a união, perturbam a paz, e vos tornam aborrecidas a vós mesmas. Sem eles quão felizes seríeis ! Ah ! Seria o paraíso, se soubésseis compreender. Deus habita onde existe a caridade. A caridade é o claustro de Deus, disse uma alta personagem, é aí que Ele Se compraz, é aí que Ele habita, é aí que se encontra o Seu palácio de delícias, a morada onde recebe as Suas satisfações. Sêde caridosas, sêde benígnas, tende, espírito de suporte, e Deus habitará em vós, sereis o Seu claustro, tê-Lo-eis nos vossos corações.

Ora há razão para esperar, minhas queridas Filhas, que, pela misericórdia de Deus, o quereis e procurareis adquirir esta caridade. É por isso que dada a disposição que manifestais, não procurarei mais mostrar-vos quanto é útil desculpar e esconder as faltas do próximo, pois o proprio Deus vos fez conhecer suficientemente as vantagens que daí advirão para cada uma em particular e para a Companhia em geral. Examinaremos sòmente em poucas palavras os meios que Deus nos dá para procurarmos amalo ; pois deveis procurá-lo cientemente, minhas Filhas. O primeiro meio é pedi-lo a Deus ; mas devemos fazê-lo com todo o nosso coração ; e agora que vos falo, elevai o vosso coração para lho pedir e tomai a resolução de não deixar passar ocasião alguma de desculpar vossa Irmã, de a suportar e de ajudar tanto quanto possível, sem vos servir dela. O segundo meio já foi dito ; mas, para que o fixeis melhor, repeti-lo-ei ; é pôr-se de joelhos quando alguma Irmã falar mal doutra. Ah ! É um grande meio. Não direis palavra ; mas compreenderá muito bem o que quereis dizer, entrará em si mesma, nesse mesmo momento conceberá a dor da sua falta e talvez, pela graça de Deus, se resolva a não tornar a cair. Fareis ainda que as que a escutavam com prazer sejam tocadas pelo vosso exemplo e tenham o cuidado de o imitar. Vós mesmas ponde-vos de joelhos vos humilhareis e desculpareis no vosso coração aquela de quem se falava e a que pecou. Podereis dizer : « Ah ! Que somos nós ! Esta Irmã tem boas qualidades, e o demónio não deixa de a atacar. Ah ! Se Deus não me defendesse dele, que seria eu ? » Estai certas, minhas Filhas, que o demónio

tem permissão de Deus para vos exercitar nisso e não perderá uma ocasião sequer para vos tentar. Por isso deveis estar sempre acuteladas. Se fordes vós/mesmas que venhais a cair na maledicência, entrai no vosso íntimo e dizei: «Que fizeste, miserável? Deixaste-te levar pelo inimigo, mataste tua Irmã, tiraste-lhe a reputação e escandalizaste as Irmãs a quem disseste mal dela. Em que conceito a terão agora?» E nesse mesmo instante, para que a má impressão causada pelas vossas palavras não vá mais longe, minhas Filhas, e também para satisfazer à caridade que exige que contribuais para a boa reputação do próximo, nesse mesmo instante, dizia eu, sem adiar nada, ide procurar a vossa Irmã, ajoelhai-vos a seus pés e dizei-lhe: «Minha Irmã, aqui estou a vossos pés para vos pedir perdão. Aconteceu-me, tão miserável sou, deixar-me levar a dizer tal e tal coisa de vós; peço-vos que me perdoeis e que peçais a Deus que seja misericordioso para comigo. «Depois disto, procurai as outras e dizei-lhe: Ah! Pedi por mim a Nosso Senhor; sou tão miserável que me deixei arrastar a dizer tal e tal coisa da minha Irmã! Em nome de Deus não vos scandalizeis com isso, mas pedi a Deus que tenha piedade de mim.» O terceiro meio é, quando estivermos numa reunião onde se fale em desabono de uma irmã, pedir a Deus que toque o coração da pobre Irmã que nos fala, ir em espírito ao céu, e, se assim se pode dizer, constranger Nosso Senhor a dar-lhe algum bom movimento, ir adquirir algum bom pensamento no seio de Jesus Cristo, pedir ao Espírito Santo que lhe dê alguma inspiração conveniente ao estado em que se encontra e, volto a repetir, pôr-se de joelhos. Se for em lugar apropriado e onde ninguém a veja, porque o não há-de fazer? Mas se o lugar não for conveniente ou se não tiver esse movimento, então que não diga palavra, mas que levante o seu espírito e que peça a Deus, de todo o coração, Se digne tocar o coração dessa Irmã.

Penso que não será conveniente dizer-lhe alguma coisa, pois talvez não esteja na disposição de escutar. Acaba de receber um aborrecimento e talvez se irritasse mais ainda, se lhe falassem. É preferível recorrer a Deus para que na Sua bondade Se digne dar-lhe as necessárias disposições e edificá-la com o vosso exemplo e silêncio, pois palavra alguma tem tanto poder como o exemplo; não, minhas Irmãs, nada de tudo quanto possamos dizer para exortar o próximo a cumprir o seu dever, já vo-lo disse e repito-o, tem tanto valor como o exemplo; e cedo ou tarde vereis os seus frutos. O Bem-aventurado João de Montmirail, que era um dos grandes senhores da corte, condestável de França, que derrotou os ingleses em frente de Compiègne e cujo filho mais velho desposou a filha do Rei da Inglaterra, um dos

maiores proprietários e dos mais poderosos do reino, depois de ter trabalhado durante muito tempo pela corôa de França sentiu desejo de se fazer religioso. Disse ao prior do convento que escolhera: «Meu Pai, farei tudo quanto fazeis aqui dentro, levantar-me-ei à mesma hora que vós, comerei como vós no refeitório e assim tudo o mais. Mas uma coisa me preocupa, é que não sei limpar os meus sapatos. Espero conseguir fazer tudo o mais, mas quanto a isso confesso a minha fraqueza. Dai ordem para que mos limpem e mos levem todas as manhãs. «O prior que tinha o espírito de Deus e previa que ele não permaneceria muito tempo naquella ideia; disse-lhe:» Sim, Senhor, isso pouco é, encarregarei um Irmão desse cuidado, e não faltará.

Assim se fez, e todos os dias lhe levavam os sapatos ao quarto. Como isto durasse mais tempo do que tinha calculado, o prior passou a ir ele próprio buscar os sapatos do Bem-aventurado, limpava-lhes todas as manhãs. O religioso um dia descobriu-o, e, como não estivesse bem certo, examinou-o mais de perto e adquiriu a certeza disso. Começou a entrar em si mesmo. «Como, miserável! Queres ser religioso e o teu prior limpa-te os sapatos; onde está a tua disposição para o que queres ser? Precisas dum criado. Tu não poderias limpar os teus sapatos e o teu superior limpa-tos!» Com este sentimento lançou-se de joelhos diante do seu prior, pediu-lhe que o deixasse de o fazer; pediu perdão publicamente, fez penitência particular por isto e passou a limpá-los sempre. Vêdes por estes exemplos, minhas Filhas, quanta força tem o exemplo.

Mas esta Irmã é preguiçosa; não se levanta connosco! Ah! Não lhe digais nada. Oh! Mas não faz nada; não varre o quarto! Varrei-o vós. Se não fizer a sua cama, fazei-a. Todo o trabalho que deveria fazer e não o fizer, fazei-o vós, e veremos que não deixará fazer isso muito tempo. Mas sobretudo, quando falarem de alguma, dirigi-vos a Deus sem nada dizer, e vereis que se calarão logo; se não houvesse nunca Irmãs para escutar, nunca as haveria para se queixarem. Um quarto meio, volto ainda a recomendá-lo, é não por ocupar com isso os confessores. Em nome de Deus minhas Filhas, não lhes faleis nunca das vossas discordias; respeitai-os. Em confissão, como já disse, não se deve e fora da confissão é maledicência. Escondei as vossas pequenas desavenças, tanto quanto puderdes, salvo àqueles que delas devem ter conhecimento. Sobretudo suportai em paz o fardo umas das outras. O quinto meio para impedir as queixas e fazer com que cada um se corrija é, penso eu, não se avisarem. Já vos disse que não avisásseis a que fala mal de alguém; mas vou mais longe agora: não aviseis nunca. Os Padres Jesuítas, que são pessoas

sábias, se é que as há no mundo, no começo do seu Instituto avisavam-se uns aos outros; como não deixassem de cometer faltas, .quiseram experimentar um outro meio que era o de se não avisarem, mas somente avisar o superior no caso de falta considerável. Descobriram que obtinham assim melhores resultados do que no tempo em que se avisavam uns aos outros e resolveram nunca mais se avisarem; e não o fazem, de maneira que, penso eu, se tomarmos esta prática alcançaremos proveito infalivelmente. Mas qual o meio, senhor? — Aquela Irmã fala sempre e nunca guarda silêncio, — Guardai-o vós nas horas devidas e deixai-a falar. Mas não faz absolutamente nada; tenho eu o trabalho todo e todo o encargo, se continuo, adoço. — Continuai, fazei tudo quanto ela deveria fazer e vereis que não vo-lo deixará fazer por muito tempo.

Não fez a cama durante toda a semana. — Fazei-a vos durante um mês inteiro, dois meses, se for preciso; antes que o mês tenha acabado, vereis a emenda. Se todavia a não houver, não deixeis de continuar. Experimentaremos este meio. Durante três meses não vos aviseis de nada umas às outras, senão pelo exemplo, a não ser que eu diga para se fazer doutro modo. Daqui a três meses faremos outra instrução sobre este assunto e nos direis qual o fruto obtido. Que durante estes três meses haja o cuidado de fazer o exame sobre isto, antes de jantar e da ceia; que se veja se nada disseram contra a sua Irmã, se não se queixaram, se não murmuram. Fazei isto, minhas Filhas, dai bom exemplo e não digais palavra. Não digais nada, mas que isso não seja por desdém, oh! de forma alguma! Que resmungueis, ainda menos; porque nisso haveria muita imperfeição. As instruções que vos são dadas não são senão para vos impedir as imperfeições; de forma que não vos diria que fizesseis o trabalho da vossa Irmã para lhe dar bom exemplo, se pensasse que, ao fazê-lo, faríeis má cara ou faltariéis à cordialidade. Oh! Não; penso que a convideis para a refeição, às horas devidas, que faleis uma com a outra da prática das vossas Regras na devida ocasião, que façais a leitura, que a atendeis durante as refeições, que a exciteis a fazer o recreio, que tenhais toda a espécie de cordialidade e respeito para com ela e que lhe peçais o seu parecer quando for conveniente. Acreditai-me, minhas Filhas, seria ter muito pouca disposição para a virtude se, com este exemplo, se não corrigisse. Sêde fieis a esta prática; sêde sempre modestas, mostrai-vos sempre alegres e de bom humor ainda mesmo que o desgosto que ela vos dê, vo-lo impeça; pois, minhas Filhas, não vos verá muito tempo proceder desse modo sem que faça depois mais do que desejaríeis.

O sexto e último meio, é a confissão e a Sagrada Comunhão.

Ó minhas Filhas, que grandes meios tendes aqui; atrairão infalivelmente sobre vós graças suficientes para vos ajudar a suportar e desculpar os defeitos dos outros e a emendar-vos. Aproximai-vos deles, em nome de Deus, minhas Filha. Reparastes que caístes, oh! recorrei à santa confissão, ide á sagrada Comunhão sempre que a bondade de Deus vo-lo permitir. Mas não sinto gosto algum. — Oh! Não importa; não deixeis de ir. É Deus que vos chama. Não há remédio mais eficaz contra as doenças da alma. É neles que devemos ir fortalecer-nos, é neles que devemos ir dizer as nossas penas, é neles que está o verdadeiro médico que sabe os remédios que são convenientes, é neles que devemos ir estudar o amor, o suporte, a cordialidade, e todas as virtudes que nos são necessárias. Ide portanto, minhas Filhas, quando Jesus Cristo vos chamar e não olheis se sois levadas a eles por um gosto sensível, pois o inimigo procurará com todo o seu poder impedir-vos de vos aproximardes deles a fim de frustrar as graças que Deus quer distribuir-vos por meio deles para vos fazer entrar na prática das divinas virtudes de Seu Filho. Oh! Peça-mos-Lhe todos essas virtudes de caridade e de suporte que praticou durante toda a Sua vida e que Lhe vou pedir para Vós:

Meu Senhor e meu Deus, Jesus meu Salvador, o mais amavel e o mais amante de todos os homens e que mais do que todos nós praticastes a caridade e o suporte, que recebestes os maiores agravos sem que deles tivesseis guardado ressentimento, dignai-Vos escutar a humilde oração que Vos dirigimos, concedendo à Companhia a santa caridade de que fostes abrazado e o espirito de mansidão e de suporte que tivestes para com os vossos inimigos, para que pela prática dessas virtudes se cumpram sobre ela os eternos desígnios da adorável vontade de Deus e para que ela o possa glorificar, imitando-vos, e conquistar, pelo seu exemplo, as almas para o vosso serviço e sobretudo, meu Deus, para que, por meio do suporte mútuo, esta Companhia vos seja agradável. Não olheis, meu Deus, para a voz do pecador que vos fala, mas olhai para os corações das nossas Irmãs presentes e ausentes que o desejam e vo-lo pedem pela minha boca. Concedei essas virtudes, meu Deus, concedei-as à Companhia, eu vo-lo peço por intermédio de Vossa Mãe Santíssima, peço-vos por todos os santos que vos glorificam no céu e por todos os que vivem no mundo; peço-vos pelos anjos da guarda das nossas queridas Irmãs e pelo desejo que têm de serem fiéis às vossas graças. Espero, meu Deus, que vós me concedereis esta graça e nesta confiança, posto que miserável pecador tenha transgredido muito os preceitos que me destes e as inspirações que me tendes enviado para a prática destas virtudes, não deixarei, cheio de confiança na voss miseri-

córdia infinita, de pronunciar as palavras de bênção sobre esta Companhia, e espero que, ao mesmo tempo que as proferir, encheis o seu coração do vosso espírito de caridade.

Benedictio Dei Patris...

29 — CONFERÊNCIA DE 2 DE FEVEREIRO DE (1647) ⁽¹⁾

RELAÇÕES DAS IRMÃS COM O INTERIOR E O EXTERIOR

Conferência de 2 de Fevereiro sobre as razões que as Irmãs Serventes têm para bem se desempenharem dos seus deveres, tanto para com os senhores eclesiásticos, como para com as senhoras da sua paróquia e as suas Irmãs companheiras; como também as das Irmãs companheiras para com as Irmãs Serventes e entre si; o que convém é que umas e outras façam para bem se desempenharem dos seus deveres em todo o seu procedimento.

O nosso muito Venerando Pai, depois de ter lido o assunto da conferência, começou o seu discurso mais ou menos como se segue.

Minhas Filhas, este assunto é de grande importância, maior ainda do que poderia dizer-vos. Fazemos hoje o que S. Paulo fez no seu tempo, quando escrevendo aos cristãos da primitiva Igreja, ensina como o marido deve viver com sua mulher, o pai com seu filho, o amo com seus servos e os servos com seus amos e amas.

Do mesmo modo, minhas Filhas, esta conferência é para vos ensinar como deveis viver com os senhores eclesiásticos vossos confessores nas paróquias onde estais, e com os que são designados para visitar os doentes que tratais, com as senhoras oficiais da Caridade e, finalmente, como deveis viver umas com as outras, isto é, a Irmã Servente com sua companheira e a companheira com sua Irmã Servente. E, se aprouver à divina bondade dar a bênção que espero ao que sobre isto se vai dizer, tirareis um grande proveito. Julgo que seria bom acrescentar ainda a tudo isto o médico; mas como este assunto é muito amplo e exigiria não uma só conferência, mas que não seria demais uma para cada ponto, sou de opinião que não nos detenhamos hoje senão num, a saber, como deveis proceder para com os senhores eclesiásticos que visitam os doentes. E na próxima conferência continuaremos

Instrução XXIX — Caderno escrito pela Irmã Isabel Hellot. (Arquivo das Irmãs da Caridade).

¹⁾ É provavelmente a esta conferência que fazia alusão Luisa de Marillac a 21 de Abril de 1647 numa carta a S. Vicente. (Cf. t. III da *correspondência* pag. 171, carta 937).

o assunto. Minha Irmã, pode dizer-nos os seus pensamentos a este respeito?

A Irmã disse que era necessário tratar os senhores eclesiásticos com todo o respeito, as senhoras com toda a submissão e a sua Irmã muito cordialmente; mas que acontecia algumas vezes ser a irmã companheira duma opinião e a Irmã Servente de outra, e que desta falta de acordo resultavam às vezes pequenas altercações; e pediu ao nosso muito Venerando Pai que lhe fizesse a caridade de dizer o que havia de fazer em tais circunstâncias. Ao que ele respondeu:

Sim, minha Filha, da melhor vontade, para vós e para todas as Irmãs presentes e mesmo para aquelas que aqui não estão, a quem podem dizer, pois isto pode acontecer a todas; e começarei por onde deveria acabar, que é como as Irmãs devem viver umas com as outras. Portanto, minhas Filhas, quando se der o caso de haver entre vós sentimentos contrários, cabe à Irmã companheira ceder à Irmã Servente, a não ser que se consulte a Senhora Le Gras ou o Superior. Nas Comunidades bem regulares procede-se assim. Os Superiores ou Superiores têm os seus conselheiros, a quem expõem as suas questões. Depois de terem ouvido o seu parecer seguem-no, se assim o entenderem, pois um superior ou uma Superiora podem algumas vezes não seguir a opinião dos seus conselheiros. Se acharem que será mais conveniente proceder doutro modo, podem dizer: «Havemos de pensar nisso ainda» e se acharem necessário, fazer o contrário do que lhes foi aconselhado. Na ocasião da visita as oficiais poderão dizer ao visitador que em tal dia a Superiora lhes pediu conselho sobre tal assunto, e que foram de opinião que tal coisa se fizesse por estas ou aquelas razões; e que isso se não fez; e então o Visitador informar-se-á e ordenará o que achar conveniente. É o que se pode dar convosco quando estais uma com a outra. Se uma Irmã companheira não achar bem o que a Irmã Servente lhe propõe, é-lhe permitido apresentar as suas razões uma ou duas vezes, mas, se a Irmã Servente não se render a isso, não tem senão que submeter-se. Se for em lugar acessível e se o assunto não for urgente, sou de parecer que a Irmã Servente não deve ir além, sem o comunicar antes à Senhora Le Gras ou à Irmã Servente daqui. Se for em lugar afastado, bom será que o participe à Senhora Le Gras, assim que puder, dizendo: «Houve que tratar de tal caso; a minha Irmã era desta opinião e eu desta outra. Fiz conforme entendia; peço-vos o favor de me mandar dizer se procedi bem.»

Aí tendes, minhas filhas, como me parece que deveis proceder. Resta dizer agora, a este respeito, como a Irmã companheira e a Irmã Servente devem viver uma com a outra. Penso em primeiro

lugar que para procederem bem, devem viver de tal maneira que se não distingua nunca qual é a companheira e qual é a Irmã Servente. A Servente não deve affectar em parecer a primeira, vestir-se melhor ou subir ao último degrau. Que vão sempre como se encontrarem e assim será ora uma, ora outra; e nunca os externos saberão quem é a primeira. É necessário também que tenham um grande respeito uma para com a outra. Para isso deve a Irmã Servente persuadir-se de que a sua Irmã vale mais do que ela, e é mais competente para ocupar o lugar que ela tem. É a onde se deve chegar, minhas Filhas; considerar sempre que outro qualquer vale mais do que nós. E não há homem de bem que o não pense; não, não há homem de bem que não pense que é o pior do mundo e que todos os outros valem muito mais do que ele. Acreditai-me, minhas Filhas, se não pensarmos isto de nós, corremos grande perigo; eu vo-lo digo, minhas Filhas, desde que uma Irmã se convença de que é mais importante que sua Irmã, já não é nada diante de Deus e a outra Irmã, por muito imperfeita que seja, vale mais do que ela. Se alguma julga ter outra attitude, outra aparência, outro espírito, é o espírito do orgulho que se infiltra nela, espírito do demónio, espírito do inferno, porque o orgulho é que foi a causa do inferno.

Não digais nunca: «Esta irmã é desagradável, tem mau humor, não tem virtude.» Ó minhas Filhas, quando isso vos vier à ideia, lançai os olhos para vós; e logo direis: «Meu Deus, ela vale mais do que eu, que nada valho; só estrago tudo, e nem sei como me podem suportar.» Aqui tendes, minhas Filhas, aonde deveis chegar; não basta dizê-lo, deveis senti-lo realmente; pois, repito, é impossível para um homem de bem olhar para si diante de Deus, sem se considerar o pior do mundo. Do mesmo modo, minhas Filhas a Irmã Servente deve pensar sempre que a sua companheira vale mais do que ela e que é muito mais competente para ocupar o seu lugar do que ela. E, para proceder bem, não há nenhuma que não deva pedir para ser tirada do cargo, e isto pelo menos todos os seis meses. Ah! Conheço, talvez o não devesse dizer, conheço digo, Superior duma pobre pequena Companhia, a menor e mais inútil que existe na Igreja, que não deixa de escrever todos os anos a pedir que o dispensem. «Meu pai, diz ele, em nome de Deus peço-vos que me tireis deste cargo. Que pensais vós de mim, onde estou? Estrago tudo e não faço nada.»

Ora, minhas Filhas, as que estão em Paris podem pedir a sua retirada do cargo, elas próprias, à Irmã Servente daqui, a Senhora Le Gras ou ao Superior; e as que estão afastadas devem escrever-lhe, mas a sério e sem artifício, reconhecendo que realmente prejudicam tudo. O que devem ainda fazer é nunca mandar as

suas companheiras, mas falar-lhes sempre com mansidão, de modo que isso não deixe perceber a pessoa que quer decidir por si mesma, como quem dissésse: «Fazei isto, ide ali, vinde cá.» Ó minhas Filhas, isto são palavras do demónio, isto é o que os demónios fazem. Acautelai-vos disso. Que nunca haja uma Filha da Caridade que fale dessa maneira! Oh! Deus nos preserve! Quando desejardes alguma coisa duma Irmã, dizei-lhe: «Minha Irmã, quererleis fazer isto?» E acrescentai: «Por amor de Nosso Senhor.» Assim terá o mérito da obediência por amor de Nosso Senhor. Peço-vos portanto, minhas Filhas, que quando quiserdes qualquer coisa, digais: «Minha Irmã, peço-vos por amor de Nosso Senhor.» E que ninguém possa perceber, pela vossa maneira de agir quem é a Irmã Servente ou a sua companheira. Quando for preciso falar, é a Irmã Servente que o deve fazer. Não é que a outra não possa falar também; mas, assim como, quando se passeia com uma pessoa de condição, se deve ficar um pouco atrás; do mesmo modo a Irmã Companheira, quando está com a Irmã Servente, pode muito bem falar algumas vezes; mas logo que tenha dito alguma coisa deve deixar a conversação à sua Irmã Servente. E isto deve ser feito imperceptivelmente, de forma que ninguém dê por isso. Aqui tendes, pois, minhas Filhas, como deveis proceder uma para com a outra. Digamos agora uma palavra acerca dos Senhores eclesiásticos. Ó minhas Filhas, como disseram bem aquelas que pensaram que se deveriam tratar com um grande respeito. Oh! Respeito tal, que não haja ninguém no mundo a quem se deva tão grande!

Para vos convencerdes disso, considerai que são pessoas que têm o poder de fazer com que o pão se transforme no corpo do Filho de Deus; que por seu ministério entrais na graça de Deus; que dum inimigo de Deus fazem um amigo; que Deus autoriza o seu proceder para com os pecadores; que têm o poder de arrancar uma alma das mãos do demónio para a restituir a Deus. Ó minhas Filhas, nunca os honrareis demais. Por isso não lhes faleis nunca senão com uma particular modéstia, de tal modo que quase não ousais levantar os olhos em Sua presença. Respeitai a sua santidade, se a tiverem; e se lha não conheceis, respeitai a santidade do seu ministério e o lugar que ocupam na igreja de Deus. Quando vos for preciso falar-lhes por causa das necessidades dos doentes, que seja breve e sucintamente e nunca em sua casa, oh! não, minhas Filhas, nunca! É preferível esperá-los na Igreja. Se houver alguma necessidade urgente, digo muito urgente e que não possais adiar, então podeis ir a sua casa, mas nunca sós. Ah! E que iria fazer uma Irmã sòzinha a casa dum sacerdote? Que diriam? Oh! Não, não deve ser, de modo nenhum.

Podereis, em caso urgente, dizer a uma Irmã o motivo que lá vos leva e partir imediatamente com ela. Se o sacerdote vos quiser demorar para vos falar doutra coisa, não o deveis fazer. No entanto, uma vez ou duas, poder-se-á responder, mas depois, se vos quiser demorar mais tempo, dizei: «Senhor, peço-vos desculpa; tenho que fazer, estou com pressa». Pois, olhai, minhas Irmãs, embora sejam homens cuja santidade do seu ministério e o carácter sagrado que trazem, os elevem muito acima do resto do mundo, poderia todavia dar-se o caso de haver alguns, que, se lhes falásseis durante muito tempo e de coisas desnecessárias, não deixariam de vos escutar, e perderíeis o vosso tempo, tanto um como outro. É por isso que deveis sempre tratar com eles muito séria e brevemente. Quanto às senhoras, deveis obedecer em tudo o que vos ordenarem, dar-lhes larga informação dos doentes, receber suas ordens em tudo e segui-las exactamente, nunca alterar nada do que vos disserem e reconhecer que é a elas que cabe mandar, e a vós obedecer. Mas tenho um aviso importante a dar-vos: é não acamaradar com elas, nem usurpar a sua autoridade, ordenando as coisas por vossa conta, porque prejudicareis tudo, minhas Filhas, arruinareis a Caridade, não quereriam mais nada convosco e deixariam tudo. Elas mantêm a Caridade com os seus bens; vós apenas contribuis com o vosso tempo, que de nada serviria sem os seus bens; são como que a cabeça dum corpo, e vós sois apenas os pés. Oh! o que séria, se os pés quisessem andar e fazer passar a cabeça por onde muito bem lhes parecesse! Seria ridículo, pois mandar é próprio da cabeça e os pés têm de ir para onde a cabeça os manda. Ora, minhas Filhas, se quereis ver a Caridade subsistir e que os pobres continuem a ser assistidos, tendes de proceder deste modo para com as senhoras; senão deixar-se-iam disso. Procurai portanto, minhas Filhas, trabalhar com todas as vossas forças na prática dos três pontos que examinámos, que são um grande amor, uma grande cordialidade e uma grande consideração umas para com as outras; um grande respeito e completo recato para com os eclesíasticos, uma grande dependência, submissão e obediência às senhoras, uma perfeita caridade para com os vossos pobres e uma inteira submissão a todos por amor de Deus. Peço de todo o meu coração a Nosso Senhor Jesus Cristo, que quis vir à terra para ser submisso, não somente a seus pais, mas até aos piores de todos os homens e aos seus inimigos; que não desceu à terra para fazer a sua vontade, mas a de seu Pai; que não veio para mandar, mas para obedecer; peço-Lhe, dizia eu, que se digne pôr nos vossos corações o verdadeiro desejo da perfeita obediência, o verdadeiro espirito de obediência que Ele mesmo teve; e vos dê o seu verdadeiro espírito para proceder

com todos e em todas as circunstâncias segundo a Sua santa e divina vontade. Suplico ao Pai Eterno, por Seu Filho, ao Filho por intermédio de Sua Mãe Santíssima, e a toda a Santíssima Trindade por intermédio das nossas pobres Irmãs que estão presentemente no céu. *Benedictio Dei Patris...*

30 — CONFERÊNCIA DE 30 MAIO DE 1647

SOBRE AS REGRAS

Minhas Filhas, o assunto da presente conferência é sobre a importância que há em guardar bem as regras; o bem e a utilidade de que provém da sua observância e o mal que trás o seu desleixo. Esta instrução divide-se em três pontos. Acabo de mencionar-vos o primeiro; o segundo é sobre as faltas que se cometem mais vulgarmente e nas quais mais facilmente se cai; o terceiro sobre os meios de remediar os defeitos que se tiverem observado. Praza à bondade divina conceder-nos, a todos os que aqui estamos a graça de tirar fruto e utilidade desta conferência!

Minha Irmã, apraz-vos dizer-nos os vossos pensamentos?

Ao que a Irmã respondeu que era muito necessário guardar todas as suas regras, até à mais pequena delas, porque, se a natureza começar a desleixar-se, depressa exigirá mais. Se hoje se descurar uma coisa, amanhã descurar-se-á outra:

Sobre isto o nosso muito Venerando Pai replicou:

O que a nossa Irmã quer dizer é muito importante, olhai minhas Filhas; pois é uma subtileza da natureza que procura as suas satisfações. Se hoje, por exemplo, nos levantarmos tarde, amanhã o corpo sentir-se-á pesado, porque não teve descanso; se hoje nos dermos à alegria de passear, fazer visitas, amanhã nem o espírito nem o corpo se quererão sujeitar a conter-se nos limites da regra. É por isso minhas Irmãs, que nada há como acostumar-se a fazer o que deve ser, para nada achar difícil. Uma vez o corpo acostumado, já não sente mais dificuldades e passa muito bem. Eis, por exemplo, um pobre soldado que tenha estado muito tempo no exército, mal alimentado, deitado na palha; e ainda muito feliz se a tiver. Ao voltar para sua casa, assim que tem melhor cama, adocece. Por isso, minhas Filhas, a nossa Irmã tem muita razão em dizer que se hoje se faz pouco, amanhã se quererá fazer menos. Continuai, minha Irmã.

A Irmã acrescentou que lhe parecia que, para entrar na prá-

Instrução — Caderno escrito pela Irmã Hellot. (Arquivo das Filhas da Caridade).

tica das regras, seria bom propôr-se todos os dias ser-lhe fiel e à noite fazer o seu exame sobre isso, para ver em que é que se teria faltado.

— Deveis, minha Irmã, dizer cada dia pela manhã: «Quero guardar a minha regra hoje (não falar de amanhã); se Deus me ajudar não faltarei em nada.» E à noite, e mesmo algumas vezes durante o dia, nos exames particulares ou no geral, deveis ver em que tiverdes transgredido e é isto, creio eu, o que quizestes dizer, minha Irmã, para fazer penitência por essas faltas; pois é necessário, é preciso castigar-se, no caso de ter faltado, quer rezando uma dezena do terço, quer beijando o chão, ou tomando mesmo a disciplina. Se seguides este conselho, em breve notareis progressos na observância das vossas regras. Quando o corpo se vê assim tratado, depressa se sujeita. Oh! Deus vos abençõe, minha Irmã.

— E vós, minha Irmã, apraz-vos dizer-nos o que pensastes?

— Pensei que somos obrigadas, desde a nossa entrada na casa a praticar as regras, pois prometemos a Deus viver em conformidade com elas e com o espírito da Comunidade; e faltar-lhes seria ser infiel a Deus. Ah! É verdade, seria ser infiel a Deus; dizeis bem, minha Filha, seria ser infiel a Deus! Continuai, por favor.

A Irmã acrescentou que, para ser verdadeira Filha da Caridade, não basta ter o seu nome e o seu hábito, é preciso fazer as suas obras; senão dar-se-ia mau exemplo a toda a Companhia; o que seria um grande prejuízo. Sobre o segundo ponto disse que os defeitos mais vulgares são: a negligência e o pouco amor com que cada uma se desempenha do seu cargo; ausência de cordialidade, de suporte e de deferência em julgar as nossas Irmãs, donde vem habitualmente a pouca caridade que existe entre nós; finalmente a falta de silêncio nas horas prescritas. No terceiro ponto notou que um bom meio para observar as regras era ter por elas grande consideração e amor, pois são o caminho pelo qual chegaremos ao céu; e ter o cuidado de nada fazer que possa desedificar as nossas Irmãs. Uma outra Irmã observou que não havia melhor meio para agradar a Deus e adiantar na virtude que a prática das regras; que se faltava muitas vezes falando nos defeitos dos outros e que esse defeito se corrigiria excitando-se à presença de Deus. Outra Irmã apresentou como razão, para a observância das nossas regras, que nada há nelas que não tenda à glória de Deus, que Nosso Senhor quis cumprir na terra tudo quanto os profetas tinham dito d'Ele, sem omitir circunstância alguma e que as regras prescritas nas Comunidades são luzes que Deus deu aos Superiores para as anunciar àqueles e àquelas que

as querem abraçar e Ser-lhes fiéis. No segundo ponto notou que uma das principais faltas é não reflectirmos na excelência das nossas regras; donde vem o não concebermos o seu valor e pouco a pouco nos deixarmos levar pela negligência. O remédio para isso é incitar-nos pelas duas razões apresentadas no primeiro ponto, que é darmos a Deus glória e satisfação.

Uma outra Irmã disse que uma das razões é que, chamadas pela vontade de Deus ao lugar onde estamos, devemos crer que é este um caminho seguro para chegar à perfeição em que nos quer.

A falta mais vulgar, fonte de muitas faltas particulares, é não estimar bastante as nossas regras, persuadindo-nos que nos poderemos facilmente dispensar delas ao menor impedimento que possa surgir. O remédio para isto é conceber por elas uma, grande estima e dar-mo-nos de novo a Deus para entrarmos numa prática mais fiel. Uma outra Irmã disse que, se guardarmos as nossas regras, as nossas regras nos guardarão também; que uma falta muito frequente é a ausência de mansidão e compaixão para com os pobres doentes; que um bom remédio para isso seria excitar-nos no começo das nossas acções, a fazê-las por amor de Deus. Falaram muitas outras Irmãs; mas, como a maior parte não tinham escrito, não foi possível reter tudo. Tendo o nosso Venerando Pai pedido à Senhora Le Gras que dissésse o que tinha pensado, esta entregou o seu bilhete que continha o que se segue: Uma das razões é o reconhecimento das obrigações que temos para com Deus, que sabe temos necessidade das regras para nossa salvação e nos deu esse meio para cooperarmos com a sua graça. Uma outra razão é que, se nas Companhias as regras, se não observam tanto no que aconselham como naquilo que proíbem, será constante a desordem e a desunião, e Deus será nelas mais ofendido que glorificado. As faltas mais vulgares são o pouco cuidado em se applicar à oração, não estimar bastante as nossas regras, persuadir-nos que não nos obrigam, levar a mal que os Superiores sejam avisados das nossas faltas, tomar a liberdade de dizer as faltas do próximo a umas e outras, assim como todos os nossas pesares e pequenos aborrecimentos, muitas vezes com murmuração contra os Superiores.

Como meios, fazer precisamente o contrário, informar-nos muitas vezes do que tratam as nossas regras, declarar o mais cedo possível aos nossos Superiores as faltas que tivermos cometido contra elas, dar-mo-nos todos os dias a Deus para as pormos em prática e implorar para este fim a Santíssima Virgem e o nosso bom anjo. O nosso muito Venerando Pai, depois de ter aprovado tudo quanto fora dito, tanto a respeito das razões, como dos reparos e dos meios, começou o seu discurso aproximadamente nes-

tes termos: Dou graças a Deus, minhas Filhas, pelas luzes que Se dignou dar ao vosso espírito sobre o presente assunto, que, por sua misericórdia, são tais, que fazem transparecer nos Vossos rostos a comoção que produziram nos vossos corações. Parece-me ler neles o desejo de entrar a valer na fiel prática das vossas regras. Vejo nas vossas maneiras alguma coisa diferente do normal. Oh! Dou graças a Deus com todo o meu coração, e suplico à Sua divina bondade que nos faça entrar no verdadeiro conhecimento da glória que daí lhe poderá advir.

Conheceis vós, minhas Filhas, um motivo poderoso para abraçar as vossa regras? Ah! Vós mesmas o disséstes, é que Deus as inspirou aos Superiores para vo-las dar. Afirmastes que foi Deus que as fez. Não sois vós que dizeis isso; é S. Paulo, minhas Filhas. «*Todo o bem vem de Deus*» (I Cor 5,18,) diz esse grande santo; nada se faz para Deus que não seja Ele que o faça. Ora, minhas Filhas, que obra fez Deus mais completa do que a vossa? Quem teria podido fazê-la como Ele a fez? Como é que Deus mesmo a poderia ter feito melhor? Em primeiro lugar, tomou meninas pobres. Se tivésse escolhido as ricas, teriam estas feito o que fizeram aquelas? Teriam servido aos doentes nos mais baixos e penosos serviços? Teriam podido levar uma panela, um cesto ao mercado, comprar as provisões? E posto que actualmente haja entre vós, pela graça de Deus, algumas de boa condição, é muito provável que no princípio se não tivessem entregado a isso.

Depois disto, poderia Deus ter feito melhor do que por entre vós a frugalidade que aqui se observa? E não será isso um sinal de que é Deus? Se tivésseis sido bem alimentadas, se tivésseis tido carnes delicadas, oh! minhas Filhas, a natureza, que procura as suas comodidades não se preocuparia com ir socorrer os outros; vos teríeis posto a mandriar na boa alimentação e depois não vos queríeis; pois, como deveis gastar pouco, para não sobrecarregar os lugares aonde vos chamam, tínheis de viver necessariamente nessa frugalidade que é para vós um sinal seguro de que a vossa obra é a obra de Deus.

E não se verá isso ainda muito claramente no seu princípio e no seu progresso? Um sinal para reconhecer as obras de Deus é, diz Santo Agostinho, quando se fazem por si mesmas. As coisas vão duma certa maneira que se não pode perceber; e finalmente fazem-se sem que se possa dizer como. Assim aconteceu com a vossa instituição, minhas queridas Filhas, pois não se pode dizer como se fez, nem quem a fez, senão for Deus. Perguntai à Senhora Le Gras se pensava nisso. Ah! Ainda menos. Quanto a mim, posso dizer-vos diante de Deus, que de modo algum pensava nisso. E quem pensava então nisso, Senhor? Oh! Era Deus, que bem sa-

bia o que queria fazer. E por consequência, amai o seu proceder a respeito da vossa Companhia, e conservai-vos unidas ao espírito que Ele lhe deu e à prática das regras que nela introduziu, as quais contêm em si os meios mais seguros para viverem como verdadeiras cristãs. E não só isso, mas, observadas no espírito de Deus, vos farão atingir a mais alta piedade religiosa e a mais sólida virtude que se pode praticar no cristianismo.

Em primeiro lugar são conformes com o Evangelho. Contêm tudo o que de mais perfeito nos ensinou Nosso Senhor, todo o caminho que mostrou para se chegar ao reino dos céus. Elas vo-lo marcam; eu vo-lo faria ver em tudo, se aliás não estivesse tão apressado; mas apontar-vos-ei somente dois ou três artigos. O primeiro conselho evangélico ensina a pobreza, e é por onde Nosso Senhor começa quando ensina o caminho da perfeição àquele que o queria seguir; e pela misericórdia de Deus, é por onde começais, minhas queridas Filhas. Pois, ao entrardes aqui, nada possuis; e se alguma coisa tendes, a ela renunciáis segundo o preceito evangélico. Na casa tendes pobreza em tudo: andais vestidas do mais ordinário tecido, nenhum toucado é mais simples do que o vosso; na vossa alimentação nota-se a frugalidade de que eu há pouco vos dizia ser um sinal da direcção de Deus sobre a vossa obra, e tudo o mais está, graças a Deus, numa grande pobreza. Ó minhas Filhas, para vossa consolação dir-vos-ei que nada é mais santo nem mais perfeito, nos conselhos evangélicos, que isto mesmo que vos é prescrito pelas regras que Deus vos deu; e é, por Sua graça, o que todas fazeis. Em seguida à pobreza Nosso Senhor ordena a renúncia a nós mesmo; e não é isso que fazeis, minhas Filhas, ao vir para a Companhia das Filhas da Caridade? Pois, em todas as Ordens que existem na Igreja de Deus, quem haverá que tanto ou mais continuamente do que vós deva renunciar a si mesmo? Por mim, não conheço. Deixar a sua vontade assim que se vem, nunca mais pensar em poder satisfazer-se em nada, estar numa inteira e constante dependência da vontade dos Superiores para ir, ficar, ter este ou aquele officio, isto é renunciar completamente a si mesmo.

Em terceiro lugar, Nosso Senhor aconselha o desprezo de si mesmo; e, pela Sua infinita misericórdia, é isso que procurais. Haverá nada mais desprezível aos olhos do mundo que uma pobre Filha da Caridade? As santas regras, que aprouve à bondade de Deus conceder-vos, não vos ensinam o desprezo, quando vos mandam submeter o vosso juízo, ter uma alta opinião das outras Irmãs e convencer-se que o que é mal feito vem de vós?

Ó minhas Filhas, quanta perfeição contêm e como deveis estar certas de que foi a mão de Deus que vo-las deu, pois estão

repletas das mais santas práticas que Jesus Cristo ensinou aos que o queriam seguir e que os Apóstolos e os Santos sempre observaram.

Uma de vós disse, e é bem verdade, que é muito difícil perseverar na sua vocação vivendo na negligência das suas regras. Há! minhas Filhas, foi Deus que vos fez falar assim; pois não só é difícil, mas ainda digo mais, é impossível; pois, como é que uma pessoa se tornaria digna da graça da perseverança, se desprezasse as suas regras? E não as guardar é desprezá-las. Dissestes ainda, que se as guardásseis elas vos guardariam. De que pensais vos podem guardar? Oh! Elas vos guardarão de serdes infiéis a Deus, pois ainda se não viu que uma pessoa apegada à prática das suas regras tenha perdido a sua vocação. É, se cometer outras faltas, Deus dá-lhe a graça de se levantar delas. Eis um poderoso motivo, minhas Filhas, e uma forte razão para vos animar à exactidão e ao cuidado das vossas regras. Fostes vós mesmas que o dissestes, não fui eu. Mas insisto nisto para vos frisar a sua importância, que, compreendendo-a bem, é tal, que dela depende a salvação eterna, pois, embora não estejais obrigadas às vossas regras sob pena de pecado, é todavia verdade que, visto estardes na Companhia, sois obrigadas a observá-las. É um caminho que Deus marcou; são as vias por onde vos quer conduzir; e se delas vos afastardes, acreditai, minhas queridas filhas, corereis grande risco de vos perderdes.

Em quinto lugar, a prática das regras é meritória e satisfatória para as pessoas que as abraçarem. Todo o pecado merece castigo, neste mundo ou no outro. Ora se uma pessoa se dá verdadeira e sinceramente a Deus, num género de vida que tende à Sua glória, para assim reparar todo o tempo que perdeu, todos os seus exercícios lhe são satisfatórios para as penas devidas aos pecados que cometeu, de forma que poderá aplicar tudo quanto as suas regras ordenam para satisfação dos seus pecados passados. Ah! minhas Filhas, qual de vós desprezará uma tal vantagem? Quem não pecou por vaidade? Quantas mentiras, maledicências, maus pensamentos consentidos, e quantas outras faltas que não conheceis, para as quais as nossas regras são benignas penitências?

São ainda meritórias por si mesmas, pois, satisfazendo pelos pecados passados, adquirem novo mérito, e um mérito tal, que nada mais é preciso para santificar uma pessoa, se lhes for fiel. Vi um santo Papa, que era Clemente VIII, um homem muito santo, de tal maneira santo que os próprios herejes diziam: «O Papa Clemente é um santo.» Era de tal modo penetrado de Deus, e tinha o dom das lágrimas em tão grande abundância, que,

quando subia um caminho, chamado a escada santa,⁽¹⁾ banhava tudo com lágrimas. Ora esse santo personagem dizia: «Que me tragam uma religiosa, donzela ou senhora, que tenha perseverado na obediência das suas regras, dê-m-me disso testemunho sufficiente, e não quero outro sinal da sua santidade, eu a canonizarei Não quero ressurreição de mortos; não quero curas de doentes, nem outros milagres, mas somente que tivesse guardado as suas regras; fá-la-ei inscrever no calendário e marcar-lhe-ei a festa.»

Este santo personagem que foi papa do nosso tempo, tinha em consideração a prática das regras. Vêdes por aqui, minhas queridas Filhas, o mérito que têm diante de Deus e a que perfeição de vida levam as almas que as cumprem com exactidão, pois esse santo homem não pedia outro testemunho de santidade, para canonizar uma alma, senão a fidelidade às regras. Não haverá nisto motivo para vos animar a amá-las, a tê-las em consideração e a nunca faltar a elas?

E não bastará pensar que se faz com isso a vontade de Deus para se experimentar satisfação em observá-las? Haverá alguma coisa mais poderosa? Uma alma desejosa de agradar a Deus, poderá desejar alguma coisa senão fazer a sua vontade? E, fazendo o que vos está prescrito nas vossas regras, podeis ficar de tal maneira certas de fazer a vontade de Deus, minhas Filhas, como o não poderíeis estar mais, se vo-lo dissesse de viva voz. Visto as vossas regras virem d'Ele, d'Ele vem a Companhia e Ele vos chamou para nela fazerdes o que ordenou a todas as outras. Oh! Bendito seja Deus, minhas Filhas, e entreguemo-nos a Ele para fazermos sempre esta santíssima vontade.

Aqui tendes pois motivos para vos excitar ao amor, à consideração e à fidelidade que deveis às vossas regras. O primeiro é que a vossa obra é obra de Deus; o segundo, é que as vossas regras contêm os meios de vos encaminhar à perfeição cristã; o terceiro, é que são conformes com o evangelho e compostas do que nele há de mais claro para guiar a alma à virtude; que é difficil perseverar na vocação vivendo na negligência das suas regras, que são meritórias e satisfatórias; e que, ainda outro motivo não houvesse senão o pensar que se faz à vontade de Deus, esse motivo seria bastante poderoso para nos obrigar a nunca nos desviarmos delas.

Falta agora dar os meios para o conseguir, *in nomine Domini*. Entre todos os que Deus vos inspirou, minhas Filhas, encontro principalmente um de maravilhosa efficácia, que é pedir a Deus essa graça, mas pedir-lhe como deve ser, quero dizer, com o de-

(1) A «Scala Sancta» perto de S. João de Latrão.

sígnio de corresponder Lhe, com todas as nossas forças, com o desígnio de Lhe sermos fiéis até nas mais pequenas circunstâncias, porque, como observastes, quem é fiel no pouco e nas pequenas ocasiões, sê-lo-á nas grandes coisas. Ora, minhas Filhas, não se deve pensar que haja nas regras, coisas de pouca importância; pois tudo quanto diz respeito a Deus e à Sua glória, é sagrado e augusto, e não devemos omitir coisa alguma.

É preciso pedir essa graça a Deus todas as manhãs, pedi-la durante o dia, pedi-la à noite e nunca deixar de a pedir.

Oh! Mas, Senhor, objectará alguma, isso é muito fácil de dizer, mas é muito difficil poder fazer todas as coisas como nos são ditas. Sobrevêm mil ocasiões que nos impedem de fazer, nas horas fixadas, o que se faz em casa. — Ó minhas Filhas, para consolação daquelas que estão em empregos diffceis, dir-vos-ei que não deve haver demoras no que se refere ao serviço dos pobres. Se de manhã, à hora da vossa oração, tiverdes de ir levar um remédio, oh! ide tranquilas; depois dum acto de resignação com a vontade de Deus, oferecei-Lhe a vossa acção, uni a vossa intenção à oração que se faz em casa ou noutras partes e ide sem inquietação. Se quando regressardes, tiverdes ocasião de fazer um pouco de oração ou leitura espiritual, tanto melhor! Mas não vos deveis inquietar, nem pensar que caistes em falta quando a tiverdes perdido; pois não a perdeis, quando a tiverdes deixado por uma causa legitima. E se há algum motivo legítimo, minhas Filhas, é o serviço dos pobres. Não é deixar a Deus, quando se deixa Deus por Deus, isto é deixar uma obra de Deus, para se fazer outra de mais obrigação, ou de maior mérito. Deixais a oração ou a leitura, ou perdeis o silêncio para assistir a um pobre, oh! ficai certas, minhas Filhas, que fazer tudo isso, é servir a Deus. Que consolação para uma Filha da Caridade, pensar: «Vou assistir aos pobres doentes, mas Deus aceitará isto em lugar da oração que deveria fazer nesta ocasião», e ir assim alegremente onde Deus a chama!

Quando Moisés fez ao povo de Israel a leitura da Lei que Deus lhe havia dado, perguntou a si mesmo: «Fareis Vós isto?» E uma voz se elevou, dizendo: «Por nós mesmos não o poderíamos fazer, mas pedi-lo-emos a Deus.» Assim acontece com as vossas regras, minhas Filhas. De vós mesmas não vos poderíeis tornar exactas na sua prática; mas deveis pedi-lo a Deus. Ah! Meu Senhor Jesus Cristo, é verdade que de nós mesmos somos pobres subditos, capazes só de ofender a vossa divina Magestade e desonrar com a nossa cobardia a escolha que a Vossa bondade fez de nós para Vos servir no estado a que nos chamastes.

Mas confiando-nos a essa mesma bondade e misericórdia di-

vina, Vos pedimos de todo o nosso coração para todas as que existimos e virão a existir na nossa Companhia, a graça de cumprirmos as regras que Vos dignastes dar-nos da mesma maneira como cumpristes neste mundo a Santíssima vontade de Vosso Eterno Pai, de morrer antes do que cometer jámais uma só infidelidade com conhecimento, e se formos tão frágeis que nos deixemos cair, dignai-Vos, na Vossa imensa caridade, estender-nos a Vossa mão auxiliadora para nos levantar das nossas quedas.

É o que todas unanimemente Vos pedimos, meu Deus e protestamos querer antes morrer que faltar a um único ponto daquilo que quereis de nós. Apraza à Vossa bondade, conceder-nos em abundância a graça de o cumprirmos com a perfeição que quereis! É esta a oração que de todo o meu coração dirijo a Deus por vós, minhas Filhas; suplico-Lhe que se digne corresponder ao desejo que tendes. Se Lhe pedirdes muitas vezes a graça de cumprir as vossas regras e vos entregardes a Ele para as praticar, não permitirá que venhais a cair em infidelidade.

Um outro meio, e muito eficaz, minhas Filhas, é o quererdes ser avisadas das faltas que cometeis contra as regras, aceitar que se avise disso os Superiores e que vos repreendam, suportar isso com espírito de mansidão, ficardes satisfeitas por vos fazerem essa caridade, pedir à Irmã com quem estiverdes que previna a senhora Le Gras e dizer-mo a mim, mas isto muito simplesmente e muito sinceramente: «Meu Deus! Peço-Vos pelo amor de Deus, minha Irmã, que aviseis o Senhor Padre Vicente e a senhora Le Gras das faltas que me virdes cometer.

Vós nem podereis acreditar como isto é proveitoso, minhas Filhas; pois, ah! não vemos senão a menor parte das nossas faltas e perdemos até de vista as faltas de condenação como aconteceu a David, quando mandou matar Urias.

Não pensava nisso, e Deus enviou-lhe um profeta para o avisar da sua falta, e imediatamente se lembrou. «O quê! — disse ele — ah! cometi esse pecado!» E o pesar de tal maneira lhe ficou impresso que depois dizia todos os dias: «Senhor, perdoai-me os meus pecados.» E S. Pedro, quando renegou Nosso Senhor, não via que fazia mal. E, a partir do momento em que foi avisado, não deixou de chorar, de tal maneira reconheceu que era uma falta enorme. Mas acreditais, minhas Filhas, que haja na vossa Companhia e entre vós quem esteja nesta disposição de querer ser avisadas das suas faltas, e queira que avisem os Superiores? Oh! Pela misericórdia de Deus, há, sim, há, eu bem o sei, quem desejaria que todas as faltas fossem conhecidas, e sei que ficam satisfeitas por serem avisadas e que digam aos Superiores. Vou mais além, minhas Filhas, porque, quero crer, que

todas estais na disposição não somente de serdes avisadas em particular, mas ainda em público. Considerai, minhas Filhas, a misericórdia de Deus numa alma da vossa Companhia, (não a nomearei, pelo menos, na ocasião). Dos campos onde ficou, escreve uma carta à sua Irmã que veio a Paris; eis o seu conteúdo: «Minha querida Irmã, eu vos saúdo junto da cruz do nosso querido Salvador sofrendo por nós. Escrevo-vos estas palavras para vos pedir o favor de dizer as minhas faltas à Senhora Le Gras, sem lhe ocultar nada; e será esse o maior testemunho de amor que jámais me podereis dar; pois, se me amais, amareis-também a minha perfeição, e fazendo o que vos peço, não me recusareis o que para isso pode contribuir. E, para mais vos obrigar a fazer o que vos peço, aqui tendes uma pequenina imagem da Santíssima Virgem, que vos envio, a qual vos convida, pelos méritos de Seu Filho Jesus Cristo, a não me recusar uma coisa tão justa como esta: e acreditai portanto que, com a ajuda de Deus, isto me será proveitoso. Esperando isto da vossa caridade, sou para sempre, no amor do nosso querido Salvador, vossa muito humilde serva. Irmã...»

Eis, minhas Filhas, quais são os sentimentos duma de vós. Mas não a nomearei, pelo menos agora. Que dizeis a isto, minhas Irmãs? Poderá ela, para pedir uma coisa que lhe seja muito vantajosa, empregar mais instâncias do que fez para suplicar que se dissesse as suas faltas? «E para vos obrigar, diz ela, eis uma imagem da Santíssima Virgem, que vos envio, e que a isso vos convidará pelos méritos de Seu divino Filho.» Notai isto: dar a uma pessoa a imagem da Santíssima Virgem para a obrigar a dizer as suas faltas, imagem que lhe era talvez muito querida para que, se a sua Irmã se esquecesse, viesse a lembrar-se à vista dessa imagem. Oh! Que Deus a abençõe! Acreditai, minhas Filhas, que, quando somos fiéis à graça, ela opera nas nossas almas efeitos admiráveis. Vi pessoas chegarem ao ponto de quererem que toda a gente tivesse conhecimento das suas faltas. Confessei nos campos uma pobre mulher que falava muito alto, de maneira que cada um podia ouvir o que dizia e tinha de lhe dizer: «Falai mais baixo, minha Filha, porque vos ouvem.» — «Não importa, Senhor, respondeu ela, desejo que toda a gente saiba que tenho sido tão miserável que tenho praticado todo este mal.» Era a uma pobre mulher do campo que Deus dava aqueles sentimentos, Vi ainda um pobre homem que, depois de se ter confessado, me disse: «Senhor, se me permitísseis, iria por toda a terra publicar os meus pecados, para que todos conhecessem o que sou.»

Aqui tendes, minhas Filhas, alguns efeitos da graça nas almas que lhe não resistem. Oh! Podeis crer-me, devemos conseguilo.

Quem quer adiantar na virtude deve querer que as suas faltas sejam conhecidas; ela mesmo as deve descobrir e considerar-se feliz em que os outros as descubram. Quando vindes a casa, não deixeis nunca de dizer em que é que faltastes contra as regras. Se a vossa Irmã vier antes de vós, pedi-lhe que diga à Senhora Le Gras em que é que vos viu faltar. Se não puderdes ver a Senhora Le Gras, dizei-o à Irmã Joana, dizei-o à Irmã Ana, ou à Irmã tal; dizei-o, eu vo-lo peço, e não deixeis de o fazer. Eis os meios que vos damos, minhas Filhas; eis os motivos para vos levar à observância das vossas regras. Mas eis ainda um outro, que Deus vos envia, minhas Filhas. Até agora tendes trabalhado por vós mesmas e sem outra obrigação para com Deus, senão satisfazer à ordem que vos estava prescrita e à maneira de vida que vos fora dada; até agora não éreis um corpo separado das senhoras da conferência da Caridade; e agora, minhas Filhas, Deus quer que sejais um corpo particular, que sem estar todavia separado do das Senhoras, não deixa de ter os seus exercícios e funções particulares. Até agora tendes trabalhado sem outra obrigação; mas agora Deus quer unir-vos mais estreitamente, tendo permitido que fosse dada a aprovação à vossa maneira de vida e às vossas regras, pelo Ilustríssimo e Reverendíssimo Arcebispo de Paris. Eis aqui a petição que lhe foi apresentada. e eis as regras, depois eis a sua aprovação. Vou ler-vo-las uma após a outra. O que sua caridade se deu ao trabalho de fazer, posto que houvesse aí muitos escritos. O primeiro artigo da regra diz que a Companhia será composta de viúvas e de donzelas que elegerão, com pluralidade de votos, uma dentre elas para ser Superiora durante três anos, que poderá prolongar-se por três outros anos e não mais. O Senhor Padre Vicente disse que isto entendia-se só depois de Deus ter disposto da Senhora Le Gras, a qual se pôs de joelhos e lhe pediu que começasse desde já. Respondeu: As vossas Irmãs e eu temos que pedir a Deus que vos conserve ainda longos anos. Costuma Deus conservar por meios extraordinários aqueles que são necessários à realização das suas obras; e se reparardes, já há mais dez anos que não viveis, pelo menos da maneira natural. Depois continuou a leitura até ao artigo que diz: «Será uma confraria que terá o nome de *Confraria das Irmãs de Caridade, servas dos pobres doentes*». Ao que exclamou suavemente.

Ah! que belo título, minhas Filhas! Meu Deus! Que belo título e que bela qualidade! Que fizestes a Deus, para merecerdes isto? *Servas dos pobres*, é como se se dissesse, *Servas de Jesus Cristo*, pois considera feito a Si mesmo o que é feito a eles, que são seus membros. E que faz neste mundo, senão servir aos po-

bres? Ah! Minhas queridas Filhas, conservai bem esta qualidade, pois é a mais bela e vantajosa que podêis possuir. Sabeis (não sei se já vo-lo disse), sabeis que título toma o Papa? O seu título mais venerável, aquele de que se serve no despacho dos mais importantes assuntos, é: *Servo dos servos de Deus*. Põe-se: Fulano, Clemente, Urbano, Inocêncio, Servo dos servos de Deus. E, minhas, Irmãs podeis pôr *serva dos pobres*, que são os muito amados de Jesus Cristo! S. Francisco, quando deu a sua regra, tomou o título de *menor*, que quer dizer *pequeno*. Se esse grande patriarca se chamou a si pequeno, não deveis ter em grande honra segui-lo e chamar-vos *Servas dos pobres*?

O nosso muito Venerando Pai continuou a leitura até ao artigo que diz que as Irmãs conservadas em Casa serão aí alimentadas com o pouco rendimento da dita casa e do trabalho e economias das Irmãs. Depois disse: Minhas Filhas, eis o que é belo: *das vossas economias*, quer dizer, do que pondeis em reserva pela vossa frugalidade; e também *do vosso trabalho manual*, vêde, trabalho manual, entende-se o que fazeis fora das horas em que estais ocupadas com os doentes. No tempo que vos sobra ganhais com que retribuir para instruir os outros, que farão depois o mesmo bem que fazeis. Oh! Que Deus vos abençõe, minhas Filhas, e vos conceda abundância de graças!

O Senhor Padre Vicente prosseguiu a leitura das regras e parou no artigo que diz que se acautelarão de ofender mortalmente a Deus, sobretudo no que respeita à castidade, empregando toda a espécie de precauções para a conservar, não deixando entrar homens nos seus quartos e não parando nas ruas a falar com pessoas de sexo diferente; que se forem obrigadas a isso, encurtarão a conversa. Minhas Filhas disse ele, isto compreende-se dos homens com quem nunca vos demorareis na rua senão em caso de necessidade extrema. Deveis encurtar a conversa. Dizei o que tendes a dizer, o mais brevemente possível, e depois despedi-vos deles. O Senhor Padre Vicente leu a continuação do regulamento: chegando ao artigo do silêncio acrescentou:

É a isto que vos exorto, minhas Filhas. Honrai durante esse tempo a vida escondida do Filho de Deus. — Oh! Mas Senhor, dir-me-á alguma, isso é muito difícil; temos que fazer nessa hora. — Oh! Nesse caso, minhas Irmãs, lembrai-vos do que há pouco vos dizia a respeito da oração que servir a um doente é fazer oração. É a mesma coisa quanto ao silêncio; mas ao menos deveis guardá-lo exactamente depois da leitura da noite e desde o levantar até ao fim das orações. E se vos acautelardes nisso, nada vo-lo poderá impedir. Basta apenas um pouco de cuidado e de reflexão, mas sobretudo o desejo de satisfazer à regra.